

IEEE  
30  
ANOS  
FORMANDO  
LÍDERES

IEE  
30  
ANOS  
FORMANDO  
LÍDERES



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO: FREDERICO HILZENDEGER | 8**  
**INTRODUÇÃO | 12**  
**ATA DE FUNDAÇÃO | 20**  
**WILLIAM LING | 21**  
**ROBERTO RACHEWSKY | 26**  
**CARLOS SMITH | 31**  
**CARLOS BIEDERMANN | 33**  
**EDUARDO FRANÇA DE ARAÚJO SANTOS | 36**  
**ANDRÉ LOIFERMAN | 40**  
**DANIEL TEVAH | 42**  
**QUEM É JOHN GALT? | 46**  
**ANDRÉ GOMES BURGER | 54**  
**ROY WARNCKE ASHTON | 59**  
**CARLOS SOUTO | 65**  
**JORGE ANTÔNIO DIB | 70**  
**JULIO FORTINI DE SOUZA | 74**  
**PEDRO ALBERTO TEDESCO SILBER | 77**  
**FELIPE SAMPAIO GORON | 80**  
**SÉRGIO GRINBERG LEWIN | 84**

**COM A PALAVRA, A LIBERDADE | 88**  
**TELMO NETTO COSTA JÚNIOR | 96**  
**PEDRO CHAGAS | 101**  
**FELIPE DREYER DE ÁVILA POZZEBON | 105**  
**LUIS EDUARDO FRAÇÃO | 108**  
**LARS KNORR | 110**  
**LEANDRO GOSTISA | 113**  
**PAULO UEBEL | 118**  
**GIANCARLO MANDELLI | 123**  
**RAFAEL SÁ | 128**  
**LUIZ LEONARDO FRAÇÃO | 131**  
**FELIPE QUINTANA | 134**  
**RICARDO SANTOS GOMES | 136**  
**MICHEL GRALHA | 140**  
**BRUNO ZAFFARI | 142**  
**PARA ONDE VAMOS? | 148**  
**ÁLBUM | 150**  
**ENGLISH VERSION | 188**  
**PATROCINADORES | 246**



## FREDERICO HILZENDEGER

2014-2015

### O CAMINHO DA LIBERDADE

O Brasil parece titular de cadeira cativa dentre os países emergentes. Ainda que disponha de recursos fantásticos, diferentes culturas e um perfil resiliente ímpar, não avança significativamente em comparação a outras nações. Essa estagnação, dentre outras razões, deve-se à significativa carência na firmamento de valores e princípios que conduzam a um ambiente com instituições fortes e, portanto, mais livre e próspero. Atento a esse ambiente é que surge o Instituto de Estudos Empresariais, o IEE, afinado em um diapasão diferente de tudo o que havia até então no Brasil.

Um grupo de jovens amigos empresários, preocupados com os desafios que o Brasil viria a enfrentar após o término do regime militar, passou a se encontrar em Porto Alegre com o objetivo de desenvolvimento pessoal e de formação de futuros líderes. Líderes que assumiriam posições de destaque na sociedade civil e que, por isso, precisavam firmar suas bases nos valores da livre iniciativa, da economia de mercado, bem como no ideal democrático de liberdades individuais, subordinadas ao Estado de Direito. Ainda que não com essas exatas palavras, assumindo o aproveitamento de parte dos termos que hoje traduzem a missão do Instituto, essa seria a síntese da definição das origens do IEE. Pelo menos essa seria a definição que ousou verter em palavras escritas, compartilhada nas conversas com aqueles associados com mais tempo de casa.

Quando, a convite do Carlos Souto, o Caco, fui indicado a participar como *prospect* do IEE, o pouco que sabia sobre o Instituto dizia respeito quase totalmente ao Fórum da Liberdade. E quando procurei saber um pouco mais sobre a história do Instituto, as primeiras informações a que tive acesso foram justamente as sintetizadas acima. Não sabia que essa curiosidade, talvez por intuição, recaía sobre uma das experiências mais marcantes da minha vida, e que essa mesma curiosidade contribuiria sobremaneira para a realização deste livro.

O primeiro evento do qual tive a oportunidade de participar como *prospect* do IEE foi o estudo do livro *"Defendendo o Indefensável"*, de Walter Block. O estilo um tanto quanto forte do autor, que até então desconhecia, aliado ao modo como o evento foi conduzido pelos associados apresentadores, deixaram claro que eu passava a frequentar um grupo, no mínimo, diferente. E diferente para melhor, muito melhor. Foi necessário pouco tempo para perceber a qualidade dos palestrantes convidados, dos temas debatidos e, especialmente, dos demais associados, cujo convívio facilmente demonstra que representam o maior ativo do IEE.

Em paralelo ao convívio com os associados e à presença nos eventos, o processo de formação passa, necessariamente, pelo desfrute da leitura daquelas obras indicadas, não por acaso, de acordo com o programa do ciclo de formação. As obras de autores como Frédéric Bastiat e Ludwig von Mises, além de extremamente acessíveis, parecem não sofrer com o tempo, permanecendo sempre atuais. Estudos e livros como os de Friedrich Hayek – que, feliz ou infelizmente, muito se aplicam às iniciativas perpetradas na realidade de hoje –, Adam Smith, Alexis de Tocqueville, Milton Friedman, Murray Rothbard e tantos outros de referência dentre aqueles que compartilham os valores que o Instituto defende, sem furtar-me, ainda, dos romances de Ayn Rand, que representam uma excelente ferramenta – ainda que densa – para a defesa da moral e da liberdade perante aqueles que se mostram avessos a esses valores, exemplificam o universo de conhecimento a que o IEE conduz.

Na medida em que o processo de formação evolui, gradativamente surgem oportunidades cada vez mais significativas, acompanhadas de um grau de responsabilidade equivalente.

No meu caso, tive a oportunidade de coordenar um grupo de formação, o AMA-GI, assumindo o desafio de liderar um grupo de pares com o objetivo principal de fomentar o processo de formação de cada um. Além disso, tive a sorte de participar de uma banca de júri simulado, quando fui desafiado a defender o socialismo perante uma plateia de universitários; tendo logrado êxito no desempenho da defesa da tese, ao lado do Ricardo Gomes, tive de empreender esforços para desconstruir todos os argumentos – o que, confesso, não se mostra difícil, dada a falibilidade da premissa socialista – que havia exposto no exercício do debate. Em seguida, tive a honra de ser convidado pelo Bruno Zaffari para integrar a diretoria do Instituto, ao lado de um time de gigantes que, além do Bruno, contava com o Eduardo Sampaio, o Fernando Ulrich, o Thomas Cesa, a Renata Frare e o Rodrigo Silveira. Para sintetizar tudo o que tive a oportunidade de apreender junto a esse grupo (que rapidamente se mostrou como um grupo de grandes amigos), resumo a experiência como simplesmente fantástica, capaz de oportunizar experiências de crescimento e aprendizado inigualáveis.

Percebi, então, que eu havia sido criado desde pequeno com base nos mesmos valores e princípios do Instituto. Ouso afirmar que desde sempre fui um liberal, mas talvez por muito tempo não soubesse, pois foi o IEE o responsável pela sólida construção das bases de conhecimento de temas muito caros à minha formação como indivíduo hoje, diferentemente de tudo a que tive acesso no ambiente estudantil, universitário e profissional.

Consciente de tudo o que o IEE havia proporcionado para minha formação, ainda enquanto diretor surgiu a honrosa oportunidade de assumir a presidência do Instituto, justamente no ano em que o IEE completaria 30 anos. Diante da responsabilidade de assumir esse desafio, tratei de compor uma diretoria com pessoas talentosas, que fossem dedicadas ao Instituto, tendo formado um time campeão com Fernando Ulrich, Joana Sopper, Ricardo Heller, Mauro Zaffari, Rodrigo Tellechea e Daniel Flores.

Esse time foi brindado com a confiança dos associados para conduzir o Instituto entre maio de 2014 e abril de 2015. Durante esse período, sabia-se

da realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil, bem como das eleições, especialmente a presidencial, mas ninguém poderia prever a guinada nos rumos do pleito com a morte de Eduardo Campos e o acirramento da disputa entre Aécio Neves e Dilma Rousseff. Além disso, ainda em 2014, tive a oportunidade de representar o IEE em viagens à Venezuela e à Bolívia, tendo testemunhado os malefícios que o regime bolivariano relegou àqueles países. De volta ao Brasil, nesse mesmo ano ainda seríamos surpreendidos com novos escândalos de corrupção, inclusive envolvendo a Petrobras, além de o mundo ter convulsionado por confrontos na Ucrânia, sem falar do fortalecimento de grupos radicais islâmicos e de uma triste epidemia de ebola.

Somando-se a essa realidade a constante dedicação de tempo ao planejamento da 28ª edição do Fórum da Liberdade, pôs-se ainda a interrogação: 30 anos do IEE, e então?

Desde que assumimos a gestão, pusemo-nos diante de certa carência de consolidação de todo o repositório de conhecimento acumulado ao longo da história do Instituto. Deparamo-nos com uma realidade na qual a história do IEE estava gravada de forma muito forte na memória de seus associados mais antigos, mas não na dos mais jovens, a quem se possibilitava apenas a consulta ao que a internet guardava, ou, ainda, a materiais dos arquivos do Instituto, por vezes empoeirados – não por falta de zelo, apenas por falta de manuseio. Somamos a essa situação a sugestão do Roberto Rachewsky

de convidar os antigos presidentes do Instituto a escreverem um artigo sobre como se tornaram liberais, como ingressaram no IEE e qual o legado deixado para a entidade. Nascia, assim, aliada àquela curiosidade inicial, a ideia de fazer este livro, que pretende contar um pouco da história dos 30 anos do Instituto, bem como apontar o impacto que ele gerou ao longo dos anos, o que foi traduzido pelos textos escritos por todos os presidentes que conduziram os trabalhos ao longo da história.

Durante o processo de criação e produção deste livro, foi possível, então, consolidar aquilo que, talvez apenas inconscientemente, sabíamos: o IEE goza de um impacto extremamente significativo não apenas no meio empresarial, mas também, e sobretudo, na sociedade civil como um todo.

A valorização do indivíduo dotado de direitos, dentre os quais se destacam o direito à vida, à liberdade, à responsabilidade e à propriedade, confunde-se com a defesa do recompensador caminho de buscar a própria felicidade. E é justamente a isso que o IEE se propõe. Estamos cientes de que muito há ainda a ser feito no Brasil – investimentos em diferentes áreas, formação de líderes que sejam efetivamente capazes de conduzir o país no rumo certo. Ainda assim, mesmo diante de tantos desafios a serem superados, arrisco assumir que este livro, que tem a ousadia de consolidar a história do IEE, permitiu-nos confirmar que estamos no caminho certo. O caminho da liberdade.



# INTRODUÇÃO

## QUERO VOTAR PRA PRESIDENTE! E MUITO MAIS...

Em meados de 1984, cerca de 30 jovens empresários entre os 20 e 30 anos de idade receberam uma carta-convite para uma reunião. No encontro, do qual participaram pelo menos 20 deles, foi plantada a semente do que se tornou um instituto de estudos que, em três décadas de existência, ajudou a mudar a história de várias gerações de jovens idealistas como aqueles.

Os associados do Instituto de Estudos Empresariais, criado após aquela reunião, mais conhecido como IEE, são comprometidos com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais, subordinada ao Estado de Direito.

Para eles, todos com idade inferior a 35 anos, ações encampadas pela iniciativa privada trarão melhores resultados do que se lideradas pelo governo. Sua causa é formar líderes virtuosos que conduzirão empresas, entidades e governos melhores.

Os indivíduos formados pelo IEE têm um papel de agentes de mudança pela sua capacidade de pensar diferente e independência intelectual.

Mais do que a catequese nos princípios do liberalismo e a melhoria da qualidade gerencial dos participantes do grupo, os líderes do IEE esperam que seus discípulos defendam - permanentemente - a causa em associações de classe, entidades empresariais, sindicatos e, se possível, no próprio governo.

O IEE vem conseguindo exercer esse poder de influência sobre os negócios e a sociedade brasileira, já que cerca de mil empresários passaram por suas fileiras e exercem funções de liderança em diversas esferas da sociedade. Hoje o Instituto conta aproximadamente 200 associados, entre ativos e honorários.

O autor da carta-convite que convocou o grupo de jovens para aquela reunião de 1984 foi o empresário William Ling. Então com 27 anos, ele se tornou o primeiro presidente do IEE.

*“Eu não fui o fundador do IEE. Apenas tive a iniciativa de reunir jovens para conversar, de provocar a discussão. Eu tinha inquietações e via que outras pessoas da minha geração, ao meu redor, tinham inquietações parecidas. Eu sabia que precisávamos fazer alguma coisa. Mas o quê? A ideia e a forma que isso tomou foram produtos desse debate.”*

O empresário Roberto Rachewsky, que veio a se tornar o segundo presidente do IEE, ajudou Ling a fazer a relação com os nomes das pessoas que poderiam se interessar em participar daquele primeiro encontro.

*“Minha rede de relacionamentos era mais voltada para o comércio e serviços. A do William, mais para a indústria e para o agronegócio. Ele fez o convite, e a ideia prosperou. Desde o início, pensamos em algo com esse perfil de formar nós mesmos, de sentar, nos reunir, estudar, discutir, trazer pessoas que poderiam nos influenciar, aprender com elas, criticar, discutir e tentar levar essa mentalidade para um público definido que seriam as associações de classe que a gente participava.”*

Deu certo. E, desde o começo, o Instituto de Estudos Empresariais focou seus debates em conceitos e ideias que começavam a ganhar mais espaço em vários outros países.

*“O IEE se tornou um grande canal de formação de lideranças liberais, nosso propósito desde os primeiros dias. Ele ajuda a contar a história do desenvolvimento da ideia liberal no Brasil”,* diz o empresário Renato Malcon, que também esteve presente à primeira reunião.

O IEE foi criado para transformar em realidade os ideais de jovens que viveram sua adolescência subjugados por um regime político fechado. Ao adotar postura transparente e objetiva em favor das ideias de liberdade e democracia, ele ajudou a renovar o discurso e a ação dos empresários. Sua proposta, firmada em seus estatutos sociais e ideário, é clara e transparente em seus objetivos e meios.

Os eventos promovidos pelo IEE levam ao compartilhamento de conceitos coerentes com os valores defendidos pela entidade, sempre voltados a formar pessoas com valores e princípios bem definidos. Durante sua formação, os associados convivem e trocam ideias com ganhadores do Prêmio Nobel, presidentes mundiais e nacionais de grandes grupos empresariais, ministros e chefes de Estado, além de renomados pensadores e formadores de opinião.

Ao longo de sua trajetória, o Instituto criou condições, como poucos centros de excelência no Brasil, para formar pessoas que lideraram pelo exemplo, orientadas por valores éticos e movidas pela capacidade individual. Entre os parceiros de seus eventos estão algumas das maiores empresas brasileiras, como os grupos Gerdau e Ipiranga.

O IEE se sustenta pelas mensalidades dos associados e também por doações de mantenedores. Quem entra no Instituto está, portanto, recebendo uma espécie de bolsa de estudos. Uma parte ele financia, e outra é dinheiro de doadores, de modo que esse dinheiro deve ser bem investido.

## O BRASIL E O MUNDO EM 1984

Publicada em 1949, poucos meses antes da morte de seu autor, George Orwell, a obra-prima “1984” falava de um futuro próximo em que Winston, o herói da história, vivia aprisionado na engrenagem totalitária de uma sociedade completamente dominada pelo Estado.

Ninguém escapava à vigilância do Grande Irmão, a mais famosa personificação literária de um poder cínico e cruel. A ideologia do partido dominante na fictícia Oceânia não visava nada além de poder. O’Brien, hierarca do partido, é quem explica a Winston: *“Só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro”*.

“1984” denunciou as mazelas do totalitarismo e tornou-se um dos mais influentes romances do século XX. Chegou a ser censurado em alguns países, e, em outros, vejam só, é utilizado como uma espécie de manual que ensina como as coisas devem funcionar, e não o contrário.

No livro de Orwell, um homem sozinho desafia uma terrível ditadura. Na vida real, quase como uma profecia, no ano de 1984, milhares de pessoas saíram às ruas no Brasil pedindo eleições diretas para votar para presidente, após um período de 20 anos de regime militar. O movimento para reconquistar o direito de escolher o presidente da República em eleições diretas acabou se transformando na maior manifestação de massas da história do país. Foram quatro meses – de 25 de janeiro, dia do primeiro grande comício, em São Paulo, a 25 de abril de 1984, em Brasília, quando a emenda das “Diretas Já” foi derrotada no Congresso Nacional. Faltaram apenas 22 votos para a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que restituiria as eleições diretas, na madrugada de 25 para 26 de abril.

Mas o Brasil nunca mais seria o mesmo. Nos palanques, juntos, políticos como Leonel Brizola, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Franco Montoro, Mário Covas e Ulysses Guimarães, entre outros, pediram as eleições.

Enquanto o Brasil vivia tempos de “Diretas Já”, a Índia tinha também um ano agitado. O país virou manchete no mundo todo pelo atentado ao Templo Dourado de Amritsar, ocorrido em junho. No dia 31 de outubro, a primeira-ministra Indira Gandhi foi assassinada por um guarda-costas da facção sikh.

O astronauta Bruce McCandless fez um voo no espaço em uma missão da nave Challenger, e o homem ampliou uma fronteira desconhecida.

Ronald Reagan reelegeu-se nos Estados Unidos.

Na Etiópia, 1 milhão de pessoas morreram de fome, em um dos momentos mais tristes do ano. Na URSS, morreu Iúri Andropov, e assumiu Konstantin Chernenko.

Na Olimpíada de Los Angeles, os americanos paparam quase tudo, aproveitando o boicote do bloco socialista, liderado pela União Soviética.

Assim foi 1984, ano em que o grupo de jovens gaúchos reunidos na casa de William Ling resolveu criar o IEE.

## NOVAS IDEIAS E ALGUMAS SEMENTES

Para entender melhor a origem do Instituto, é preciso olhar um pouco mais profundamente para o início da década de 80. O Brasil estava estagnado após um milagre regado a petrodólares, com crédito subsidiado e proteção de mercado. E o modelo se esgotava. O movimento para democratização se intensificava, eram fundadas centrais operárias, sindicatos se fortaleciam, surgia o Partido dos Trabalhadores.

O mundo via a ascensão dos tigres asiáticos, a China começava a se abrir, Reagan fazia uma espécie de revolução liberal nos Estados Unidos, enquanto Margaret Thatcher tentava reconstruir a Inglaterra – que, depois de anos de socialismo trabalhista, estava em frangalhos –, encampando ideias dos liberais austríacos.

Era o mundo indo para uma direção e o Brasil para outra, cada vez mais fechado, com leis como a que garantia reserva de mercado ao setor de informática e condenava o país ao passado, ao obsoleto.

*“O mundo inteiro fazendo a revolução da tecnologia da informação, e, no Brasil, só empresa nacional podia atuar. Quantos anos nós perdemos em termos de produtividade, de acesso à tecnologia?”* lembra William Ling. *“Tínhamos dois extremos: de um lado, os militares, e de outro, os socialistas, comunistas. Eles se uniram e conseguiram passar a tal Lei de Informática no Brasil. O país estava economicamente estagnado, a inflação disparando, o desemprego crescendo, competitividade zero, produtividade zero, inovação zero. Nesse contexto, a gente via os sindicatos, grupos sociais se organizando, e os empresários, o que estavam fazendo? Nada.”*

Como jovens de uma geração que viveu praticamente toda a adolescência sob um regime fechado, o grupo que se reuniu num dia de 1984 para começar a discutir novas ideias tinha muita sede de conhecimento.

Conforme eles começavam a se envolver com os negócios das famílias, ou os próprios empreendimentos, enxergavam a realidade, ou seja, a dificuldade de ser empreendedor no Brasil.

*“Para nós que começávamos a ter uma outra visão dessa relação entre o individual e o coletivo, entre o cidadão e o estado, o mercado e a interferência governamental, tudo começava a parecer estranho. Havia esse confronto entre socialistas e fascistas, concorrendo um com o outro pelo poder, mas não queríamos nem um, nem outro”,* lembra Rachewsky, gestão 1986/1987.

Um pequeno grupo, estimulado por Winston Ling – mesmo nome do herói solitário de “1984”, de Orwell –, irmão mais velho de William, já se encontrava, informalmente, para discutir novas ideias. Descendentes de chineses que fugiram de um regime totalitário de esquerda e enfrentavam outro regime de exceção, agora no Brasil, os Ling achavam que nenhum dos dois mundos estava certo. Mas qual seria a alternativa?

Winston – e alguns de seus colegas do colégio Anchieta, então com 14-15 anos de idade – já questionava e buscava respostas para esse dilema. Na época, ele apresentou aos amigos seu padrinho, o ex-ministro Marcus Vini-



cius Pratini de Moraes, um homem que tinha um conhecimento profundo sobre a realidade do país e que também levava outras pessoas para conversar com eles na casa dos Ling. Ainda adolescentes, eles foram apresentados ao livro do professor constitucionalista Cesar Saldanha de Souza Júnior sobre democracia, algo que não se discutia em um governo fechado. E assim foi plantada a semente que deu frutos quando William datilografou aquela carta convocando os jovens para ir além.

*“Nós éramos uns 20 e fundamos o IEE. Eu sempre digo: o IEE foi formado por um grupo de pessoas que estavam vivenciando um momento de exceção na política do Brasil, e o William teve o grande mérito de tomar essa iniciativa de congregar todos para uma reunião”, diz Renato Malcon.*

O primeiro encontro seria no Palácio do Comércio, no centro de Porto Alegre. Mas, já naquele momento, surgiu o primeiro questionamento do grupo. Na época, havia duas lideranças empresariais fortes no Rio Grande do Sul, uma ligada à indústria (Luis Otávio Vieira) e outra ao comércio (César Rogério Valente). Duas opiniões sempre divergentes, cada uma defendendo interesses setoriais. Naquela primeira reunião, os jovens já se posicionaram em uma linha diferente. Queriam criar sua própria entidade, independente. E mudaram-se para uma sala no Ritter Hotel, em frente à rodoviária de Porto Alegre. Ali nasceu o Instituto de Estudos Empresariais.

Não por acaso, aqueles “meninos” eram vistos com desconfiança até mesmo por muitos de seus pares que defendiam controle de preços, proteção, reserva de mercado, subsídios, interferência do governo. Na época, eram até mesmo contra a entrada de multinacionais que chegavam ao Brasil, alegando dumping e prática de preços baixos. Diziam que a abertura de mercado ia acabar com a indústria nacional e que certos projetos de infraestrutura só o governo podia fazer.

E aqueles jovens, que olhavam com atenção o que acontecia no mundo todo, se perguntavam: *por quê?*

A primeira barreira, portanto, eram os próprios empresários. Como convencer sindicalistas, professores, políticos, jornalistas, se não convenciam nem os seus pares? E eles foram atrás de novas ideias que começavam a pipocar no Brasil.

## MISSÃO

Formar lideranças empresariais que se comprometam com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais, subordinadas ao Estado de Direito.

## VISÃO

Ser o melhor Centro de Desenvolvimento de Lideranças Empresariais do Brasil.

## VALORES

Liberdade  
Responsabilidade individual  
Estado de Direito  
Propriedade Privada

## PRINCÍPIOS

Coerência e Convicção  
Independência  
Coesão e Respeito Individual  
Compromisso com o Futuro

## AS IDEIAS LIBERAIS

Em 1983, um grupo de empresários, liderado por Donald Stewart Jr., havia fundado, no Rio de Janeiro, o Instituto Liberal, com o objetivo de editar livros de economistas sobre os quais ainda não se tinha ouvido falar no Brasil. Alguns gaúchos, como Jorge Gerdau Johannpeter, dono do maior grupo siderúrgico das Américas e um dos grandes entusiastas da existência do IEE – filhos e sobrinhos de Gerdau também passaram pelo Instituto –, presenteou alguns daqueles jovens com textos traduzidos para o português sobre a doutrina liberal.

O material que chegou às suas mãos nos anos 80 encheu seus corações e suas mentes. Ali estava a essência do pensamento da Escola Austríaca, muito influente desde o início do século XX, baseada no conceito do individualismo e responsável por várias gerações de economistas brilhantes como Frédéric Bastiat, Ludwig von Mises, Friedrich Hayek (Nobel de Economia em 1974) e Murray Rothbard, e também as primeiras discussões dos novos economistas clássicos americanos, como Milton Friedman (Prêmio Nobel de Economia em 1976), Arthur Laffer e George Gilder, convocados pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, para conceber e implementar uma estratégia para tirar a economia americana da “estagflação” no início dos anos 80.

Até hoje as folhas amareladas daqueles primeiros textos são guardadas como relíquias por alguns membros mais antigos do IEE. Há artigos mostrando que, àquela altura, a teoria keynesiana, até então dominante, passava por questionamentos profundos. Também há um vasto material sobre os *Chicago Boys*, nome dado a um grupo de aproximadamente 25 jovens economistas chilenos que haviam estudado nos Estados Unidos, onde as ideias liberais estavam florescendo, e formularam a política econômica do Chile do general Augusto Pinochet. Eles foram os responsáveis pelo “Milagre do Chile”, denominação dada pelo próprio Milton Friedman, e os pioneiros do pensamento liberal na América do Sul, antecipando no Chile, em quase uma década, medidas que só mais tarde seriam adotadas, por exemplo, por Margaret Thatcher no Reino Unido.

No Brasil, Henry Maksoud, que havia comprado a revista *Visão* em meados dos anos 70, mudou seu perfil editorial e tornou-a mais identificada com essa ideologia liberal. Mesmo sob censura, criticava o estatismo, o desenvolvimentismo, o intervencionismo econômico. Esses acontecimentos marcaram a disseminação de novas ideias para o país. Novos conceitos sobre princípios e virtudes e tipos de instituições necessários para o país realmente se desenvolver começaram a circular. Alguns economistas brasileiros, como Roberto Campos e Mário Henrique Simonsen, também começaram a discutir as novas ideias.

Muitos dos fundadores e primeiros associados do IEE estudaram fora do Brasil e tiveram contato não apenas com aquelas ideias liberais que começavam a circular por todo o mundo, mas também com o que acontecia de mais importante no exterior. O império soviético mostrava sinais de estresse,

assim como o modelo dirigista e o capitalismo de Estado. O Japão começava a apresentar índices muito elevados de crescimento. Não era mais possível ignorar esses fatos.

Nos primeiros encontros, as informações trazidas pelos que tinham viajado para outros países foram muito importantes, já que muitos deles ainda não haviam tido essa experiência. Na época, uma viagem dessas era tão rara como ter uma linha telefônica em casa. Por isso, um dos marcos do começo do IEE foi justamente uma viagem de cerca de 20 associados para conhecer a Feira de Tsukuba, um polo tecnológico do Japão, em 1985. Parte da delegação fez ainda uma visita à Câmara de Comércio e Indústria de Tóquio.

Trinta anos depois, outros garotos idealistas mantêm viva a missão de assimilar e disseminar as crenças na mais pura economia de mercado, na supremacia do privado sobre o público, no chamado Estado mínimo. Sempre com a visão de ser o melhor centro de desenvolvimento de lideranças empresariais do Brasil, o IEE busca oportunizar aos seus participantes um ambiente de desenvolvimento intelectual, por meio do qual jovens empresários e sucessores de empresas familiares possam aprimorar seus conhecimentos e, dessa forma, tornar-se melhores líderes.

*“A meta é sempre sair dali como apóstolos e ir colocando as ideias em outras entidades”, diz Carlos Smith, gestão 1987/1988.*

Viagem ao Japão (1985)



## ATA DE FUNDAÇÃO

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO  
DO INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS



Aos tres dias do mes de dezembro, do ano de mil novecentos e oitenta e quatro, às 12.30 hs (doze horas e trinta minutos) no Largo - Vespasiano Julio Veppo 55, reuniram-se em Assembléia Geral de Constituição e Fundação os senhores membros fundadores do INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS. Assumiu a presidência dos trabalhos, por aclamação unânime o senhor WILLIAM LING, ao final qualificado, convidando a mim DANIEL TEVAH, adiante qualificado, para secretariar a sessão, o que aceitei. Iniciando-se os trabalhos, o Senhor Presidente solicitou-me para proceder a Leitura da Ordem do Dia e que possui o seguinte teor: a) discussão e aprovação dos Estatutos Sociais; b) constituição e fundação da associação; c) eleição dos membros de Diretoria e Conselho Fiscal e d) outros assuntos relacionados à constituição da associação. Procedi, em seguida a leitura da proposta de Estatutos Sociais para apreciação e discussão e, em seguida, à sua votação, tendo a mesma sido aprovada por unanimidade de votos, passando em sua íntegra a possuir a seguinte redação:

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS - ESTATUTOS SOCIAIS DA DENOMINAÇÃO E DOS OBJETIVOS SOCIAIS

Artigo Primeiro - Sob a denominação de INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS, foi criada em 03.12.84 uma associação civil, sem fins lucrativos e que tem por objetivo:

- incentivar o surgimento e preparação de novas lideranças através da participação ativa de todos os membros nas atividades do grupo, tendo como doutrina orientadora a defesa e manutenção dos valores da economia de mercado e da livre iniciativa.
- promover a integração ao relacionamento dos participantes nos âmbitos social, cultural, econômico e profissional visando a unidade e o intercâmbio de idéias, conhecimentos e experiências, criando ambiente e meios propícios para tal.

Dr. Fernando Steinbruch

521799

WILLIAM LING  
1984-1986

## SE NÃO AGORA, QUANDO?

Diante do ocaso de um regime, impõe-se uma nova ordem social, política e econômica. Novas demandas da sociedade induzem o surgimento de novos protagonistas e a reciclagem de propostas para o desenvolvimento do país.

Com a ruptura do regime militar no Brasil na segunda metade dos anos 1970, brotaram manifestações que ampliaram e aceleraram o processo de democratização. A década de 80 foi palco de um movimento de revitalização da sociedade civil, marcado pela organização e maior participação de movimentos sociais em diferentes setores, e pela luta por direitos políticos.

No plano da economia, o esgotamento do Milagre Brasileiro regado pelos petrodólares era o prenúncio de uma década perdida de alta inflação, desemprego e crescimento pífio. O fracasso no plano macro teve graves consequências na microeconomia. No âmbito empresarial, o modelo mercantilista e dirigista estatizou a poupança, artificializou os preços, produziu empresas atrofiadas dependentes do Estado e beneficiou pseudoempresários que se acostumaram a operar em mercados protegidos, com financiamentos públicos subsidiados, e margens de lucro garantidas pelas tabelas de preços.

Muitas das principais lideranças empresariais à época, cooptadas pelo regime de capitalismo de Estado, assistiam inertes à derrocada do sistema, em contraposição à ascensão dos Tigres Asiáticos, energizados por políticas de estímulo à produtividade, inovação tecnológica e competitividade. As mesmas políticas que faziam a Inglaterra renascer das trevas do socialismo trabalhista, conduzida pela Baronesa Thatcher. E, não por acaso, as que Ronald Reagan adotou para transformar os Estados Unidos da América na única potência mundial pós-Guerra Fria. Até na China comunista abertura econômica deixou de ser pecado. Mais perto de nós, as reformas dos "Chicago Boys" produziram o Milagre do Chile, há anos o país com o maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da América Latina.

Desregulamentação e privatização, feitas de forma deliberada, provocaram um dos ciclos mais virtuosos e duradouros de inovação, empreendedorismo e criação de riqueza e bem-estar para a humanidade. No Brasil, andando na contramão da história, a esquerda unia-se à ala radical da ditadura para condenar a sociedade brasileira ao atraso, ao instituir a reserva de mercado da informática.

Por outro lado, o movimento sindical fortaleceu-se na década de 70, profissionalizou-se e, de maneira competente, conquistou benefí-



"Eu tive um benefício pessoal muito grande, eu cresci muito como indivíduo. O que o IEE representou para mim, não tem preço. O que eu aprendi, as amizades que eu fiz, o meu entendimento do mundo, tudo isso vem de lá. A maneira como eu me conduzi como empresário, como cidadão, muita coisa veio desse aprendizado. Quando vejo outros jovens que vieram depois de mim, ouço os depoimentos que eles dão - que são parecidos com o que eu dou -, percebo que realmente, fez a diferença na vida deles também"

cios sociais para os trabalhadores. A fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, revelou o objetivo maior de alcançar o poder via mecanismos democráticos. A criação da Central Única dos Trabalhadores, em 1983, aumentou ainda mais o poder de fogo dos sindicatos.

O Brasil e o mundo estavam mudando. E o empresariado brasileiro estava despreparado para competir na nova ordem, cujos mantras eram abertura comercial e globalização. Ao mesmo tempo, era órfão de uma estratégia para se contrapor à primazia dos movimentos sindicais. Habitado a tirar proveito de conveniências, carecia de convicções que harmonizassem as ideias de capitalismo de mercado e livre iniciativa no âmbito da economia com valores democráticos e republicanos no campo político e social.

É nesse contexto que, em 1984, surge em Porto Alegre um grupo de jovens empresários que pensavam diferente. Em comum, viveram suas adolescências sob um regime ditatorial, com precário preparo para o debate político, eram críticos da opressão, da censura, da intromissão do Estado na vida das pessoas e empresas, e ao mesmo tempo opunham-se às ideias socializantes que cativavam a juventude brasileira. Estavam assumindo a direção de empresas, defrontando-se com um ambiente em rápida transformação que exigia uma postura radicalmente nova, e buscavam entender o verdadeiro papel que o empresário deve desempenhar em uma sociedade aberta.

Essa geração emergente de empresários não compartilhava da postura conservadora, subserviente, e

em certos momentos conivente, daqueles que se intitulavam líderes empresariais, nem os reconhecia como seus legítimos representantes. Apesar de jovens, inexperientes e alienados do embate político, tinham consciência de que, para se alcançar desenvolvimento social, maturidade política e progresso econômico, é mister existir um modelo de governança sustentado em instituições inclusivas, sólidas e perenes.

A construção de instituições sociais é fruto da concertação entre as elites da sociedade - elites políticas, intelectuais, sindicais, empresariais, artísticas, comunitárias. Assim, quanto mais bem preparadas essas elites, mais consistentes e duradouras serão as instituições. A certeza de que era vital encontrar razões e respostas para suas inquietações, aliada ao idealismo característico da juventude, e a vontade de serem agentes de mudança, motivaram a fundação de um centro de estudos e formação de lideranças.

O Instituto de Estudos Empresariais (IEE) foi criado para forjar líderes empresariais comprometidos com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais e de respeito ao Estado de Direito. Sua missão é preparar quadros para modernizar o discurso e oxigenar as entidades empresariais, muitas corroidas pelo arcaísmo, e capacitar seus membros a se inserirem, como empreendedores, em um ambiente de competição aberta e globalizada.

Ao longo de suas três décadas de existência, o IEE consolidou um modelo que o diferencia das tradicionais instituições representativas

dos empresários e se transformou em uma referência com reconhecimento internacional. Seu manifesto de valores e princípios, estatuto e regras de governança estão alinhados com seus objetivos e missão e, na sua essência, permanecem inalterados desde sua fundação. O mecanismo forçado de renovação anual da diretoria contribui para a formação interna de quadros diretivos. O currículo preenche lacunas de programas acadêmicos tradicionais, dando ênfase ao estudo de filosofia política e econômica, ao preparo para o debate com base em argumentos racionais, lógicos e de maneira respeitosa, e à formulação de ideias e propostas por meio de discursos, artigos e entrevistas. O convívio e a intensa troca de ideias e experiências com pessoas de destaque nas mais variadas dimensões enriquecem seus associados.

O legado do IEE é a certeza de que um país progressista e justo depende de uma nova ética, fundamentada nos valores da liberdade, responsabilidade individual e confiança. Uma ética no sentido da conduta que visa promover o bem, o correto, o verdadeiro. Em que cada indivíduo, em plena liberdade, tem consciência de que é responsável e capaz de oferecer sua contribuição para a construção deste novo Brasil.

## II

Qual a razão da dificuldade do Brasil de realizar seu destino de "país do futuro"? Seria porque o povo brasileiro não é afeito ao trabalho, ou eram os governantes os responsáveis pelo nosso subdesenvolvimento?

Um amigo alemão, que vivera muito tempo no Brasil, formulou essa pergunta para mim e meu companheiro de viagem. Era maio de 1980. Estava em Hamburgo, Alemanha, em minha primeira viagem internacional a negócios. Tinha 23 anos, recém-completados. Meu colega respondeu convictamente que, na sua opinião, a raiz do problema era o fato de a maioria dos brasileiros carecer da ética do trabalho. Minha resposta foi diferente. Argumentei que o povo brasileiro sobrevivia da mão para a boca, acossado pela inflação, pela falta de educação e pela miséria. Apesar disso, era surpreendentemente pacífico e tolerante, alegre, confiante no futuro. Achava que cabia à minoria privilegiada, que ocupava posições de destaque na sociedade, que controlava os recursos políticos e econômicos e que teve acesso a uma educação de qualidade, a iniciativa de formular políticas e promover ações para melhorar as condições da sociedade como um todo. A discussão não seguiu adiante, mas aquele diálogo me marcou profundamente. Pela primeira vez, dei-me conta da importante responsabilidade de pertencer a uma elite. E passei a refletir de que forma eu poderia exercer um papel de agente transformador.

Na minha infância, os relatos dos meus pais sobre a China me fascinavam. Eles tiveram a lucidez e a sorte de abandonar seu país de origem quando Mao e seus camaradas tomaram o poder depois de anos de guerra civil. Ouvia incrédulo as histórias de crianças que eram estimuladas a delatar seus pais às Brigadas Vermelhas e de alunos que eram convidados a agredir seus pro-

fessores, no auge da Revolução Cultural. Não conseguia entender como tanta gente conseguia viver sem poder viajar, falar o que pensa, sob permanente vigilância e censura. Os chineses não podiam nem mesmo exercer suas profissões sem prévio consentimento do Partido, dono de tudo e de todos. Cedo aprendi que o instrumento mais poderoso de condicionamento das mentes e manipulação do comportamento das pessoas pelo Estado era o controle e aparelhamento das escolas. Não compreendia ainda o conceito de liberdade, mas já era claro para mim o significado de opressão.

Na universidade, na segunda metade da década de 1970, já me direcionando para a atividade empresarial da minha família, a leitura de Raymundo Faoro me mostrou por que os empresários mereceram o estigma de capitalistas exploradores dos pobres. O parasitário estamento burocrático perpetuava os vícios, aprofundava as diferenças e existia para se autoalimentar e crescer à custa do restante da sociedade.

Ao assumir responsabilidades crescentes na empresa, dei-me conta de que empreender no Brasil nada tinha a ver com as práticas dos negócios nos países desenvolvidos. Grande parte da energia do empresário era despendida para lidar com questões que podiam inviabilizar seu negócio, mas que não se relacionavam com temas como estratégia, gestão, eficiência, produtividade, inovação: eram decretos-leis feitos na calada da noite, burocracia e regulamentação sufocantes, carga tributária e corrupção crescentes. Os mercados eram artificiais, e a iniciativa individual era inibida. O sucesso

empresarial era medido não pelo mérito da competência, mas pela proximidade dos governantes. Meu sonho, como empresário, era um dia estar à frente de uma organização que fosse competitiva em um mercado aberto, vencedora em um jogo sem cartas marcadas ou proteções além das legais.

Mais gente da minha geração defrontava-se com as mesmas inquietudes. Grande parcela da juventude, apesar de se opor à ditadura militar e desejar a volta da democracia, encantava-se com outros gêneros totalitários, idolatrando Che Guevara, Fidel Castro e meu já conhecido Mao. Como podem pessoas que admiram tiranias supressoras da liberdade e da alternância de poder se denominarem democratistas?

Os editoriais da revista Visão e dos jornais O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil, os livros de pensadores da Escola Austríaca editados pelo Instituto Liberal, os ensinamentos de Roberto Campos, somados às ideias dos economistas da Universidade de Chicago trazidas pelo Winston, meu irmão mais velho que lá estudou, foram aos poucos me fornecendo instrumental sólido para entender que, por meio da doutrina liberal-democrática, podemos promover o progresso e a justiça.

Em 1984, quando derretia o modelo econômico e a abertura política era iminente, tomei a iniciativa de convidar um grupo de empresários da minha geração para propor uma discussão sobre nosso papel nesse novo contexto de Brasil. Após meses de debates, decidimos fundar uma entidade cujo foco era criar uma nova categoria de empresários, que iria pautar sua atuação na defesa

da liberdade em todas as suas dimensões. Que acredita ser a atividade empresarial, praticada de acordo com regras de livre concorrência e submetida ao império das leis, a forma mais virtuosa de se promover desenvolvimento com justiça. Para tanto, era necessário mudar a mentalidade e renovar o discurso das tradicionais lideranças e entidades empresariais. Se não fôssemos capazes de convencer nossos pares, que dirá o restante da sociedade?

Os primeiros anos de IEE foram marcados pelo enfrentamento do ceticismo e da resistência dos empresários: éramos tachados de xiitas, em alusão aos radicais que depuseram o xá do Irã. Não entendiam como podíamos ser contra o populismo do Plano Cruzado, que destruiu a economia mas assegurou a eleição dos políticos que nos legaram a “Constituição cidadã”. Não conseguiam conceber empresários defendendo a abertura econômica, a eliminação de subsídios e a promoção da competição e da meritocracia: afinal, quanto menos concorrentes, melhor. Achavam um assombro sermos a favor do funcionamento do comércio nos finais de semana e da presença de empresas multinacionais em todos os setores da economia.

### III

O IEE foi a experiência mais determinante na minha vida. Nele formei a base conceitual que me possibilitou, anos mais tarde, assumir a liderança dos negócios de minha família e transformá-los numa organização que prospera nos mercados

mais competitivos do planeta, e tem como principal força uma cultura que reúne os valores que gostaria de ver adotados no Brasil. Valores como a confiança, o respeito ao indivíduo, a responsabilidade individual com imputabilidade, a transparência e o compromisso com a verdade, a subsidiariedade e a determinação de buscar sempre o melhor para o maior número possível de pessoas.

Por que comprar uma briga dessas? Lutar para quê? Por idealismo, quem sabe? Por saber que não estaremos bem e seguros se as pessoas em torno de nós não estiverem igualmente bem e seguras? Talvez para dormirmos com a consciência em paz por estarmos fazendo nossa parte? Sim, mas antes e acima de tudo, por indignação com as injustiças ao nosso redor; inconformismo com a manipulação da verdade para favorecer interesses escusos; repulsa à omissão das elites, com visão oportunista de curto prazo, e dos governantes casuístas e fisiológicos que infantilizam o povo para exercer seu poder deletério; intolerância com a ética da esperteza, improvisação e imprevidência; gana de acabar com a corrupção e a impunidade que corroem a estima do brasileiro. Percebi que muitas vezes não fazemos as coisas porque queremos, ou porque gostamos. Fazemos porque é preciso fazer o que nossa razão nos manda, para cumprir um imperativo moral!

Como ensinou o sábio judeu Hillel: “Se eu mesmo não sou para mim, quem será por mim? Mas se sou somente para mim, o que sou? E se não agora, quando?”.



## ROBERTO RACHEWSKY

1986-1987

### COMO ME TORNEI UM LIBERAL

Se há algo na minha vida de que eu tenho orgulho de ter participado, foi da idealização, criação e fundação do IEE. Não foi por acaso que, junto com amigos meus, criamos o que hoje é um dos mais significativos centros do pensamento liberal existentes no Brasil e no mundo.

O IEE não foi apenas fruto de uma circunstância, foi muito mais do isso, foi resultado das mentes e do trabalho de jovens que ansiavam por uma vida melhor para si e para os demais brasileiros.

Éramos jovens diferentes, não porque queríamos mudar o mundo, isso todos os jovens querem. Éramos diferentes porque queríamos mudar o mundo unindo a razão e a emoção para a formulação e a divulgação de ideias. Ideias transformam o mundo. E razão e emoção são a alavanca e o ponto de apoio que nos permite transformá-lo.

Aprecio muito o rótulo criado por Ayn Rand, que bem define minha posição ideológica, radical pelo capitalismo. Nada mais adequado.

Radical é aquele sujeito que vai fundo, que não se contém, que não sossega, que não se limita, até identificar a raiz daquilo que busca esclarecer para encontrar a verdade, absoluta e irrefutável.

Radical é aquele cara que, quando se depara com zonas cinzentas, tenta isolar o preto e o branco que ali estão misturados, para esquadri-

nar a realidade, identificando sua composição.

No trato com as ideias, é fundamental radicalizar. A moderação na busca da verdade é covardia intelectual. Moderação devemos ter no trato social, lidando uns com os outros com civilidade, guiados principalmente pelo uso da razão, sem violência.

É muito importante que saibamos diferenciar o radical do fanático. O fanático é moderado no debate das ideias e, perigosamente, radicaliza no trato social, normalmente recorrendo ao uso da violência, em vez do convencimento pelo uso da razão, para fazer valer seus desejos ou tentar impor seus valores.

O grande benefício que os radicais legam para as sociedades é buscar a verdade, é expor a raiz e a natureza das ideias analisadas. É destruindo intelectualmente utopias para sobre elas construir apenas ideais.

Desde a infância, vamos assentando as peças que formarão nossa visão de mundo, nosso caráter. Quanto antes formos estimulados a pensar sobre o que é certo ou errado, sobre o que é real ou fantasioso, sobre o que é possível e o que não é, mais rapidamente vamos resolvendo nossas questões existenciais, adquirindo conhecimento e definindo valores para estabelecer um propósito para nossas vidas. Eu me tornei um liberal ainda pequeno.

Como eu costumo dizer, não poderia ser outra coisa que não um liberal. Meus pais me ensinaram que não era correto bater nos coleguinhos nem se apoderar de seus brinquedos sem o consentimento deles. Apenas essa lição já seria suficiente para que eu viesse a rejeitar ideologias coletivistas que exaltam o Estado, como o fascismo ou o socialismo. Nazismo e comunismo, então, nem pensar.

Na realidade, meu interesse sobre esse tema não veio com o Movimento da Legalidade, promovido por Leonel Brizola em 1961 - eu era muito pequeno, tinha apenas seis anos. Tampouco veio com o barulho e os tremores causados pelos tanques do Exército brasileiro, quando passavam em frente ao meu edifício, ao lado do Colégio Militar, com o início da Revolução de 1964 - eu tinha apenas nove anos.

Tudo começou numa manhã como outra qualquer no Colégio Israelita Brasileiro. Eu tinha então 13 anos quando minha professora de História, Giselda, figura pequena, simpática, com seus óculos quadrados enormes e cabelos curtos, cheios e encaracolados, entrou na sala de aula chorando.

A agitação normal da turma cessou imediatamente, todos ficaram intrigados quando a professora, mal enxugando as lágrimas, disse que aquele era um dos dias mais tristes da História recente da humanidade. Era uma quinta-feira, dia 22 de agosto de 1968. Com a voz embargada, tendo a atenção de alunos curiosos, nos informou que a Primavera de Praga havia sido sufocada. Tanques do Pacto de Varsóvia tinham invadido a Tchecoslováquia, subjugando a população,

Viagem ao Japão (1985)



“No IEE, aprendi que a gente tem de ser radical quando vai discutir ideias. Você deve ser um cara educado, mas tem de ser radical na defesa da sua ideia. Para isso, é preciso estudar, conhecer, ter evidências para defender essa verdade, ter consistência. Eu acho que a gente não abre mão da defesa daquilo que tem convicção. Se não fizer isso, você está agindo covardemente no campo da discussão intelectual. E isso não é ser fanático, não é ser dogmático; é aceitar axiomas, aceitar uma verdade demonstrada. Fanático é o cara que não discute as ideias, não quer ouvir a ideia alheia, usa violência ou agride moralmente a outra pessoa. A gente também pode estar errada, e, se não ouve, não tem como criticar. Não pode tornar a sua verdade um dogma e, no IEE, isso é muito interessante porque não há dogmas. Estamos sempre buscando a verdade. Às vezes, a verdade não é completa, mas isso não a transforma numa mentira.”

Já na faculdade, em 1974, com apenas 19 anos, cursando ainda o Básico, iniciei uma ativa participação no Diretório Acadêmico de Economia Contábeis e Administração, o DAECA, na UFRGS. Isso me levou a ser fichado no DOPS como subversivo. Minha família sofria pressão psicológica de gente próxima, ligada às forças de segurança do governo.

A situação era tensa, o que me levou a abrir um processo para esclarecer as acusações que me faziam e, conseqüentemente, para “limpar” a minha ficha. Em 1976, fui chamado no DOPS para um interrogatório. O agente policial começou a me questionar sobre assuntos que eu nem sequer conhecia. Uma ou outra pergunta diziam respeito a fatos que de

prendendo Alexander Dubcek, líder político que tentava liberalizar o país pondo fim ao regime imposto por Joseph Stalin desde a Segunda Guerra.

Nos poucos minutos que durou aquela cena, Giselda modificaria minha vida para sempre. Mesmo acostumado aos relatos sobre o Holocausto, senti naquele momento se manifestar meu desprezo pelo uso da força, a exasperação perante o autoritarismo. Por outro lado, percebi o apego atávico que eu tinha pela liberdade e o irrefreável desejo de lutar por ela.

fato tinham ocorrido, o que me levou a entender os motivos de ter sido fichado.

Conversamos longamente sobre as minhas convicções ideológicas. Ele não conseguia entender como era possível eu ser contra o governo militar e não ser um socialista. Passamos horas discutindo esse ponto, até que ele se convenceu de que não era necessário ser de “esquerda” para discordar do arbítrio de um regime de exceção. Hoje sabemos que a esquerda se encanta com tiranias. Naquele dia, me dei conta da importância de toda a minha formação. Defendi os princípios do capitalismo como poucas vezes consegui fazer depois. Em poucos dias, depois de um julgamento sumário, fui considerado inocente de qualquer atividade subversiva na qual estivesse envolvido, recebendo então um atestado de bons antecedentes emitido pelo órgão de repressão.

Dez anos depois, já tendo deixado a faculdade, participei de uma mesa-redonda com William Ling, Atilio Manzoli, Mathias Renner, entre outros, promovida pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre, o qual pretendia conhecer a mentalidade dos jovens empresários da época. Foi ali que, pela primeira vez, se questionou o corporativismo das associações de classe e sua relação promíscua com o governo.

Fruto daquela reunião, semanas depois, William Ling, a quem eu conhecia desde o tempo da faculdade de Administração e Economia da UFRGS, me convidou para discutirmos o que seria necessário para influenciarmos os jovens empresários que estavam começando a assumir papel de liderança nas suas empresas e,

conseqüentemente, nas entidades das quais elas participavam.

Naquele encontro, resolvemos convidar outros possíveis interessados em levar adiante a ideia de uma instituição cujo propósito seria o de formação intelectual de seus associados, para transformar a mentalidade não apenas do empresariado, mas também de toda uma parte da sociedade.

William e eu dividimos a tarefa inicial de recrutamento; coube-me convidar empresários do comércio e de serviços, e ao William, o pessoal da indústria e da agricultura. Assim, acabamos por fundar o que chamaríamos de Instituto de Estudos Empresariais, hoje conhecido apenas por IEE.

Praticamente durante todo o primeiro ano de existência do IEE, presidido por William, tivemos a preocupação de definir seus objetivos, promovendo reuniões com

aqueles que estavam interessados em participar do grupo e tinham afinidade com as propostas que lançávamos.

No segundo ano, coube a mim assumir a presidência, e o meu objetivo era consolidar a instituição em todos os seus aspectos e iniciar um processo de interação com a comunidade empresarial. Foi constituída uma sede para o IEE e criada uma estrutura administrativa e operacional, chefiada à época pelo incansável Nino Anele; foi também criado um jornal próprio, chamado Proposta, que contava com jornalistas contratados para esse fim. Iniciamos um trabalho conjunto com o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, do qual também tive o prazer de ser um dos fundadores, junto com Winston Ling, irmão do William.

A motivação que tínhamos e a certeza do sucesso me levaram a re-

Viagem ao Japão (1985)



alizar o primeiro evento externo da entidade, chamado "Brasil, é possível sair da crise?". Quase 200 empresários atenderam ao evento. Houvesse mais lugares, a lotação seria maior.

O IEE causou enorme impacto no meio empresarial. Era uma iniciativa desafiadora em todos os aspectos. Naquela época, o Brasil e o mundo estavam em ebulição. Ronald Reagan e Margareth Thatcher lutavam para liberalizar a economia de seus países. No Brasil, o movimento Diretas Já havia agitado o país. Os planos econômicos e as intervenções extremas, chamadas de políticas heterodoxas, desnorream os empresários e perturbavam os mercados.

A inflação tornava-se galopante, e o populismo demagógico escolhia seus bodes expiatórios: os empresários, principalmente os do comércio varejista. E como lojista que eu era, mais uma vez tinha que sair a campo defendendo menos intervencionismo e mais liberdade. A sociedade brasileira se encaminhava para a formação de uma Assembleia Constituinte. A União Soviética começava a dar sinais de desmantelamento, culminando com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o colapso do modelo comunista.

Ao longo de todos estes anos, minha luta por liberdade foi baseada no meu senso moral, sem a devida compreensão sistematizada, apenas estimulada e construída sobre pensamentos adquiridos de leituras esparsas e do profundo apego à liberdade. Somente em 1987, quase duas décadas depois do fim da Primavera de Praga e das aulas imperdíveis da professora Giselda, minha vida intelectual foi marcada por outra mulher, a escritora e filósofa Ayn Rand.

Encontrar Ayn Rand foi como encontrar a mim mesmo, foi como esbarrar em alguém com quem meu espírito podia falar. Foi aí que a filosofia entrou na minha vida e passou a ter uma importância cada vez maior. Minha sorte foi ter sido apresentado a ela por Ayn Rand. E com ela vieram outros filósofos, outros pensadores. Todos, de uma forma ou de outra, me lembravam de Giselda: eram amantes da liberdade e por isso sempre conseguiram me emocionar.

O IEE e o Instituto Liberal iniciaram, nos idos da década de 80, uma mudança cultural que amadurece e começa a gerar frutos. Inúmeras instituições, milhares de jovens engajados e ativos nessa luta leem e discutem ideias que não havia naquela época e que foram sendo produzidas e divulgadas ao longo do tempo, principalmente pelo IEE.

Acho que os problemas que vivemos exigem a mobilização de todos os que atribuem à liberdade um valor inestimável, inegociável, inalienável. Passados quase 30 anos da fundação do IEE, retornei ao Conselho Deliberativo da entidade. Vejo, no olhar de cada jovem liberal de hoje, os meus sonhos de ontem, os meus sonhos de sempre. Sonhos esses que ainda não se realizaram totalmente, mas nem por isso se desvaneceram. Afinal, lutar pelos meus sonhos é a minha vocação, e viver em liberdade, de forma produtiva, honesta, independente e íntegra é o meu propósito. Para transformar esses sonhos em realidade é que existe o IEE.

Razão e emoção, alavanca e ponto de apoio, ideias liberais, vamos transformar o mundo em algo melhor?

## CARLOS SMITH

1987-1988

### 30 ANOS DE FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Caminhando pela beira da praia em companhia de meu amigo Renato Malcon, conversávamos sobre o momento que vivíamos no mundo e em especial no Brasil: difícil, muito difícil... inflação descontrolada, início da implantação de uma democracia insipiente, movimento estatizante como valor cultural, sentimento de que a inflação era resultado da ganância dos produtores - portanto cadeia era a melhor solução -, um muro em Berlim impedindo o livre ir e vir, e o sentimento de que a liberdade tão desejada pudesse resultar em um regime político, econômico e social estatizado e mais ditatorial, ou seja... sair de uma ditadura nacionalista de direita para uma outra de esquerda, menos livre do que a anterior.

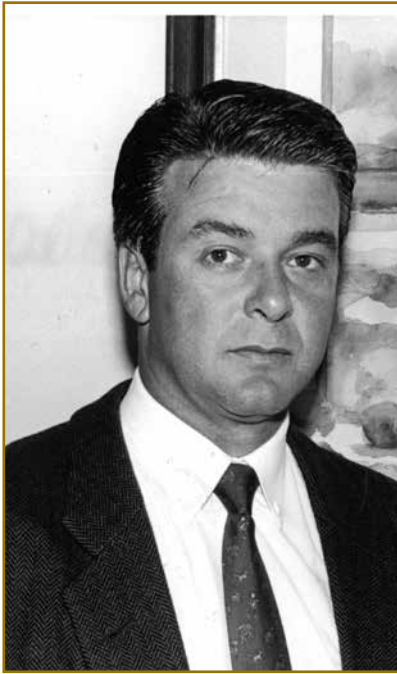
Nessa conversa, Renato me informou que um grupo de amigos estava se reunindo, com as mesmas preocupações, querendo divulgar a cultura da liberdade política, econômica e social, inexistente à época, para a maioria absoluta da população brasileira, mesmo considerada sua elite empresarial.

Daí, para estar reunido em um pequeno grupo de jovens, com visão de mundo, foi muito rápido! Estávamos em 1984, e tudo conspirava contra nós. E exatamente isso é que nos dava o combustível para agir como verdadeiros guerrilheiros de ideias, num meio absolutamente hostil.

Desse fantástico grupo de amigos guerrilheiros da liberdade, logo

formamos um núcleo incrível, provido de ideias, sonhos, premonições idealistas, com os pés no chão! Nos reuníamos todas as semanas, uma, duas vezes, para sonhar, criar e realizar. Eram momentos de rupturas de limites e de formação de caráter. Formamos uma diretoria de sonho! Carlos Biedermann, Renato Malcon, Roberto Dreifuss, Luiz Flaviano Feijó e Winston Ling! Mescla de cientistas, sonhadores, quitandeiros, bodegueiros, guerreiros, mas, acima de tudo, realizadores. Começamos a colocar em prática as ideias que constavam nos livros, em ações de treinamento e preparação dos membros do IEE, os guerrilheiros da liberdade. A implantação de júri simulado, Fórum da Liberdade, programas de TV, encontros e fóruns com políticos para a divulgação da ideia liberal, convites especiais a pensadores de porte nacional ou internacional para eventos internos aos membros, e aí por diante, tudo isso foi feito em apenas 1 ano!

Ainda tínhamos que programar o Instituto para os dez anos seguintes, fazendo dessa diretoria uma verdadeira fonte de liderança para as que viriam depois. E assim foi! A diretoria que nos sucedeu, liderada por Biedermann, continuou, e aprimorou, o trabalho com dedicação fantástica. E assim foram as demais sucessões, com todos querendo fazer melhor e ampliando a florescendo as sementes lançadas.





"Foi muito marcante o IEE pra mim. Tive muita sorte de encontrar outros jovens que tinham os mesmos questionamentos que eu. Isso mudou a minha vida. Descobri que está tudo à disposição da gente. Tem que conquistar os espaços. Nós devemos fazer nossos rumos. Lá eu aprendi o porquê das diferenças. Conheci pensamentos e escolas que davam suporte ao que eu imaginava. Foi decisivo na minha vida. E a maior parte dos meus amigos vem de lá."

Naquele momento, tínhamos como meta fazer com que os membros das diretorias fossem convidados para as entidades regionais de maior porte, tornando-os apóstolos de nossas ideias em outras terras.

Portanto, foi uma conjunção formidável de astros, realizando um "eclipse invertido", de luz, no meio de um momento de escuridão que vivíamos. Isso modificou totalmente minha vida, meus valores e, com certeza, o rumo de minha vida pessoal e empresarial.

Dos debates liberais exercidos sistematicamente no meio familiar, comecei a conhecer Jorge Johannpeter, às apresentações e contatos com as lideranças nacionais que começavam a se desenvolver por intermédio de Donald Stewart, passando pelo encontro com o grupo de jovens que vinham sendo contatados por Willian Ling e a formação da diretoria, da qual tive o privilégio de participar, tudo virou na minha vida, para melhor, muito melhor.

Comecei a viver, a viajar, a apreciar os momentos e os movimentos na minha vida e nas sociedades em que transitava "com outros olhos", olhos que buscavam as razões simples e

verdadeiras que faziam um grupo de pessoas terem formidável desenvolvimento e outro viver em profunda pobreza, tanto intelectual como econômica e social!

Há muito que fazer! Há muito que criar! Há muito espaço para o IEE pensar, fazer grande e bem feito!

De fato! O IEE é a melhor ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social em nosso país, para jovens que estejam indignados com a realidade brasileira e queiram, de alguma forma lícita e correta, contribuir para que o país onde vivem possa se tornar igual aos países que proporcionam oportunidades, segurança, crescimento, liberdade, representatividade, democracia e prosperidade, a si, suas famílias e a todos os demais cidadãos.

É para jovens determinados, sonhadores, idealizadores e realizadores com os pés no chão!

É o mestrado e a pós-graduação para quem deseja e acredita poder fazer a diferença para si e para seu país.

Fábrica de gigantes!

## CARLOS BIEDERMANN

1988-1989

### 30 ANOS DE IEE: QUAL O NOSSO LEGADO?

Fui um dos fundadores da Associação dos Jovens Empresários do RS, mas quando soube da criação do IEE, percebi que a proposta era muito consistente e fiquei ansioso para ingressar. Sabia que não seria fácil, mas logo fui convidado pelo meu amigo Felipe Herrmann, a quem serei sempre muito grato.

A minha vida mudou a partir daquele momento. Já conhecia alguns integrantes, mas vim a conhecer muitos outros. Logo fui convidado a integrar a diretoria liderada pelo Carlos Smith. Aquela diretoria de 1987/1988 foi emblemática. Criamos os pilares básicos do que ainda hoje é o IEE: o júri simulado, os eventos de treinamento, os seminários, o Fórum da Liberdade, mas, muito além disso, estabeleceram-se os princípios de irmandade que vão muito além da identidade de princípios, de ideais, de conhecimento; significam uma relação de cumplicidade e de comprometimento que se perenizam, mesmo que muitas vezes a proximidade não seja a mesma. Muito do que hoje é o IEE se deve aquele grupo de amigos.

Logo fui convidado a assumir a presidência, em 1988, o que aceitei com muita alegria. Meu grupo de trabalho também foi excepcional, e, assim, a irmandade ia crescendo. O Flávio Couto e Silva, o Ricardo Portella, o Thomas Kisslinger, o Leonidas Zelmanovicz e o Roberto Dreifuss foram incansáveis naquele

ano. Serei sempre grato a cada um deles.

Naqueles anos de volta à democracia, éramos considerados radicais, um grupo de xiitas que pensava e agia completamente diferente do modelo e dos conceitos da época. Muito poucos conheciam o liberalismo, as ideias dos economistas austríacos, os livros da Ayn Rand. Tudo era novo num Brasil autoritário e estatizado. Os conceitos de economia de mercado associados a uma proposta de liberdade política eram enfim estudados por um grupo de jovens empresários.

Em 1989 seria realizada a primeira eleição para Presidente da República depois de mais de 20 anos. Pensávamos no segundo Fórum da Liberdade. Qual a proposta? Foi quando o Flávio me sugeriu: vamos fazer o primeiro debate na história recente do Brasil entre os candidatos? Não demorei um segundo para assumir a ideia. Estiveram no Fórum Mario Covas, Ronaldo Caiado, Lula, Leonel Brizola e Roberto Freire. O Collor desistiu na noite anterior, quando encontrou o Henry Maksoud no aeroporto em São Paulo e soube que ele viria. O Afif não veio, e nem sei se ele sabe por quê. O palco e a plateia eram dele. Tivemos mais de mil pessoas e uma repercussão extraordinária na imprensa. Na manhã do Fórum, meu pai foi internado para uma cirurgia de urgência. Seguindo a sua sabedoria, fui lá e



1º Fórum da Liberdade



pela primeira vez na minha vida fiz o discurso de abertura e coordenei o evento. Muita guerra de bastidores, mas o saldo foi inesquecível. Meu pai se recuperou muito bem e está até hoje vencendo as provas de natação.

Terminado o Fórum e a nossa gestão, nossa vontade de trabalhar pela causa continuava imensa e juntamos as duas diretorias, de 1987/1988 e 1988/1989, e fomos fazer a nossa revolução no IL. Assumi a presidência, e, junto com aqueles amigos, ficamos um bom tempo criando coisas novas - o Projeto Modernidade, os eventos com políticos, os fóruns de discussão temática e especialmente o programa de TV "O Rio Grande Questiona". Estivemos no ar todos os domingos à noite

por mais de dois anos. Em tempos em que havia apenas a TV aberta, tínhamos até 2% de audiência na TV Guaíba. O programa era mediado pelo querido e saudoso Flávio Alcaraz Gomes, com Fernando Lucchese, o Smith e eu entrevistando personalidades. A importância do programa para mim ficou evidente quando, na segunda-feira após o domingo em que ele não foi ao ar, peguei um táxi e o motorista me perguntou por que o programa não havia sido transmitido.

Para mim, contudo, nosso legado maior é o Fórum da Liberdade. Muito pouco mudou o evento nestes mais de 25 anos. Quantas pessoas tiveram a oportunidade de aprender, de debater, de ouvir temas da mais alta relevância para todos

nós? Qual a efetiva contribuição do Fórum? Muito difícil ter as respostas, mas não foi só por isso que o criamos. O Fórum também sempre teve o objetivo de treinar nossos associados a se apresentar em público, a realizar, coordenar um grande evento. Esse foi um dos motivos pelos quais me posicionei contra a mudanç a proposta há alguns anos. O Fórum   do IEE, para o IEE, e assim deve permanecer.

Mas o que fica mesmo é a irmandade, o relacionamento que se criou numa geração de amigos que se articulam, se posicionam e se entendem com apenas um olhar. As lideranç as formadas pelo IEE poderiam ser mais ativas nas entidades empresariais, na política?   logico que sim. Muitos têm participações ativas e são muito influentes, mas há muitos que, por diversas razões, não são tão efetivos.

Uma das provocações que faço sempre aos amigos é justamente a de estimular todos a terem uma forte participação. Poderia ser uma das missões do Conselho.

De qualquer forma, fica o aprendizado, o companheirismo, a união de pessoas maravilhosas que mant m um relacionamento que tem sido, além de muito agradável, muito útil a todos nós.

"Nosso grande mérito foi espalhar a semente, difundir as ideias. Nós mexemos num abelheiro, não sabíamos a dimensão do que estávamos fazendo. A nossa ideia foi a de preparar pessoas pra exercer funções de lideranç a empresarial. Aquele período foi muito bom, muito divertido, e continua sendo. O pessoal formado pelo IEE tem os conceitos muito claros. Pra mim o maior ativo foi esse de dar treinamento pessoal. É um preparo não só no nível intelectual, mas na vida empresarial, as relações de amizade que criei me permitem discutir, trocar ideias com pessoas nas quais eu confio. Isso pra mim foi extraordinário. O IEE formou bons líderes dentro de suas próprias organizações, aconteceu comigo, tenho certeza que o meu aprendizado no IEE e essa irmandade que se criou me ajudou a ser um profissional muito melhor que eu seria sem isso. Esse ativo eu tenho pela minha formação e essa é a minha gratidão para o IEE, a partir daí minha formação mudou e eu me capacitei pra ser um profissional muito melhor do que eu seria e isso pra mim teve um tremendo benefício"

Jantar-debate





## EDUARDO FRANÇA DE ARAÚJO SANTOS

1989-1990

### COMPROMISSO COM A LIBERDADE!

Ter participado do IEE foi, sem dúvida, algo muito importante, que marcou minha vida. A convivência com o grupo de associados, a participação nos diversos eventos e, principalmente, a possibilidade de conhecer e discutir ideias não só me tornou uma pessoa melhor, como também foi de grande ajuda no meu desenvolvimento pessoal, familiar e profissional.

Tenho muito orgulho de ter participado e colaborado nessa história tão bonita e importante para o desenvolvimento do nosso país.

Fui criado numa família que tinha um negócio de varejo que, desde muito cedo, aprendi a gostar. Além disso, meu pai sempre atuou no movimento varejista participando de diversas entidades associativas independentes e de participação voluntária.

Entendo que esse contexto foi importante na minha formação. O varejo sempre foi um dos setores mais abertos à competição e à livre concorrência, inclusive com grandes empresas globais que se instalaram no Rio Grande do Sul.

Em 1979 me formei na UFRGS (Tecnologia de Processamento de Dados) e logo fui para São Paulo, para trabalhar e estudar (CEAG da FGV). Na FGV tive a oportunidade de fazer alguns cursos básicos de Economia e mesmo de Ciência Política. Naquele momento vivíamos o

final do Regime Militar, com o governo Figueiredo. A economia era totalmente controlada pelo Estado e fechada. Nos anos 80, o PIB teve um crescimento muito fraco, e os preços subiram 36.850.000%. Em 1985, Tancredo foi eleito presidente de forma indireta, mas quem tomou posse foi Sarney. Em 1988 tivemos a promulgação da nova Constituição do Brasil (em vigor até hoje). Depois de vários “planos econômicos” que promoviam uma forte intervenção na economia, em 1989, o reajuste da gasolina foi de 614% no ano, e a inflação acumulada foi de 1.782,8%; no pico, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) chegou a 6.821,31%, em abril de 1990 (no acumulado de 12 meses), segundo dados compilados por consultorias independentes da época. Números inimagináveis!

Particularmente tinha uma preocupação de entender minimamente o contexto e avaliar que alternativas teríamos num futuro próximo. Nesse contexto foi fundado o IEE.

Retornei a Porto Alegre em 1986, para trabalhar na empresa de varejo da família, e, passados alguns meses, fui convidado pelo Willian Ling para participar do IEE. Após as primeiras reuniões e eventos, contatos com os associados e as primeiras leituras, percebi que, naquele momento de muitas incertezas e grandes desafios, o IEE poderia me

ajudar no entendimento do contexto, na formação dos pontos de vista e na avaliação das alternativas para o futuro.

Foi nesses meses iniciais no IEE que comecei a me tornar um liberal, desenvolvi um grande respeito e apreço pela liberdade e pela economia de mercado e aprimorei meu entendimento de qual deveria ser o papel do Estado. De repente ficou claro e óbvio. Se por um lado senti um grande alívio, pois um novo horizonte se abria à frente, por outro sentia também uma grande e nova responsabilidade. Me sentia na obrigação de entender as situações, de formular e de apresentar pontos de vista que ajudassem e influenciassem as pessoas no sentido daquilo que acreditava ser o melhor para todos.

Acho que aqui cabe uma reflexão. No caso do Brasil, a figura do Estado (no caso o Estado português) precede a formação da sociedade. Isso faz com que, no senso comum, seja esperado que o Estado tome as iniciativas. Trata-se de um paradigma difícil de ser quebrado e ainda muito presente na sociedade brasileira.

Tive a grande honra de presidir o IEE na gestão 1989/1990. Faziam parte da diretoria o Paulo Afonso Feijó, o João Vieira de Macedo Júnior, o André Loiferman, o Peter Wilms e o Kléber Boelter. Teve papel importante também o secretário do IEE na época, Nino Feoli Anelle. Foram amigos e companheiros em muitas reuniões, com os quais tivemos trocas de ideias e jorna-

Jantar-debate: Ana Amélia Lemos



"Foi nos meses iniciais no IEE que comecei a me tornar um liberal, desenvolvi um grande respeito e apreço pela liberdade e pela economia de mercado e aprimorei meu entendimento de qual deveria ser o papel do Estado. De repente, ficou claro e óbvio."

das inesquecíveis que objetivavam o desenvolvimento do IEE e de seus associados. Tomamos posse em um almoço na sede da FIERGS com a presença do então governador do estado, Pedro Simon.

Naquele momento, em termos mundiais, o cenário político era positivo e trazia esperança de melhores tempos. Em 1989, Ronald Reagan encerrava seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos. Nesse mesmo ano presenciamos a queda do Muro de Berlim e a derrocada final da União Soviética. Em 1990, Margareth Thatcher encerrava seu governo. Na Améri-

ca Latina, vários países saíram de ditaduras militares e passavam a buscar a normalidade democrática. No Brasil, após um longo período de ditadura militar e ainda vivendo em meio a uma inflação descontrolada, tínhamos novamente eleições presidenciais. Inclusive tínhamos um candidato jovem que prometia combater a corrupção, desregulamentar e abrir a economia, privatizar e reduzir o tamanho do Estado. Havia esperança!

Nesse contexto, o IEE estava na vanguarda. Tínhamos um discurso consistente e contundente. Acima de tudo, paixão pela liberdade e

noção de que tínhamos um papel importante a desempenhar.

Aparentemente havia um avanço no que diz respeito à liberdade política. Porém, muito ainda por fazer no sentido da liberdade econômica. A liberdade é algo único, indivisível. Ou existe, ou não existe! Sendo assim, tínhamos ainda um longo caminho pela frente.

Entendemos que este deveria ser o tema do III Fórum da Liberdade: "A busca da modernidade. O desafio latino-americano". O evento aconteceu em maio de 1990, e durante o almoço, a nova diretoria foi empossada.

Passados estes anos todos, a luta continua, e o caminho a ser percorrido ainda parece bem longo ainda. É com muita emoção que acompanho o trabalho desenvolvido pelo IEE ao longo dos anos. O contexto foi mudando, e o IEE também. O grupo de associados está mais preparado, vários livros foram editados e hoje o Fórum da Liberdade é um evento de importância mundial.

Nossos sonhos são os mesmos! Não tenho dúvidas de que o IEE está à altura do desafio que temos pela frente.



## ANDRÉ LOIFERMAN

1990-1991

### 30 ANOS DE DEBATES DE IDEIAS

Nosso Instituto, que comemora neste ano 30 anos de atuação, tem um diferencial que está explicitado em seu próprio nome - Instituto de "Estudos" Empresariais. A palavra estudos significa esse diferencial de jovens empresários que se dispõem a estudar, a analisar, a colocar em prova suas convicções, a discutir com lógica e racionalidade os problemas sociais e econômicos de nossa sociedade. E isso é realizado com a leitura de livros, debates, seminários, exposições, visando a formação desse grupo de futuras lideranças que irão colaborar nas diversas associações empresariais e de classe em que venham a atuar.

Tive a honra de presidir a diretoria de gestão 90/91 juntamente com o vice-presidente Rodrigo Vontobel e os diretores Arthur Garrastazu Gomes Ferreira, Eduardo Tevah, Jorge Eduardo Estima e Margareth Tse.

Estávamos em época de Plano Collor, com seus terríveis equívocos econômicos, e realizamos diversos debates com renomados palestrantes, como os economistas Paulo Rabello de Castro, Mário Henrique Simonsen e Eduardo Gianetti da Fonseca.

Ainda era recente a queda do Muro de Berlim, com o fim do comunismo no Leste Europeu, e para trazer a discussão das ideias em voga no primeiro mundo realizamos duas incursões internacionais, com

a participação do IEE pela primeira vez na conferência da Sociedade Mont-Pelerin em Munique, na Alemanha, e uma visita de uma delegação de membros do IEE à Argentina, para conhecer as experiências pró-mercado e privatizações que o governo Menem estava realizando sob os auspícios do ministro Alvaro Alsogaray.

Também em nossa gestão realizamos o Seminário sobre a Filosofia objetivista, com o professor Ricardo Rojas, e editamos o livro "A Virtude do Egoísmo", de Ayn Rand, trazendo pela primeira vez ao Brasil a discussão da ética racional objetivista.

Foi um período profícuo no estudo de ideias que serviram com uma pós-graduação para todos os membros participantes, que culminou no IV Fórum da Liberdade, discutindo as possibilidades de caminhos a seguir em nosso país entre liberalismo e social-democracia, com participação de grande público e destaque na mídia.

Também devemos ressaltar a conquista do Top de Marketing da ADVB com o case do Fórum da Liberdade, do qual muito nos orgulhamos.

Passados todos estes anos, vemos o nosso IEE já consolidado como um formador de lideranças e uma semente propulsora na mudança da mentalidade de nossa sociedade em busca de uma ordem mais livre e próspera.



"Passados todos esses anos, vemos o nosso IEE já consolidado como um formador de lideranças e uma semente propulsora na mudança da mentalidade de nossa sociedade em busca de uma ordem mais livre e próspera".





## DANIEL TEVAH

1991-1992

### O JOGO CONTINUA

Tive a honra de ser um dos fundadores do IEE. Na época, alguém poderia achar ser apenas um grupo de jovens que se preparavam para ser sucessores em algumas das mais importantes empresas familiares do Rio Grande do Sul. Mas, na verdade, eram jovens sedentos de mais conhecimento, principalmente sobre o funcionamento da economia. Jovens que queriam estudar, com profundidade, como se davam as relações entre os entes de uma cadeia econômica. E o papel que o governo dizia exercer em defesa da população.

Como e principalmente o porquê de ser assim. Por que era daquela forma? Será que não haveria outra maneira de os agentes interagirem com mais ganho para a sociedade como um todo? Quem ganhava e quem perdia no mercado seguindo as regras em vigor?

Quando entrei no IEE, achava que entendia de economia. Achava... Bastaram poucas reuniões para descobrir que nada sabia sobre isso. E comecei a entender que o principal elemento do mercado, o consumidor, era o mais prejudicado no falso capitalismo que vivíamos. Ao entrar no IEE, comecei a descobrir a enorme diferença que existia entre o sistema econômico que imperava no Brasil e o conceito puro do livre mercado. Vi, com clareza, as deturpações do nosso sistema

econômico, o mal que causa a intervenção do Estado na economia e o quanto o governo beneficiava alguns elos da cadeia, sempre em detrimento do povo que ele jurava proteger. Estudamos, em profundidade e com mente aberta, o quanto os donos do poder e os amigos do poder tinham de liberdade para explorar as pessoas se escondendo atrás de uma mentira, a chamada "justiça social". Foi durante esses estudos que percebi que o Brasil estava condenado à estagnação e até mesmo à piora da qualidade de vida do seu povo, em função dos monopólios e cartéis que dominavam nosso país, gerando lucros absurdos para si, enquanto o povo era saqueado pelos governos que juravam protegê-lo.

O IEE me permitiu abrir os olhos para a absurda intervenção do Estado na economia e os males daí decorrentes. Comecei a entender o que queriam dizer aqueles economistas que defendiam o livre mercado. Até então, como qualquer outro brasileiro, eu achava que o governo existia para proteger o povo da "ganância dos capitalistas sem coração, ávidos por obter o máximo de lucros às custas da miséria do povo". E até, de certa forma, simpatizava com aqueles que pregavam uma distribuição mais justa da riqueza, o socialismo. Afinal, por que existiam alguns que tinham tudo e

outros que nada tinham? Como era possível conviver com tamanha injustiça social? Pensava: "Ainda bem que existe o governo para colocar limites nas pretensões desta gente que só quer lucrar o máximo possível no menor tempo possível". O IEE permitiu que eu perdesse a inocência de raciocínio, possibilitando-me analisar profundamente a realidade e descobrir quem eram, na verdade, os verdadeiros vilões. E, à medida que mais eu estudava e mais entendia os caminhos da economia, mais queria aprender para abrir os olhos dos outros, de quem era enganado pela falsa visão de que o capitalismo era o sistema econômico mais injusto que existe.

Os anos de IEE foram os anos de maior aprendizado para mim.

Mais ainda quando tive a honra de presidi-lo, em 1992. Pude, então, ter à disposição o espaço em mídia de que eu precisava para dar minhas opiniões, participar de debates e tentar difundir o que aprendi. Foi uma época importante da minha vida, pois passei a entender, com clareza, o que se vê e o que não se vê na economia. Antes, por exemplo, eu só via que no capitalismo o maior ganha do menor. Nada mais falso. No verdadeiro capitalismo, o melhor ganha do pior.

No capitalismo, existem ricos e pobres. No socialismo não há essa divisão porque, simplesmente, todos são pobres, já que o estímulo para fazer melhor inexistente e a riqueza geral da nação vai acabando pouco a pouco. Passei a entender que,

Cerimônia de posse da diretoria



"Quando entrei no IEE, achava que entendia de economia. Achava... Bastaram poucas reuniões para eu descobrir que nada sabia sobre isso. E comecei a entender que o principal elemento do mercado, o consumidor, era o mais prejudicado no falso capitalismo que vivíamos. Ao entrar no IEE, comecei a descobrir a enorme diferença entre o sistema econômico que imperava no Brasil e o conceito puro do livre mercado"

em uma economia de livre mercado, vence que traz mais benefícios ao povo, seja por meio de um preço menor, seja por meio da maior qualidade.

Compreendi que, no livre mercado, o rei é o cliente, pois ele tem o poder de decidir onde vai colocar seu dinheiro. Tem o poder de fazer empresas crescerem ou, simplesmente, desaparecerem do mercado com a simples decisão de prestigiar quem oferece a ela o mais interessante.

Dei-me conta de que não existe melhor lugar para deixar o dinheiro do povo do que no seu próprio bolso. Que imposto, se fosse bom, seria opcional, e não, como diz a própria palavra, imposto. Que tudo o que o governo arrecada (e arrecada cada

vez mais) seria mais bem aplicado diretamente pela própria população. Que o governo fere o povo cada vez que arrecada impostos que não são usados apenas para manter a Justiça e a segurança nacional. Que o governo atribui para si responsabilidades que a ele não competem, intervindo na economia, na saúde e na educação de maneira muito mais cara e com menor qualidade.

Que toda vez que a lei tira do consumidor final o poder da decisão, alguém é beneficiado, e esse alguém nunca é o cidadão. Que o melhor Estado é o menor Estado. Que o povo, ele sim, deve ser soberano e respeitado em suas preferências, porque não existe Estado que saiba o que é melhor para o cidadão

que ele próprio. Que toda vez que o Estado intervém, alguém que não é o melhor é beneficiado. E, isso sim, é a verdadeira injustiça. Que cada vez que o Estado lança sua mão para executar algo que a iniciativa privada faria melhor ou mais barato, quem mais sofre é a parcela da população com menor renda, pois tira dela o poder de escolha sobre os poucos recursos que possui.

Aprendi que o Estado só tem razão de existir quando é responsável por manter a Justiça, peça indispensável para que os contratos sejam respeitados e o forte não destrua o mais fraco. Que o Estado só se justifica quando protege o povo de ameaças externas. Que mais do que isso é intervenção indesejada e, aí sim, criadora de injustiças, ao be-

neficiar alguns em detrimento dos outros.

Hoje todos esses conceitos são muito claros e até óbvios para mim. Gostaria que mais pessoas os entendessem, para que os inocentes de intenção ou os mal-intencionados não ganhassem tanto poder quanto têm hoje. Desde que fui presidente do IEE, há 22 anos, muita coisa mudou. Porém, para minha tristeza, o Estado continuou a crescer e hoje encontra-se maior do que nunca, prejudicando a população, enquanto os membros do poder e os amigos do poder usufruem como querem do dinheiro que não deveria pertencer-lhes.

Até agora, o povo continua perdendo esse jogo.

Mas o jogo não terminou.

Cerimônia de posse da diretoria



## QUEM É JOHN GALT?

A pergunta “Quem é John Galt?” inicia e permeia o livro “A Revolta de Atlas”, da escritora russo-americana Ayn Rand, escrito em 1957. Na verdade, John Galt, que não é identificado até o terceiro volume, é mais que um mero personagem: é um ideal. Quando a personagem central, Dagny Taggart, nomeia a sua linha férrea no Colorado de “Linha John Galt”, muitas pessoas, surpresas, perguntam a ela: “Quem é John Galt?” E ela responde: “Nós somos!”.

Os associados do IEE são, todos eles, um pouco John Galt, alguém que acredita no poder da mente humana e no direito do indivíduo de usá-la a seu favor. Os valores que permeiam John Galt levam a um incentivo do trabalho que cada indivíduo pode desempenhar, com suas próprias forças, para melhorar tanto a sua vida quanto a dos que os rodeiam, ainda que indiretamente.

John Galt prega o poder de superação, ante os obstáculos que a vida muitas vezes oferece. Assim, o ideal John Galt não se identifica com um único indivíduo, mas sim com todos aqueles que trilham o seu caminho na procura da realização de seus mais profundos sonhos, buscando, sempre, ultrapassar as barreiras porventura surgidas a fim de que não sejam impedidos de continuar sua caminhada.



Um dos livros da bibliografia básica do IEE, o romance já vendeu milhões de exemplares. Em 1991, a biblioteca do Congresso norte-americano recebeu a missão de descobrir qual havia sido o livro que mais influenciara a vida das pessoas. A Bíblia ficou com o primeiro lugar, e “A Revolta de Atlas” ficou com o segundo.

O livro revela muito do que é o próprio IEE, que tem a disciplina como uma de suas principais marcas. Apenas empresários ou sucessores de empresas familiares em fase de formação podem fazer parte do Instituto. Como em um clube, para ingressar é necessário um convite e o aval de um associado atual. O processo de seleção de novos membros só ocorre quando há vagas disponíveis, o que é deliberado a cada gestão. Os associados podem indicar quantas pessoas quiserem, desde que elas cumpram dois requisitos básicos: ter entre 20 e 32 anos e participação direta ou indireta em capital de decisão de empresa. Os indicados são convidados, então, a participar de um evento ordinário do IEE (reunião semanal todas as segundas-feiras à noite, em Porto Alegre) e fazer um relato sobre o que presenciaram. Todos eles são entrevistados pela diretoria, e seus nomes são encaminhados ao Conselho Deliberativo (formado pelo presidente em exercício e o anterior, mais cinco associados honorários eleitos a cada dois anos).

Com o nome aprovado, o indicado passa, então, por um período de experiência que pode variar de seis meses a um ano e meio, quando são avaliados sua dedicação e interesse. Nessa fase, em que o futuro associado é um *prospect*, ele conhece alguns autores, como o empresário brasileiro Donald Stewart Jr., Frédéric Bastiat e Ludwig von Mises, faz a resenha de pelo menos dois desses livros e precisa participar de pelo menos 75% dos encontros das segundas-feiras. No final, seu nome é, novamente, submetido ao Conselho Deliberativo, que decide se ele se tornará ou não membro do IEE.

Como um dos 60 associados efetivos – no início eram 30 –, ele pode participar de todas as atividades de formação proporcionadas pelo Instituto até completar 35 anos de idade (depois disso, pode participar, mas não como efetivo). Durante esse período, precisa frequentar as reuniões semanais e seguir uma bibliografia recomendada – e constantemente atualizada –, dividida por fases ou ciclos de formação, que inclui obras como “Caminho da Servidão”, do economista austríaco F.A. Hayek, os já citados “A Revolta de Atlas”, de Ayn Rand, e “1984”, de George Orwell.

Ao encerrarem seus mandatos, os presidentes tornam-se associados honorários. Os demais, após cinco anos de formação, tendo participado de uma diretoria ou do Conselho Fiscal, também se tornam honorários. Ou, ainda, se tiver pelo menos sete anos de formação como associado, ou até 35 de idade. Não há limite de vagas para honorários.

Todas as segundas-feiras, os associados encontram-se, entre as 19h e as 22h, para as reuniões ordinárias. Nessas ocasiões, podem ocorrer eventos internos, como a apresentação, por algum efetivo, de um estudo de livro (sempre preparado com o aconselhamento de um honorário). São apresentados pelo menos três estudos de livro por ano. Além dessa atividade, as segundas-feiras podem ser dedicadas a debates com um convidado (político,



empresário, intelectual, formador de opinião). É fundamental estudar todos os temas discutidos, debater com convidados, participar dos eventos, escrever resenhas e coordenar grupos de estudo.

No IEE não se há uma turma, como na faculdade. Há eventos acontecendo permanentemente, livros à disposição, oportunidades que cada um aproveita da maneira que quiser.

*“O IEE é como um supermercado, um shopping de oportunidades. Está tudo lá, e você vai escolhendo o que quer. Quanto mais encher seu carrinho, mais vai se desenvolvendo, vai aprendendo a se comunicar, articular ideias”,* diz Bruno Zaffari, presidente da gestão 2013/2014.

Esse “shopping” de oportunidades começou a ser estruturado na gestão do segundo presidente, Roberto Rachewsky, quando foi contratado o primeiro funcionário do IEE - o economista Nino Feoli Anele, como secretário executivo -, foram cobradas as primeiras mensalidades e alugada uma sala para ser a sede, na rua Dona Laura, em Porto Alegre.

Anele tinha 22 anos e havia se formado economista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas não tinha a menor noção do que era liberalismo.

*“Não se falava nisso na faculdade de Economia. O mais ‘liberal’ dos economistas que se estudava na UFRGS era Keynes. Quando tive acesso ao material do IEE (muita coisa do Instituto Liberal), fiquei encantado, vi que existia uma outra visão de mundo”,* conta Anele.

Em 1986, ele ajudou Renato Malcon, então vice-presidente do IEE, a reformar o estatuto que havia sido escrito quando da fundação do Instituto, e foi responsável por providenciar seu registro em cartório. Ali estavam as regras básicas que o associado deveria seguir, como uma frequência mínima nas atividades programadas, a necessidade do convite de um sócio para fazer parte do IEE, a determinação de que ninguém, nem mesmo o presidente, está autorizado a falar em nome do Instituto, a idade mínima para entrar e máxima de permanência, pagamento de mensalidade, composição da diretoria e, quase uma cláusula pétrea, a fixação de mandato de um ano para o presidente, como forma de forçar a troca de liderança e permitir que mais pessoas exercitem a função.

Passado algum tempo da fundação, muitas novidades foram agregadas à rotina dos associados. Entendeu-se que era possível ampliar o escopo e até divulgar as ideias estudadas fora do IEE. O Instituto chegou a comprar um espaço na televisão para colocar no ar o programa “O Rio Grande Questiona”, no qual membros do IEE debatiam com convidados de diferentes correntes de pensamento todos os domingos à noite. O programa era mediado pelo jornalista Flávio Alcaraz Gomes.

O IEE chegou aos 50 associados com um trabalho forte de captação, e foi criado o Conselho, visando preservar a cultura do Instituto e dar a ele longevidade. Na mesma época, ficou decidido que não só o presidente iria coordenar as reuniões ordinárias, mas também toda a diretoria se revezaria nessa tarefa, para exercitar a liderança.

## A FAVOR OU CONTRA?

Na mesma época, foram criados também os júris simulados, uma das atividades mais importantes do IEE. O objetivo é aprofundar o treinamento e preparar os associados para discutir com convicção sobre temas polêmicos escolhidos pela diretoria. Eles ocorrem duas vezes por ano. Para cada assunto em discussão, há uma banca a favor e outra contra. A banca é formada por um sócio efetivo orientado por um honorário (sempre no conceito de “coach”). É um exercício para que os sócios aprendam a defender suas ideias com conteúdo e convicção.

Antes de iniciar o júri, os associados votam em uma das teses que será defendida. Após as argumentações, os debates e as perguntas do público (sem fazer juízo de valor sobre o tema abordado), cada banca faz sua argumentação final, e os associados votam novamente, dessa vez com base no desempenho das bancas e na sua argumentação. Muitas vezes, diante da qualidade e coerência dos argumentos apresentados, eles podem mudar seu voto.

O presidente do IEE, gestão 2014/2015, enfrentou o desafio de defender o socialismo na primeira vez em que um júri do IEE foi aberto ao público, na Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Os associados já discutiram, entre outras coisas, sobre a legalização das drogas, a existência do salário mínimo e a prática do aborto. Neste último caso, em um exercício psicológico de persuasão, a banca que condenou o aborto colocou um vidro coberto com um pano preto sobre a mesa, induzindo o público a pensar tratar-se de um feto. Além disso, contratou uma atriz que, chorando, contou ter feito um aborto clandestino e, por isso, não poder mais ter filhos - ela só revelou estar atuando após o término do júri.

O desafio de fazer um júri simulado no IEE, treinar uma argumentação, antever os argumentos da banca contrária, tudo isso é uma formação de forma de agir e de ver as coisas.

## SAINDO DA ROTINA

Algumas práticas mudam a cada gestão, mas a essência e o objetivo são os mesmos: desenvolver as habilidades necessárias a um bom líder. As últimas diretorias, por exemplo, retomaram um hábito que visa estimular a meritocracia entre os membros e fomentar sua participação nas atividades do Instituto: o de pontuar todas as atividades dos sócios individualmente e também em grupos de formação, sempre coordenados por associados mais seniores e honorários. O ranking dos melhores começa e termina a cada gestão, e tanto os indivíduos como os grupos que se destacam recebem prêmios. O interessante é que esses prêmios são sempre voltados para a formação, como cursos, seminários, crédito para aquisição de livros, etc.

As diretorias sempre se preocuparam em estimular mais a participação dos membros. Já houve, por exemplo, um programa de incentivo que premiava o associado com uma viagem de estudos para o Foundation for Economic Education e para o Cato Institute. Hoje proporciona-se, com grande frequência, viagens à Alemanha e a Portugal.

Há eventos extraordinários, como os seminários que ocorrem todos os anos, em locais retirados, fora de Porto Alegre - já aconteceram em Gramado, Bento Gonçalves, Garopaba, entre outros lugares. Eles duram um final de semana. No sábado pela manhã, os membros do IEE recebem algum convidado especial para debater com eles; à tarde participam de uma dinâmica de grupo, e à noite há um jantar de confraternização do qual podem participar acompanhantes dos associados. É uma das melhores oportunidades de integração proporcionada pelo IEE.

Existem outras formas de aprofundar o treinamento, como as visitas técnicas, quando grupos de associados são recebidos por diretores que apresentam sua empresa, seus processos produtivos e gestão.

Costuma-se dizer que o IEE oferece ao associado oportunidades na mesma medida em que ele se dedica ao Instituto.

*"Eu acredito que essa balança não seja tão equilibrada. O IEE nos oferece muito mais! Recentemente, pude viajar à Venezuela e à Bolívia representando o Instituto", diz Frederico Hilzendege, gestão 2014/2015. "Deparei-me com países angustiados, convulsionando na busca por um ambiente mais livre, tendo participado de eventos em defesa da liberdade com o intuito de defender e promover alternativas aos regimes bolivarianos que se instauraram naqueles países."*

Também há realizações eventuais do IEE. Uma delas, com bastante repercussão, eram os Fóruns Universidade-Empresa, em que um empresário ia contar algum "case" de negócio para a plateia jovem que lotava a PUC (Pontifícia Universidade Católica).

## PENSAMENTOS LIBERAIS

Desde 1994, o IEE publica, anualmente, algumas semanas antes do Fórum da Liberdade, o livro *"Pensamentos Liberais"*. Associados e, eventualmente, alguns convidados escrevem artigos com 10 a 15 páginas sobre o tema que será discutido no Fórum seguinte. Inicialmente o livro era entregue apenas para associados, e alguns exemplares eram doados para bibliotecas e para o Congresso Nacional. No Fórum de 2014, ele começou a ser oferecido a todas as pessoas que participam do evento. Para isso, foram impressos 5.000 exemplares.

Foi uma inovação importante, já que é uma forma de divulgar mais esse conteúdo gerado no Instituto. E é um estímulo e uma responsabilidade a mais para o associado que escreve.

Além do livro produzido no IEE, houve outras experiências de distribuição de publicações de cunho liberal no Fórum da Liberdade, como *"As Seis Lições"*, de Mises, que ganhou reimpressão do Instituto, assim como um conjunto de ensaios do economista Frédéric Bastiat.

O primeiro veículo de comunicação do IEE, ainda nos anos 80, foi um jornalzinho chamado *"Proposta"*. Ele teve vida curta, mas, com uma tiragem de cerca de 2.000 exemplares, era distribuído gratuitamente para um mailing de empresários e políticos.

Atualmente, os participantes do IEE podem escrever, mensalmente, artigos sobre temas atuais e relevantes ao empreendedorismo no Fórum da Liberdade Insights, que ocu-

IMPRESSO

**PROPOSTA**

UMA PUBLICAÇÃO DO

**INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS**

PORTO PAGO  
ISR - 49-397/87  
DR/RS

Ano 5 N.º 27 - Porto Alegre, Julho/Agosto 1990

**Cai o Muro, cai um símbolo**

Leia página 4



Brasil / Argentina, a integração liberal  
Pág. 5

Quem paga o salário é o consumidor  
Pág. 6

Os 100 dias do Plano Collor  
Pág. 8

pou o espaço da revista *Leader*, que era publicada desde 1997 e atualizada bimestralmente na internet.

A ideia de fazer a substituição surgiu a partir da percepção de que a marca do Fórum era muito forte e poderia ser mais bem explorada com essa nova maneira de divulgar as ideias liberais. Deu certo. O Insights deu ao conteúdo uma visibilidade que o IEE não tinha com a revista *Leader*. Até na mídia começaram a aparecer algumas frases tiradas de artigos do Insights. Também é possível vê-los compartilhados no Facebook, trazendo uma maior repercussão para a *fanpage* do Fórum da Liberdade.

Outra forma de manter o nível de discussões que o Fórum proporciona e aproveitar melhor a marca foi criação dos Colóquios do Fórum da Liberdade. Duas vezes por ano, são promovidos painéis como os que ocorrem no Fórum, mas somente para convidados – empresários, parceiros e formadores de opinião. Os painéis, que ocorrem em agosto e novembro, não têm o mesmo tema que será discutido no Fórum. Já foram discutidos assuntos atuais, como “Caminhos da América Latina” e “Fazendo Negócios no Brasil”, reunindo entre 150 e 200 pessoas. Mesmo não sendo abertos ao público, esses eventos tiveram uma boa repercussão na mídia, já que envolveram palestrantes importantes, como o economista e político argentino Ricardo Lopez Murphy e o economista e filósofo mexicano Arturo Damm Arnal.

Participar da diretoria é uma ótima oportunidade de organizar eventos como esses, mas traz outras vantagens aos associados. Além de ser uma etapa importante na formação, esse envolvimento os leva a ter experiências únicas, como conversar com os patrocinadores, contatar convidados ilustres e organizar um Fórum da Liberdade. Um dos momentos mais esperados por cada novo grupo que chega à direção do IEE é uma espécie de ritual que já se tornou lenda entre os associados: a reunião com Jorge Gerdau Johannpeter. O empresário acomoda-se sobre duas cadeiras e pergunta: “Como é que está o nosso IEE?”.

Gerdau foi o primeiro agraciado com o Prêmio Libertas, troféu entregue desde 1997 pelos associados do IEE a empreendedores que se destacam no trabalho pela valorização dos princípios da economia de mercado e pelo respeito ao Estado de Direito democrático. Criado em comemoração aos primeiros dez anos do Fórum da Liberdade, ele é entregue durante o evento.

Dez anos depois, em 2007, foi criada uma nova premiação, dessa vez com o objetivo de homenagear indivíduos dedicados ao desenvolvimento do pensamento crítico e à defesa e valorização da liberdade de imprensa. O Prêmio Liberdade de Imprensa, também apresentado durante o Fórum, recentemente chegou às mãos da jornalista cubana Yoani Sánchez. No caso dela, os associados tiveram de ir a Cuba entregar o prêmio, já que a blogueira estava proibida de viajar ao exterior pelo governo de seu país.

## OS CAPÍTULOS

Em meados dos anos 90, William Ling percorreu o Brasil fazendo reuniões e seminários sobre o IEE. Tentou replicar o trabalho em outros estados, mas não teve êxito. Mais tarde, algumas diretorias chegaram a criar capítulos em outros estados. A primeira oportunidade ocorreu em 2005. Após participar de um evento do IEE (Fórum Universidade-Empresa), o então presidente da Localiza, Salim Mattar, quis levar o modelo para Minas Gerais. Em 2006, após mais de 20 anos de existência, o IEE abria suas portas fora do Rio Grande do Sul. De quebra, foi realizado o primeiro Fórum da Liberdade fora de Porto Alegre, na cidade de Curitiba. No mesmo ano, após uma palestra para os associados, o empresário paulista David Feffer também demonstrou interesse em levar o IEE para São Paulo, o que aconteceu em 2007.

Em 2009, havia dois capítulos. O de Belo Horizonte, já bem estruturado, e o de São Paulo, ainda se organizando. Nos anos seguintes, eles cresceram, e aconteceu o primeiro Fórum da Liberdade na capital mineira. A essa altura, os capítulos já ensaiavam uma atuação independente. Vinculados ao IEE, eles teriam de preservar tudo aquilo que havia sido construído ao longo dos anos na capital gaúcha e teriam menos autonomia. Além disso, com o tempo, acabou se tornando difícil para a diretoria do IEE em Porto Alegre administrá-los.

Tudo isso resultou na independência dos capítulos de São Paulo e Belo Horizonte. Eles adotaram o nome de Instituto de Formação de Líderes e permanecem como importantes parceiros do IEE, compartilhando os mesmos valores e princípios, além da preocupação com a formação de líderes. Referência deve ser feita, ainda, ao Líderes do Amanhã, instituto criado em 2011, no Espírito Santo, que se estabeleceu de forma muito rápida, consolidando a importância da defesa da liberdade e da formação de pessoas. O IEE gaúcho foi apenas uma espécie de benchmarking para os jovens de Vitória, que criaram seu próprio modelo, absolutamente autônomo.

## ANDRÉ GOMES BURGER

1992-1993

### O IEE E EU

Meu primeiro contato com o IEE foi em 1990, por um convite do Ernesto Neugebauer para assistir a um seminário na FIERGS sobre economia de mercado. O convite foi acompanhado pelo livro “As seis lições”, de Mises, de quem jamais tinha ouvido falar. Acabei indo e fiquei encantado com os dois palestrantes: Alberto Benegas Lynch (h) e Eduardo Marty. Meu conhecimento sobre o livre mercado e o liberalismo se limitava aos livros “O caminho da servidão”, de Hayek, e “Liberdade de escolher”, de Friedman, ambas leituras sugeridas por meu pai, sabedor das minhas constantes discussões com professores e colegas da graduação em economia na UFRGS. No mestrado em Administração, tive acesso a alguns textos de Karl Popper e em especial a alguns capítulos da sua *magnum opus*, “A sociedade aberta e seus inimigos”. Muito tempo depois, li por completo esse livro, que hoje considero o melhor argumento filosófico contra os totalitarismos e socialismo de qualquer nuance. Ou seja, pouco conhecia do assunto, e a palestra me encheu de curiosidade sobre o IEE e o que se discutia lá. Era uma honra ser convidado a se associar. O convite veio alguns meses depois. Estava na presidência do Instituto o Eduardo Araujo Santos. Minhas primeiras participações nos jantares-debates foram uma mistura de incredulidade e satisfação. A

primeira, por ver pessoas da minha faixa etária debatendo fortemente com personagens conhecidos do mundo político e empresarial brasileiro - como o inesquecível debate com João Sayad, ministro do planejamento de Sarney, que saiu atônito do jantar pelas ideias de privatização e Estado diminuto que os membros do IEE defendiam. E satisfação por me dar conta de que muitos, como eu, imaginavam alternativas político-econômicas e empresariais que saíssem do tradicional clientelismo paternalista brasileiro. Por outro lado, ficou claro, nessa época, que havia um mundo a aprender e, portanto, muitas leituras a serem feitas.

Faço aqui um parêntese para mencionar minha introdução à Escola Austríaca de Economia e à filosofia de Ayn Rand. Isso aconteceu quando encontrei Cândido Prunes, casualmente, em New York, naquele ano de 1990. Além de me convidar para conhecer a Foundation for Economic Education numa pitoresca viagem de 50 minutos até Irvington-on-Hudson, levou-me à hoje extinta Laissez Faire Bookstore, na Mercer Street. Lá encontrei um mundo de leituras que nem suspeitava, tendo Ayn Rand como prato principal desse banquete de ideias. Nessa viagem, pré-Amazon, paguei excesso de bagagem pela quantidade de livros que trouxe para casa. O resultado foi um incremento considerável em minha biblioteca, a descoberta

dos austríacos, a introdução ao objetivismo e a outros autores libertários como Murray Rothbard, David Friedman e Walter Block, além do desejo de voltar muitas vezes àquela pequena livraria no Village e pegar o trem até Irvington-on-Hudson.

Digamos que esse tenha sido meu passeio pelo liberalismo. O mergulho completo aconteceu quando, em 1991, André Loiferman, recém-saído da presidência do IEE, me perguntou se teria interesse em passar uns meses estudando teoria econômica da Escola Austríaca em Buenos Aires. Na época vivíamos o auge do Plano Collor por aqui e o Plano Austral na Argentina. Ou seja, teria de pedir um período sabático sem remuneração para gastar em dólares na Argentina. Um péssimo

trade-off. Para os que conhecem o Loiferman, sabem que é difícil recusar seus convites. Assim aceitei, como sete outros, participar desse programa desenvolvido pelo Instituto Liberal do RS (hoje Instituto Liberdade). Éramos um grupo de economistas, advogados e jornalistas que iriam fazer uma imersão em Escola Austríaca. O curso foi montado na ESEADE (Escuela Superior de Economía y Administración), na época dirigida por Alberto Benegas Lynch (h) e tendo por professores os mestres, aqui no sentido de admiração, o próprio Alberto, Eduardo Marty, Ezequiel Gallo, Gabriel Zanotti, Juan Carlos Cachanosky e Ricardo Rojas. Tenho a sorte de manter-me em contato com eles ainda hoje.

Jantar-debate



1991 já estava no fim quando voltei a Porto Alegre. Em seguida me deparei com dois convites honrosos, mas conflitantes. Carlos Biedermann, então presidente do IL-RS, e Carlos Smith, ambos IEE boys, me convidam para assumir a presidência do IL-RS. Coincidentemente, na mesma semana, Daniel Tevah, então presidente do IEE, me convidava para sucedê-lo. Decidi pelo IEE. Iniciei a gestão em abril de 1992. Consegui montar o que me pareceu ser a diretoria *dream team*: Marcelo Martinez como vice-presidente, tendo como diretores Ernesto Neugebauer, Paulo Bing, Roy Ashton e Wilson Ling. A todos tenho muito a agradecer pela amizade, aprendizado, capacidade de trabalho, companheirismo e críticas bem fundamentadas.

Vivíamos um período conturbado. Na política, o presidente Fernando

Collor já tinha ultrapassado o limite da prudência na individualização do dinheiro público e inabilidade política e lutou para se manter no poder até renunciar no final do ano. Discutia-se o primeiro processo de impeachment de um presidente brasileiro. Políticos famosos morreram naquele ano - Jânio Quadros e Ulisses Guimarães - aquecendo ainda mais o debate político. A economia seguia com uma inflação de 1.000% ao ano (o IPCA foi de 1.119% em 1992), comparável ao desempenho de Sarney, quando chegou a 1.973% em 1989.

Além das atividades tradicionais do IEE, o desafio era fazer com que seus associados participassem mais e melhor. Criamos um programa de incentivo, com o patrocínio do extinto Banco de Boston, que fomentava a participação e o estudo. Os mais bem-sucedidos participariam

de cursos no exterior em instituições como na FEE, IHS, Cato, Heritage e PERC<sup>1</sup>. Acredito que isso tenha sido o embrião do atual sistema meritocrático em vigor no Instituto.

O impeachment de Collor e uma esperada revisão da Constituição, a acontecer em 1994, nos empurraram para discutir, no Fórum da Liberdade seguinte, questões constitucionais. Com esse tema norteando nossas ações, traduzimos e publicamos o livro de Bruno Leoni "A liberdade e a lei", para aprendermos efetivamente o que é lei e qual deve ser sua abrangência. Nessa tradução tive o insólito diálogo com Peter Ashton, pai do Roy, a quem pedi que fizesse a revisão da tradução. O Dr. Peter, um reconhecido advogado e professor de Direito em Porto Alegre, e com inglês nativo, era a pessoa adequada para a tarefa. Solícito, pediu-me duas semanas para ler o trabalho, mas em dois dias me liga perguntando se tínhamos realmente a intenção de publicar o livro de Leoni, pois o considerava uma heresia jurídica. Acabei revisando eu mesmo com a inestimável ajuda do Paulo Bing. Dentro do tema, trouxemos a Porto Alegre para uma palestra Bernard Siegan, conhecido constitucionalista americano, e preparamos para edição o seu livro "Drafting a Constitution for a Nation or Republic Emerging into Freedom", que, por falta de dinheiro, acabamos não publicando. Fico imaginando se teríamos uma Constituição melhor caso alguns dos constituintes o tivesse lido.

Numa reunião da diretoria, conversávamos sobre a morte de Frie-

drich Hayek, ocorrida naquele ano. O curioso é que ele era o único Prêmio Nobel de Economia que havia estado no Rio Grande do Sul, mas que, por ignorância dos porto-alegrenses, nem parou na capital, indo direto palestrar na Universidade de Santa Maria por indicação de Henry Maksoud, que o levou em seu jatinho. Surgiu daí o desafio de levarmos ao Fórum da Liberdade um Prêmio Nobel. Com o auxílio do Liberty Fund, na pessoa de Emilio Pacheco, montamos um roteiro de viagem aos EUA que foi muito proveitosa. Conseguimos atrair para o Fórum, além do professor James Buchanan, Prêmio Nobel de Economia de 1986, Richard Epstein, professor de Direito Constitucional na Universidade de Chicago, e Douglas Ginsburg, juiz federal da Corte de Apelações dos Estados Unidos. Com esses três personagens e suas esposas (Buchanan veio sozinho), passamos o fim de semana que antecedeu ao Fórum na cidade de Gramado. Esses dias certamente estão entre as melhores lembranças do período na presidência do IEE. Das várias histórias da ocasião, lembro do juiz Ginsburg contar como sua indicação para a Suprema Corte, feita por Reagan, foi rejeitada na sabatina do Senado quando assumiu ter fu-

"Eu não tenho dúvidas, o network que o IEE permite, a facilidade que se tem de conversar com quem você quiser, dentro ou fora do Instituto, por ser membro, é muito importante. Eu compararia ao que as universidades americanas proporcionam aos seus ex-alunos. Mais importante do que você ter estudado em Harvard ou Stanford, é poder dizer que fulano foi teu aluno, teu colega, ou estava um ano na sua frente, ou um ano depois, ou passou por lá. Com isso, você passa a ter acesso às pessoas. Por exemplo, um ex-aluno de Harvard, ele tem para o resto da vida um e-mail da universidade, e só o fato de você ter isso facilita teu acesso a outras pessoas que lá passaram. Mesmo que você nunca tenha ouvido falar ou conhecido pessoalmente. Isso é uma consequência não prevista, mas acho que é uma das coisas mais valiosas individualmente que ele proporcionava às pessoas.

Jantar-debate: Paulo Rabello de Castro



<sup>1</sup> FEE: Foundation for Economic Education; IHS: The Institute for Humane Studies; PERC: The Property and Environment Research Center.

mado maconha na juventude. Vale lembrar que Bill Clinton se elegeu presidente em 1992 e, quando perguntado, afirmou que tinha fumado, mas sem tragar.

O Fórum de 1993 teve o título “O desafio da Reforma Constitucional”, e, além desses luminares, contamos, entre outros, com os já falecidos Roberto Campos e Henry Maksoud. Ambos demandariam outras tantas páginas para contar sua passagem naquele Fórum.

Para os mais novos entenderem o estado da tecnologia em 1993, a telefonia celular estava no início – o primeiro SMS havia sido enviado em dezembro de 1992. Fomos ousados e alugamos dois celulares da estatal CRT para facilitar nossa comunicação durante o Fórum.

Sendo menos anedótico e respondendo sobre desafios e aprendizados durante a gestão, posso afirmar que os desafios se dão em dois planos: no pessoal, ao exercitar a negociação entre pares, o que não acontece muitas vezes dentro da empresa, e ao incentivar o uso de *network*, aliás, o maior ativo para aqueles que viveram o IEE. No plano institucional, ao permitir, ou mesmo exigir, posicionamentos perante a sociedade nos quais se deve deixar claro que os princípios defendidos, pelo IEE e seus membros, são *fruto de estudo* do que poderia ser mais benéfico para a sociedade como um todo, e não interesses de um aglomerado empresarial. Já os aprendizados foram inúmeros, pois no IEE me obriguei a ler muito e a estar aberto a novas ideias: me permitir ver o mundo sob várias perspectivas, rever conceitos e, como economista, pôr no lixo boa parte

do aprendizado formal recebido na universidade. Considero o IEE uma pós-graduação (talvez mais espontânea do que poderia imaginar seu idealizador) na qual se aprende na medida de seu interesse e se cultivam amizades e relacionamentos também na medida da capacidade e interesse de *networking* de cada um. O que não posso dizer é que o IEE não fez diferença na minha vida. Obrigado, William.

## ROY WARNCKE ASHTON

1993-1994

### O INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS: UMA NOVA FORMA DE ENTENDER O MUNDO

Uma das obras que mais me marcou, ao sair da adolescência e tornar-me adulto, deparado com a dura realidade de ter que estabelecer uma vida própria, foi a obra épica de Max Weber, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, que ganhei de presente de meu avô materno, Hans Warncke, no Natal de 1985, ao completar 25 anos de idade.

O argumento de Weber me desafiou em meu entendimento ainda limitado das sociedades, ao prover uma explicação simples mas também profunda de por que se desenvolve a pobreza nas sociedades contemporâneas: seria a ausência da riqueza realmente fruto da influência religiosa extemporânea do catolicismo, e a presença de riqueza fruto da ética reformadora do luteranismo? O desafio de entender tais noções me abriu a mente para ingressar no IEE, em 1993, a convite de meu amigo Paulo Afonso Feijó.

Ao aprofundar-me mais e mais nas teses de Max Weber, percebi que o problema da riqueza/pobreza nas sociedades ia muito além das teses eclesiais, embora se encontrasse nelas grande parte da origem dos problemas socioeconômicos da atualidade. E por falar em atualidade, pela primeira vez me pareceu realmente atual o texto de Adam Smith “*An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of*

*Nations*”, ou simplesmente “A riqueza das nações”. Fascinado pela descoberta de um novo pensamento que eu reputava libertador e importante para o Brasil, atendi ao convite de Feijó e filiei-me ao IEE em – se não me falha a memória – 1991.

De pronto conheci pessoas das quais iria tornar-me amigo: o IEE estava repleto de gente inteligente e interessada no liberalismo. Para citar alguns com os quais recordo longas (e muitas vezes acaloradas) discussões em nossos encontros semanais de segundas-feiras, sobre as virtudes do liberalismo em comparação a outras vertentes ideológicas, estão o impagável André Burger, o teimosíssimo André Loiferman, o introspectivo Ernesto Neugebauer e o sempre referencial Wilson Ling. Mas não apenas membros do IEE me influenciaram, também o fizeram muitos dos convidados externos que de vez em quando lográvamos trazer aos encontros regulares. Dentre esses, deixaram impressões duradouras o prof. Walter Block, com seu controverso livro “*Defending the Undefendable*”, e Donald Steward Jr., um de nossos “gurus” liberais, também então presidente do Instituto Liberal.

Em 1993 tornei-me, pela primeira vez, diretor do IEE, com a responsabilidade pela área de eventos. Recordo-me de uma diretoria muito unida e dedicada, sob a batuta



"Acredito que o IEE, com seu trabalho intensivo e comprometido em prol da liberdade e da propriedade individual, do Estado de Direito e da economia de mercado, foi e segue sendo uma importante força motriz nesse processo de desenvolvimento"

disciplinadora de André Burger. O ferrenho entusiasmo de André tornava meu trabalho fácil e motivante, e para toda e qualquer iniciativa - desde que o convidado fosse absolutamente liberal - eu tinha *carte blanche* do meu presidente. Nessa gestão a esquerda não tinha chances. E veio o primeiro Fórum da Liberdade, no qual eu tinha uma responsabilidade tão efetiva como grande, como diretor de eventos: o VI Fórum, cujo tema escolhido foi a Reforma Constitucional, já que 1993 fora o ano de uma reforma constitucional que, entre outros pontos focais, pretendia reformar o sistema econômico do país, no que todos víamos uma grande oportunidade para a participação ativa do Instituto. Assim foi, e o Fórum foi um enorme sucesso.

Tivemos muita evidência midiática, o que em parte se devia ao calibre dos palestrantes: James Buchanan (Nobel de Economia), Rick Epstein (Chicago University), Ives Gandra, Nelson Jobim, Bobby Fields, aliás, Roberto Campos, Douglas Guinsburg (da Corte de Apelações dos EUA), nosso amigo Paulo Rabello de Castro e, para um contraponto ao menos um pouco mais forte, Aloísio Mercadante. André e eu havíamos feito uma turnê pelos EUA conhecendo *think tanks* e possíveis palestrantes para o Fórum, o que facilitou em muito o processo de convencimento de expoentes como Buchanan e Epstein para que viessem a Porto Alegre. No Liberty Fund em Indianápolis, numa conversa com Emílio Pacheco e Bill Dennis, surgiu pela primeira vez a ideia para a série Pensamentos Liberais, que iniciáramos no ano seguinte,

após o Fórum sobre a "Educação em Crise". Visitamos a maioria dos institutos afins, como CATO; PERC, em Montana (Terry Anderson); University of Virginia (Walter E. Williams); Heritage Foundation; Israel Kirzner, na NYU; Daniel Friedman, em Irvington-on-Hudson; e a Future of Freedom Foundation, no Colorado, que tinha, já então, o divertidíssimo Jacob Hornberger como presidente. Nosso diretor financeiro era o Wilson Ling, sempre criterioso com relação às despesas que fazíamos, mas também um grande apoiador dos projetos do presidente André Burger. Lembro-me de que, sob a batuta econômica do Wilson, obtivemos um dos mais gordos patrocínios na história do Fórum até então.

Não me esqueço ainda do entusiasmo do André Burger e também do então novo associado Carlos Souto com a pretensa série Pensamentos Liberais. Tínhamos receio de nos expor em demasia, mas com um economista libertário e um bom advogado à frente da ideia, os riscos pareciam significativamente menores para nós e para o IEE. Lembro-me ainda de que uma de minhas críticas ao trabalho do IEE era que se estudava pouco, que tínhamos de ter mais conhecimento e informação para poder debater com pessoas do nível daquelas que estávamos convidando para nossos eventos. Os artigos em Pensamentos Liberais deveriam também incentivar esse estudo mais intenso e dedicado, e em paralelo criamos, com patrocínio do Banco de Boston (Ricardo Meirelles, presidente), o Prêmio Incentivo IEE, que logo se denominaria Prêmio "Asa Delta". O vencedor da primeira edição do Prêmio Incentivo IEE/

Banco de Boston foi nosso querido e sempre humilde e introspectivo André Silveiro, que ganhou uma viagem de estudos aos Estados Unidos.

Veio então o VII Fórum da Liberdade, que trouxe consigo um desafio particularmente grande para mim: eu havia sido eleito presidente do IEE para 1994. Compus uma diretoria o mais unida possível, e como não poderia deixar de ser, queria meu mentor e amigo Paulo Afonso Feijó como vice. Paulo estava assoberbado com suas novas responsabilidades como presidente da ABRAS, mas ainda assim aceitou meu convite. Os diretores nominados eram Áureo Villagra (que eu havia convidado a ingressar no IEE), Carlos Araújo Santos, Carlos Souto e Victor Hugo Boff.

Nos vimos assim diante do desafio da escolha do tema para o Fórum. Minha proposta inicial era o tema educação, que encontrou certa resistência interna devido à noção de que talvez fosse um assunto demasiadamente "genérico" e de baixo impacto político. Baseei meu trabalho de convencimento na argumentação de que a educação era a base para que o indivíduo pudesse discernir e decidir, e que o esclarecimento pessoal levaria a pessoa, naturalmente, a escolher ou eleger o sistema sociopolítico mais justo e eficaz na geração de riqueza: o liberalismo.

Após alguma discussão, o tema foi aprovado, e decidimos acrescentar as palavras "em crise" para remeter à situação lamentável do

Jantar-debate: Antônio Britto



ensino público brasileiro, que sofria com problemas estruturais gravíssimos, além de ser constantemente usado como plataforma política de demagogos e populistas como Leonel Brizola, que obteve uma significativa vitória política no Rio de Janeiro, justamente capitalizando em cima de suas obras na área da educação. Convidamos Brizola, e ele se deu conta de que estava indo para um “abatedouro” do qual sairia com grande prejuízo político. Apesar de problemas de saúde, mostrou coragem e aceitou nosso convite, e, mesmo com uma palestra repleta de demagogia socialista (o que esperávamos), mostrou o grande orador e político que era. Havíamos dado à oposição ideológica um painel privilegiado de discussões em torno do tema, o que sempre foi princípio do Fórum da Liberdade. Brizola viria a falecer no Rio dez anos mais tarde. Tarso Genro (PT), então prefeito de Porto Alegre, me comentou, num intervalo, que apreciava muito essa faceta do Fórum, de dar voz a todas as opiniões, caracterizando nosso trabalho de “maduro e qualificado”.

A reticência de Brizola era compreensível face ao perfil dos convidados: Gary Becker (Nobel de Economia), Jacob Hornberger (FFF), Leandro Cantó (CATO), Paulo Rabello de Castro (FGV), Marco Garcia (coordenador do programa de governo do PT), Juan Benfeldt (Centro de Estudos Econômicos e Sociais) e, *last but certainly not least*, o controverso Paulo Maluf, então prefeito de São Paulo, que, por sua longevidade política e prolífica loquacidade, lembra o italiano Silvio Berlusconi. Aliás, um dos momentos

(para mim) inesquecíveis desse Fórum, documentado em <http://fff.org/explore-freedom/article/libertarian-visits-south-america/>, foi quando Paulo Maluf iniciou sua palestra dizendo que o Brasil deveria imitar o sistema educacional dos EUA. Jacob Hornberger, que estava sentado ao meu lado, ficou preocupadíssimo, pois ele iria criticar severamente o sistema educacional americano, por ser antiliberal. Jacob sussurrou-me ao ouvido: “Roy, você sabe o que eu vou falar, não é?”. Eu apenas lhe devolvi: “Por que você acha que eu o convidei?”. Com um sorriso de satisfação, Jacob reclinou-se na cadeira e ouviu atentamente à palestra de Maluf. Quando veio sua vez de falar, Jacob Hornberger proferiu uma palestra tão brilhante quanto eloquente, com forte crítica ao que havia dito Paulo Maluf, e – incrível – nosso Dr. Maluf começa a fazer anotações...! Um dos novos membros naquele ano era Felipe S. Goron, que veio a ser presidente do IEE em 1998. Jacob Hornberger foi, creio eu, uma das grandes influências no maravilhoso trabalho que Felipe prestou em seus anos de IEE.

Investimos, em 1994, muitos esforços em trazer palestrantes externos de gabarito internacional também para os nossos eventos regulares. Entre esses me recordo de excelentes debates com Jacob Hornberger, Walter E. Williams, Francis Fukuyama, Hans-Hermann Hoppe (um dos economistas eméritos da assim chamada Escola Austríaca, fundada por Hayek e Mises), Walter Block e também Emílio Pacheco, do CATO. Do Brasil, sempre presente, nosso querido Jorge Gerdau Johannpeter, o inesquecível Henry Maksoud (que uma

vez veio com seu jatinho só para o evento de segunda), Paulo Rabello de Castro e Donald Stewart Jr.

No ano seguinte, foi a vez de Carlos Souto como presidente do IEE. Eu já sabia da sua grande capacidade organizacional e de seu fascínio pelo livre-comércio. Como não poderia deixar de ser, Caco, como o chamávamos afetivamente, fez o VIII Fórum da Liberdade sobre “Globalização e Livre Comércio Internacional”. A mim pareceu que esse foi um dos maiores e melhores Fóruns dos cinco aos quais assisti. O escritor peruano e prêmio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa, e Israel Kirzner deram brilho especial ao evento e dominaram as discussões com um debate intelectualmente elevadíssimo, mas também

original em sua universalidade. Também Roberto Campos foi brilhante nesse Fórum, com seu humor fino e sarcasmo explícito. Eduardo Gianetti da Fonseca foi um mediador à altura do nível intelectual dos debates.

No jantar oficial do Fórum, sentado ao lado de Roberto Campos, este me contava que, numa conversa com Henry Kissinger em Washington, este o acusara de ser contraditório em suas posições políticas. Campos, então, lhe respondera de bate-pronto: “Caro Henry, a contradição é um privilégio das mulheres bonitas e dos homens inteligentes...”. Da conversa que tivemos então, surgiu a ideia de criar um instituto de ciência política que levaria seu nome, o Instituto Roberto Campos. Este seria flanqueado pelo IL e pelo

Jantar-debate: Jorge Gerdau Johannpeter





IEE e teria como foco a discussão política em torno do liberalismo, em especial do liberalismo econômico. Uma condição de Roberto Campos era que todo material a ser publicado fosse por ele revisado, o que acabou por dificultar a publicação intensiva que se pretendia, por conta de seus crescentes problemas de saúde. Roberto Campos viria a falecer seis anos mais tarde, em 2001, no Rio de Janeiro, com o que encerramos as já poucas atividades do IRC.

A partir de 1996, passei a ter menos e menos tempo por conta de crescentes compromissos profissionais, e fui reduzindo minhas atividades no IEE. O que ficou daqueles cinco anos (1991-1995) de participação efetiva foram um aprendizado formidável e muitas amizades, algumas das quais perduram até hoje, quase 20 anos mais tarde. Vivo atualmente na Alemanha, e hoje me deparo com uma realidade socio-política e econômica rica, decorrente em grande medida das ideias liberais da escola de Fraiburgo (Walter Eucken e, mais tarde, Ludwig Erhardt), uma linha de pensamento liberal embasada fortemente nas teses da Escola Austríaca de Friedrich August von Hayek. Com essa linha ideológica de livre mercado e Estado de Direito, a Alemanha logrou não apenas reconstruir o país após 1945, mas também transformá-lo na quarta economia mundial, em menos de 60 anos.

O Brasil melhorou. Apesar de todos os seus renitentes problemas estruturais, o país alcançará o ano de 2016 como quinta economia mundial, atrás apenas da Alemanha, do Japão, da China e dos Estados

Unidos. Isso mostra que não fizemos tudo errado, em muitas coisas há que se ter acertado. Acredito que o IEE, com seu trabalho intensivo e comprometido em prol da liberdade e da propriedade individual, do Estado de Direito e da economia de mercado, foi e segue sendo uma importante força motriz nesse processo de desenvolvimento. Obrigado e parabéns, IEE.

## CARLOS SOUTO

1994-1995

### 20 ANOS DEPOIS

○ Brasil é um país de contradições profundas.

De porte continental, rico em recursos naturais, com população pacífica, multicultural, com mobilidade social, é repleto de oportunidades.

Ao mesmo tempo, em pleno contraste, é um país com instituições frágeis. Sempre emergente, não evolui da retaguarda quando comparado a outras nações.

Por que, com todas as suas virtudes e potenciais, o país, historicamente, insiste em não progredir?

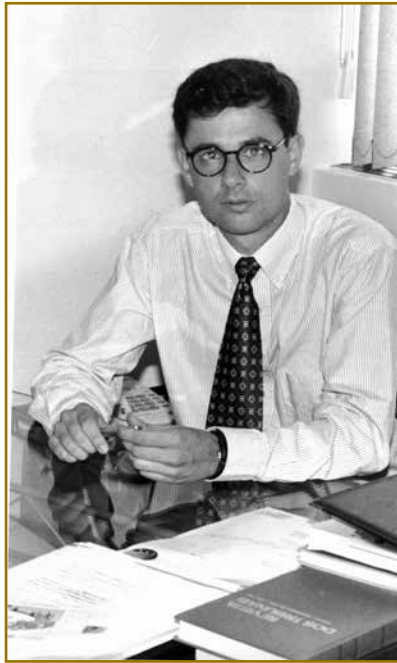
São várias as razões. As mais aparentes e relevantes desembocam no excesso de intervencionismo estatal. O intervencionismo é uma exigência da nossa cultura, que insiste em olhar apenas para o curto prazo e não tem compromisso na associação da causa à consequência.

Como substrato, essa mesma cultura que desconsidera o futuro é impregnada de preconceito contra o lucro (e o trabalho) e tem no paternalismo um de seus traços mais significativos. No Brasil lucrar é como cometer um abuso, e trabalhar é coisa menor. Resta aproveitar-se do Estado para progredir na vida, e isso vira o objetivo de muitos. Nada como ser amigo do rei. Na relação com o pai-Estado, vale tudo para se obterem benefícios. E eles, como projeto de poder, são concedidos em profusão, a qualquer custo.

O intrigante é que não há desenvolvimento, geração de riqueza e progresso sem lucro e sem trabalho. Além disso, nenhum Estado gera valor ou cria riqueza. É o contrário. O Estado, quando age, investe ou gasta, o faz mediante a expropriação de recursos de terceiros, que efetivamente produziram e que do Estado pouquíssimo recebem em troca. E se o bolo a ser repartido pelo Estado tem de crescer porque há a cada dia mais esfomeados em torno dele, mais tributos têm de ser cobrados e, com isso, mais dificuldades têm de ser impostas àqueles que efetivamente produzem e movimentam o motor do país.

Como o DNA brasileiro é feito dessa cultura inoxidável, adquirimos o hábito de envenenar mais e mais o paciente, no lugar de ministrar a correta medicação (suspender o veneno já seria fantástico).

Em meio a esse pano de fundo, surge no Brasil, há 30 anos, o Instituto de Estudos Empresariais, o IEE, como uma das poucas vozes dissonantes nesse marasmo de frustrações institucionais. Com foco na formação de lideranças empresariais, o IEE, desde a sua fundação, reúne jovens empresários para - e aqui está a sua ousadia - estudar, defender e divulgar, no seu processo de formação, ideias. Sempre orientado pela defesa do livre mercado, do Estado de Direito e da liberdade individual, os valores perseguidos



"Eu tinha em torno de 24 anos quando entrei no IEE. Foi uma sorte tremenda. Advogado formado, sócio de um escritório, jamais tinha ouvido falar em Hayek, Mises, Rand, Rothbard; pouco ou nada sabia a respeito de Smith, Hume, Bastiat, Popper, Friedman, entre outros. Foi uma surpresa e tanto. Parecia que temas obscuros finalmente eram brindados pela luz do dia."

no IEE proporcionam uma alternativa ao caldo cultural antes descrito. Afinal, esses valores são incompatíveis com o excesso de Estado e com toda e qualquer medida, como é o caso do paternalismo, que retira do indivíduo a responsabilidade e a alegria de perseguir, por si mesmo, a própria felicidade.

Poucos anos depois de sua fundação, o IEE entrou em minha vida. Eu tinha em torno de 24 anos. Foi uma sorte tremenda. Advogado formado, sócio de um escritório, jamais tinha ouvido falar em Hayek, Mises, Rand, Rothbard; pouco ou nada sabia a respeito de Smith, Hume, Bastiat, Popper, Friedman, entre tantos outros. Foi uma surpresa e tanto. Parecia que temas obscuros finalmente eram brindados pela luz do dia.

Na mesma época que estudava o recém-chegado Código de Proteção e Defesa do Consumidor, aprendia, no IEE, que a melhor proteção para o consumidor, a despeito de normas e códigos, era o que estava na lei econômica: a franca e irrestrita competição.

Enquanto lia nos livros de direito que a igualdade consistia em tratar desigualmente os desiguais - daí, por exemplo, o pressuposto da legislação trabalhista -, aprendia no IEE que igualdade não deveria ser a igualdade de resultados, ou de oportunidades, mas, sim, a igualdade de todos perante a lei, sem distinção.

Assim como percebia a progressão do conceito de justiça social, ouvia no IEE que essa expressão era uma evidente redundância; afinal, não se pode falar em justiça que não seja social. Percebia, assim,

que a manipulação da linguagem era ferramenta sórdida na busca do poder a qualquer preço. Veja-se outro exemplo: a função social da propriedade. A propriedade deve servir aos interesses de quem a tem, e não a funções deliberadas por legisladores.

Nos jornais, lia que empresários e governos acertavam, com amplo apoio político, medidas de proteção à indústria nacional (e, de resto, aos empregos envolvidos). Aprendia, no IEE, que esse nacionalismo exacerbado e esse protecionismo reiterado eram um mal. Prejudicavam os consumidores, submetidos a produtos e serviços caros e desqualificados, impediam a geração de muito mais empregos (as aberturas econômicas mostram esse efeito) e firmavam a cultura baseada no favor, e não no mérito. Afinal, antes o conchavo para a autoproteção do que a concorrência e a exposição às novidades do mercado. Brasileiro é avesso a conflitos; não é, de regra, transparente e nunca diz não. E isso não ocorre por acaso.

Como último de tantos outros exemplos que poderia resgatar enquanto ouvia os debates sobre a necessidade de se taxar o lucro e que lucro e o roubo eram elementos próximos, aprendia, no IEE, que o lucro, em realidade, nada mais era do que o prêmio dado a quem atendeu alguma necessidade de alguém. Ninguém troca, num ambiente livre, seis por meia dúzia. Quando há uma troca em ambiente livre, ambos ganham. Ou seja, graças ao lucro, poder-se-ia efetivamente atender necessidades recíprocas e, com isso, incrementar a "justiça social". Anos mais tarde, ouvi uma

frase marcante do professor Walter Williams a respeito desse tema: na economia de mercado, dinheiro nada mais é do que certificado de desempenho.

Intrigava-me, ainda, dados esses contrapontos, o fato de que nenhum desses autores habitava as prateleiras das bibliotecas de universidades ou colégios da época.

Com 27 anos, tive a honra e a oportunidade de presidir o IEE. Com uma diretoria composta por pessoas com muito mais talento do que eu (Péricles Pereira Druck, Felipe Resende Araujo Santos, André Silveiro, Jorge Antonio Dib e Júlio Fortini de Souza), fomos alçados a liderar o Instituto de 1994 a 1995.

Esse período da história brasileira foi marcante por diversos motivos,

para além da perda de Ayrton Senna e da conquista do tetra nos EUA.

Primeiro, porque se começava a efetivamente debelar a inflação, mediante a implantação do Plano Real. Os 4% diários (!) pareciam finalmente atingidos de morte - e debelar a inflação, dados os efeitos dessa chaga, era a melhor revolução social que se poderia fazer no país.

Depois, porque finalmente se começava a discutir de verdade sobre privatização. De fato, a partir dali, privatizaram-se diversas empresas no Brasil, como Embraer, Vale, geradoras e distribuidoras de energia elétrica, operadoras de telefonia, bancos. E o processo de privatização que veio a ocorrer permitiu uma enxurrada de investimentos nas

Jantar-debate: Nelson Sirotsky



empresas em benefício de todos os consumidores e acionistas, mediante a oferta de serviços e produtos melhores, mais baratos e acessíveis, além da geração de milhares de novos empregos.

Terceiro, falava-se claramente na introdução de novos marcos regulatórios para os serviços públicos, com a criação de agências reguladoras efetivamente técnicas e independentes das influências políticas, buscando-se assegurar segurança jurídica, aprimoramento econômico, competição e previsibilidade.

E, por fim, em uma lista que poderia ser bem mais ampla, parecia que o Brasil não mais ficaria de costas para o mundo. Falava-se em abrir fronteiras, em aumentar o fluxo de mercadorias e serviços, diminuindo-se o protecionismo mediante o aumento da competição. Chegava a hora de sermos efetivamente políglotas.

Parecia um bom momento para empreender no Brasil.

Nosso Fórum da Liberdade naquele ano de 1995, dado esse contexto, teve como tema globalização e livre-comércio. Recebemos personalidades mundiais, como o escritor e hoje prêmio Nobel Mario Vargas Llosa; o prof. Israel Kirzner, uma das maiores autoridades sobre a Escola Austríaca de Teoria Econômica; o ministro chinês Zheng Hongye, chairman do Conselho de Promoção de Comércio Internacional da China (reitero: estávamos em 1995!); os saudosos jornalista, filósofo e diretor de teatro Paulo Francis; o empresário e fundador do Instituto Liberal Donald Stewart Jr.; e o então deputado federal Roberto Campos, entre tantos outros.

Llosa ficou em Porto Alegre por três dias. Convivemos intensamente, discutindo (eu obviamente muito mais ouvindo do que falando) economia, filosofia e evidentemente literatura. Celebramos seu aniversário, que coincidiu com o dia do Fórum. O multidisciplinar Roberto Campos era sempre espetacular. Visionário e de requintada ironia, deixou-nos carentes. Não há uma liderança política ou diplomática que se aproxime da sua estatura intelectual. O mesmo aconteceu com Paulo Francis. Ainda que experiente, surpreendeu-se com o que viu em Porto Alegre. O evento reuniu milhares de pessoas para discutir ideias. Aquilo, dizia ele, não parecia ser o Brasil. Não por outra razão, descreveu elogiosamente o Fórum em todos os seus espaços, como o famoso Diário da Corte, o programa Manhattan Connection ou sua coluna no Jornal da Globo.

Em nota lateral, é interessante compartilhar que os três não se conheciam pessoalmente. Foi a realização do Fórum da Liberdade, em Porto Alegre, que oportunizou o primeiro encontro dessas incríveis personalidades. Brinco que os tive no meu carro circulando por Porto Alegre, ouvindo suas conversas recheadas de inteligência e diversão.

Dando um salto histórico, o que veio a ocorrer depois desse ciclo que soprou desenvolvimento no Brasil é de conhecimento público. E a despeito das boas notícias e perspectivas da época, foi apenas um (bom) soluço de desenvolvimento. Não foi suficientemente forte para influenciar a mudança de cultura. E a cultura, convenhamos, é implacável.

Como acontece na alternância de ciclos, o que se sucedeu a esse

momento foi algo que vem gerando temores. O Brasil de hoje preocupa. A inflação, controlada artificialmente por subsídios de tarifas públicas, dá sinais de ressurreição; a capacidade de investimento é muito baixa; a carga tributária bate recorde de crescimento atrás de recorde; a burocracia impera; as taxas de emprego estão declinantes; setores econômicos estão à beira da falência; o endividamento público e privado cresce assustadoramente; e o governo amplifica estratégias populistas avessas ao trabalho, como os programas de doação (as tais bolsas) e as leis protecionistas.

Além disso, o Brasil, por se tornar cada vez menos competitivo, parece ter abandonado a ideia de abertura efetiva das fronteiras comerciais, buscando parcerias limitadoras e com parceiros comerciais de duvidosa relevância.

A máquina econômica, no entanto, segue a girar, a despeito dos governos, pelas mãos dos cidadãos anônimos. Incansáveis, lutam dia após dia para construir uma vida melhor mediante a geração e a movimentação de riqueza. A dúvida de muitos, se nada mudar, é até quando suportarão o aumento dos problemas criados pelos governos e o que aconteceria se as melhores mentes decidissem migrar em maior intensidade do que se observa hoje para ambientes menos inóspitos.

O papel do IEE, portanto, ficou ainda mais importante. É incrível lembrar o que já se fez, as experiências e ensinamentos acumulados. Ao mesmo tempo, também impressiona o quanto ainda precisa ser feito para que o Brasil efetivamente mude. Além dos investimentos necessários em educação, precisamos de boas ideias e líderes com coragem de mudar. Longa vida, pois, ao IEE.

Diretoria gestão 1994-1995





## JORGE ANTÔNIO DIB

1995-1996

### UMA EXPERIÊNCIA PARA TODA A VIDA

1995. Fernando Henrique Cardoso é eleito em primeiro turno presidente do Brasil, depois de liderar como ministro da Fazenda a implantação do Plano Real. No mesmo ano, consegue aprovar a quebra do monopólio da Petrobras no Congresso. O então primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, é assassinado por um extremista islâmico, e na África surge o vírus Ebola, uma ameaça poderosa contra a humanidade. A Microsoft lança o Windows 95 com grande estardalhaço e uma novidade chega ao Brasil meio despercebida pela maioria: a internet.

No Brasil as pessoas ainda compravam linhas telefônicas como investimento e as declaravam no Imposto de Renda. Lentamente a privatização de empresas como Embraer, Açominas, CSN, etc. tornava organizações pesadas e deficitárias em entes privados que começavam a receber investimentos e ser geridos baseados em eficiência e mérito. Mas ainda havia muito por fazer. Privatizar o pré-histórico sistema Telebrás e vários bancos estaduais que eram utilizados para salvar as finanças de governos incompetentes e perdulários.

Nesse cenário, a diretoria do IEE, composta por Guilherme Johannpeter, Julio Fortini, Marcelo Muller, Roberto Ochman, Claudio Spalter e por mim, tinha um dilema comum a todas as diretorias do IEE: definir o tema do próximo Fórum da Liber-

dade. Se não me engano, foi do Guilherme a ideia de discutirmos os custos adicionais que uma empresa produzindo no Brasil incorria em comparação com os de outros países. A perspectiva de um país mais moderno derivado das mudanças que FHC implantava, o momento de efervescência tecnológica da internet e temas de impacto global nos fizeram ver que o custo Brasil era o debate mais urgente do país. Como eliminar as ineficiências que impediam o Brasil de prosperar aceleradamente?

Nós nos reuníamos semanalmente em um almoço para cuidar da gestão do dia a dia do instituto e do planejamento do Fórum. Naquele tempo não existia um diretor especificamente destinado para a gestão do evento, e todos compartilhávamos as responsabilidades igualmente. As reuniões eram leves e divertidas, pelo senso de humor de todos, mas especialmente do Claudio, que sempre tinha pelo menos uma piada para contar, e do Roberto, que imitava vários dos nossos colegas. Esse clima só ficou mais tenso próximo do evento, quando enfrentamos enormes dificuldades para conseguir financiar as despesas para realizar o Fórum da Liberdade e ao mesmo tempo deixar recursos em caixa que permitissem ao presidente seguinte uma gestão mais tranquila.

Nossa gestão encontrou o Brasil em meio a uma crise de confiança em relação à capacidade do país de pagar sua dívida externa, devido ao default do México e à insegurança em relação aos demais países emergentes.

Visitamos várias empresas em busca de apoio, com pouco sucesso. O cenário recomendava cautela. No entanto, duas reuniões foram cruciais para conseguirmos nosso objetivo: uma com o presidente do Grupo Ipiranga, Sérgio Saraiva, e outra com o presidente do Grupo Gerdau, Jorge Johannpeter. Os dois líderes empresariais não titubearam em nos apoiar financeiramente, mas, mais do que isso, usaram seu enorme prestígio para convencer outras empresas a participar do evento. Confesso que, após quase

20 anos, não lembro qual dos dois pegou o telefone e ligou para Emílio Odebrecht, convidando-o para palestrar e também patrocinar o evento. Convite feito, convite aceito.

Ao final fizemos um Fórum de grande qualidade intelectual e ligeiramente mais modesto em sua execução. Pena que, depois de quase 20 anos, o tema continue absurdamente atual. Alguns trechos dos artigos do livro "Pensamentos Liberais: Custo Brasil", lançado junto com o Fórum, dão a dimensão dessa tragédia.

Roberto Ochman escreveu que "É necessário compreender que a formação dos custos de transação está representada por vários fatores, desde o descumprimento de contratos, passando pela instabilidade monetária e pela adoção de políticas



"Ser membro e presidente do IEE me permitiu conviver e debater com personalidades com Douglas North, Mario Vargas Llosa, Roberto Campos, James Buchanan, Gary Becker, Paulo Francis, José Alexandre Scheinkman, José Oswaldo Meira Penna. Estive com os presidentes Fernando Henrique Cardoso, Carlos Menem e Julio Maria Sanguinetti. Tive a oportunidade de debater com os principais políticos brasileiros em um ambiente no qual cerca de 30 jovens não permitem argumentos demagógicos e irracionais"

equivocadas de comércio exterior, aliadas a uma elevada carga fiscal".

Marcelo Muller escreveu que o custo Brasil "tem-nos imposto preços de imóveis de primeiro mundo, com construções de qualidade inferior, em lotes de dimensões menores com a consequente perda de qualidade de conforto e habitabilidade".

André Silveiro denunciava a escorchante carga tributária, em torno de 25% (que hoje seria uma dádiva). Guilherme Johannpeter

mostrava "que antes de começar a produzir, uma unidade industrial no Brasil custava 38% mais do que instalações semelhantes em outros países". Claudio Spalter discutia a proibição de o comércio funcionar aos domingos (finalmente um avanço!). Leonidas Zelmanovitz e Ademar Xavier explicavam por que o Brasil não era uma economia de mercado, e sim mercantilista. Infelizmente ainda somos uma economia cada vez mais mercantilista!

Escrevi que o "custo Brasil é fruto de inúmeros fatores (...) a incompetência na gestão (e em alguns casos malversação) de recursos públicos destinados à infraestrutura de distribuição, como portos e rodovias (...) o estado brasileiro encontra-se estrangulado e, ainda assim, impede que empresas privadas invistam e viabilizem o que falta ao progresso". O escoamento das safras e a eternidade que levou para que o governo fizesse as "concessões" de aeroportos mostram que a ideolo-

gia dominante causadora da paralisia continua firme e forte no país.

Escrevi ainda que "em função das constantes intervenções no mercado o longo prazo não existe. O governo modifica quase que diariamente as regras do jogo através de medidas provisórias e outros mecanismos de ingerência. Essa insegurança faz com que as empresas busquem recuperar o investimento em prazos reduzidíssimos, aumentando seus preços aos limites suportáveis por um número de consumidores que possibilite o retorno quase imediato do capital já que não sabem até quando as regras continuarão válidas".

Muito me entristece constatar que quase tudo continua dolorosamente atual. Perdemos quase 20 anos que poderiam ter colocado nosso país em um caminho de crescimento sustentável.

Por outro lado, fico feliz em saber que é graças ao arcabouço intelectual que o IEE me proporcionou que fui e sou capaz de enxergar o que uma parcela significativa dos meus concidadãos não consegue. A convivência com os membros do IEE, amigos dotados de mentes inquisitivas e grande inteligência, ao longo de muitas noites de debates com brilhantes pensadores (com algumas exceções), ajudou-me a moldar quem sou hoje.

Os júris simulados, a leitura e apresentação dos clássicos liberais foram motivo de inspiração e formação pessoal.

A participação como diretor na gestão do Carlos Souto e depois como presidente do Instituto me fez exercitar a liderança qualificada que o IEE quer formar.

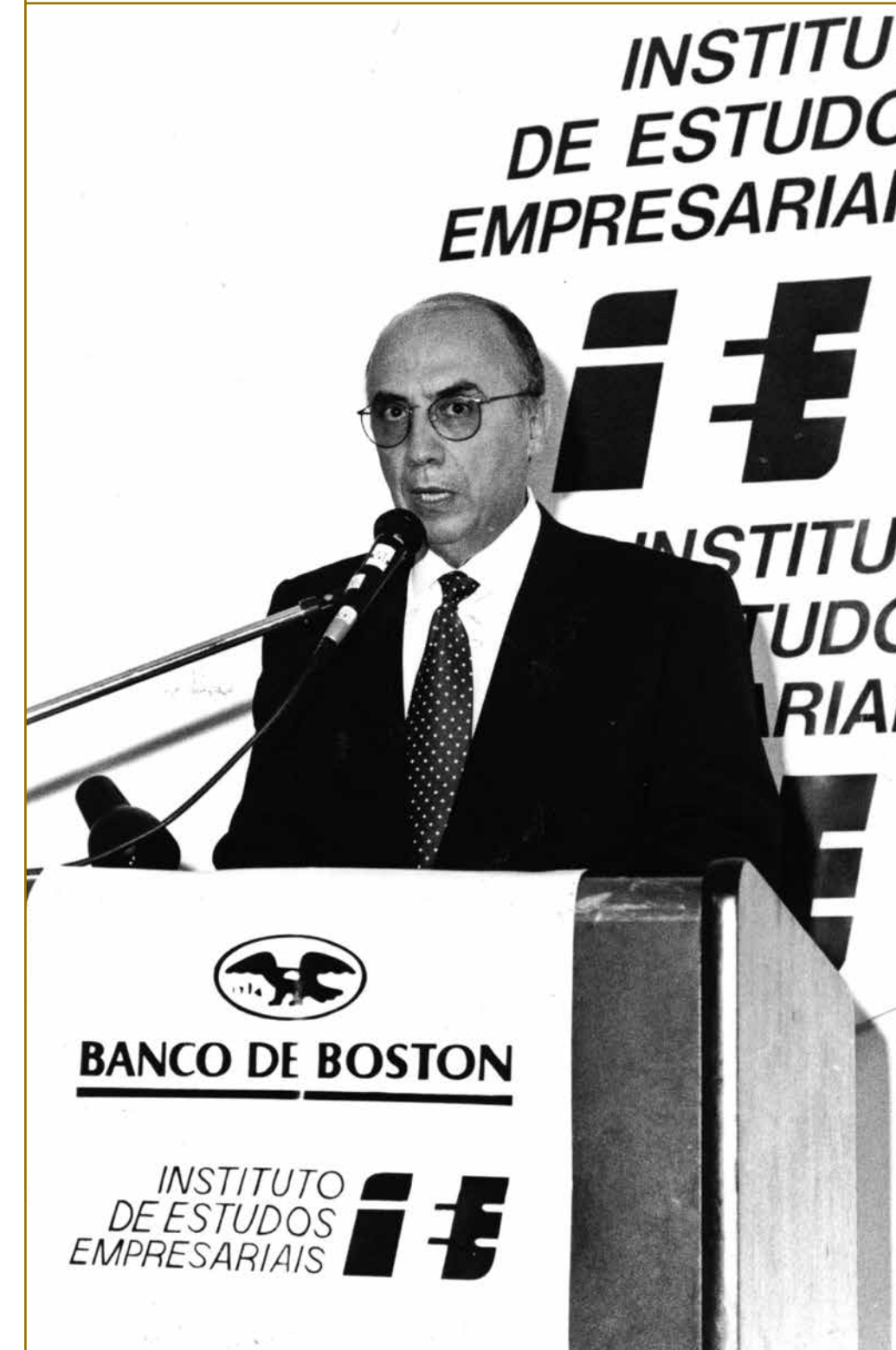
Ser membro e presidente do IEE me permitiu conviver e debater com personalidades como Douglas North, Mario Vargas Llosa, Roberto Campos, James Buchanan, Gary Becker, Paulo Francis, José Alexandre Scheinkman, José Oswaldo Meira Penna, entre muitos outros. Estive com os presidentes Fernando Henrique Cardoso, Carlos Menem e Julio Maria Sanguinetti. Tive a oportunidade de debater com os principais políticos brasileiros em um ambiente no qual cerca de 30 jovens não permitem argumentos demagógicos e irracionais.

Lembro-me de um debate com o então prefeito de Ribeirão Preto, Antonio Palocci, em que ele contou como foi a privatização da CTERP, a então empresa de telefonia municipal, e de como quase saiu do partido devido ao patulhamento ideológico. Ao final, ao cumprimentá-lo, disse: "Prefeito, ou eu sou um petista e não sei, ou o senhor é um liberal e não sabe".

A última história que eu acho que vale a pena compartilhar foi um debate que fiz quando presidente do Instituto com o então candidato a presidente da República Lula, na TV Pampa. Eu, jovem e idealista, trazia ideias para o debate, mas o candidato me interrompia malandramente, puxando meu braço por baixo da mesa, longe do olhar dos telespectadores, ao mesmo tempo em que dizia "Meu menino, você ainda é muito jovem para entender isso". Ele tinha razão, mas foram situações como essa que me fizeram entender, crescer e me tornar um líder melhor. O IEE cumpriu integralmente o seu papel comigo

e com muitos outros jovens. Espero que continue com sua nobre missão e, quem sabe um dia, meus filhos possam também vir a ter essa experiência que é para toda a vida.

Henrique Meirelles



## JULIO FORTINI DE SOUZA

1996-1997

### EXPERIÊNCIA IEE GESTÃO 1996-1997

Passados quase 20 anos da minha experiência inesquecível frente ao IEE, guardo muitas lembranças e aprendizados que, hoje vejo, foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal, intelectual e profissional. Muitas decisões que hoje tomo em minhas atividades como empresário, participante de sindicatos e associações profissionais encontram raízes fortes no liberalismo aprendido.

A lógica do liberalismo, para mim, ordenou os ideais que aprendi na minha formação familiar e empresarial. Meus pais e avós sempre transmitiram os princípios da meritocracia, da livre-iniciativa e da constante necessidade de superar de etapas. E, ao longo dos anos, venho experimentando e amadurecendo, a cada dia mais, minhas convicções liberais.

Lembro-me de que, antes do entrar no IEE, eu e um grupo de jovens com “potencial” fomos convidados para um jantar na casa do Marcelo Sirotzky. Ele, junto com outros membros do Instituto, nos recepcionou falando sobre Adam Smith e ação humana. Fiquei entusiasmado!

Não preciso nem dizer que, quando convidado a participar como associado, de imediato me juntei àquele grupo e, passados alguns anos, tive a honra de participar da diretoria sob a liderança do Jorge Dib e Guilherme Johannpeter, para que na gestão seguinte (1996/1997), ter sido eleito presidente do IEE, tendo como vice Luciano Mandelli.

Era então 1996, o país era dirigido por Fernando Henrique Cardoso e passava por grandes mudanças, a inflação estava sob controle, mas ainda existia a eterna busca da estabilidade econômica. Discutia-se a possibilidade da reeleição, que logo adiante veio se concretizar, sendo aprovada pelo Parlamento brasileiro.

Enquanto isso, no IEE estávamos preocupados em formar novas lideranças – líderes fortes e comprometidos com os princípios democráticos, que respeitassem principalmente o Estado de Direito e as liberdades individuais. Junto com os amigos e também diretores Eduardo Magrisso, Felipe Goron, Pedro Silber e Ricardo Ranzolin, formatamos a nossa gestão na ideia de superar expectativas.

Organizamos inúmeros eventos, dentre eles palestras, debates, colóquios, júris simulados, apresentações de livros, reuniões, eventos sociais e o importante Fórum da Liberdade. Foram oportunidades em que tivemos a possibilidade de forjar ideias, fazer amizades, formar grupo e estabelecer relações de confiança, todos reunidos sob o mesmo princípio liberal.

A oportunidade de inovação da nossa gestão se concretizou com a realização do seminário “A credibilidade do homem público”, que foi sugerido pelo colega e estrategista Renato Malcon e contou com o apoio decisivo do jornalista José Barrionuevo.

Elaboramos então uma pesquisa de opinião pública voltada para jo-

vens entre 16 e 24 anos que apresentou um resultado surpreendente: 90% dos entrevistados estavam descrentes nos dirigentes de governo e nos políticos, mas, por sua vez, 80% acreditavam que a democracia e o processo representativo por meio do voto direto poderiam fazer mudanças importantes no rumo do Brasil. Ficou evidente o desejo de renovação das lideranças políticas.

Foram convidados como debatedores os deputados federais Roberto Campos e José Genuíno, que foram os destaques do seminário, no qual discutimos, com associados e jovens lideranças de destacada participação na carreira pública e em partidos políticos, os resultados obtidos na pesquisa.

Aqueles dois dias de debates intensos e de confrontação de ideias

foram marcados por declarações inesquecíveis de importantes momentos históricos do Brasil, nosso país, que não para de evoluir. O deputado José Genuíno recordou os momentos de repressão política e surgimento de novos partidos políticos, bem como as “novas” representações sociais.

Já o deputado Roberto Campos destacou os momentos de transição política por que o país havia passado, salientando o modelo de planejamento criado na época. Não se esqueceu de tecer fortes críticas às instituições existentes, que sangravam os cofres públicos, e exaltar a necessidade de tornar a economia brasileira mais livre.

Foram debates marcantes, principalmente com a participação dos associados. Lembro-me do depoimento de Leônidas Zelmanovitz, que sempre

Diretoria 1996-1997



teve participação ativa em todos os eventos, quando relatou a importância de ter participado do IEE e a diferença que esse enriquecimento de ideias trazia para ele. Ao final do seminário, fizemos um debate fechado aos associados, no qual vários outros colegas expuseram e confirmaram a importância do IEE.

Éramos um grupo de jovens cheios de expectativas e vivacidade, obstinados e encantados com os princípios liberais. Por meio do trabalho realizado pelo nosso competente assessor de imprensa, Valter Tod, tivemos a oportunidade de espalhar nossas ideias em debates nas rádios e emissoras de televisão do Rio Grande do Sul.

Trabalhamos muito para que o IEE, em especial no período de

1996/1997, desempenhasse um papel importante e inovador no confronto de ideias, contribuindo para o desenvolvimento e para a construção de um Brasil melhor.

Conto aqui parte do que foi nossa gestão no IEE, pois as lutas, as amizades, o companheirismo, a aprendizagem, o crescimento, as lembranças e o sentimento de gratidão a todos os que nos acompanharam nesse percurso são indescritíveis. Em comum daquela época, com esta, há o desejo de mudanças e a necessidade de formação de novas lideranças embaçadas nos princípios liberais.

Desejo e acredito que esta nova turma do IEE faça a diferença na representação de nossas ideias e no futuro de um país melhor!

## PEDRO ALBERTO TEDESCO SILBER

1997-1998

### A GUERRA DOS CARANGUEJOS

Uma figura de linguagem que talvez ilustre um pouco minha lembrança sobre o cenário político vivenciado em nosso estado durante os anos de 1997/1998, nos quais coincidentemente tive a honra de presidir o IEE. Mil novecentos e noventa e oito, em especial, não foi apenas mais um ano na nossa longa história de maniqueísmo gaudério. O Rio Grande do Sul, após décadas de estagnação, presenciou um breve surto de modernidade com um processo de alterações na infraestrutura.

Algumas bandeiras havia muito tempo desfraldadas pela defesa de uma menor participação do Estado na economia tiveram espaço por aqui. É bem verdade que muito mais pela necessidade de caixa do que por crença ideológica na competição e na livre iniciativa, houve um processo de privatização. Com certeza não foi o ideal, porém, esse momento foi o embrião de uma menor participação do Estado. Algo que cabe ser ressaltado e que talvez possa parecer absurdo lembrarmos, mas um bom exemplo: um telefone, ou uma linha telefônica, como era dito, chegava a custar 5.000 dólares, e com fila de espera e lobby para obtenção do item. A paquidérmica Telebrás, e no nosso caso a extinta CRT, eram fruto desse sistema anacrônico. Telefone chegou a ser investimento...

O mesmo ocorreu com parte da CEEE.

E como não poderia deixar de ser, o fato de iniciarmos timidamente um processo de alinhamento do RS com o futuro agitou as bases dos apóstolos do atraso. Lamentavelmente, hoje vemos que o Brasil, e especialmente o Rio Grande, perderam o trem da história, e com certeza nosso patamar de sociedade seria outro no caso de aprimoramento do que havia sido iniciado em termos de mudança.

Diversos episódios de ordem econômica e social serviram de pano de fundo para muitas manifestações de todos os lados, e entendíamos que, fiel a um de seus objetivos, qual seja o de analisar problemas e questões da sociedade, o IEE fez-se presente no debate sempre que necessário.

Por meio de diversos apedidos publicados em nossos jornais, o que acabou gerando uma grande repercussão pelo momento político vivido e quebra de paradigmas sobre o tamanho do Estado e sua participação na economia, nos manifestamos de forma muito clara e contundente sobre questões como o culto a Che Guevara, a privatização da CRT, a vinda da GM e o marketing do MST, entre outros assuntos, criticando e buscando oferecer sugestões.

Nesse ambiente de "grenalização" política, julgamos que todos os



espaços possíveis e dentro de nossas limitações deveriam ser ocupados para levarmos nossa mensagem de uma sociedade mais próspera e com menos intervenção, ao mesmo tempo exercitando a formação de novas lideranças empresariais. Assim, durante a tradicional Feira do Livro, na qual lançamos mais uma edição da obra "Pensamentos Liberais", promovemos um debate extremamente provocativo e talvez até um pouco insano no que diz respeito a nossa segurança pessoal. Aberto ao público, nos salões do Clube do Comércio, realizamos dois painéis com os temas "Final de Século: Globalização e Perspectivas", com Juan Carlos Cachanovsky e Alberto Oliva debatendo com José Luis Fiori e Paulo Arantes; e, no dia seguinte, Olavo de Carvalho e Cãn-

dido Prunes debatendo com Frei Sérgio Gorgen e João Paulo Stédile sobre "Final de Século: Movimentos Sociais Brasileiros".

Creio que uma criação desse período e fruto de uma antiga aspiração do IEE como mais uma vigorosa ferramenta de comunicação voltada à formação de jovens líderes identificados com os ideais da iniciativa privada, livre mercado e globalização da economia foi o lançamento da Revista Leader, com tiragem inicial de 5.000 exemplares e periodicidade trimestral, dirigida a um público-alvo selecionado entre líderes empresariais, formadores de opinião, imprensa, políticos e universitários. Foi impressa nas primeiras edições, e com o passar do tempo migrou para uma versão digital.

Diretoria 1997-1998



A primeira e dura constatação é que, decorridos 14 anos, muito pouco evoluímos em termos de sociedade, sendo que, em diversos aspectos, houve até significativo retrocesso, principalmente na segurança, saúde e educação, além da grande deterioração de valores das instituições.

Em 1998 tivemos eleições gerais no Brasil, a segunda edição pós-regime militar. Naquele ano o Fórum da Liberdade completou dez anos, sendo que elegemos como tema "Os Limites do Poder". Para complementarmos o embasamento dessa pauta, contratamos uma pesquisa de opinião pública, e entre outras, uma grave constatação foi que, transcorridos três anos e meio de uma eleição, 67% dos entrevistados não tinham recordação de em quem haviam votado para o Senado, e 74% não sabiam quem tinham elegido para a Câmara dos Deputados. Isso de certa forma ilustra um pouco a nossa pequena maturidade em termos de democracia, e mais, a fragilidade dos partidos e do sistema político como um todo no que tange ao conteúdo ideológico.

Utilizamos como centro de nossa campanha publicitária uma frase de Karl Marx: "O livre desenvolvimento de cada um é condição fundamental para o desenvolvimento de todos" - obviamente com sua imagem a ilustrar toda a campanha publicitária, o que gerou muita polêmica.

Entre outros palestrantes, contamos com a participação do economista tcheco Jirí Kinkor, ex-conselheiro do Ministério da Fazenda da República Tcheca e um dos artífices do plano que, num período de três anos, privatizou 70% das empresas

públicas daquele país. Ainda no final de sua manifestação, afirmou: "Deixei de crer no socialismo quando comecei a pensar".

Creio que o tema adotado naquela ocasião está em perfeita sintonia com os desacertos de nossos governos dos quais frequentemente somos vítimas, pois uma das raízes do caos político e moral da nossa civilização nasce da perversa filosofia que ensina que o homem deve sacrificar sua vida pelos outros, pela sociedade e pela coletividade. Precisamos de racionalidade, construindo conceitos para estarmos aptos a defender ideias e princípios políticos e morais.

Nós devemos entender e defender o que poder econômico significa e o que força física do governo significa.

Portanto, cuidado com os limites do poder, pois o argumento lógico se dissipa e sobra o ideológico, que diz que o coletivismo não funciona, exceto no céu, onde não é necessário, e no inferno, onde sempre existiu.

"Nós devemos entender e defender o que poder econômico significa e o que força física do governo significa. Portanto, cuidado com os limites do poder, pois o argumento lógico se dissipa e sobra o ideológico, que diz que o coletivismo não funciona, exceto no céu, onde não é necessário, e no inferno, onde sempre existiu."



## FELIPE SAMPAIO GORON

1998-1999

### A MINHA TRIBO

A primeira vez que tive contato com o IEE foi por intermédio do meu grande amigo Jorge Dib, que naquele momento era também meu sócio na empresa de consultoria que acabávamos de criar, juntamente com mais dois amigos.

Estávamos em 1995, e fui convidado por ele para participar do tradicional jantar de segunda-feira, encontro que era a base de todo o modelo único criado por William Ling e os *founding fathers* do IEE para formar novos líderes. Lembro que foi uma experiência muito diferente de todas que havia vivido até então, e imediatamente senti que gostaria muito de fazer parte daquele grupo.

Pouco tempo depois, já como associado, percebi o profundo impacto que o Instituto teria na minha vida. Eu já havia me formado, feito uma pós-graduação *lato sensu*, um mestrado *stricto sensu*, mas nada disso se comparava ao modelo de aprendizagem que encontrei no IEE. Ocorreu uma sintonia ímpar de valores e pensamento. Foi como descobrir que não estava “sozinho” no universo, e que existia um grande número de pessoas e um vasto conhecimento organizado sobre a visão de mundo que desenvolvi por “instinto” e acreditava ser a mais plausível.

Encontrar respostas sagazes, inusitadas e extraordinariamente simples para os complexos questionamentos da vida é uma fonte de felicidade real para aqueles que têm por hábito buscar permanentemente explicação para ação humana. Por isso, a experiência e o aprendizado que tive no IEE foram decisivos na minha formação pessoal e profissional.

Como forma de aprender ainda mais e retribuir às pessoas que tanto me ensinaram, no ano seguinte à minha entrada como associado me tornei diretor do IEE, e na sequência vice-presidente e presidente.

O nome - Instituto de Estudos -, o estatuto e a mensagem dos fundadores foram as grandes inspirações que tive para liderar esse grupo de jovens que têm a ambição de mudar o rumo do nosso país, formando líderes que tenham compromisso com valores pouco praticados por aqui, como liberdade, democracia, respeito à propriedade privada e economia de mercado.

Se antes do IEE eu era um anarquista por dedução, no Instituto me tornei um liberal convicto. Quando assumi a responsabilidade de liderar esse grupo, junto com os diretores e associados que me apoiavam, procurei pôr à prova, de todas as formas ao meu alcance, essa visão liberal de mundo, e dessa forma ajudar a desenvolver novos líderes, mais preparados para enfrentar os desafios

do ambiente hostil que enfrentamos numa sociedade tradicionalmente intervencionista, autoritária, corrupta e na sua maioria ignorante.

Como disse John Stuart Mill, “As nossas crenças mais justificadas não têm qualquer outra garantia sobre a qual se assentar, senão um convite permanente ao mundo inteiro para provar que carecem de fundamento”.

Defender os valores liberais, no sentido exato e original do termo, não é uma obrigação, nem uma questão de crença, e sim uma escolha. É uma consequência natural do estudo promovido pelo IEE ao longo dos seus 30 anos na busca dos melhores modelos de sociedade e na identificação dos pilares que forjam e desenvolvem nações e pessoas ao longo da história. Essa vocação para questionar, in-

vestigar, estudar, debater, confrontar, experimentar, forma um conjunto de diretrizes sólidas e consistentes como exige a mais pura filosofia da ciência.

As oportunidades proporcionadas aos membros do Instituto nesse período de formação são extraordinárias - arrisco dizer únicas no nosso país e raras no mundo. Tive o privilégio de participar ativamente de todas elas durante quatro anos como associado efetivo e três anos como conselheiro.

Na minha preparação para assumir a presidência, ajudei a organizar II Fórum da Liberdade; interagi com ganhadores de Prêmio Nobel, ministros, embaixadores, ex-presidentes, grandes pensadores; escrevi artigos; participei da reunião da Mont Pelerin Society, em Viena; de colóquios; li “Ação Humana”, de Mi-

Prêmio Libertas - Anton Karl Biedermann



ses; "O Caminho da Servidão", de Hayek; "A Revolta de Atlas", de Ayn Rand; entre muitos e muitos livros que estudei e debati com associados e convidados brilhantes, que me ajudavam a testar minha consistência como pensador e futuro líder do IEE.

Entretanto, o meu principal aprendizado veio do convívio com algumas das lideranças que fizeram a história do IEE e que muito influenciaram minha gestão como presidente, em especial William Ling, Roy Ashton, André Burger, Renato Malcon, Carlos Biedermann, André Silveiro, entre outros. Também fui bastante influenciado e apoiado por um dos maiores líderes com os quais tive a oportunidade de conviver e um apoiador incondicional do IEE, Jorge Gerdau.

O cenário em 1998, pouco antes de eu assumir a presidência, não era nada tranquilo. Vivíamos um momento tenso com a perspectiva de uma

eleição para governador que colocaria o PT no comando do RS.

Entendendo que essa perspectiva era desastrosa, traria um enorme retrocesso e era contra todos os nossos valores, um grupo significativo de associados entrou para a política, filiando-se ao PFL/RS. Instalou-se então um grande debate no Instituto, o que tornaria o meu processo de eleição bastante complexo, uma vez que eu era declaradamente contra envolver o Instituto em política. De um lado, havia a busca da solução dos nossos desafios por meio da politização do IEE; do outro, o entendimento de que esse papel não era do IEE, que não deveria ter nenhum vínculo político, mas sim dos associados que entendessem que esse era o caminho.

Prevaleceu a corrente que mantinha o Instituto independente e fiel a sua proposta de estudo e formação, e com esse mandato assumi a presidência em abril de 1998.

Ao meu lado estava um grupo que compartilhava dos meus ideais e da paixão pelo IEE. Os diretores Sérgio Lewin, que brilhantemente me sucedeu na presidência e um dos mais inteligentes e corajosos liberais formados pelo Instituto, Rodrigo Gazen, Ruwin Libermann, Arthur Johannpeter e o vice, Klaus Brodbeck. Sou muito grato a eles, pelo apoio incondicional e dedicação incansável durante toda a nossa gestão.

Fizemos juntos inúmeras inovações no processo de formação, criando o currículo IEE, para avaliar a qualidade da formação e iniciar o conceito de uma escola formal de líderes, com William Ling como mentor. Proporcionamos vários encontros diferentes e inusitados, criamos uma marca nova para o IEE, criamos grupos de estu-

dos, deixamos uma gestão financeira organizada e saudável, e finalmente fizemos crescer o Fórum da Liberdade, dobrando o seu tamanho, na época, para 2.000 participantes e levando o evento para a FIERGS.

Mas o grande teste para minha liderança e nossa formação foi a política. Conforme previmos, em 1998 o RS estava prestes a eleger Olívio Dutra para o governo do estado, e uma guerra de materiais eleitorais estava sendo travada. Ocorre que o grupo de empresários ligados ao IEE que havia entrado para a política, juntamente com grandes nomes do empresariado local, queria utilizar o Instituto para publicar uma série de apedidos nos jornais locais, e com isso tentar reverter o resultado da eleição.

A pressão foi gigantesca, de todas as formas que vocês podem imaginar, pois a eleição do PT representava um risco concreto ao modelo de sociedade no qual acreditávamos. Como dizia Hayek "quanto mais o Estado 'planeja', mais difícil se torna o planejamento para o indivíduo". Entretanto, estava claro para mim e para a diretoria que, por mais que fôssemos totalmente contra o candidato e o partido e quiséssemos fazer algo para mudar o cenário, não podíamos usar o IEE para isso e violar o estatuto, assim como os valores, que tínhamos o compromisso de defender e preservar.

Foi uma grande lição de humildade que aprendi enquanto líder, pois a arrogância e prepotência estavam à nossa disposição, parecendo o caminho mais fácil para ser reconhecido e aplaudido.

A humildade talvez ainda seja um ponto fraco entre os liberais. Na cla-

reza da nossa visão de mundo, não entendemos a dificuldade de compreensão dos nossos valores. Pouco evoluímos na venda dos nossos ideais, e isso se deve à arrogância e à falta de empatia.

No ano seguinte, na abertura do XII Fórum da Liberdade - cujo tema foi "1999. E agora, Brasil? Caminhos para o desenvolvimento" -, fiz o que acreditei ser o correto, criticando e apontando correções urgentes na política, educação e economia propostas pelo governador eleito, que, sob vaias, participou da abertura do Fórum. A eleição do partido que considerávamos desastroso aumentou ainda mais o desafio de passar a nossa mensagem à sociedade, para que as escolhas políticas seguintes fossem melhores. Para tanto, levamos para o evento uma verdadeira seleção de pensadores: Paulo Renato de Souza, Robert Barro, Roberto Campos, José Alexandre Sheinkman, Jorge Gerdau Johannpeter, Emílio Pacheco Rodriguez, Paulo Rabello de Castro, Eduardo Marty, Miriam Leitão.

Foi com esse evento que encerrei minha gestão. A sensação era de dever cumprido e certeza de que havia contribuído para que os novos pudessem levar o IEE ainda mais longe.

Sem nenhuma dúvida, participar do IEE tem o poder de mudar a vida das pessoas. Ainda hoje aprendo com a visão de mundo que conheci no Instituto, e serei sempre um defensor dos ideais liberais e da educação como forma de melhorar a nossa sociedade.

"Se antes do IEE, eu era um anarquista por dedução, no Instituto me tornei um liberal convicto. Quando assumi a responsabilidade de liderar esse grupo, junto com os diretores e associados que me apoiavam, procurei por à prova, de todas as formas ao meu alcance, essa visão liberal de mundo, e dessa forma ajudar a desenvolver novos líderes, mais preparados para enfrentar os desafios do ambiente hostil numa sociedade tradicionalmente intervencionista, autoritária, corrupta e, na sua maioria, ignorante."



## SÉRGIO GRINBERG LEWIN

1999-2000

### HISTÓRIA EM EVOLUÇÃO

“Bater mil vezes com nosso porrete em uma rocha que permanece intacta não significa que as porretadas tenham sido inúteis. Provavelmente a milésima primeira porretada, que despedaçou a rocha toda, tenha sido somente o golpe de misericórdia.”  
(autor desconhecido)

Quem viveu a adolescência em um período anterior à queda do Muro de Berlim sabe como podiam ser duros e intermináveis os debates ideológicos. Ainda não contávamos com a farta munição que o esboroamento do império soviético e dos países da Cortina de Ferro nos forneceria poucos anos depois.

Tive a sorte, ainda adolescente, de deparar-me com as obras “O Liberalismo” e “Caminho da Servidão” de Mises e Hayek, ambas editadas pelo Instituto Liberal. Com base nelas, realizava duros embates, dos quais frequentemente saía vencido.

Anos depois, já na faculdade, assisti pela primeira vez ao Fórum da Liberdade. Aqueles palestrantes discorrendo sobre diversos problemas nacionais e internacionais sob a ótica liberal me fizeram respirar aliviado. O mundo não era habitado somente por viúvas de Karl Marx, esquerdistas crônicos ou nostálgicos estalinistas. Havia gente com capacidade de pensar diferente, de apostar na liberdade individual e na capacidade dos indivíduos

de gerar riqueza, sem um Estado a tutelar suas vidas e negócios. Que diferença dos meus professores da escola e da universidade! Foi como se, de repente, “tivessem acendido a luz”. Uma luz que não se apagaria mais.

Foi então que conheci o trabalho do IEE, que, fundado em 1984, nadava sozinho no Brasil contra a maré montante do estatismo e do nacionalismo retrógrados. Uma entidade de empresários que havia sido criada não para patrocinar a defesa corporativa da categoria, para pedir favores do governo ou reservas de mercado, mas para reivindicar o oposto disso tudo.

Alguns anos depois, em 1996, recém-formado, fui convidado a participar do IEE.

Naquele ano, o Brasil estava ainda iniciando uma dura batalha para controlar a hiperinflação. Nas reuniões internas do IEE, clamava-se por abertura comercial, venda das estatais ineficientes, austeridade fiscal. Defender aquelas ideias intramuros era uma coisa, defendê-las publicamente, outra bem diferente. Os insultos que ouvíamos ao defendê-las em artigos nos jornais e livros, em debates na televisão ou mesmo no Fórum da Liberdade nunca foram econômicos. Sermos chamados de “vendilhões” ou “traidores da pátria”, por defendermos a venda de algumas “joias da co-

roa”, de ofensa passou a nos soar engraçado, e, por fim, escutávamos aquilo como elogio.

Muitas vezes nos perguntávamos de que valia um grupo como o nosso dedicar tanto tempo e idealismo àquelas ideias em um país tão cronicamente atrasado como o Brasil.

Em 1999, após integrar a diretoria, aceitei o convite para assumir a presidência do IEE. Não se assume uma tarefa dessas sem uma boa dose de idealismo, embora a realidade circundante não fosse exatamente animadora. O Rio Grande do Sul tornara-se, em 1998, o primeiro estado do país a dar vitória a um partido de ideias francamente opostas às nossas. O período ficou tristemente célebre pela expulsão de uma grande montadora do esta-

do, assim como pela frase daquele que então nos governava, de que não apreciava “o lucro e o prazer egoísta de viver”.

Seria aquela eleição um ovo da serpente? Estaria certo o temor de Roberto Campos, manifestado no Fórum da Liberdade de 1999, de que, após ter exportado para o resto do Brasil o getulismo e o brizolismo, estávamos agora prestes a exportar o dutrismo?

Durante o ano, trabalhamos intensamente com a formação interna dos associados: criamos a revista digital Leader, realizamos a festa de 15 anos do IEE, reunindo todos os ex-presidentes, realizamos na PUC mais uma edição do Fórum Universidade-Empresa, embrião da futura realização do próprio Fórum

Cerimônia de posse da diretoria



"O IEE ainda não mudou o país? Embora muitas das ideias que eram consideradas traição da pátria há alguns anos tenham sido aplicadas e outras, apesar de toda a resistência, acabarão se impondo mais cedo ou mais tarde, por certo ainda estamos muito longe do país que idealizamos. Mas não há ninguém que tenha passado pelo IEE que não tenha mudado a si próprio. Isso prova a importância do Instituto e explica como essa entidade pode chegar aos 30 anos com tanto sucesso e sendo tão reverenciada por todos aqueles que ajudaram a construir sua história."

da Liberdade naquela universidade. Mas não descuramos daquele que seria o momento máximo de nossa gestão, o Fórum da Liberdade. Nosso Fórum seria realizado no ano de 2000, data que marcava exatamente os 500 anos do descobrimento do Brasil.

Ao invés de um evento meramente retrospectivo, procuramos projetar também como esse passado se refletiria sobre o futuro. O título do XIII Fórum da Liberdade, "1.000 anos: o Brasil em perspectiva. Onde é que esta história vai parar?" buscou refletir essa preocupação.

Logo na abertura do Fórum, o discurso do governador do estado, o mesmo que criticara o "lucro como o prazer egoísta de viver", destacou que não se curvaria jamais às "tais leis do mercado", pois mesmo a lei da gravidade, segundo ele, "podia ser desafiada, como ocorre cada vez que os aviões levantam voo". A frase, algo histriônica, lembrou-me dos debates na escola na década de 80, próprios daquele período pré-queda do Muro de Berlim.

Mas ela foi útil não só para mostrar o contexto político ideológico que vivíamos naquele período, como também por acabar se constituindo em uma espécie de fio condutor dos debates que se seguiriam: por que, afinal, o Brasil sempre teve tanto medo do mercado, da livre competição e do lucro? Por que um empresário como o Barão de Mauá, tão bem retratado em livro de autoria de Jorge Caldeira (aliás, um dos palestrantes do evento), após se tornar um dos maiores empresários do mundo, acabou sendo desbancado pelo Estado? Quais são as raízes de nosso culto à pobreza e da nossa aversão

às histórias de empreendedorismo? Tais questões foram profundamente debatidas e, para nós, do IEE, não eram absolutamente novas, pois muito já havíamos nos dedicados a debater e a refletir sobre elas.

Um dos nomes convidados para o Fórum da Liberdade me marcou profundamente: em 1988, ainda adolescente, deparei-me com um programa que talvez não tenha jamais tido paralelo na televisão brasileira. Chamava-se "Henry Maksoud e você". Em dado momento do programa, ele dizia: "O que vou dizer agora não é para você, que não vai entender mesmo, é para o arqueólogo que assistir a este programa daqui a mil anos", e então disparava suas ideias francamente liberais. Organizar aquele Fórum me proporcionou dizer pessoalmente ao Maksoud o quanto seu programa havia me impressionado.

Como disse, para ser um associado, diretor ou presidente do IEE, é preciso muito idealismo, e fica-se sempre com um pouco do complexo de Sísifo, aquele que sobe com a pedra até o cume da montanha apenas para vê-la despencar lá de cima repetidas vezes.

Desde a primeira vez em que abri um livro de Mises ou Hayek, ainda adolescente, muitos fatos aconteceram. Mudaram nossas vidas, mudou o país, diretorias se sucederam no IEE, várias edições do Fórum da Liberdade foram realizadas, estamos mais velhos, menos ingênuos. A profecia de Roberto Campos lamentavelmente se realizou por vias transversas, mas a história ainda não acabou.

Se lembramos de todas as histórias que vivemos no IEE com tan-

to entusiasmo ao longo destes 30 anos, se permanecemos ainda mais convictos de nossas ideias é porque permanece vivo em nós o idealismo que nos movia quando iniciamos nossa caminhada. O idealismo que estava presente quando, pela primeira vez, assistimos ao Fórum da Liberdade, ou quando, pela primeira vez, participamos de um debate entre os associados do IEE e percebemos que ali havia algo efetivamente novo.

O IEE ainda não mudou o país? Embora muitas das ideias que eram consideradas traição da pátria há alguns anos tenham sido aplicadas e outras, apesar de toda a resistência, acabarão se impondo mais cedo ou mais tarde, por certo ainda estamos muito longe do país que

idealizamos. Mas não há ninguém que tenha passado pelo IEE que não tenha mudado a si próprio. Isso prova a importância do Instituto e explica como essa entidade pôde chegar aos 30 anos com tanto sucesso e sendo tão reverenciada por todos aqueles que ajudaram a construir sua história.

E agora vou falar não para você, que está lendo este artigo, mas para o arqueólogo que o ler daqui a mil anos. Ele certamente dirá: como estava à frente do seu tempo aquele pessoal do IEE! Que lástima o tempo desperdiçado até a vitória de suas ideias.

Diretoria gestão 1999-2000



## COM A PALAVRA, A LIBERDADE

No dia 14 de abril de 1988, o recém-inaugurado Centro de Eventos São José, do Hotel Plaza São Rafael, no centro de Porto Alegre, foi palco do primeiro Fórum da Liberdade. O convite trazia como ilustração, na capa, um microfone e o sugestivo título “Com a palavra, a liberdade”.



Mais que divulgar as ideias liberais para além do Instituto, o Fórum surgiu como mais uma ferramenta de treinamento para os associados. A diretoria da época dedicou seis meses para captar recursos para torná-lo realidade. Seus membros visitavam duas ou três empresas por semana para pedir patrocínio.

Depois disso, o presidente à época, Carlos Smith, foi atrás do apoio da imprensa nacional para o evento. No Rio de Janeiro, procurou o presidente do Jornal do Brasil, à época um dos mais influentes veículos de comunicação do país. Manuel Francisco do Nascimento Brito custou a recebê-lo. Mas o presidente do IEE disse que, enquanto não falasse com o jornalista, não sairia dali.

O resultado da visita foi a presença de Nascimento Brito no Fórum e um editorial publicado no dia 19 de abril de 1988, com o título “Convicção Liberal”:

*“Do Rio Grande do Sul, vêm os ecos da atividade de um Instituto de Estudos Empresariais formado por um pouco do que existe de melhor nesta área - gente jovem que quer pensar um novo Brasil. O Instituto é formado por jovens de até 35 anos, pessoas atuantes que não dependem, para viver, do imposto sindical de sua categoria.*

*Como não poderia deixar de ser, essas pessoas têm uma ideia política acoplada a uma determinada visão de economia: e o denominador comum dessas duas vertentes é a convicção da liberdade como força dinâmica imprescindível à atualidade brasileira.*

*Os jovens empresários do Rio Grande do Sul querem definir da maneira mais competente essa ideia, para chegarem às suas consequências políticas. Revelam, todos eles, profunda desilusão com as lideranças de sua classe e com um tipo de empresariado que concorda com tudo, menos com o fim dos subsídios (...).”*

Além do apoio de Nascimento Brito, o presidente do IEE conseguiu dele uma carta de credo que poderia utilizar nas visitas aos outros veículos de comunicação. E, então, repetiu o ritual em São Paulo. Esperou por três dias por uma brecha na agenda de Victor Civita, na editora Abril. Queriam que ele fosse atendido por outras pessoas, mas ele insistiu que só falaria com Civita. Depois de conseguir seu apoio, foi atrás de Ruy Mesquita, no Estado de São Paulo, e de Otávio Frias, na Folha de São Paulo. E todos os veículos cobriram o Fórum.

Ao final do evento, que reuniu 300 pessoas, foi divulgada a Carta de Porto Alegre, que resumia as conclusões do primeiro Fórum da Liberdade: *“O nosso país será amanhã o que dele fizermos hoje. Não existe destino manifesto. Só seremos um grande país, se todos nós, a sociedade, tivermos a grandeza de desafiar nosso momento histórico, rompendo os grilhões que nos mantêm presos a um passado de atraso e privilégios, incorporando-nos ao grupo das nações que, deixando livres aos seus cidadãos o uso de suas capacidades, conseguiram atingir grau de desenvolvimento jamais imaginado”.*

O Fórum tornou-se parte fundamental do treinamento para a liderança. Os associados já conseguiram levar a Porto Alegre cinco ganhadores do Prêmio Nobel de Economia, chefes e ministros de Estado, empresários, políticos e intelectuais de renome.

O evento abriu espaço para que as lideranças que estão testando as ideias liberais ouçam outras opiniões e as contraponham com suas ideias. O Fórum tornou-se um palco de discussões em que o objetivo é que os membros do IEE façam o último estágio de uma maneira mais rica.

Ou seja, ele tem dois objetivos muito claros: difundir as ideias liberais e, mais importante, dar exposição e treinamento para os associados que precisam convidar personalidades, falar em público, se expor na imprensa, se posicionar e defender publicamente os conceitos que estudam no IEE.

*“O Fórum é extremamente importante como instrumento de divulgação de ideias, mas ele é mais importante como instrumento de formação das pessoas”, afirmou Carlos Biedermann, gestão 1988/1989.*

O primeiro Fórum teve o brilho de Roberto Campos, mas é lembrado até hoje por um episódio que envolveu o então governador de Alagoas, Fernando Collor, e Henry Maksoud. O dono da revista Visão, depois de ouvir o então “Caçador de Marajás”, falou: “Se você chegar à presidência com esse discursinho, eu me mudo pro Paraguai”. Após a eleição de Collor, perguntaram a Maksoud: “Você não disse que ia se mudar para o Paraguai se o Collor ganhasse as eleições?”. A resposta de Maksoud: “Eu já estou no Paraguai”.

No ano seguinte, a diretoria decidiu promover, durante o Fórum da Liberdade, o primeiro debate entre os candidatos à presidência do país, após a aprovação das eleições diretas - uma realização extraordinária para os jovens do IEE. Muitos acharam a ideia uma maluquice. Mas foram em frente. Um dos que mais trabalharam para trazer os candidatos à presidência foi o secretário executivo Nino Anele. Sem agendar com nenhum, ele desembarcou em Brasília com a missão de convidá-los para o que seria o primeiro debate público de todos eles. Foi ao gabinete do então senador Mário Covas e disse aos assessores que vinha de Porto Alegre para fazer um convite. Informaram que Covas só chegaria às 15h, e que ele retornasse naquele horário. Às 15h, Anele estava lá. Pediram que retornasse às 17h. E assim foi, até que Covas o recebeu. “Senador, o senhor é candidato à presidência, e no nosso evento vai poder falar para 500 pessoas influentes”, disse Nino. Era esse o número estimado de público no segundo Fórum, já que, ao primeiro, tinham ido 300 pessoas. Quando o carro que levava Covas estacionou em frente ao Hotel Plaza São Rafael, Nino o esperava com a notícia: “Bom dia, senador. Eu lhe prometi 500 pessoas, mas tem mil aqui dentro”.

O então deputado federal Luis Inácio Lula da Silva também recebeu Nino em Brasília e ainda ofereceu uma carona no carro oficial até o compromisso seguinte do secretário do IEE. Quando o motorista estacionou em frente ao local indicado por Nino, perguntou: “Ué, esse é o hotel da UDR (União De-

mocrática Ruralista). O que você vai fazer aí?” Nino desconversou. Ele estava ali para convidar outro candidato à presidência: Ronaldo Caiado.

O evento foi um sucesso, um marco na história do Fórum da Liberdade. Teve ainda a presença do deputado federal Roberto Freire e de Leonel Brizola. Entre os candidatos, apenas Guilherme Afif Domingos e Fernando Collor, que acabou ganhando as eleições, não compareceram. Collor chegou a confirmar presença. Mas na noite anterior, em um jantar da diretoria do IEE com convidados, Henry Maksoud, que havia protagonizado o episódio com Collor no primeiro Fórum, confidenciou ao presidente Carlos Biedermann que havia cruzado com Collor no aeroporto de São Paulo quando embarcava para Porto Alegre, e este, ao saber que ele estaria no evento do IEE, havia dito que, nesse caso, não iria participar.

O presidente do IEE não pensou duas vezes e foi atrás do candidato. Pegou um avião na mesma noite, desceu no Rio, onde Collor estava, e o encontrou no Hotel Caesar Park. Conversaram às 23h, véspera do Fórum. Mas o “Caçador de Marajás” não arredou pé de sua decisão. E pensar que a presença de Fernando Collor no primeiro Fórum da Liberdade tinha sido garantida com um simples telefonema. Os diretores do IEE pegaram a lista telefônica, ligaram para o gabinete do governador de Alagoas e disseram: “Nós somos de um instituto de Porto Alegre que discute ideias liberais, vamos fazer um evento e gostaríamos de convidar o governador”. O próprio Collor atendeu. E foi.

No início dos anos 90, os jovens decidiram que era hora de levar um palestrante internacional de peso ao Fórum. Por que não um Prêmio Nobel? Naquela época, estava-se discutindo a revisão constitucional. E eles resolveram convidar o Nobel de Economia de 1986, James Buchanan, que havia escrito sobre a importância de uma constituição para estabelecer normas de convivência que permitam o florescimento de uma economia de mercado.

*“Foi um desafio trazer o Buchanan. Fui com o Roy Ashton aos Estados Unidos convidá-lo e também a um ex-juiz da Corte de Apelação, que é anterior à Suprema Corte, Douglas Guinsburg. Ele tinha sido convidado pelo Reagan para ser juiz da Suprema Corte, mas naquelas sabatinas que o Senado faz, assumiu que tinha fumado maconha e foi vetado”, conta André Burger, gestão 1992/1993.*

Além de convidar celebridades para participar do Fórum, os associados têm a oportunidade de acompanhá-las na sua visita a Porto Alegre, ou ser o “sombra” do palestrante.

Em 1995, o então presidente do IEE conviveu com Vargas Llosa, Roberto Campos e Paulo Francis.

*“Os três não se conheciam pessoalmente. Foi o Fórum que oportunizou o primeiro encontro dessas incríveis personalidades. Eu os tive no meu carro, circulando por Porto Alegre, ouvindo suas conversas recheadas de inteligência e diversão. Llosa ficou três dias na cidade e celebrou seu aniversário no dia do Fórum”, diz Carlos Souto, gestão 1994/1995.*

Quando você aceita ser “sombra” de um palestrante desse quilate e de outros, como o Prêmio Nobel de Economia de 1993, Douglass North, outro convidado ilustre de um Fórum da Liberdade, tem a oportunidade única de travar uma conversa privada com ele e entender melhor seu pensamento.

Muitas das personalidades que vêm ao Fórum deixam essa mesma sensação em quem apenas as escuta durante o evento. Em 1996, por exemplo, havia um rosto brasileiro na Escola de Chicago. O carioca José Alexandre Scheinkman chefiava o departamento de economia do principal templo do liberalismo. Ocupante da sala que foi de Milton Friedman, ele teve esse papel no IX Fórum da Liberdade. Scheinkman defendeu alguns tipos de ajuste para que ocorresse no Brasil o que ele chamou de reestruturação fiscal. O mais importante, vejam só, era a mudança das relações entre o governo federal, estados e municípios. “O BC não deve salvar os estados. Essa é a primeira noção de independência que o BC precisa. E só vai acontecer quando não existirem mais bancos estaduais”, dizia Scheinkman. Além disso, para atrair o capital externo e melhorar a poupança interna, disse que o governo precisava parar de competir com o setor privado pela poupança nacional. “E isso só vai acontecer quando ele não tiver mais déficit fiscal.”

## O MUNDO NUNCA MAIS SERÁ O MESMO

Talvez um dos momentos mais difíceis para uma diretoria do IEE organizar o Fórum da Liberdade tenha sido entre 2001 e 2002.

Ainda em 2001, aconteceria uma das maiores tragédias da história da humanidade: os ataques terroristas de 11 de setembro. Em uma série de atentados contra os Estados Unidos, realizados por 19 terroristas da organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, foram derrubadas as Torres Gêmeas do complexo empresarial World Trade Center, em Nova York, e atingidos outros alvos, como o Pentágono, em Washington. Quase 3.000 pessoas morreram durante os ataques.

No Brasil morreu um dos símbolos do liberalismo nacional, o economista Roberto Campos, tradicional frequentador do Fórum do IEE. E nasceu, em Porto Alegre, o Fórum Social Mundial. Embora concebido como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial, realizado anualmente, desde 1974, em Davos, na Suíça – sustentado por mais de mil empresas multinacionais, em defesa da melhoria e expansão do liberalismo –, não foi à toa que o Fórum Social Mundial (FSM) começou em Porto Alegre. Esse encontro anual internacional articulado por movimentos sociais, ONGs e pela comunidade civil para discutir e lutar contra o neoliberalismo e contra desigualdades sociais que, segundo seus organizadores, são provocadas pela globalização, embora caracterizado por ser não governamental e apartidário, tem partidos e correntes partidárias participando ativamente dos debates e discussões.

*“O Fórum Social Mundial, realizado pela primeira vez em Porto Alegre, com dinheiro público, foi definido pelo Le Monde Diplomatique como o início do Século XXI. Tal como a anedota da época, ‘uma pequena aldeia povoada por irredutíveis gauleses ainda resiste’ à globalização, à modernidade, à liberdade econômica”, diz Pedro Chagas, gestão 2001/2002.*

O fato é que, após a chegada do FSM a Porto Alegre, o Fórum da Liberdade cresceu ainda mais. Em 2004, foi transferido da Fiergs para a PUC, tamanho o interesse do público. Com a mudança de local, mudou também o público-alvo do evento. Muitos estudantes universitários também passaram a ter uma proximidade bem maior com o Fórum da Liberdade.

Quase 30 anos depois daquela primeira edição no Plaza São Rafael, o Fórum cresceu muito em tamanho e em relevância. Os locais escolhidos foram ficando pequenos para abrigar um público crescente, sedento por debates de ideias. Mais de 70% dos 5.000 frequentadores do último Fórum eram estudantes.

## PROVA DE FOGO

Enfrentar as mais diferentes conjunturas e as dificuldades inerentes à organização de um megaevento tornou o Fórum da Liberdade uma espécie de pós-graduação da diretoria do IEE. Como o evento adquiriu uma relevância internacional, o acesso a pessoas muito relevantes no cenário global tornou-se mais fácil. Com isso, aumentou o grau de exigência que os próprios associados se impõem na hora de escolher os convidados. E o Fórum passou a tomar tanto tempo da diretoria que, em 2011, foi criada uma nova posição, a de diretor do Fórum da Liberdade, para centralizar as tarefas relativas à organização do evento e deixar os restantes com mais liberdade para desenvolver suas tarefas de formação. Carolina Fuhrmeister foi a primeira diretora do Fórum.

A importância do evento é cada vez maior. Ele é uma ferramenta de captação de novos associados, uma grande vitrine. Pelo menos 80% dos prospects do IEE estiveram no Fórum. Além do mais, é algo que dá porte para a instituição. Hoje ele é reconhecido no mundo inteiro.

Por todas essas características e tudo que o envolve, organizar um Fórum da Liberdade, até hoje, rende boas histórias, que certamente serão contadas para as próximas gerações de jovens que serão formados pelo IEE.

Em 2012, por exemplo, o tema “corrupção” estaria em pauta, e a ideia era levar ao Fórum um senador que, durante todo o processo do mensalão, havia se destacado pela defesa da ética. O convite foi feito, mas a assessoria do político demorou a confirmar que ele viria.

*“Quando faltava um mês para o Fórum, o assessor do senador pediu que eu fosse à Brasília confirmar pessoalmente a presença dele. Comprei a passagem para uma segunda-feira, antes das 6h da manhã. Desci em Brasília e fui direto pro Senado. Tinha marcado com ele às 9h. Cheguei lá e o assessor começou a me enrolar: ‘O senador já vai recebê-lo’. Esperei até o meio-dia e disseram que ele só falaria comigo às 14h. Quando retornei, o assessor me perguntou, sem jeito: ‘O senhor não viu a Veja hoje?’. O sujeito me entrega a revista, eu olho a capa e está lá o senador Demóstenes Torres, envolvido até o pescoço com o Carlinhos Cachoeira. Na minha mão direita estava a VEJA e, na esquerda, o convite para o painel de corrupção. Dei meia-volta e retornei a Porto Alegre. Que país em que a gente vive: o maior ‘inimigo’ da corrupção pego com as calças na mão. Não sabia se ria ou se chorava.”, contou Ricardo Gomes, gestão 2011/2012.*

## O HEXÁGONO DA LIDERANÇA

Seja qual for a atividade realizada, a meta é sempre desenvolver alguma das seis habilidades consideradas essenciais para os associados do IEE. Elas compõem o que a entidade denomina de Hexágono da Liderança:

**I - INTEGRIDADE MORAL:** identificação e aderência ao conjunto de valores do IEE; prática congruente com discurso; honestidade e ética com todos os públicos; autocontrole e credibilidade.

**II - VITALIDADE E MOTIVAÇÃO:** esforço e energia para atingir os objetivos; perseverança; predisposição a desafios; autoconhecimento e autoconfiança; zelo com a saúde física e mental.

**III - REDE DE RELACIONAMENTOS:** desenvolvimento e manutenção de alianças; articulação de parcerias autênticas; criação de sinergia no grupo; sociabilidade; flexibilidade na diversidade.

**IV - ANTEVISÃO:** análise de incertezas e identificação de tendências; definição de objetivos e estratégias; visão sistêmica; atitude proativa.

**V - CONQUISTA DE RESULTADOS:** geração de resultados efetivos e de qualidade; implementação da visão; mobilização de pessoas e recursos; ações de impacto positivo sobre o ambiente.

**VI - COMUNICAÇÃO:** persuasão e assertividade para transmitir mensagens aos diferentes públicos; empatia; disposição para ouvir; sensibilidade para dar e receber feedback.







## TELMO NETTO COSTA JÚNIOR

2000 - 2001

### TRANSFORMANDO OUSADIA EM REALIDADE

“Deixe-me dizer em que acredito: no direito do homem de trabalhar como quiser, de gastar o que ganha do jeito que achar melhor, de ser dono de suas propriedades e de ter o Estado para lhe servir e não como o seu dono! Essa é a essência de um país livre, e dessas liberdades dependem todas as outras.”  
Margaret Thatcher

**E**m 1995, fui convidado pelo amigo Felipe Goron para participar como convidado de uma reunião semanal do Instituto de Estudos Empresariais. Chegou a noite marcada e lá estava eu no jantar do IEE, juntamente com mais alguns convidados e os associados do Instituto, presenciando um júri simulado. As bancas estavam extremamente bem preparadas, exibindo amplo domínio conceitual do tema ao defenderem suas teses com eloquência. Tanto que, no final do evento, eu já estava decidido a fazer parte do grupo.

Os anos subsequentes mostraram que a minha intuição estava correta! A cada evento, subia o nível da exigência, e as leituras geravam uma base conceitual muito importante, com temas de vanguarda que ainda não eram discutidos no Brasil! Tudo isso com um sentido de propósito comum entre os membros do Instituto, que resultava em algumas amizades fortes que permanecem até hoje.

Depois de ter sido diretor na gestão de Sérgio Lewin, veio o convite para ser o 16º presidente do Instituto de Estudos Empresariais, entre os

anos de 2000 e 2001. Para a gestão, nós montamos um time diferenciado que reunia conteúdo e capacidade de execução. A equipe era excepcional, tendo os companheiros Pedro Chagas como vice-presidente, Ricardo Chaves Barcellos, Henri Chazan, Luiz Felipe Schiavon e Rodrigo Lacroix como diretores. Era o time certo para o tamanho do desafio que tínhamos pela frente!

No cenário nacional, estávamos no início do segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso. Como retrospectiva, no seu primeiro mandato, FHC tinha dado sequência ao plano de estabilização monetária, e o país começava a mudar de perspectiva. Também tinha realizado uma série de privatizações para encolher a máquina, reduzir custos e aumentar a qualidade e abrangência de disponibilidade dos serviços privatizados.

Ao mesmo tempo, tinha atacado algumas das fontes do déficit público e criado a Lei de Responsabilidade Fiscal, ampliando o rigor sobre o orçamento público e limitando o endividamento dos estados e municípios.

Na área social, por meio do programa Comunidade Solidária, criou programas importantíssimos de inclusão social baseados em modelos não assistencialistas. Na educação, as verbas foram redistribuídas, fazendo com que aumentassem os investimentos na base da pirâmide

e que a meritocracia começasse a entrar nas escolas e universidades.

Por todas essas realizações do primeiro mandato, as expectativas com FHC no seu segundo mandato eram muito grandes, porque ainda existia muito espaço para se avançar com as privatizações e com as reformas trabalhista, fiscal e política - sem falar na reestruturação do modelo de gestão pública, criando um modelo de governança e a implantando da meritocracia.

No Rio Grande do Sul, o PT estava à frente do governo estadual, com o governador Olívio Dutra, e também em Porto Alegre, com o prefeito da capital. A realidade do Rio Grande do Sul era caótica, porque estávamos na contramão do restante do país e do mundo.

O programa de privatizações do estado, que tinha sido idealizado pelo governador Antônio Britto, foi abandonado. Contratos que tinham sido assinados e estavam em vigor foram rasgados, gerando insegurança jurídica, bem como passivos a serem pagos.

Numa péssima estratégia de negociação, o governo petista blefa com a Ford, e a empresa não aceita, transferindo-se para a Bahia. Na sequência, todos os seus fornecedores também trocam o Rio Grande do Sul pela Bahia. Como efeito residual, o Rio Grande do Sul torna-se reconhecido mundialmente por não honrar os contratos, e até hoje somos preteridos - como recentemente, com a BMW.

XIV Fórum da Liberdade



A insegurança jurídica estava instaurada, levando à redução de investimento de inúmeras empresas que temiam por novo incidente semelhante ao da Ford. A insegurança também chega ao campo pelos membros do movimento sem-terra, que se colocam acima da lei, realizando invasões a propriedades produtivas. Em muitos desses casos, a polícia, mesmo acionada, fica de mãos atadas, porque não pode prender os invasores.

A máquina pública incha com a criação e nomeação de cargos de confiança, mas pior que isso é o aparelhamento do estado pelas nomeações feitas. Inicia-se o conceito de “contabilidade criativa”, principalmente nas contas do último ano do governo de Olívio Dutra. O déficit orçamentário, que estava fora de controle, é mascarado, e o governo gaúcho consegue aprovar na Assembleia Legislativa uma lei que autorizava o Poder Executivo a transferir para o caixa do estado os depósitos judiciais referentes a discussões sobre tributos estaduais. Ou seja, o filme é bem mais antigo do que achávamos!

Voltando ao Instituto, em meio a essas realidades diametralmente opostas, seguimos e aprofundamos o processo de formação dos nossos associados para que o conceito do IEE estivesse forte dentro de cada um.

Realizamos uma mudança estatutária, reduzindo a idade mínima de entrada no Instituto e ampliando a quantidade de associados. A ideia era seguir e ampliar a qualidade da formação, mas para um grupo maior de pessoas! Com isso iniciamos a expansão do quadro de associados, implantando um pro-

cesso constante e permanente de captação de novos sócios via indicação. O trabalho incansável da diretoria, juntamente com o do sócios ativos, honorários e apoiadores, fez com que, ao longo de um ano, o quadro dobrasse.

Considerando o trabalho de expansão, começamos a segunda etapa, que era evoluir na frente de qualificação dos associados, ou seja, estávamos crescendo em número de membros, mas não podíamos perder a qualidade. Então reforçamos nosso processo de formação por meio das leituras, que eram incrementais, dos jurís simulados, dos eventos de retomada da história do Instituto, com a participação de ex-presidentes, dos seminários e da presença de filósofos, sociólogos, economistas, juristas, etc. Estávamos preparando nossos associados para a realidade do país.

Na sequência veio a terceira etapa, com a participação de grandes empresários e executivos brasileiros que traziam a experiência de quem sabe fazer acontecer. Entre eles, em eventos inesquecíveis, tivemos Rolim Amaro, fundador da TAM; Jorge Gerdau; Frederico Gerdau; Nelson Sirotsky; João Carlos Saad, presidente da Rede Bandeirantes de Rádio e TV; Raul Randon, presidente do Grupo Randon; e Marcos Torres, que tinha criado a Telet, que virou a Claro que conhecemos hoje.

Na quarta onda, tivemos a participação de políticos, dois dos quais foram memoráveis e fundamentais para que conseguíssemos entender como o Rio Grande do Sul estava naquela situação: deputado Alceu Collares e Tarso Genro. O embate

foi forte, e isso era sinal de que a formação estava funcionando bem.

Ao longo de um ano, foram mais de 50 encontros distribuídos nos jantares-debates, seminários e colóquios. Isso junto com as edições da Revista Leader, o segundo Fórum Universidade Empresa, na PUC, e o grande final, que seria o Fórum da Liberdade.

No meio disso, criamos e implantamos o Currículo IEE, um processo baseado em meritocracia que incentivava e valorizava a participação dos associados. Nosso objetivo era que os melhores colocados fossem diplomados no Fórum da Liberdade ou no evento de posse, e que os certificados aferidos pelo Instituto se tornassem parte do currículo profissional dos nossos associados.

Trabalhamos na reaproximação do IEE com as demais entidades representativas. Essa ação foi muito necessária, porque, por muitos anos, tínhamos dificuldade de relacionamento com entidades importantes. Com a reaproximação, conseguimos desenvolver grandes parceiros em projetos essenciais.

No aniversário do IEE, levamos o Instituto para o grande público, realizando uma exposição em um shopping center. O objetivo era ampliar a visibilidade sobre o Instituto para a massa em geral, uma ação simbólica e quase desprezível, mas que tinha grande relevância na época.

Para finalizar a gestão, realizamos o XIV Fórum da Liberdade, com a temática “A crise social brasileira: suas causas, desafios e soluções”.

XIV Fórum da Liberdade



O foco do evento foi em educação, geração de empregos e Previdência Social.

Nossa estratégia foi alinhar o conceito com a prática. E para que isso acontecesse, trouxemos 25 palestrantes de várias partes do mundo. Entre eles, o então vice-presidente do Brasil, ministros, senadores, o presidente do Banco Central, empresários, economistas, filósofos e ícones da esquerda - o que oportunizou um debate impressionante e resultou em propostas concretas de alternativas à situação do Brasil e de nosso estado.

Durante o nosso Fórum da Liberdade, tivemos a honra de homenagear Carlos Smith, criador do Fórum da Liberdade e do júri simulado, pelas contribuições significativas para o Instituto durante a sua gestão. Carlos é uma daquelas pessoas inquietas que soube traduzir essa característica em instrumentos que contribuíram muito para o IEE.

Realizamos mudanças no formato do Fórum, passando-o para dois dias, criamos sessões exclusivas que ocorriam em paralelo ao evento principal, desenvolvemos uma exposição de projetos sociais e expandimos o evento para além do espaço físico, com transmissão para telões na Esquina Democrática, no Centro de Porto Alegre. Também conseguimos que o Portal Terra cobrisse o Fórum de forma intensa e criamos um canal interativo com os internautas, para que eles pudessem assistir e fazer perguntas via internet.

Como forma de tocar o coração das pessoas, criamos uma campanha com peças fortes que trabalhavam com o emocional, mostrando pessoas que se encontravam em

situações-limites e que eram ignoradas pelos governantes. Os filmes exibiam imagens reais, em silêncio, e faziam questionamentos que remetiam para a discussão que aconteceria no Fórum.

O resultado foi uma lotação total dos espaços do Teatro do Sesi, bem como de salas adicionais para as sessões fechadas com palestrantes. Com isso quebramos os records até então de público (com mais de 4.000 pessoas), de venda de ingressos, de volume de patrocínio e de quantidade de patrocinadores.

Foi um ano muito intenso, de muito aprendizado, de grandes transformações e de vitórias importantes! Sem dúvida, tudo só foi possível pela dedicação total da diretoria do IEE, que foi incansável e soube criar os meios para que as coisas acontecessem.

Assim como a diretoria o companheirismo, é preciso ressaltar a disponibilidade e a ousadia de Jorge Gerdau, que foi incansável e um incentivador; a parceria com José Martins, que esteve junto em todos os momentos; nosso presidente William Ling; e Renato Malcon, que foram muito presentes, me mostrando alternativas e realizando os questionamentos corretos no tempo certo. Além dessas pessoas nominadas, uma série de outras se envolveu e trabalhou ao longo da gestão, tornando possível que nossa ousadia virasse realidade!

Que venham os próximos 30 anos e que os desafios, mesmos sendo grandes, nos incentivem a irmos adiante criando e preparando líderes para puxarem as transformações que teremos que realizar pela frente.

## PEDRO CHAGAS

2001-2002

### O PRIMEIRO ANO DO SÉCULO XXI

Normalmente os anos começam no Dia Mundial da Paz, mas 2001 foi diferente. O primeiro ano do novo milênio começou em setembro, precisamente no dia 11, "o dia que mudou o mundo", como se disse à época.

Com a caixa de Pandora aberta pelos atentados ao World Trade Center e Pentágono, o noticiário que vinha dos estertores de Clinton e Monica Lewinsky caiu em Bush e Bin Laden. Conhecemos o Taliban, o Mulá Omar, a Guerra do Afeganistão, as cavernas de Tora Bora, mas até hoje não sabemos ao certo quem enviou as cartas com esporos de antraz.

Já no Brasil, como sempre, mais do mesmo.

Fomos afetados por problemas da vizinha Argentina, que, além de calote internacional e caos social, terminou o ano com nada menos que cinco presidentes e dois ministros da economia em dez dias.

Corremos o risco de apagão e ocorreu a explosão, seguida do afundamento, da P-36, então a maior plataforma petrolífera da nossa Petrossauro.

"Vão-se os bons, ficam os ruins", o provérbio português restou mais verdadeiro com a perda de Roberto Campos.

No Rio Grande do Sul, em vez de mais do mesmo, conseguimos andar para trás. Tal como a anedota da época, "uma pequena aldeia povo-

ada por irredutíveis gauleses ainda resiste" à globalização, à modernidade, à liberdade econômica e por aí vai...

O tragicômico governo Olívio Dutra (do discurso contra o lucro na Federasul, da bandeira de Cuba no balcão do Piratini, da perseguição a jornalistas, da perda da Ford em Guaíba, da ideologização da escola pública, do "Bom dia, governo popular e democrático, qual a sua emergência?", da propaganda política no Diário Oficial do Estado, dos representantes das FARC recebidos com honras, do aumento do ICMS, dentre outras peripécias a serem lembradas para - oxalá - não serem repetidas) ficou devendo explicações à CPI da Segurança Pública e às denúncias de desvios envolvendo o jogo do bicho, o Clube da Cidadania e a compra da sede estadual do seu partido.

O Fórum Social Mundial, realizado pela primeira vez em Porto Alegre, graças ao dinheiro público, foi definido pelo Le Monde Diplomatique como "o início do século XXI", para, ato contínuo, vermos o ativista francês José Bové e o líder do MST, João Pedro Stédile, invadirem e destruírem uma plantação de sementes de soja transgênica da empresa Monsanto em Não-Me-Toque.

Ufa! Que ano! Ainda bem que terminou! Mas não sejamos tão pessimistas, porque, como nada na vida é para sempre e tudo tem um lado



bom e um lado ruim, assim como Pandora fechou a caixa antes que o monstro capaz de matar a esperança saísse, acreditamos que o ano de 2001 representou a promessa de encerramento de um ciclo de ideias sangrentas, totalitárias e socialistas que reinaram ao longo do século XX.

As pessoas e os fatos se vão, mas as ideias ficam. Mais de uma década depois da queda do muro de Berlim, o consenso em torno do ideário liberal cresceu muito e, como um tsunami, tomou conta daquilo que os alemães chamam de *zeitgeist*, varrendo o mundo em prol de mais liberdade, tanto política como econômica, com forte auxílio da internet.

Pois foi justamente nesse conturbado ano que, bem jovem, tomamos posse como o 17º presidente do IEE, juntamente com nossos queridos companheiros de chapa Rodrigo Lacroix, Caio Sbruzzi, Felipe Pozzebon, Luciano Brochmann e Luiz Eduardo Fração.

De muita valia na desafiadora tarefa, as leituras enquanto associado, começando invariavelmente por Donald Setwart Jr. e Gwartney & Stroup, passando por Og Leme, Bastiat, Ayn Rand, Friedman, Mises e Hayek, para chegar a Kirzner, Popper, Adam Smith, Paul Johnson, Merquior, Guy Sorman e Alain Peyrefitte, para citar apenas alguns dos mais marcantes.

Importante também registrar as participações em seminários internos, além da experiência adquirida nas gestões dos colegas Sérgio Lewin e Telmo Costa, primeiro como diretor, depois vice-presidente.

Quanto à presidência, destacamos a descoberta e o convívio diuturno

com três paradoxos descritos por Handy, que, além de tirarem muitas horas de sono, constituem no fundo os atributos que julgamos necessários para a liderança da instituição e, talvez, revelem um dos segredos do seu processo de formação.

Em primeiro lugar, a autoconfiança, representada na convicção de que as ideias defendidas pelo Instituto são as melhores porque são aquelas que realmente funcionam na prática. Seu oposto está no fato de que essa crença deve sempre ser regada com uma dúvida razoável que representa a humildade de aceitar que às vezes podemos estar errados.

Em segundo, a paixão pelo trabalho, que proporciona energia e foco para a orientação de uma organização, sempre aliada à consciência de que outras realidades são importantes. Isto é, tempo para ler, viajar, conversar, em suma, para caminhar por outras terras.

Por último, o respeito pelas pessoas, que nada mais é do que o reconhecimento de que as organizações são comunidades de indivíduos, e não um conjunto de recursos humanos. A sua antítese está na capacidade para a solidão, eis que, de tempos em tempos, se faz necessário caminhar sozinho, porque nem sempre é possível compartilhar as preocupações ou decisões com mais alguém.

Esses paradoxos foram vividos pela gestão 2001-2002 durante todos os momentos e em todas as suas ações, que, sem exceção, partiram do consenso interno básico de que o sucesso do IEE está no seu foco: a formação de lideranças. Em função disso, a formação dos associados foi a finalidade primeira e última de todos os eventos.

Jantar Debate semanal, Seminários, Colóquios, Revista Leader, Fóruns Universidade Empresa em Porto Alegre e, pela primeira vez em Caxias do Sul, o XV Fórum da Liberdade (“Os Desafios da Democracia no Século XXI”), livro Pensamentos Liberais, Caminhada do Dia do Capitalismo, além de eventos sociais e esportivos, incluindo futebol e o ranking de tênis, enfim, tudo isso sempre teve como aspecto básico a formação das pessoas.

Nossa maior esperança é que todas as ações realizadas e/ou discutidas durante nossa gestão tenham concretizado ao menos em parte nosso compromisso inicial de buscar de forma incansável a garantia de que o ciclo de formação do qual nos beneficiamos se repetisse em uma

espiral ascendente, viabilizando que muitos outros tenham a grata oportunidade de passar pelo que nós passamos naquilo que consideramos nossa melhor escola, o IEE.

Entretanto, desde já advertimos sobre a existência de um quarto paradoxo, descoberto somente após o encerramento do nosso ciclo: trata-se do paradoxo entre os sentimentos de alegria e tristeza.

Alegria pela sensação de dever cumprido, de olhar para trás e ver que enfrentamos muitas batalhas, algumas perdidas, mas muitas vitoriosas. De termos acertado mais do que errado, de termos aprendido lições inestimáveis nos dois casos, de termos conhecido pessoas formidáveis e, sobretudo, termos cumprido o principal papel da presidência, que é assegu-

Cerimônia de posse da diretoria



rar capital humano tanto para sua quanto para sucessões à frente.

De outro lado, a tristeza decorrente da saudade do convívio com os membros da Diretoria, os associados, a equipe do Instituto e todos os amigos do IEE que acreditam na razão e na liberdade.

Para finalizar, julgamos que a conversa de um jovem pedestre com três diferentes pedreiros talvez resuma o espírito necessário para o desafio do ciclo de formação do Instituto.

Ao passar caminhando pelo primeiro pedreiro, que parecia frustrado e enfadado, o jovem perguntou-lhe o que estava fazendo, ao que o pedreiro rebateu com voz afligida: "Estou tentando dar forma a esta pedra; é um trabalho esgotante". Se-

guindo seu caminho, o jovem passou pelo segundo pedreiro, que batia em uma pedra similar e parecia apático. "Que estás fazendo?", perguntou-lhe. "Estou dando forma a uma pedra para um edifício", disse cansadamente. Logo adiante, o jovem cruzou pelo terceiro pedreiro, que cantava e assoviava enquanto trabalhava. Surpreso, perguntou-lhe o que fazia. O trabalhador sorriu e respondeu: "Estou construindo uma catedral!".

Que as futuras gerações à frente do Instituto peguem suas respectivas pedras e construam suas catedrais, passando adiante a tocha de Prometeu, sempre para grupos cada vez melhores e mais preparados para enfrentar a luta sem fim por uma sociedade mais aberta.

## FELIPE DREYER DE ÁVILA POZZEBON

2002-2003

### 30 ANOS DEFENDENDO A LIBERDADE

Na oportunidade em que o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) comemora 30 anos de existência, muito há a comemorar, mas também a refletir. Comemorar tudo que o Instituto conquistou ao longo das últimas três décadas, todos os associados cujo processo de formação auxiliou, todos os debates que realizou acerca dos mais importantes temas liberais que impactam nosso crescimento e a representatividade que conquistou, dentro e fora do Brasil, destacando-se como um dos mais importantes *think tanks* liberais do mundo.

Eu, como diretor no período 2001/2002 e como presidente na gestão 2002/2003, tive uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida profissional e sou extremamente grato ao Instituto. Não só ao IEE, mas a todos os colegas que conheci e aos amigos que fiz e que, de alguma forma, contribuíram com a minha caminhada e o meu aprendizado, assim como auxiliaram na formação do maior patrimônio do Instituto: os seus associados. A presidência da nossa instituição exige dedicação quase integral, período em que abrimos mão do convívio familiar e de oportunidades profissionais para participarmos de um projeto que realmente pode fazer a diferença, pode ser a diferença. É nisso que confiamos e para isso que trabalhamos.

Os desafios de quem está à frente do IEE são inúmeros. Começam

por liderar um grupo qualificado de pessoas e mantê-las motivadas na busca dos objetivos do Instituto. Segue por organizar eventos semanais que, efetivamente, contribuam para o crescimento intelectual dos associados; planejar um variado conjunto de atividades que complementem o processo de formação dos integrantes do Instituto; fazer o IEE e suas ideias serem ouvidos no debate das questões relevantes de nossa sociedade; organizar um Fórum da Liberdade que propicie um rico debate de ideias, fortalecendo os nossos pilares de formação; criar condições que assegurem a sustentabilidade financeira, de longo prazo, do IEE; e acender, em cada associado, a fagulha do líder que têm dentro de si. Como se conclui com meridiana clareza, são tarefas que exigem trabalho e dedicação do presidente e sua equipe, oportunidade em que faço um agradecimento especial aos meus colegas de gestão e amigos Luiz Eduardo Fração, André Buner, Mathias Kissinger Rodrigues, Marcelo Schiavon e Lars Knorr, que desempenharam, com brilhantismo, suas atividades.

Se verificarmos a *Missão* que estabelecemos para o nosso Instituto - "Formar lideranças empresariais que se comprometam com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais, subordinadas ao Estado



Cerimônia de posse da diretoria



de Direito” – e a cotejarmos com os caminhos que o nosso país tem trilhado, constataremos, sem sombra de dúvida, que não basta simplesmente nos dedicarmos a nossa formação. Esse é o ponto de partida, mas não o de chegada.

A nossa missão, enquanto associados do IEE, é bem mais árdua e exige, de cada um de nós, um grande comprometimento. O que

precisamos não é de associados que unicamente participem de todas as atividades do Instituto, leiam todos os livros recomendados e que trabalhem dedicadamente para o seu crescimento pessoal e, depois, dirijam-se às suas casas, guardando todo esse manancial de conhecimento e experiências para si. É necessário, sim, que todo esse conhecimento gerado e que todos esses líderes em potencial ocupem seus espaços de liderança na sociedade. Devemos ensinar pelo exemplo. Se assim não for feito, pouco teremos contribuído para efetivamente modificar e melhorar o país em que vivemos. Muito pouco teremos feito para defender a Liberdade, a Responsabilidade Individual, o Estado de Direito e a Propriedade Privada, pilares de nossa formação.

E essa participação, ativa e altiva, tem assumido especial importância nas últimas décadas. Se fizermos uma avaliação objetiva do que temos presenciado ao longo dos anos, identificaremos uma proposta de governo que demonstrou estar dissociada do que estudamos, pregamos e defendemos. O nível de crescimento econômico do país é pífio, o nível de investimento brasileiro acompanha o dos piores países do mundo, o assistencialismo social bate recordes de crescimento, a estrutura pública cresce proporcionalmente à falta de competitividade de nossa nação, os gargalos na infraestrutura de nosso país emperram nosso desenvolvimento; além disso, nos associamos a países isolados no contexto mundial, retrógrados sob o ponto de vista político, econômico e social e que pouco ou nada agregam ao Brasil. Não é isso que queremos para nós,

para nossos filhos e netos, para nosso país e para o nosso futuro.

A alteração desse quadro exige, de todos, uma postura de assunção de responsabilidades e de comprometimento com o nosso futuro. Devemos assumir posições de liderança para as quais estamos nos preparando há três décadas. A nossa cidade, o nosso estado e o nosso país não podem mais prescindir de nossa participação. Essa premissa não é nova em nosso Instituto. Muito pelo contrário. Desde que o IEE foi formado, sabemos quais as nossas responsabilidades e o que devemos fazer. Devemos olhar em frente e contribuir para que os momentos de escolha de nossos representantes sejam oportunidades de mudança e evolução, para retomarmos o caminho do crescimento, despartidarizarmos nossas

instituições, diminuirmos o gigantismo da máquina pública e elegermos pessoas que optem por investir em educação, bem como se comprometam com a liberdade, o crescimento econômico e social e a ética.

Parabéns ao Instituto de Estudos Empresariais, aos seus associados e colaboradores pelos 30 anos de atividade, permeados de conquistas e privilegiando o debate de ideias e a busca de alternativas que tornem a sociedade mais justa, rica e livre.



## LUIS EDUARDO FRAÇÃO

2003-2004

Texto por: Luiz Leonardo Fração

### NOVOS LÍDERES

Formar lideranças é o que o IEE tem por missão. Justamente essa missão é a maior fonte do orgulho que meu irmão nutre pelo Instituto, ao mesmo tempo que, por ela, é que meu irmão é tão grato ao IEE.

Por conta desse orgulho de ter ajudado na formação de associados que vieram depois dele que o Luiz Eduardo pediu que eu escrevesse este artigo no lugar dele. Tendo eu ingressado no IEE em 2003, ano em que ele era o presidente, ele achou emblemático que alguém que iniciou sua formação no IEE naquele ano escrevesse no lugar dele, demonstrando o sucesso da missão do Instituto em formar novos líderes.

Em 2003, quando ele assumiu a presidência do Instituto com então 24 anos (tendo sido o presidente mais novo até então), sempre comentava em casa do quanto sentia que tinha amadurecido e aprendido nos três anos em que já participava do IEE e o quanto algumas pessoas dentro do Instituto o tinham influenciado com sua maneira de pensar e agir.

A fórmula do IEE naquele ano entregava mais um presidente que havia sido forjado dentro desse modelo que é infalível. Infalível porque não é uma receita de bolo ou uma fórmula pronta. O modelo do IEE forma líderes capazes porque não busca doutriná-los, mas obriga a cada um de nós que passa pelo Instituto a pensar e trabalhar por si próprio. A cada segunda-feira, a cada evento extraordi-

nário, a cada colóquio ou seminário, não existe uma imposição de ideias, mas sim uma exposição a elas. É por meio dessa exposição que cada um de nós desfruta da liberdade para criticar, concordar e, mais importante, formular suas próprias opiniões sobre cada tema.

Além disso todo aprendizado dentro do Instituto volta para cada pessoa de forma recíproca; ninguém apenas suga o IEE, todos acabam contribuindo de volta, nem que seja com ideias ou pensamentos.

Assim, em 2003, quando o Luiz Eduardo chegou à presidência do IEE, ele tinha aproveitado muito esse modelo e havia já me contaminado com seu entusiasmo e com tudo o que vivia no IEE.

Mas quero lembrar também aquele que é um dos motivos de maior orgulho da participação do Luiz Eduardo nas diretorias, que foi a contribuição dele ao legado que o IEE deixou quanto aos que tocaram o Instituto depois dele, e me refiro não apenas à gestão seguinte, mas também aos anos à frente.

Os novos líderes que nosso querido Instituto forma a cada ano são o maior legado que cada diretoria deixa para a seguinte - tanto na forma de novos diretores quanto de associados que são engajados, críticos e dedicados.

Relacionado a esse tema da formação dos novos líderes no IEE, vem outro que merece menção neste arti-

go, que fala da gestão de 2003/2004. O tema a que me refiro foi a atitude corajosa da diretoria de levar o Fórum da Liberdade para a PUC.

A formação do IEE funciona bem porque é "para dentro", ou seja, existe um foco muito grande em formar seus associados. Dito isso, com o Fórum sendo uma ferramenta interessante para disseminar e dividir um pouco do que aprendemos, a ideia de levá-lo para um ambiente que não só o fez crescer mas também atraiu toda uma nova demografia de participantes foi muito acertada.

A quantidade de jovens que participam do evento cresceu de um ano para o outro exponencialmente, e, mais importante que isso, cresceu a quantidade de participantes que são terreno fértil para novas ideias.

Meu irmão sempre fala que, enquanto o IEE mantiver seu foco em

formar seus associados, em não impor, mas em expor as pessoas às ideias, deixando-as livres para criticar e armazenar esses conceitos de forma aberta, terá vida longa.

Ele realmente acredita que eu faria um trabalho melhor que o dele neste artigo e diz que isso é o IEE cumprindo sua missão.

Vamos continuar trabalhando para que o Instituto possa continuar desenvolvendo pessoas, que esses 30 anos de sucesso sejam apenas os primeiros de muitos mais do IEE, entregando para a sociedade líderes melhores e capazes de melhorar nosso país que tanto carece deles.

"A forte visão liberal do IEE é rara de se encontrar em outros lugares pois é impopular. A liberdade individual - pura e simplesmente -, se levada ao extremo, parece uma mistura de egoísmo com maldade. Parece falta de generosidade. Causa repugnância naquelas pessoas que têm insegurança com relação ao que podem atingir sozinhas. Mas nada disso é verdade, e essa percepção é uma lástima, pois parece óbvio que sociedades que incentivam mais a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado do Direito, acabam por propiciar uma qualidade de vida muito superior àqueles que são generalizadamente contra esses princípios".

Jantar-debate



## LARS KNORR

2004-2005

### O IEE PARA MIM

Quando comecei a frequentar o IEE, em 1998/1999, me deparei com pessoas e um instituto que certamente influenciaram a minha maneira de pensar. Durante alguns anos, tive o prazer de frequentar os eventos ordinários como um convidado e nunca me preocupei em me tornar sócio de direito, pois já me sentia sócio de fato; a simples oportunidade de poder frequentar o Instituto foi aproveitada por mim, foi uma decisão minha, e logo percebi o benefício de fazer parte de um grupo que estudava e debatia assuntos do meu interesse. Eu gostei do que vi e aprendi muito nesse período.

Eu não tenho certeza da data, mas acredito que foi no ano de 2000, quando houve um evento na casa de um associado do IEE, para o qual foram convidadas diversas pessoas que talvez pudessem se interessar pelo Instituto no sentido de frequentar e poder se associar, pois essa é uma constante tarefa da diretoria, atrair novos potenciais interessados. Desse evento surgiram amizades que até hoje ficaram, inclusive de pessoas que não são mais associadas do Instituto. Foi um período muito especial, do qual tenho boas recordações. Minha continuidade no IEE se fortaleceu nessa ocasião, pois as pessoas que conheci naquele dia foram as mesmas com quem pude participar em diversas diretorias como diretor, vice-presidente e presidente.

O mais interessante é que, durante todo este meu ciclo, que para muitos pode parecer longo, aproveitei cada momento e inconscientemente fui me preparando para poder assumir posições de gestão no IEE. Foi um processo natural, e me sentia capacitado para cada etapa e poder auxiliar na gestão.

Para mim, e provavelmente estou repetindo o que outros colegas/amigos do Instituto também já disseram, o principal objetivo do IEE é a formação de líderes comprometidos com os valores da economia de mercado, da livre iniciativa, do Estado de Direito Democrático e do respeito à propriedade privada.

Quando comecei a frequentar o Instituto, já compartilhava das ideias que seus associados defendem e sabia da importância desses valores, mas nessa época ainda não era capaz de ordená-los e poder argumentar para defender tais ideais. A oportunidade de poder conviver com o IEE e seus associados, além das novas amizades, auxiliou no acesso às fontes dos pensamentos, que, por sua vez, permitiram que eu pudesse, por meio do estudo, esclarecer as minhas dúvidas e chegar às minhas próprias conclusões. Esta maneira de aprendizado é única no Instituto: permitir que cada indivíduo possa evoluir de acordo com os seus interesses e no seu tempo necessário. Isso se torna possível pois, no IEE, existe o princípio de respeitar a individualidade de

todos os integrantes, inclusive os colocando acima da própria entidade, aceitando e incentivando o fato de que não é preciso haver uma opinião comum em tudo.

A troca de ideias entre associados e palestrantes permitiu que meu conhecimento fosse aumentado e aprimorou meus argumentos para defender minhas ideias e moldar melhor a minha vida de acordo com os meus próprios planos. É claro que, entre os associados, existem algumas divergências em seu modo de pensar, mas no Instituto somos todos ligados por um ideal muito forte, o de uma sociedade organizada que acredita na democracia representativa no plano político, na economia de mercado no plano econômico e na descentralização de poder no plano administrati-

vo, o ideal de uma sociedade mais livre e melhor.

As pessoas que passaram pelo IEE têm um diferencial característico, a capacidade de externar suas ideias e opiniões individualmente.

### IEE 2004/2005

No ano de 2004, houve diversos fatos importantes que influenciaram o Brasil e o mundo na maneira de pensar e agir, e alguns deles se destacaram. Nesse ano foram criados a rede social Facebook e o site de compartilhamento de vídeos em formato digital YouTube; foi lançado o navegador Mozilla Firefox 1.0; foi aprovado oficialmente o elemento III da tabela periódica; formou-se, no Atlântico sul,

Cerimônia de posse da diretoria



"Quando comecei a frequentar o IEE, já compartilhava das ideias que seus associados defendem e sabia da importância desses valores, mas, nessa época, ainda não era capaz de ordená-los e poder argumentar para defender tais ideais. A oportunidade de conviver com o IEE e seus associados auxiliou no acesso às fontes dos pensamentos e permitiu que eu pudesse, por meio do estudo, esclarecer as minhas dúvidas e chegar às minhas próprias conclusões".





o furacão Catarina, que atingiu parte do litoral do sul brasileiro; houve um terremoto no oceano Índico, seguido de tsunamis que provocaram destruição em países do sudeste asiático; República Checa, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta e Polônia aderiram à União Europeia; foi um ano de eleições para prefeitos e vereadores de todo o Brasil; e mais um ano do Instituto de Estudos Empresariais, o IEE, que completou então 20 anos. E nessa época tive a oportunidade e o prazer de, juntamente com a minha diretoria, conduzir o IEE.

Meus colegas de diretoria foram cruciais para que pudéssemos em conjunto dar continuidade ao Instituto. Deixo a eles um agradecimento especial por terem participado dessa

tarefa, na qual, em minha opinião, fizeram o seu melhor.

O IEE, com 20 anos, mudou-se para uma nova sede, um pouco maior, que permitiu um melhor arquivamento da sua história, dos seus documentos e de seus livros. Também foi o ano em que foi criada uma nova logomarca do IEE, necessidades que a diretoria percebeu serem de importância para uma constante renovação e capacidade futura de crescimento, característica permanente de quem fez parte da diretoria do Instituto.

A continuidade desta história são os próximos associados, que se empenham na continuidade em melhorar. Sou grato ao IEE e aos amigos que fiz nesse fantástico mundo de aprendizagem que o Instituto proporciona.

## LEANDRO GOSTISA

2005-2006

### CENTRO DE EXCELÊNCIA

Participar do IEE foi uma experiência muito legal. Lembro-me como se fosse hoje do dia em que fui aprovado para ser *prospect*. Não sabia exatamente do que se tratava, mas sabia que havia algo muito especial ali. Felizmente eu estava certo. Graças ao IEE, conheci pessoas fantásticas, inteligentes, que me ajudaram a me tornar um líder melhor. Fui submetido a exercícios muito interessantes, como gerir o Fórum da Liberdade. Estudei quem dificilmente estudaria. E o melhor, fiz grandes amigos.

Até hoje não conheço outra instituição capaz de fazer uma formação tão interessante, visando a independência intelectual. O IEE tem um modelo que submete seus associados a visões distintas. Todas as segundas-feiras, temos uma visão diferente, multidisciplinar. Executivos, empresários, políticos, médicos... pessoas geralmente bem-sucedidas, que vêm tratar de temas diferentes, envolvendo política, economia, gestão. As palestras em si são geralmente interessantes, mas o que se segue, as discussões, são e sempre foram extremamente ricas e provocadoras. Além disso, as atividades às quais os associados e, principalmente, os diretores são submetidos são uma ferramenta importante para testá-los e torná-los ainda melhores.

Quando fui presidente do IEE, tive a alegria e chance de trabalhar com uma diretoria sensacional, formada pelo Paulo Uebel, pela Isabelle Isdra, pelo Marcelo Sanvicente, pelo Giancarlo Mandelli e pelo Wagner Lenhart. Todos me ensinaram muito. Fizeram-me sentir-me especial. Todos foram grandes amigos e me apoiaram sempre, mesmo me dizendo que estava errado.

Uma das grandes preocupações de nossa gestão foi garantir que estávamos seguindo a missão do IEE. Esse foi o nosso principal esforço. Empreendemos uma análise cuidadosa de cada uma das iniciativas e dos projetos necessários e formas de aprimorá-los, tudo para alocar os esforços nas atividades que poderiam gerar maior impacto na missão de nossa entidade. Constantemente nos perguntávamos: o quanto essa iniciativa poderá contribuir para a formação de nossos associados? Qual a relevância desse projeto e quão eficientemente ele vem sendo desempenhado? Como podemos medir a consecução dessas ações e escolhas?

Resolvemos propor uma visão para nossa entidade: "Ser reconhecidos como um centro de excelência na formação de lideranças e disponibilizar os agentes da mudança para uma sociedade com mais liberdade". E definimos um plano



Jantar de 20 anos do IEE



para alcançá-la, deixando claros os projetos que iríamos empreender e, ainda mais importante, os que deixaríamos de lado.

Realizamos 45 eventos ordinários com pensadores e empresários de grande renome; três júris simulados; dois seminários de formação; seis edições da Revista Leader; quatro visitas técnicas; 13 encontros sociais de confraternização; estudamos oito livros; e empreendemos a X edição do livro Pensamentos Liberais, a VII edição do Fórum Universidade Empresa, a XIX edição do Fórum da Liberdade e a Mostra Cultural sobre o Estado e a liberdade. Tivemos a chance de ouvir e conviver com grandes empresários, políticos e pensadores como Fernando Hen-

rique Cardoso, Bill Clinton, Lula, Pedro Malan, Armínio Fraga, Gustavo Franco, Beto Sicupira, Michael Dell, Jorge Paulo Lemann, Carlos Ghosn, Gallo, Bernardinho, Douglas North, Hernando de Soto e Eduardo Giannetti.

Entre os projetos de melhoria, organizamos anos de boas práticas em um Ciclo de Formação, que passou a estruturar as fases de desenvolvimento desejadas, os conhecimentos e requisitos mínimos que cada associado deveria atender; criamos os grupos de formação, estimulando a participação maior dos associados na gestão da entidade (o que hoje acho que não faria); redefinimos o processo e os critérios de seleção, admissão e manutenção

dos *prospects* e dos associados; desenvolvemos e reforçamos parcerias com algumas das mais importantes entidades do Brasil e do exterior; iniciamos a primeira unidade do IEE fora do RS, em Minas Gerais, que na época já contava com 27 *prospects* participando de nossos eventos (sabíamos na época que a independência era provável e seria bem-vinda, o que de fato ocorreu); projetamos um ambiente de trabalho informatizado, chamado de IEE Virtual; e definimos formas inovadoras de verificar se estávamos indo na direção correta: criamos o Indicador de Liderança - uma metodologia de avaliação 360 graus para medir as seis competências do Hexágono de Liderança em nossos associados, sendo elas a integrida-

de moral, a vitalidade e motivação, a rede de relacionamentos, a antecipação, a conquista de resultados e a comunicação.

Enfim, foi uma aventura e tanto. Trabalhamos muito. Nos divertimos. Discutimos muito. Crescemos muito. Foi uma jornada de muito significado, em que realizamos coisas muito boas (e outras em que erramos), aprendemos a ouvir mais e nos tornamos menos arrogantes e melhores.



## O QUE DIZEM SOBRE O IEE

Em 2004, como parte das comemorações das duas décadas de existência, o IEE mudou de endereço e ganhou nova logomarca. Àquela altura, o Instituto estava muito bem estruturado, e a equipe contava com o apoio da secretária executiva Ana Elise Dorneles, que por mais de dez anos ocupou o cargo no IEE.

instituto  
de estudos  
empresariais **iee**

Anterior

**iee**  
INSTITUTO DE ESTUDOS  
EMPRESARIAIS

Nova

Em dezembro daquele ano, seus diretores promoveram uma palestra com o brasileiro Carlos Ghosn, presidente da montadora Nissan, um dos mais celebrados executivos do mundo. Ghosn saiu com a mulher e os três filhos de Tóquio e viajou para Porto Alegre especialmente para participar do evento dos 20 anos. As comemorações foram coroadas com uma reportagem sobre o IEE publicada na Exame, principal revista de economia e negócios do país. Ghosn falou à revista que ficou encantado com o que viu e ouviu.

*“É muito interessante este conceito de unir empresários jovens a fim de analisar a sociedade, de transformar a sociedade, de participar da sociedade, de fazer propostas para que ela fique melhor. Penso que precisa ser ajudada pelas empresas e pelos empresários que não são tão jovens. Em um curso, pode-se explicar o que é um líder, quais as suas características básicas. Mas o líder é alguém que se transforma diante das dificuldades de uma empresa, diante das dificuldades de uma situação, superando essas adversidades. Ao passar por esses obstáculos, irá adquirir maior confiança, maior motivação e, depois, conquistar algo melhor. Por isso penso que a transformação da pessoa em líder só ocorrerá quando ela enfrentar os obstáculos e superá-los.”*

Ghosn não é o único a tornar pública sua admiração pelo trabalho do grupo de futuros líderes em formação. Veja a seguir, as manifestações de importantes pensadores, empresários e políticos sobre o IEE:

*“Visitei muitos países e institutos. O IEE tem qualificação realmente elevada. Fiquei impressionado com o trabalho desenvolvido”* – James Buchanan, Prêmio Nobel de Economia de 1986, que esteve no Fórum da Liberdade em 1993. Desenvolveu a teoria da escolha pública para as tomadas de decisões políticas e econômicas.

*“O IEE é importante para promover conhecimento. Particularmente mostrando quão bom é o mercado na promoção da liberdade nos campos econômico, cultural e político”* – Gary S. Becker, premiado em 1992 por suas teorias aplicadas aos relacionamentos familiares, acordos pré-nupciais, bem-estar social e crimes.

*“Estou acostumado a participar de encontros, seminários, debates. Posso dizer com confiança que os encontros promovidos pelo Instituto de Estudos Empresariais em Porto Alegre constituem um capítulo à parte. Poucas vezes vi tanta gente junta, tantos jovens, tanta seriedade e tão boa organização. Minha presença lá foi uma lição para mim e uma reafirmação: há muito o que fazer no Brasil para fortalecer a democracia e lograr avanços para a população. Mas com gente como vi em Porto Alegre, com tanta energia, há bons motivos para continuar acreditando na caminhada. Há mais do que esperança, há realizações positivas”* – Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil 1995/2002.

*“Ao longo de seus 30 anos, o IEE tem dado uma contribuição incontestável na formação de novas lideranças baseada nos conceitos de democracia, liberdade e livre iniciativa. Outro grande destaque da entidade é a organização do Fórum da Liberdade, que leva o debate político, econômico e social para a sociedade, incluindo os jovens universitários. Essas duas metas a que se propõe o IEE têm sido atingidas com grande sucesso, e, para a Gerdau, é um orgulho participar dessa construção desde seu início. A condução de diálogos altamente qualificados e tão importantes para o avanço de nosso país deixa aos membros do IEE o desafio de dar continuidade a esse trabalho ao longo dos anos, no intuito de formar cada vez mais jovens com visão de mundo e de mercado diferenciadas, e preparados para tornar o Brasil um lugar melhor, com desenvolvimento econômico e social”* – Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Conselho de Administração da Gerdau.

*“Os membros do IEE, quando procuram soluções de mercado, com sucesso histórico comprovado, sinalizam uma esperança para o futuro deste país e uma crença em nossa capacidade individual como povo”* – Henrique Meirelles, ex-presidente do Banco Central do Brasil.

*“O IEE é um think tank único. Foi o embrião dos correlatos Institutos de Formação de Líderes em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro além do Instituto Líderes do Amanhã em Vitória. O seu espetacular anual Fórum da Liberdade também foi o embrião dos similares que se realizam em outras cidades. Tem cumprido de forma exemplar o seu papel de formar lideranças alicerçadas nos ideais liberais. O IEE tem sido, ao longo destes 30 anos, um exemplo da capacidade associativa e empreendedora de jovens comprometidos com a liberdade”* – Salim Mattar, presidente do Conselho de Administração da Localiza.



## PAULO UEBEL

2006-2007

### 30 ANOS DO IEE: O PODER DAS IDEIAS

Há 30 anos, um grupo de jovens empresários visionários decidiu se reunir para debater o Brasil e, principalmente, o papel que eles queriam ter na construção de um novo país. Naquele momento, o Brasil estava se redemocratizando, e eles teriam a oportunidade de influenciar melhores práticas empresariais e políticas públicas. Para isso, precisavam preparar-se para enfrentar, com argumentos sólidos e exemplos concretos, os interesses constituídos.

Assim, nasceu o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), com a missão de formar lideranças empresariais que se comprometam com um modelo de organização social e política para o Brasil baseado no ideal democrático de liberdades individuais, subordinadas ao Estado de Direito.

Eu só tive a oportunidade de conhecer o IEE 15 anos depois, em 1999, quando estava estagiando no escritório do advogado Flávio do Couto e Silva. O Flávio falava com paixão e entusiasmo sobre o IEE e sobre os ensinamentos que ele aprendeu durante os debates. Ele foi meu grande inspirador.

No entanto, eu só pude ingressar no IEE em 2002, por indicação do Marcelo Schiavon, amigo meu que era diretor do Instituto naquele ano. O presidente era o Felipe Pozzebon. Eu tinha acabado de concluir minha

formação acadêmica em direito e estava pronto para assumir novos compromissos. Para mim, entrar no IEE já era uma grande realização. Eu ainda não sabia o impacto que o Instituto teria na minha vida.

Desde o início, como *prospect*, gostei muito de participar do IEE. Eu era um liberal, mas não sabia. Por influência dos meus pais, descendentes de imigrantes ingleses e alemães, sempre acreditei na ética no trabalho, na importância do mérito, no direito de propriedade e na liberdade. Desde cedo, aprendi que não existe almoço grátis; precisamos estudar e trabalhar para conquistar alguma coisa. Não podemos depender de ninguém, muito menos do Estado.

No IEE, além da independência financeira, entendi os conceitos de independência intelectual e, principalmente, de independência emocional. Dificilmente iremos aprender e cultivar esses conceitos em outros lugares. Nos debates que realizamos no IEE, sempre prezamos e respeitamos a liberdade de expressão. Precisamos sustentar nossas ideias com firmeza, mesmo quando a maioria discorda delas.

Aos poucos, com muita leitura, muitos debates, alguns júris simulados e muitas perguntas, os conceitos e valores que eu tinha foram ficando mais claros. Finalmente alguns pontos que faziam sentido

para mim tinham respaldo teórico e, melhor, exemplos concretos. Livros como “A revolta de Atlas”, “Caminho da servidão”, “As seis lições” e “Virtude do egoísmo” causaram um impacto muito grande e positivo na minha vida.

Na gestão do Luiz Eduardo Fração, passei a participar mais intensamente de todas as atividades do IEE. Cada oportunidade era um novo aprendizado. Fiz questão de participar de todas as edições do livro Pensamentos Liberais enquanto associado efetivo do IEE.

Eu nunca imaginaria que estaria sentado ao lado de alguns dos maiores empresários e líderes políticos do Brasil, tendo a oportunidade de questioná-los e, inclusive, de discordar de algumas das opiniões deles. Esse exercício semanal ajudou a forjar minha personalidade e aumentar minhas inquietações.

Em 2004 o Lars Knorr me convidou para compor a diretoria da gestão dele (2004/2005). Fiquei muito feliz com a oportunidade e com a lembrança. Eu sabia que participar de uma diretoria significava estar mais exposto e ativo no exercício da liderança. É muito mais fácil exercer a liderança quando existe uma relação hierárquica. No IEE, deve ser exercida a liderança entre pares, sem qualquer vínculo ou hierarquia, o que torna o processo muito mais desafiador.

A diretoria do Lars era muito boa. Eu era o mais novo e menos experiente, assim, aprendi muito com todos. O Lars sempre deu oportunidade para todos trabalharem e assumirem responsabilidades. Como diretor de Eventos, eu tinha a missão de trazer grandes nomes.

Um dos principais palestrantes foi o Carlos Alberto Sicupira, da AB-INBEV. Em 2004 celebramos os 20 anos do IEE, ocasião em que convidamos o presidente mundial da Nissan e da Renault, Carlos Ghosn, para fazer a palestra. Foi uma noite inesquecível. Ele falou sobre a importância da liderança para reunir equipes com características distintas para atingir um fim comum.

Em 2005 o Leandro Gostisa foi convidado pelo Lars para ser presidente. Tive a honra e o prazer de ser convidado pelo Leandro para ser seu vice. Sem dúvida, foi um dos momentos mais marcantes da minha passagem pelo IEE. Desde meu primeiro dia no Instituto, sempre quis participar de uma diretoria, e a vice-presidência era algo ainda mais importante para a minha formação. Além disso, trabalhar ao lado do Leandro e dos demais diretores era um prazer. Aprendi muito de gestão e liderança com eles – como eu era advogado, não dominava alguns conceitos de gestão.

Na gestão do Leandro, começamos o projeto Investidores, para ter cotas anuais. Antes, para cada evento (posse, festa de final de ano etc.), buscávamos um patrocinador. Assim, tornamos o processo mais eficiente. Cada gestão no IEE tem que deixar a sua marca, seu legado. Esse desafio faz parte da formação e contribui para que o IEE possa crescer e se desenvolver mais a cada ano. Foi em 2005 que conheci o empresário Salim Mattar. Ele falou no Fórum Universidade-Empresa. Depois do evento, fomos comer um churrasco e ele fez uma provocação: vamos levar o IEE para Minas Gerais. Naquele momento, muitas

peças afirmavam que o modelo do IEE era irreplicável em outros lugares. Citavam algumas tentativas do passado para justificar essa afirmação – o que, para a nossa diretoria, não fazia sentido: o modelo era muito sólido e bom para ficar restrito a Porto Alegre.

Dessa forma, no final de 2005, fizemos o primeiro evento de apresentação do IEE em Belo Horizonte. Em 2006 começamos as atividades regulares do IEE em Minas Gerais. Depois de 21 anos, o Instituto saía do Rio Grande do Sul. Logo após o início das atividades do IEE/MG, terminou a gestão do Leandro e eu tive a grande alegria e a responsabilidade de assumir a presidência do IEE. Para compor a diretoria, convidei o Giancarlo Mandelli, como

vice-presidente, e Rafael Sá, Pedro Coelho, Vicente Perrone e Rochele Silveira como diretores. A diretoria tinha características complementares, e todos trabalharam bastante.

Durante a nossa gestão, fortalecemos o capítulo de Minas Gerais. Além disso, fizemos o primeiro Fórum da Liberdade fora do Rio Grande do Sul, em Curitiba, no Paraná. Em 2006 ainda, recebemos o empresário David Feffer para palestrar para nós. Encantado com o nível das perguntas e com a preparação dos associados, ele provocou a nossa diretoria para levar o IEE para São Paulo. No final de 2006, fizemos uma apresentação do IEE em São Paulo, na casa do próprio David. Em 2007, o capítulo de São Paulo iniciou suas atividades regulares.

A nossa diretoria acreditava que o IEE e o Fórum da Liberdade poderiam alcançar voos maiores e não deveriam ficar restritos ao Rio Grande do Sul. Com boa gestão, método, indicadores claros e incentivos corretos, era possível replicar e expandir o IEE e o Fórum da Liberdade para outros estados e, talvez, até para fora do Brasil. Como parte do processo de profissionalização da gestão do Fórum da Liberdade, convidamos o associado Wagner Lenhart, um dos mais preparados da nossa geração, para ser o CEO do evento. Ainda em 2007, estivemos em Vitória, no Espírito Santo. O empresário Luiz Wagner Chieppe queria levar o IEE para lá.

Infelizmente os projetos de expansão e consolidação do IEE e do

Fórum da Liberdade em nível nacional acabaram não sendo levados adiante. Alguns associados preferiram manter o IEE como uma entidade regional, sediada e focada exclusivamente em Porto Alegre.

Felizmente nossos ideais de liberdade e nosso modelo se mostraram mais fortes. Hoje, além do IEE em Porto Alegre, existem entidades inspiradas no IEE que atuam em Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Embora não sejam o IEE, essas entidades compartilham os mesmos valores e se inspiram no nosso exemplo. Como se não bastasse, realizam anualmente o Fórum Liberdade e Democracia, inspirado no Fórum da Liberdade, que já foi realizado com muito êxito em Belo Horizonte, Vitória e São Paulo.



"O IEE mudou muito a minha vida. Eu tive a oportunidade de estudar muitos temas que eu nunca tinha estudado, li livros que nunca tinha lido, que eu não tinha acesso, que eu não conhecia. Foi um local onde eu pude debater várias ideias que, de certa forma, eu tinha intuitivamente, mas não tinha a base teórica para discutir. Eu sempre gostei muito da dinâmica do IEE de formar lideranças, sempre acreditei muito nesse modelo e acho que é um modelo vencedor. Pude ouvir de líderes que estão hoje em empresas e até na área pública sobre suas dificuldades, desafios, o que eles teriam feito diferente. Essa experiência é incrível, não existe isso em outro lugar. Eu participava toda segunda-feira, tive pouquíssimas faltas. Para mim era um prazer, não era uma obrigação. Eu ia lá feliz da vida e ganhei muito com isso, conheci pessoas, debati, desenvolvi a capacidade argumentar. Cada gestão do IEE tem de construir um pouco disso. A gente olha a história, todo mundo agregou alguma coisa. Tem divergências, é natural, ninguém concorda com tudo. E a rede de amigos que o IEE me trouxe é incrível, pessoas com as quais eu compartilho valores, troco ideias, que me ajudam profissionalmente quando tenho dúvidas, quando quero algum conselho"

Como associado do IEE, serei eternamente grato pelos ensinamentos que aprendi nos nossos eventos semanais. Conheci muitas pessoas que marcaram a minha vida e que servem de exemplo para mim. Entre essas pessoas, posso citar Jorge Gerdau, William Ling, Salim Mattar e David Felfer, apenas para dar alguns exemplos. Mais importante do que a convivência com palestrantes e patrocinadores, os demais associados do IEE foram fundamentais para a minha formação como pessoa e como profissional.

A influência do IEE foi tão grande na minha vida que decidi mudar de carreira. Deixei de exercer a advocacia para me dedicar, em tempo integral, ao avanço de valores como o respeito à livre-iniciativa, a melhoria do ambiente de negócios, o aumento da eficiência do poder público e o fortalecimento do Estado de Direito e das instituições democráticas, justamente por entender que países que seguiram esse caminho apresentam melhores indicadores sociais e econômicos. O maior reconhecimento que já recebi foi ganhar o

Prêmio Libertas, em 2011, durante a gestão do Felipe Quintana. Esse reconhecimento do IEE aumentou meu compromisso e a responsabilidade de seguir trabalhando para consolidar os ideais de liberdade.

Por todas essas razões, parablenizo todos os fundadores, associados, patrocinadores e amigos do IEE pelos 30 anos. Nesse período, o Instituto formou muitas pessoas e contribuiu para elevar o nível da classe empresarial brasileira e dos debates que são realizados na esfera tanto pública quanto privada. Sigo acreditando que o IEE pode e deve sonhar grande. Espero que a atual geração de associados confie no modelo do Instituto e seja audaciosa para buscar novos horizontes, seja com o IEE, seja com o Fórum da Liberdade. Sucesso a todos, e acreditem no poder das ideias!

## GIANCARLO MANDELLI

2007-2008

### ESCOLA DE LIDERANÇAS

Desde muito pequeno eu escutava referências sobre o IEE e o Fórum da Liberdade. Talvez de meu pai, que participou ativamente como convidado de alguns momentos históricos da entidade, ou de meu irmão, que, como Associado, também viveu intensamente parte de sua vida no IEE, mas o fato é que muito antes de saber o que era o IEE eu já o vivia.

Foi quando, em um momento minha vida, em 2004, quando eu já havia concluído minha graduação como engenheiro e iniciado minha trajetória profissional, surgiu a indagação de um amigo próximo para começar a participar do Instituto. Sem saber precisamente o que estava fazendo, aceitei o convite e despretensiosamente aderi à rotina de participação como *prospect*. O que encontrei foi um ambiente extremamente rico no viés intelectual, em que jovens buscavam, por meio de experiências de pessoas relevantes e de estudos de fundamentos econômicos e sociais, entender as complexidades da sociedade e como é possível transformá-las pela aplicação de conceitos como a ação humana, a economia de mercado, o egoísmo racional, o Estado de Direito e a liberdade individual, entre outros. Fundamentos que, de alguma forma, eu pessoalmente já compartilhava de forma inconsciente, mas que o IEE explicitou, ensinando-me o vínculo e o confronto desses com os valores que são amplamente difundidos em nossa sociedade.

Essa situação me levou a entender mais profundamente os problemas do Brasil e da América Latina, não somente os que todos conseguem ver (instituições fracas, sistemas e leis obsoletos e desenvolvimento pífio), mas principalmente o que a maioria não enxerga (conceitos, valores e ideias equivocadas). Enfim, nesse primeiro momento como Associado, desenvolvi os fundamentos que até hoje embasam meus valores empresariais e pessoais.

Pouco tempo depois, recebi o convite do Leandro Gostisa para intensificar meu envolvimento com a entidade, participando da chapa da gestão seguinte, juntamente com o Paulo Uebel, a Isabele Isdra, o Marcelo Sanvicente e o Wagner Lenhart. Foi um momento incrível, pois, apesar de respeitar e admirar tudo o que o IEE representava naquela época, eu particularmente enxergava inúmeras oportunidades de melhoria que poderiam alavancar ainda mais a trajetória da entidade. Era um momento desafiador, pois não tínhamos muitos Associados dispostos a integrar e completar a composição da chapa. Esse primeiro desafio nos demonstrou que mudanças eram necessárias, pois um produto tão bom quanto integrar a gestão do IEE deveria ter excesso de procura, e não escassez. Tal conclusão nos levou a buscar, entender e explicitar os fundamentos da instituição, revisitando e revisando sua Missão, Visão, Princípios e Valores, talvez



conhecidos por muitos, mas não por todos. Feito isso, partimos para um intenso exercício de planejamento estratégico, definindo as metas e o plano de ação da nossa gestão e da entidade. Com isso em mãos, o compartilhamos com empresas que pontualmente contribuíam financeiramente com a entidade para virarem parceiros estratégicos regulares do IEE, nascendo então o Projeto Investidores, ativo até hoje, de fundamental importância para o crescimento da entidade. Paralelamente, dedicou-se muito esforço para aprimorar e formalizar o processo de formação dos nossos Associados. Sem dúvida existiam muitos elementos de fundamental importância, como o “Projeto Currículo”, a lista de livros “Ler para Crer” e atividades como “Júri Simulado”, mas se notava que não havia uma clareza de propósito de como essas ferramentas norteavam a formação dos associados do IEE. Assim, seguindo a ideia de que o processo de formação é um ciclo, e de que cada indivíduo tem suas particularidades, definiram-se as fases, os indicadores e as atividades que os associados do IEE deveriam seguir para desenvolver sua formação como liderança, nascendo então o Ciclo de Formação, como um modelo de referência objetivo para todos os associados. Nesse momento se legitimou a aplicação da meritocracia dentre os associados do Instituto: cada indivíduo tinha sua pontuação conforme as atividades e resultados que atingia. Ainda, utilizando tais conceitos de gestão, criou-se a condição de dividir os associados em grupos de formação, buscando um ambiente competitivo cujo objetivo final era o desenvolvimento individual de cada um. Os resultados

foram imediatos. A clareza de propósito que essas ferramentas trouxeram facilitou muito a compreensão entre o IEE e o indivíduo, e muito rapidamente percebeu-se aumento de assiduidade nos eventos, crescendo o número de participantes, os contatos entre os membros fora dos momentos formais do IEE, enfim, uma potencialização no processo de formação de lideranças. Outro aprimoramento de extrema importância foi o desenvolvimento do processo de seleção de *prospects*, uma vez que a qualidade das potenciais pessoas a se associarem ao IEE é determinante para o sucesso futuro e a realização da Missão da entidade. Assim, inspirado no processo de admissão de universidades de negócio de primeira linha, definiu-se um processo composto de várias etapas, para selecionar os melhores candidatos a frequentar o IEE. Após todas essas mudanças, notava-se que existia uma necessidade de medir o grau de evolução de cada participante em suas competências de liderança. Foi quando se decidiu investir na elaboração de uma nova ferramenta, utilizando conceitos amplamente utilizados empresarialmente, para desenvolver um modelo de medição do grau de liderança. Baseados nas seis competências de lideranças da Schwab Foundation, que adaptamos para o Hexágono de Liderança do IEE, definimos os comportamentos que explicitavam cada competência, e por meio de um mapeamento 360 graus (autoavaliação, pares, líderes e liderados), conseguiu-se identificar o grau de liderança de cada associado, uma importante ferramenta disponível naquela época.

Paralelamente, a rotina de eventos ordinários continuava, e a cada convidado que recebíamos explicá-

vamos o modelo de desenvolvimento de lideranças, seus valores e ferramentas. A cada convidado que conhecia os detalhes da entidade, a surpresa pela consistência do processo de desenvolvimento de líderes ficava evidente.

Foi quando, naquele ano, durante o Fórum Universidade Empresa, tivemos a oportunidade de receber Salim Mattar, um verdadeiro entusiasta dos valores libertários. Após o evento, de fenomenal sucesso e inspiração, fomos jantar juntamente com Salim. Não demorou muito tempo para sermos convocados por ele para replicar o IEE em Belo Horizonte, sua cidade natal. Esse assunto não era novo, pois outras iniciativas nesse sentido tinham ocorrido anteriormente. Mas naquele momento, sentíamos um IEE com grande maturidade - e agora, com o suporte de um grande líder local, fazia todo o sentido. Foi quando se tomou a decisão estratégica de expandir as fronteiras do IEE, tornando essa iniciativa um dos principais focos do Instituto nos anos subsequentes. Certamente foi um desafio enorme, com muitas dificuldades para iniciar como forasteiro em uma cidade com quase nenhuma referência. Felizmente, com muita persistência e trabalho, conseguimos; o IEE Belo Horizonte tornou-se uma realidade, e conseguimos disseminar os valores e a cultura do IEE para jovens lideranças fora do Rio Grande do Sul.

Era começo de 2006, quando o futuro presidente Paulo Uebel me convocou para integrar a chapa da gestão seguinte, juntamente com o Pedro Coelho, o Rafael Sá, a Rochele Silveira e o Vicente Perrone. Imediatamente aceitei a convocação, ciente de que o aceite desse convite implicava não somente ser vice-presidente

daquela gestão, mas implicitamente sugeria ter a honra de suceder o presidente no mandato posterior. A intensidade do trabalho manteve-se, adicionando a rotina de a cada 15 dias realizar um evento no IEE BH, que estava iniciando. Em determinado momento do ano, recebemos o Sr. David Feffer em um evento ordinário; ao conhecer o processo de formação do IEE, ele se encantou, e mais uma vez fomos desafiados a expandir o IEE para além do eixo Porto Alegre - Belo Horizonte, para o centro econômico do Brasil, São Paulo. Dessa vez havia um elemento que facilitava a presença de associados do IEE de Porto Alegre que por algum motivo estivessem morando em São Paulo, e que a partir de então momento tiveram a chance de retomar sua participação na entidade. Com eventos na segunda-feira em Porto Alegre e na terça-feira alternando entre São Paulo e Belo Horizonte, essa foi a rotina que marcou aquele ano. A cada evento fora da capital gaúcha, o desafio de organizar, ter um grupo de pessoas no perfil adequado, replicar o modelo que existia havia anos no Sul era enorme, mas se conseguiu superar todas as dificuldades e replicar o modelo com sucesso.

Em Porto Alegre, a maturidade do Ciclo de Formação demonstrava avanços importantes, lotando eventos e com associados disputando toda e qualquer oportunidade de participar e realizar atividades de formação. Naquele momento, uma vez aprimorado o software do IEE (Missão, Visão, Valores, Ciclo de Gestão, Hexágono da Liderança), chegara a hora de aprimorar o hardware, nesse caso, o local onde se realizavam as atividades de formação. Parece uma questão menor, mas acreditávamos,

baseados nas experiências de grandes instituições de desenvolvimento educacionais, que ter instalações apropriadas, que beneficiassem a experiência do associado ao participar das atividades do IEE, era, sim, um aspecto de grande importância. Assim, iniciamos a busca por uma alternativa ao tradicional hotel do centro de Porto Alegre onde o IEE acontecia desde sua fundação. Passado algum tempo, conseguimos uma excelente alternativa, viabilizada graças à adesão de um novo investidor, que trouxe uma melhora significava na privacidade e qualidade dos eventos internos. Independentemente do desfecho, o interessante desse processo foi o envolvimento das diferentes instâncias e gerações do IEE que participaram ativamente dele. Uma mudança simples, natural, mostrou-se uma enorme

quebra de paradigma, representada pelas opiniões mais diversas. Felizmente, mais uma vez a entidade teve a maturidade de optar por uma ruptura do status quo e evoluir para uma situação de maior satisfação.

Já havia alguns anos que pessoalmente vivia intensamente o IEE, quando, em 2007, chegou o honrado momento de liderar a gestão do Instituto. Assim, tive a felicidade de conseguir montar um excepcional grupo, com Rafael Sá como vice-presidente e Eduardo Sampaio, Gabriel Barbosa, Gustavo Ene e Luiz Leonardo Fração compondo a diretoria de Porto Alegre, além do João Luis Antunes, eleito como diretor do Capítulo Belo Horizonte, que já atingia um alto grau de maturidade naquele momento. Diferentemente da primeira experiência de montar uma chapa, dessa vez o

material humano disponível e motivado para participar era excedente, e, além dos grandes nomes que vieram a compor a chapa, muitos outros estavam aptos a participar do processo, demonstrando que todo o trabalho no desenvolvimento de métodos, processos e ferramentas para a formação dos associados tinha dado resultado, e o IEE estava efetivamente produzindo jovens líderes empresariais. A gestão foi marcada pela intensidade em manter ainda um grande envolvimento com os Capítulos de Belo Horizonte e São Paulo, e pela enorme adesão dos Associados de Porto Alegre em todas as atividades de formação do IEE.

Certamente, os anos mencionados marcaram minha vida pessoal e profissional desde então, e a experiência de viver o IEE como associado,

depois como diretor, vice-presidente e presidente foi uma vivência única, com aprendizados, relacionamentos e valores que irão me acompanhar pelo resto da vida – período prolongado pelo período de 2008 a 2014, em que tive a honra de continuar participando da entidade, dessa vez como conselheiro deliberativo.

Agradeço a todos os que fizeram o IEE existir, e especialmente àqueles que participaram e possibilitaram que as histórias aqui descritas se tornassem realidade. Também a todos os que sucederam esses momentos e aprimoraram a cada gestão nosso instituto, confiante de que as gestões futuras irão manter essa trajetória de sucesso.

Parabéns aos 30 anos do IEE! Que os próximos 30 anos sejam de ainda mais sucesso.

Diretoria 2007-2008







## RAFAEL SÁ

2008-2009

### O IEE DO MEU TEMPO

Tenho certeza de que, como eu, todos os demais escrevendo para este livro histórico refletem sobre sua passagem pelo IEE e, especialmente, pelo período na presidência, como um dos momentos marcantes das nossas vidas. Mesmo assim, uma das observações mais interessantes que tive foi a de que o IEE impactou de forma diferente cada um de nós.

Como o IEE tem uma organização fantástica, e um ciclo de tempo de formação aproximado de cinco anos, foi muito interessante, para mim, observar naquela turma de *prospects* de 2003 o quanto éramos diferentes e desnivelados. Apesar de todos jovens e empresários, uns eram já mais eloquentes; outros, mais estudiosos; outros, mais organizados; e assim por diante. Após quatro ou cinco anos, obviamente, as características pessoais permaneceram, mas todos nós (pelo menos aqueles que ficaram todo o período) éramos melhores do que quando entramos. Todos melhoramos em diversos aspectos fundamentais para um líder empresarial: saber comunicar-se; saber ouvir; saber fazer acontecer (especialmente na Diretoria); saber argumentar; e, especialmente, todos sabíamos enxergar muito melhor várias questões político/econômicas que, infelizmente, não fazem parte da formação tradicional dos empresários (que, muitas vezes, buscam o melhor APENAS para si ou

sua empresa, sem importar-se com as consequências para a economia geral do país - buscando privilégios e proteções).

No meu caso específico, participar do IEE teve um impacto absurdamente grande. Durante minha passagem pelo Instituto, foi ficando claro o que eu queria e o que eu não queria fazer para o resto da minha vida. Foi lá que conheci dois dos meus atuais sócios, e foi durante minha passagem no IEE que fomos montando o que viria a ser o nosso negócio futuramente.

Além de ter conhecido os meus sócios, ter participado do IEE e ter tido a oportunidade de representar o Instituto em reuniões com empresários destacados, como Jorge Gerdau, David Feffer, Salim Mattar e, principalmente, William Ling (além de vários outros), fui descobrindo pessoas que, além de terem grandes visões de negócios, também têm princípios e objetivos muito maiores: o de melhorar o nosso país. Inspirados por toda essa experiência e, obviamente, por outros grandes empresários mundiais (especialmente Warren Buffett) é que decidimos montar um negócio na área de investimentos baseado em princípios e valores, o que é bem raro. O objetivo de mencionar isso tudo não é para destacar a minha empresa (da qual tenho o maior orgulho, obviamente), mas sim para mostrar o enorme impacto do IEE na minha

vida. Apesar de ser empresário já por muito tempo antes de entrar no IEE, depois do meu período, tenho certeza de ser um empresário muito melhor, e não somente para a minha empresa, mas também para o nosso país.

E esse impacto que o IEE teve sobre a minha vida eu vi acontecer com diversos outros casos muito próximos a mim. Pessoas que começaram sua participação de uma forma, em um negócio, e ao final estavam dispostas a seguir um outro rumo, na sua maioria, muito melhor.

Se tivéssemos mais IEEs pelo Brasil, certamente nossa classe empresarial seria ainda melhor. Quem sai do IEE sabe que, além de defender os interesses de seus acionistas, temos que fazê-lo de uma

forma correta, sem privilégios, sem informalidade, sem alterar as regras - enfim, de modo que o que se destaque seja REALMENTE a atividade empresarial. Vencerão as melhores ideias, as melhores equipes, os melhores modelos, e não os amigos do rei, os corruptos ou os "espertos".

Além disso, aos poucos, fomos formando AMIGOS. Para mim, esse é o maior legado do meu tempo ativo no IEE. São pessoas que lá conheci, interessantíssimas, inteligentes e, acima de tudo, íntegras. Ainda não frequentei outro grupo que, na média, tivesse tantas pessoas com essas características.

Situar essa passagem com o que acontecia no mundo à época também é muito interessante. Durante minha presidência (2008 a 2009),

"Se tivéssemos mais IEEs pelo Brasil, certamente a classe empresarial seria melhor. Quem sai do IEE sabe que, além de defender os interesses de seus acionistas, temos que fazê-lo de uma forma correta, sem privilégios, sem informalidade, sem alterar as regras - enfim, de modo que o que se destaque seja realmente a atividade empresariais. Vencerão as melhores ideias, as melhores equipes, os melhores modelos, e não os amigos do rei, os corruptos ou os "espertos"!"



estávamos, oito associados do IEE, voluntariamente participando do encontro da Mont Pelerin Society no Japão, quando o Lehman Brothers quebrou, gerando o grande pânico financeiro que teria enormes desdobramentos econômicos nos anos seguintes.

Graças à nossa passagem pelo IEE, pudemos ver com uma boa compreensão o que ocorria, e a reação de cada um dos países. Dá para entender por que algumas economias se recuperaram mais rapidamente, enquanto outras (como a nossa) foram piorando após o pânico passar (sempre passa).

No entanto, como sabemos, o processo democrático tem incentivos muito diferentes dos do processo econômico. Especialmente a visão de curto prazo gerada pelas eleições. Um empresário que consegue

enxergar longe, montar boas equipes e bons negócios invariavelmente fará uma grande empresa. No entanto, quase todos eles passaram por momentos difíceis, as famosas encruzilhadas, quando essa visão longa foi muito necessária. Nosso país é a mesma coisa: precisamos de visões de longo prazo, mesmo que tenhamos que passar por situações difíceis no curto prazo.

E aqui, para mim, reside um dos desafios do IEE para os próximos 30 anos: além de formar grandes empresários (o que já é grande coisa, reconheça-se), encontrar maneiras de efetivamente mudar o ambiente institucional do país para melhor. Precisamos encontrar lideranças políticas dispostas ao sacrifício e que contem com o apoio dos empresários que sejam do bem, como os formados pelo IEE.

Diretoria 2008-2009



## LUIZ LEONARDO FRAÇÃO

2009-2010

### VALE A PENA

“Uma caixa de oportunidades” – essa sempre foi minha definição favorita para o IEE. E durante os mais de sete anos em que participei ativamente do Instituto, esse sempre foi o *mindset* que me guiou em minhas atividades.

Entrei no IEE em 2003. De todo o período em que estive no Instituto, as duas coisas que mais me marcaram até hoje foram a forte visão liberal que aqui se estuda e as pessoas que ele proporciona que você conheça e interaja.

A primeira delas – formação liberal – é talvez a mais importante. Não em termos absolutos, mas porque é a mais rara de se encontrar em outros lugares. Para se ter acesso a pessoas interessantes, existem diversos fóruns, mas esse profundo estudo ideológico da teoria liberal é algo extremamente raro, especialmente no país e no ambiente educacional que vivemos.

É raro pois é impopular. A liberdade individual – pura e simplesmente –, se levada ao extremo, parece uma mistura de egoísmo com maldade. Parece falta de generosidade. Causa repugnância naquelas pessoas que têm insegurança do que podem atingir sozinhas. Mas nada disso é verdade, e essa percepção é uma lástima, pois parece óbvio que sociedades que incentivam mais a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de

Direito acabam por propiciar uma qualidade de vida muito superior àqueles que justamente são generalizadamente contra esses princípios.

Parece contraditório, mas esse é justamente o problema de “imagem” que o liberalismo tem.

Mesmo assim, enquanto membro efetivo do Instituto, senti-me rapidamente alinhado com o liberalismo e esses pilares. Realizava todas as leituras solicitadas, participava ativamente dos eventos e até mesmo de debates externos com pessoas de alinhamento total, parcial e até mesmo contrário ao do IEE.

Também é interessante a mudança que o IEE causa nas amizades e relacionamentos das pessoas. No meu caso, por viver em uma casa “alinhada” com o IEE, e também ter uma namorada (e hoje esposa) membra e filha de um dos mais antigos membros do Instituto, não senti pessoalmente isso, mas bastava olhar para o lado para ver que “mudam-se as influências, mudam-se as amizades”.

Não demorou muito para que viessem convites para “participar de uma diretoria”, objetivo que eu cultivava desde antes de entrar no Instituto – inspirado e motivado por meu irmão, que era presidente do IEE no ano em que ingressei como *prospect*.

Mas foi somente no terceiro convite para a diretoria que aceitei. Os



dois primeiros, recusei por não me achar preparado. Quando o Giancarlo Mandelli me convidou, não foi diferente, mas me obriguei a aceitar, pois pensei que logo as oportunidades parariam de bater à minha porta.

Tempos conturbados aqueles. Logo que começamos a organizar o Fórum da Liberdade, o evento de maior exposição do IEE e a “prova de fogo” da diretoria, a crise das hipotecas americanas começava a estourar. E foi durante uma “missão” ao Japão, em um evento da *Mont Pelerin Society*, que o banco Lehmann Brothers foi à bancarrota.

Esse foi o momento perfeito para duas tempestades perfeitas em nossa diretoria: intelectualmente, o mundo culpava o capitalismo e a falta

de regulação pela crise. Na prática, os potenciais patrocinadores do Fórum cortavam despesas como medida preventiva do que estava por vir.

Felizmente, ambas as ameaças foram afastadas, e naquele ano tivemos um Fórum de grande sucesso como diretoria, e eu como diretor – ao final, fui convidado para integrar a diretoria do ano seguinte, liderada pelo Rafael Sá.

Foi mais um ano de aumento de responsabilidade e amadurecimento. Mais um ano inesquecível como vice-presidente do Rafael – uma pessoa que me ajudou muito com feedbacks precisos e muitas vezes difíceis de ouvir, normalmente o melhor tipo para crescer.

*Fast forward*, assumi a presidência do IEE em maio de 2010. E um

abismo ainda maior de envolvimento e aprendizado que divide a experiência de um associado da de um diretor é a diferença entre ser diretor e presidente do IEE.

Com 27 anos, praticamente nenhuma experiência profissional (apenas estágios em paralelo com a faculdade de Engenharia Civil – na UFRGS, que não é nada amistosa a estágios), vi-me responsável por decidir e liderar pessoas mais inteligentes e mais preparadas – com toda a atribuição de responsabilidades, para o bem ou para o mal, de dirigir uma instituição que era quase tão velha quanto eu.

Mas o time que consegui montar era impecável. Bruno Zaffari, Michael Sopper, Ricardo Gomes, Felipe Quintana e Eduardo Fernandez. De tão bom o grupo, foram estes convocados por várias gestões depois para dirigir o Instituto – e até hoje, quase cinco anos depois, ainda se envolvem de alguma forma.

Sem essas pessoas não teria sido possível fazer metade do trabalho que nossa diretoria fez naquele ano. E eu talvez não teria aprendido metade do que aprendi.

Desde o discurso de posse (primeiro ato de grande exposição do presidente) até o discurso do Fórum da Liberdade (último ato de grande exposição do presidente), minha evolução, e a de todos os presidentes anteriores e posteriores, é impressionante.

É uma pena que tão poucas pessoas tenham a oportunidade de ser presidente do IEE. Na Engenharia Civil fala-se que a diferença no grau de dificuldade entre nossa faculdade e a faculdade de Administração de Empresas é o mesmo

abismo que nos divide das cadeiras da Engenharia Elétrica. Gosto dessa metáfora para o grau de aprendizado e maturidade a que se expõe o associado, o diretor e o presidente do Instituto. São abismos enormes que separam essas experiências – e superados em etapas, o resultado pode ser fantástico.

Enfim, aquele foi um ano de ouro. Ano a ser muitas vezes lembrado, mas não repetido. Excelentes memórias e conquistas, mas um trabalho árduo demais para repeti-lo voluntariamente. É incrível como as pessoas que fundaram o IEE tiveram, desde o princípio, a genialidade de formatá-lo de uma forma que desse tanta liberdade, por um período tão limitado, a uma pessoa – receita perfeita para obter o melhor esforço e trabalho de alguém, que se beneficia com uma formação de difícil paralelo.

Longa vida ao IEE que conheci. Espero que a parte da minha família que está por vir tenha a mesma oportunidade de participar desse ambiente de formação que ele me proporcionou.

"A forte visão liberal do IEE é rara de se encontrar em outros lugares pois é impopular. A liberdade individual – pura e simplesmente –, se levada ao extremo, parece uma mistura de egoísmo com maldade. Parece falta de generosidade. Causa repugnância naquelas pessoas que têm insegurança com relação ao que podem atingir sozinhas. Mas nada disso é verdade, e essa percepção é uma lástima, pois parece óbvio que sociedades que incentivam mais a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado do Direito, acabam por propiciar uma qualidade de vida muito superior àqueles que são generalizadamente contra esses princípios".





## FELIPE QUINTANA

2010-2011

### COM OS OLHOS NO FUTURO

Ousado ideal de construir um instituto voltado à formação de lideranças revelou-se uma sólida realidade. Não é à toa que o IEE completa 30 anos em plena forma, repleto de perspectivas e sem jamais ter perdido os valores que nortearam sua criação.

Antes de ingressar nos quadros sociais do Instituto, é comum ouvir depoimentos de associados no sentido de que o IEE exerceu papel fundamental em suas concepções políticas, econômicas e filosóficas. Após ter vivenciado a experiência e ter completado o ciclo de formação, não posso dizer nada diferente.

É difícil traduzir em poucas linhas a fórmula que levou o IEE a ser reconhecido mundialmente com um case de *think tank* de sucesso. Ouso dizer que as trocas sistemáticas de gestão, nas quais as diretorias eleitas gozam de prazo exíguo para realizar ações e entregar resultados efetivos aos associados, se constituem em um dos pilares mais importantes do Instituto. Nessa vertente, os associados são impulsionados a participar das diretorias, exercendo papel decisivo na gestão da entidade e na condução de debates sobre os mais variados temas.

Além disso, a experiência de administrar, ainda na juventude, um

instituto de tamanha envergadura faz exercitar, desde cedo, importantes aspectos de liderança, principalmente em sua forma mais desafiadora: a liderança entre pares.

Com base em um rígido programa de formação, o associado desenvolve senso crítico difícil de ser encontrado nos bancos acadêmicos tradicionais ou em outras entidades empresariais. Passa, também, a dispor de ferramentas essenciais para conhecer e debater praticamente todos os aspectos da vida.

Em um cenário cada dia mais carente de lideranças positivas, tenho convicção de que institutos como o IEE são essenciais para o êxito de qualquer sociedade, seja por formar cidadãos que desempenharão papéis de liderança, seja por despertar os virtuosos predados da liberdade, responsabilidade individual, livre-iniciativa e busca da felicidade.

Justamente por isso, o IEE despertou, e desperta até hoje, interesse de vários grupos empresariais de outras cidades brasileiras e do exterior. E, mesmo diante da dificuldade de replicar o modelo, foi possível incentivar diversos jovens de outras localidades a promoverem associações similares, inclusive tomando-se por base capítulos formalmente criados pelo Instituto fora de Porto Alegre.

Ter ocupado a presidência do IEE na gestão 2010/2011 é motivo de muito orgulho para mim. Por um lado, sempre agradeço pela oportunidade; por outro, me regozija saber que pude contribuir com importantes ações, dentre elas o 1º Fórum da Liberdade de Belo Horizonte e projetos digitais que permitiram amplificação recorde, à época, do alcance das ideias preconizadas pelo nosso Instituto.

Ao completar 30 anos, impõe-se, agora, antever os desafios das

próximas décadas com o objetivo de buscar aprimorar a cada dia o irrestrito compromisso com a formação do associado.

Por certo, a receita do sucesso será mantida e repetida por vários anos. Afinal, a construção do futuro do Instituto depende somente daqueles que construíram seu atual legado e que compõem o maior patrimônio do IEE: seus associados.

Diretoria 2010-2011



## RICARDO SANTOS GOMES

2011-2012

### UMA ESCOLA DE VALORES

O IEE completa 30 anos, e o convite para contar um pouco do que vivemos no Instituto naquela gestão 2011-12 traz à memória tantos bons momentos compartilhados com tantos amigos. Sou um entusiasta do IEE, porque acredito que as experiências lá vividas formam não apenas os argumentos, mas também e especialmente os valores que vão reger nossa vida em família e em sociedade.

Era o primeiro ano do mandato de Dilma Rousseff como presidente da República e de Tarso Genro como governador do Rio Grande do Sul. Ingressávamos no terceiro mandato seguido do PT à frente do Planalto, e as (parcas e insuficientes) reformas pelas quais passara o Brasil durante os anos 90 já começavam a esmorecer. Na América Latina, o socialismo evoluía na Venezuela a passos largos e, em outros países, em marcha mais lenta. Era um tempo difícil para os ideais que o IEE surgira para defender.

Tornava-se cada vez mais clara a importância da missão do IEE para o destino do Brasil. Uma economia cada vez mais dominada pelo Estado, e uma sociedade cada vez mais distante dos valores de liberdade - esse era o cenário externo.

Internamente, o IEE acabara de rediscutir o futuro do Fórum da Liberdade e seu modelo de organi-

zação. Começava uma importante discussão acerca da expansão territorial do Instituto e da melhor forma de replicar a experiência do IEE em Porto Alegre também em outras cidades brasileiras.

Nesse contexto foi que iniciamos nossa gestão à frente do Instituto de Estudos Empresariais, junto com o vice-presidente Getúlio Reale e os diretores Carolina Fuhrmeister, Maurício Filippin, Raul Kroeff, Stephania Nunes e Fabio Ostermann. Lembro com carinho da grande oportunidade que foi, para mim, aprender com essa valorosa equipe.

Desde o início da gestão, a discussão da estrutura interna do IEE, já debatida sob o foco do Fórum da Liberdade, foi redirecionada aos capítulos do Instituto. Esse debate envolveu todas as instâncias do IEE e deu oportunidade para repensar os motivos da fundação e as razões de existir do Instituto. Criáramos capítulos em Belo Horizonte e São Paulo, informalmente - e era chegado o momento de definir se essas organizações seriam incorporadas ao estatuto do IEE ou se tornariam entidades independentes. O processo resultou na independização dos capítulos, hoje entidades que apoiam e multiplicam os esforços do Instituto na busca de seus ideais.

Formar pessoas capazes de exercer liderança positiva sempre foi

a razão de existir do IEE. Naquela gestão estudamos, além da tradicional lista de livros adotada, cinco outros, que foram debatidos em eventos internos: "A volta do idiota", de P. A. Mendoza, C. A. Montaner e A. Vargas Llosa; "Capitalismo e liberdade", de Milton Friedman; "Defendendo o indefensável", de Walter Block; "O lucro ou as pessoas?", de Noam Chomsky; e o clássico "1984", de George Orwell.

Também ampliamos o quadro de associados, com dez novos participantes, além do ingresso de mais de 20 *prospects*, garantindo a renovação do IEE para o futuro.

Além da formação dos associados, o IEE tem também um papel muito importante: o de influenciar o debate de ideias na sociedade.

Tínhamos um motivo muito especial para celebrar: a 25ª edição do Fórum da Liberdade ocorreria em abril de 2012. A Assembleia Legislativa homenageou o IEE pelos 25 anos do Fórum com um Grande Expediente, no dia 3 de abril de 2012. Também em comemoração, foram feitos dois eventos prévios ao Fórum da Liberdade, um na PUCRS e um na ESPM, expandindo no tempo e no espaço o alcance desse que é nosso grande evento público.

Embora diversos aspectos que defendemos tenham uma expressão econômica bastante marcada, entendíamos também que a liberdade é um valor cultural, mais do que econômico. Organizamos, por isso, uma mostra de cinema chamada Ciclo de Cinema, Cultura e



Liberdade - foram quatro exposições públicas de filmes seguidas de debates, organizadas no Studio Clio, um importante espaço da cultura em Porto Alegre.

Era a 25ª edição do Fórum da Liberdade, e como o cenário político fosse motivo de bastante preocupação, decidimos falar do futuro do Brasil. Projetar o país dos 25 anos seguintes foi a ousada meta que demos para o Fórum (que teria como título "2037: que Brasil será o seu?"). Painéis falaram de empreendedorismo, prosperidade, exemplos de políticas internacionais de sucesso, corrupção, educação e violência.

Entre os palestrantes, Vicente Falconi, André Johannpeter, Álvaro Vargas Llosa, Stephen Hicks, Tom Palmer e Ives Gandra Martins. A ausência notada foi de Tarso Genro, que só comparece ao evento em anos de eleição.

É impossível descrever tudo o que aprendemos e vivemos em tão pouco tempo no IEE. Além dos conhecimentos obtidos, além das vivências experimentadas, há amizades e, acima de tudo, compromisso com valores.

Quando ingressei no IEE, era um advogado recém-formado, já com algum conhecimento do liberalismo. Já tinha sido diretor do Instituto Liberdade e assistido a diversos Fóruns da

Liberdade. Mas foi no IEE que as ideias foram postas a teste e que tive a oportunidade de entender plenamente o resultado daquelas ideias na vida real. Fui a Cuba e à Venezuela em "missões" do Instituto. Lá vi como a falta de liberdades econômicas empobrece as pessoas, e como a falta de liberdades civis as escraviza. Também palestrei em Nova York e Washington e visitei a Alemanha, inclusive acompanhando eleições por lá. Diversas reuniões, palestras, estudos, tudo concorrendo para, ao fim de uns poucos anos, mudar completamente minha vida e a percepção que tinha de assuntos políticos e econômicos. Pelo IEE, pude manifestar meu pensamento em diversas ocasiões, em inúmeras instituições - e tive de aprender a fazê-lo.

Uma grande escola, é isso que o Instituto é. Não há paralelo para a formação que obtemos lá - trata-se de prática e teoria juntas, ideias e consequências. Cada vivência traz um ensinamento, que, se aprofundado, leva ao entendimento de aspectos importantes da nossa vida, da nossa atuação profissional, da nossa existência em sociedade.

Um episódio vem à memória, e penso que vale a pena compartilhá-lo. Lembro-me de que, para o painel sobre corrupção do Fórum da Liberdade, convidáramos um senador da República, à época a voz mais reconhecida do discurso anticorrupção no Brasil. O senador retardava o aceite ao nosso convite, e um assessor assegurava que ele viria ao Fórum - bastando, para termos a confirmação final, que fôssemos ao Senado convidá-lo pessoalmente. Em uma segunda-feira, já no início

do mês de março, embarquei para Brasília no primeiro voo da manhã. Ao chegar à capital, fui recebido em seu gabinete e informado que o senador "já iria me atender". Esperei até o meio-dia, e veio a informação de que eu seria atendido no início da tarde. Após o almoço, retornei ao gabinete do senador, onde esperei por mais duas horas.

Reclamei, já impaciente, e então disse-me o assessor: o senhor não viu a revista Veja hoje? Não, eu ainda não a tinha visto. Acessei o site da revista, e, naquela mesma manhã, a capa apontava que o próprio senador que eu visitava, Demóstenes Torres, tinha relações com um contraventor - o que por fim acabou custando-lhe o mandato.

Claro que retornei a Porto Alegre sem entregar o convite e já riscando seu nome do programa do Fórum.

Narro isso porque acredito que esse episódio simboliza como são escassos os bons líderes no país e como é importante o papel do Instituto de Estudos Empresariais. O IEE não forma líderes apenas capazes de fazer discursos - isso o ex-senador fazia muito bem. O IEE forma líderes capazes de conduzir suas vidas de acordo com valores - os valores de uma sociedade aberta, livre. É para isso que foi criado, é a isso que se dedica hoje e, seguramente, é isso que fará ainda por muitos anos pela frente. Longa vida ao IEE!

Diretoria 2011-2012





## MICHEL GRALHA

2012-2013

### UM ANO TRANSFORMADOR

“O Instituto de Estudos Empresariais é um excelente local para desenvolvimento individual, e mudará sua vida!” Essa foi a frase que mais escutei durante meus seis anos de IEE.

Confesso que, nas primeiras vezes que ouvi esse “mantra” que os associados honorários proferiam em todos os encontros, parecia-me um pouco descabido e, por que não, exagerado, afinal, como um Instituto poderia fazer tamanha diferença na vida das pessoas? E, certamente, essa era a frase mais repetida quando iniciei minha jornada como *prospect*, em 2006, acabando meu ciclo como presidente na gestão 2012-2013.

O desafio de ser presidente do IEE surgiu de forma inesperada, pois, como de praxe nos últimos anos, o vice-presidente era aclamado o presidente da gestão seguinte, e assim sucessivamente. Eram meus últimos momentos no IEE e estava em vias de “aposentadoria” quando, para minha surpresa, surgiu a possibilidade de ser presidente do Instituto.

Após pensar e debater com associados envolvidos, senti que seria importante encarar o desafio e, antes de concluir o processo, tive o bom senso de fazer alguns contatos com possíveis membros da diretoria. Felizmente, todos aceitaram, e montamos um grande time com Bruno Zaffari, Michael Sopper, Eduardo Fernandez, Lisiane Pratti, Guilherme Fração e André Volkmer. A formação de um ótimo grupo, de certa forma “mais expe-

riente”, era uma necessidade, pois tínhamos grandes desafios pela frente.

O IEE, por meio de seus associados, discutia questões intrínsecas ao Instituto e futuro de alguns projetos extremamente importantes para a formação de seus associados. Somado a isso, tínhamos debates sobre a continuidade e a viabilidade dos capítulos regionais e seus reflexos. Assim, como em todos ambientes cercados de líderes, as ideias eram sempre levantadas com muita energia, e deveríamos, como diretoria, pensar nos nossos ideais e objetivos para o IEE e, principalmente, no que acreditávamos como grupo. Não foi um ano fácil, mas foi muito rico em aprendizados.

Liderar líderes sem o poder financeiro e voluntariado é uma tarefa árdua e requer muita habilidade, pois é preciso que se crie um objetivo comum para que as pessoas caminhem na mesma direção. Felizmente, conseguimos isso.

Nesse mesmo período, o Brasil vivia - e ainda vive - uma estabilidade esquerdista em que as liberdades individuais, tão perseguidas por nós, são deixadas de lado, ou melhor, propositalmente esquecidas em algum lugar para que não possamos vivê-las. A era Lula já havia aparentemente sido deixada para trás e vivíamos a era Dilma e todos os reflexos oriundos de um governo que prejudica sistematicamente o livre mercado, afundando o país em uma recessão econômica e intelectual.

E o IEE sempre se colocou contrário a regimes que não respeitam os princípios básicos da democracia, liberdade de mercado e liberdade de pensamento. Nesse sentido, o Instituto é fundamental para a continuidade de ideias liberais capazes de alterar o rumo do país e da estagnação econômica, política e intelectual que já estamos vivendo há alguns anos.

Nossas ideias são muitas vezes resumidas e apresentadas no Fórum da Liberdade, evento que já está na sua 28ª edição e tem por objetivo debater ideias de forma ampla, bem como formar os associados. As pessoas precisam ouvir e debater mais, sem que para isso sejam atacadas ou desrespeitadas, e isso é o Fórum. No nosso ano, conseguimos organizar um ótimo evento, privilegiando debates objetivos e temas atualizados. Tra-

ta-se de um momento inigualável no Brasil e um dos mais prestigiados do mundo.

Temos em nossas mãos um instituto formador de líderes capazes de mudar o Brasil, e esse é o maior segredo da perpetuidade do IEE - a formação de pessoas. Tantas outras associações falharam na sua continuidade, e o IEE continua forte, preservando a individualidade dos seus associados, e este é o foco que deve ser perseguido: critérios rígidos de formação e objetivos claros.

Enfim, quando penso no IEE, lembro-me da frase que mais me marcou no período de formação, e que faz todo o sentido: “O Instituto de Estudos Empresariais é um excelente local para desenvolvimento individual, e mudará sua vida!”.

“Temos em nossas mãos um Instituto formador de líderes capazes de mudar o Brasil, e esse é o maior segredo da perpetuidade do IEE - a formação de pessoas. Tantas outras associações falharam na sua continuidade e o IEE continua forte, preservando a individualidade de seus associados. E esse é o foco que deve ser perseguido: critérios rígidos de formação e objetivos claros”

Diretoria 2012-2013





## BRUNO ZAFFARI

2013 - 2014

### MINHA VIDA NO IEE

Escrever sobre a experiência de participar do IEE faz com que, passeando pelas mais diversas memórias, se faça também uma avaliação do impacto que o Instituto tem na vida de quem se envolve no seu processo de formação. Já nesse momento, é possível perceber a força e coerência das ideias defendidas pelo IEE: cada um tem a liberdade de buscar a sua formação e aproveitar ou não as oportunidades oferecidas. E assim, de forma meritocrática, cada associado leva do IEE o resultado da sua própria dedicação.

Desde a sua criação, o IEE estava destinado a mudar a vida das pessoas. E não só dos seus associados. A ideia de reunir jovens empresários em busca de um modelo institucional melhor para o Brasil e de uma preparação melhor para os desafios que enfrentariam, aliada com a capacidade e disposição de multiplicação dessas ideias, trouxe uma contribuição importante para a sociedade como um todo. O IEE deu voz e foro para pessoas que compartilham os ideais de liberdade e buscam fazer a diferença.

No meu caso, tendo nascido em uma família empresária, que sempre valorizou o trabalho, a liberdade de fazer e o direito de propriedade, tinha um arcabouço bruto de valores que foram refinados nos estudos do Instituto. Já debatia com professores, do colégio à faculdade, contra

regimes totalitários e a intervenção do governo no mercado. Quando fui convidado a participar do IEE, em meados de 2003, contudo, nunca tinha ouvido falar no Instituto ou no Fórum da Liberdade, e não fazia ideia da importância que teria em minha vida.

Logo nos primeiros eventos, senti que havia encontrado um lugar com pessoas que pensavam como eu, mas com um embasamento muito mais profundo e uma capacidade incrível de articular essas ideias. Tinha apenas 19 anos e, não podendo ser associado pela idade, tornei-me *prospect*. As segundas-feiras no IEE incorporaram-se à minha agenda, e eu equilibrava como podia as faltas na faculdade. A formação liberal não era a única coisa que o Instituto oferecia. O hexágono da liderança representava o outro pilar de formação, e, ainda, foi lá que conheci muitos dos meus melhores amigos. Dos júris simulados, passando por escrever artigos até a organização da XIII edição do Pensamentos Liberais e da sua disponibilização na Livraria Cultura, busquei aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas. Direta ou indiretamente, isso acabou me levando a lugares como Tóquio e Omaha e possibilitando que, como dificilmente poderia fazer em outra situação, conversasse privadamente com pessoas como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o prêmio Nobel Douglass

North, o *taoiseach* irlandês John Bruton e também empresários como o sempre apoiador da causa Jorge Gerdau Johannpeter e o idealizador do instituto, William Ling.

Ao longo dos anos, o estudo de autores como Mises, Bastiat e Ferguson consolidava cada vez mais a necessidade de um melhor arcabouço institucional para o Brasil. Como poderíamos, afinal, progredir sem ter liberdade? Ainda que não tenhamos no Brasil um regime totalitário, estamos longe de ser uma sociedade aberta. As benesses oferecidas pelo governo distraem o público do que deixamos de ter, do que não se vê. A civilização ocidental prosperou por respeitar as liberdades individuais, o império das leis, a propriedade privada e o livre mercado. As

sociedades que optaram por outros caminhos condenaram as suas populações a uma vida de miséria e medo, e milhões morreram.

O fato de, mais que pensadores, o IEE formar líderes fez com que o Instituto assumisse papel fundamental na multiplicação das ideias liberais pelo Brasil. A criação de IEEs e seus Fóruns em Belo Horizonte e São Paulo e a inspiração e transferência de *know-how* para Vitória deu a partida para um movimento de proliferação de instituições em defesa da liberdade. Atualmente, ainda que estejamos longe de ser o *mainstream* das escolas de pensamento brasileiras, podemos ver a nítida contribuição que o IEE e o Fórum da Liberdade trouxeram ao debate.





Voltando a minha trajetória no Instituto, na gestão 2009/2010, a convite do Leonardo Fração, assumi o cargo de diretor financeiro e, pela primeira vez, tive a oportunidade de viver os bastidores do IEE. Aprendi muito naquela ocasião. Tendo trabalhado desde os 14 anos nos negócios da minha família, aquele foi o primeiro momento em que tive a oportunidade de atuar em outra dinâmica. Na pasta que conduzia, o ano foi marcado por cortes sensíveis nos custos fixos e uma remodelação de processos internos. Realizamos um Fórum da Liberdade memorável, baseado nas "Seis lições" de Mises, e ali se encerrava um capítulo do meu envolvimento com o Instituto.

Pelas pessoas e pela formação, que especialmente em um lugar

como o IEE acredito nunca terminar, permaneci mais um tempo como associado efetivo frequentando os eventos ordinários antes de me tornar honorário. As prioridades vão mudando, e, ainda que no íntimo sentisse falta da experiência de ser presidente, acabei me afastando das atividades do Instituto.

Tudo mudou com o convite do Michel Gralha para compor a chapa da gestão 2012/2013. Junto com o Michael Sopper, começamos a formar um grupo composto por associados efetivos e honorários que, de forma atípica, foram reincorporados como efetivos, para assumir a diretoria do IEE. O escalonamento das responsabilidades faz-se sentir na vice-presidência, e esse é mais um ano marcado pelo aprofundamen-

to de amizades e oportunidades de aprendizado. O Fórum da Liberdade, com o tema "O que se vê e o que não se vê", atinge um novo patamar de público e repercussão e é um prelúdio dos desafios guardados para o ano seguinte.

Assumir a presidência do IEE é a maior oportunidade de formação que o Instituto oferece, ainda que não a última. A composição do grupo é fundamental, e só posso agradecer por ter tido pessoas competentes e dedicadas como Thomas Cesa, Frederico Hilzendege, Fernando Ulrich, Eduardo Sampaio, Renata Frare e Rodrigo Silveira ao meu lado.

O ano de 2013 foi marcado pelas milhões de pessoas que foram às ruas protestar contra a forma como

o governo brasileiro respondia aos anseios da população. Sabíamos também que 2014 seria marcado pelas eleições de outubro e pelas grandes expectativas que cercavam a Copa do Mundo no Brasil, que, mais que futebol, servia de pretexto para debates que iam da gestão de recursos arrecadados pelo Estado, passando pela infraestrutura, até a segurança pública.

Com o IEE ainda consolidando um processo de reestruturação, tínhamos o duplo e eterno desafio de reforçar a instituição e aumentar o Fórum da Liberdade. Assim, tomamos a decisão estratégica de concentrar os esforços do Instituto somente nessas duas marcas. Tudo o que seria feito para o público interno teria a bandeira IEE, enquanto



a marca Fórum da Liberdade estaria presente nas atividades voltadas também ao público externo - e, para tanto, teriam que ter o mesmo padrão do evento.

Essa definição guiou a criação dos Colóquios do Fórum da Liberdade, que ampliaram os debates do Fórum para eventos intermediários, e o Fórum da Liberdade Insights, que substituiu a Revista Leader e permitiu a otimização da marca para a distribuição de conteúdo produzido por associados do Instituto.

Com o contexto sociopolítico que vivíamos, entendemos que o Fórum da Liberdade deveria, ainda que sem se focar em um tema específico dentre os que estavam em pauta nacional, criar pontes entre estes e a 27ª edição do evento. Surgiu, portanto, o tema "Construindo soluções", que instigava um debate plural para contrapor os modelos institucionais que o Brasil poderia seguir. A Mostra Cultural Soluções do Mundo contribuía para o debate trazendo exemplos de como a iniciativa privada havia solucionado problemas públicos em diversos países. Para valorizar a série Pensamentos Liberais, excelente exemplo do conteúdo produzido pelos associados, foram impressos 5.000 exemplares, distribuídos gratuitamente a todos os inscritos no evento.

No IEE, buscamos sempre a manutenção do equilíbrio entre a formação da liderança empresarial e das ideias liberais e a excelência nos palestrantes dos eventos ordinários, que contaram com, entre outros tantos nomes excelentes, o prof. John Davis, o prof. José Cordeiro e Gustavo Franco. A postura dos associados refletiu bem a sabedoria

de entender as diferenças de pensamento e aprender, dentro dos pilares do Instituto, com as melhores ideias de cada um.

Poder fazer parte da história do IEE, que daqui a anos saberemos que estava apenas no início, é uma grande honra. Seguindo a lógica de formação do Instituto, a oportunidade é aproveitada na medida da dedicação, e fico feliz pelos resultados que apresentamos ao final da gestão. Como toda organização, o Instituto é feito de pessoas, e, pelo potencial dos que já passaram e dos que hoje lá estão, tenho confiança no seu futuro.

Podemos ainda estar longe de um modelo institucional ideal para o Brasil, mas é pela força das ideias e postura dos líderes que poderemos fazer a diferença.

## FORUM DA LIBERDADE

JORNAL DO BRASIL

19.abril.88

Editoria de Opinião

### Convicção Liberal

**D**o Rio Grande do Sul, vêm os ecos da atividade de um Instituto de Estudos Empresariais formado por um pouco do que existe de melhor nessa área — gente jovem que quer pensar um novo Brasil. O Instituto é formado por empresários até 35 anos — pessoas atuantes que não dependem, para viver, do imposto sindical da sua categoria.

Como não podia deixar de ser, essas pessoas têm uma ideia política acoplada a uma determinada visão da economia; e o denominador comum dessas duas vertentes é a convicção da liberdade como força dinâmica imprescindível à atualidade brasileira.

Os jovens empresários do Rio Grande do Sul querem definir da maneira mais competente essa ideia, para chegarem às suas conseqüências políticas. Revelam, todos eles, profunda desilusão com as lideranças de sua classe e com um tipo de empresariado que concorda com tudo, menos com o fim dos subsídios.

Um regime liberal em economia tem pressupostos políticos e filosóficos que não se improvisam da noite para o dia: é preciso acreditar em nove ou dez coisas importantes antes de se poder proclamar: eu sou um democrata. Mas há pessoas que, embora ligadas à iniciativa privada, jamais dedicaram dois minutos do seu tempo à consideração de uma ideia.

Com a definição da liberdade, os jovens empresários rio-grandenses lançam a semente de uma ideia política que, ao germinar, criará condições para o desenvolvimento de um pensamento

econômico realmente liberal. Nessa iniciativa, revela-se mais uma vez o poder aglutinador de que dispõem alguns estados, como o Rio Grande do Sul: o Instituto já dispõe de ramificações em outras unidades da federação.

O Rio Grande tem tradição para essas empreitadas: foi a terra do castilhismo e do getulismo; mas foi, também, o berço de uma vigorosa pregação liberal que teve em Gaspar da Silveira Martins o seu maior tribuno, ainda nos tempos do império.

Derrotado pelo castilhismo de Borges de Medeiros, o liberalismo dos *maragatos* não consentiu na sua própria extinção: perdurou como uma tradição viva, através da palavra e da ação de homens como Raul Pilla, Mem de Sá, Daniel Krieger.

Ressurge agora dentro da própria classe empresarial. É um fato auspicioso. No caso do verdadeiro empresariado, que rejeita qualquer espécie de peleguismo, trata-se de uma luta pela sobrevivência. O Estado já cresceu demais, no Brasil. Bem mais da metade dos nossos problemas deve-se a esse processo de elefantíase, que vai secando as fontes da criatividade, da energia, da imaginação.

Para deter essa inundação, é preciso começar pela definição de alguns princípios básicos — ao mesmo tempo em que se luta na direção que se considera correta. Dessa união entre pensamento e ação é que se alimentam todas as grandes causas.

Iniciativa e realização:

INSTITUTO  
DE ESTUDOS  
EMPRESARIAIS

Promoção e organização:

ALLENOS CONSULTORIA  
EMPRESARIAL

Apoio:

BAMERINDUS

## PARA ONDE VAMOS?

### UM OLHAR SOBRE O FUTURO

**T**rês décadas é muito tempo? É pouco? Depende a perspectiva com que se olha para o caminho percorrido e para o que ainda será trilhado. Poderia ter sido diferente? Pode ser diferente? Claro que sim. Sempre pode ser melhor. Em 30 anos, o IEE poderia ter tido um impacto maior? Ou, quem sabe, poderia ter acabado, como ocorre com muitos de nossos sonhos?

O final de um ciclo costuma ser importante para fazer uma revisão, uma autocrítica e alguns ajustes que possam contribuir para aumentar o legado. Daqui pra frente, o que o IEE quer ser? Qual o sonho dos jovens de agora para daqui a 10, 20, 30 anos?

### O QUE PODEMOS SER

**T**odas as pessoas ouvidas ao longo da elaboração deste livro - e até mesmo as que não foram ouvidas - têm opiniões e ideias sobre os rumos do IEE. O objetivo aqui não é fazer um exercício de futurologia, mas uma profunda reflexão sobre as possibilidades que se abrem no momento em que o Instituto de Estudos Empresariais se torna um "balzaquiano".

Para alguns, ele poderia ser um centro de excelência acadêmica, a "Harvard" brasileira, voltada à preparação de empresários modernos e empreendedores. E por modernos e empreendedores, entende-se aqueles capazes de prosperar em um mercado aberto, sem leis que os protejam de outros concorrentes, com livre acesso de outros competidores. Bill Gates, Mark Zuckerberg e Steve Jobs, só para citar alguns que a juventude admira, fizeram fortunas sem precisar desse tipo de proteção.

O IEE pode durar, como qualquer escola de excelência, quem sabe 200, 300 anos. Para isso, ele precisaria crescer, talvez ser uma entidade nacional ou internacional, como já sonharam alguns, e, com uma maior dimensão, ajudar a pautar os debates mais fundamentais para o Brasil.

Ou poderia apenas contribuir com universidades brasileiras, criando nesses centros já existentes MBAs, disciplinas a serem incluídas nos currículos ou mesmo seminários que permitam aos alunos ter acesso ao mesmo tipo de conhecimento oferecido aos associados do Instituto. Alguns membros poderiam se incorporar dentro das universidades. A cada período, um deles assumiria uma cadeira, coordenaria um seminário. Seria uma forma de devolver para sociedade o que eles estão recebendo.

Para outros associados, isso já está contemplado no princípio básico do IEE, que é formar lideranças que ocupem espaços na sociedade. Se o

Instituto forma pessoas de qualidade, elas não podem guardar todo esse conhecimento para si.

Há quem defenda que o IEE não precisa se abrir mais nem ser mais propositivo politicamente, já que, para isso, existem outros institutos, como o Milenium, o Instituto Liberdade, o Liberal, o Mises. Ou seja, sua vocação não seria a de um *think tank*, já que essas outras organizações se dedicam a produzir e distribuir conteúdo com os mesmos conceitos defendidos pelos associados do IEE. Para eles, já está de bom tamanho manter o foco na formação de lideranças e no Fórum da Liberdade. Sem esquecer, é claro, o desafio de influenciar de forma mais efetiva a sociedade, participando mais de entidades fora do IEE.

Muitos gostariam de dar ao Fórum um novo conceito. Talvez torná-lo um evento global, transmitido pelos canais de comunicação que existem hoje, para todo o mundo.

Quem sabe?

Há diferentes opiniões, como é próprio de um centro no qual a discussão de ideias é o principal ativo. Mas, independentemente do ponto de vista, todos acreditam que o IEE vai evoluir muito.

E, embora não se possa prever o futuro, como escreveu em seu artigo Sérgio Lewin, que presidiu o Instituto na gestão 1999/2000, quem sabe um dia, daqui a mil anos, um arqueólogo que ler este material dirá: *"Como estava à frente de seu tempo aquele pessoal do IEE. Que lástima o tempo desperdiçado até a vitória de suas ideias"*.

Sem dúvida, o mais importante para que isso ocorra é continuar se questionando: para onde estamos indo, o que a gente está fazendo, até que ponto temos que mudar?

Afinal, 30 anos é muito ou pouco tempo? Não importa. Talvez, quando, em 1984, aqueles jovens se reuniram pela primeira vez para discutir novas ideias, não imaginassem que o Instituto criado por eles continuasse ativo décadas depois. Estavam, isso sim, preocupados em realizar algo. Daqui a 30 anos, os jovens que hoje fazem sua formação no IEE devem ser lembrados pelo mesmo motivo. Porque soltaram suas amarras e se afastaram do porto seguro.



# Empresários ouvem Maciel em reunião fechada

**NELSON BLÉCHER**

Enviado especial ao Guarujá

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, disse num encontro reservado com 140 empresários não ter a certeza de que a próxima Constituição brasileira seguirá os princípios do liberalismo econômico. O ministro disse que a proposta constitucional elaborada pela comissão Afonso Arinos não é liberal e que muitos de seus membros assinariam "talvez uma parte, mas não todo o texto".

O ministro fez esta declaração ao ser questionado pelo empresário Jorge Gerdau Johannpeter, 49, presidente do Grupo Gerdau, que em tom de desabafo afirmou que apesar de no pensamento político do governo, este e os anteriores, haver a definição do conceito de economia de mercado, na prática há um processo intervencionista (do Estado na economia) crescente e bastante sério. "Como empresários, vivemos a angústia de que no campo econômico o pensamento liberal está a desejar", iniciou Johannpeter, pedindo em seguida ao ministro um conselho para os empresários: de que forma eles devem trabalhar para que na nova Constituição seja preservado o espírito liberal também no campo da economia?

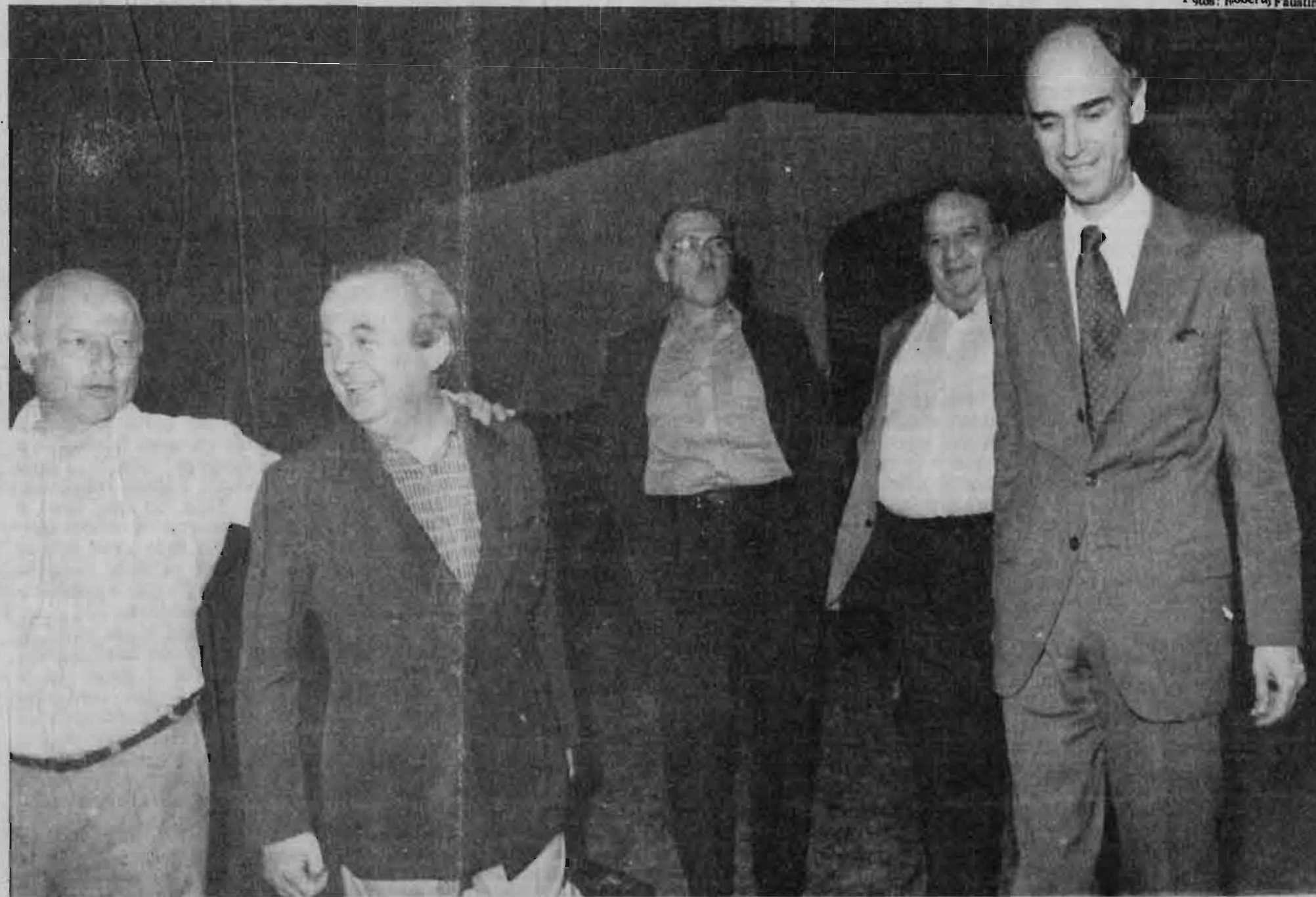
Johannpeter foi então entusiasticamente aplaudido pelos seus companheiros, que entre garfadas de escalopinho de filé regadas com goles de vinho Almaden e saboreando na sobremesa cassata "ao sabayon" e mamão Havai, participaram do encontro exclusivo com Maciel — o acesso à imprensa fora vedado — no Casagrande Hotel, o mais sofisticado de Guarujá, no

Carlos Antich, da Sanbra, Laerte Setubal, da Duratex, Jacy Mendonça, diretor da Volkswagen e vice-presidente da Anfavea, Norberto Odebrecht, da construtora do mesmo nome, Flávio Andrade, presidente da Standard Ogilvy, Jorge Simeira Jacob (Grupo Fenícia) e Guilherme Afif Domingos, da Associação Comercial de São Paulo e candidato a deputado federal pelo PL, que apóia Antônio Ermírio, entre outros.

Marco Maciel disse que está havendo um ressurgimento do liberalismo no mundo e também no Brasil, mas é diferente do "laissez faire" do século 19. "Liberdade sem igualdade apenas pode ser uma frase sonora. É necessário compatibilizar a liberdade com a busca de assegurar mais essas conquistas (no campo social). Isso pressupõe não liberdades formais, mas reais, fazendo com que o cidadão venha a ter liberdade no campo econômico", declarou o ministro, ao mencionar a garantia de emprego, habitação e legislação de saúde. "É a liberdade pela qual devemos lutar para o nosso país, que tem tradição liberal e é pleno de exemplos neste sentido".

Mas afirmou: "Não sei se no perfil da Constituinte haverá essa preocupação". Após constatar que o número de candidatos da eleição passada para a de novembro próximo saltou de quatro mil para treze mil, ele assim fechou seu raciocínio: "Não dá para tirar uma linha do que será a Constituinte, se uma proposta liberal será tendência majoritária. Torço para que isso aconteça e trabalho para isso".

De acordo com o levantamento citado pelo ministro, o Congresso



Fotos: Robert Faustini

Jorge Gerdau (à esq.), Mauro Salles e Marco Maciel (à dir.) saem da sala de reuniões, na foto à esquerda; embaixo à esquerda, o plenário do encontro, presidido por Laerte Setubal (primeiro à esquerda na foto abaixo)





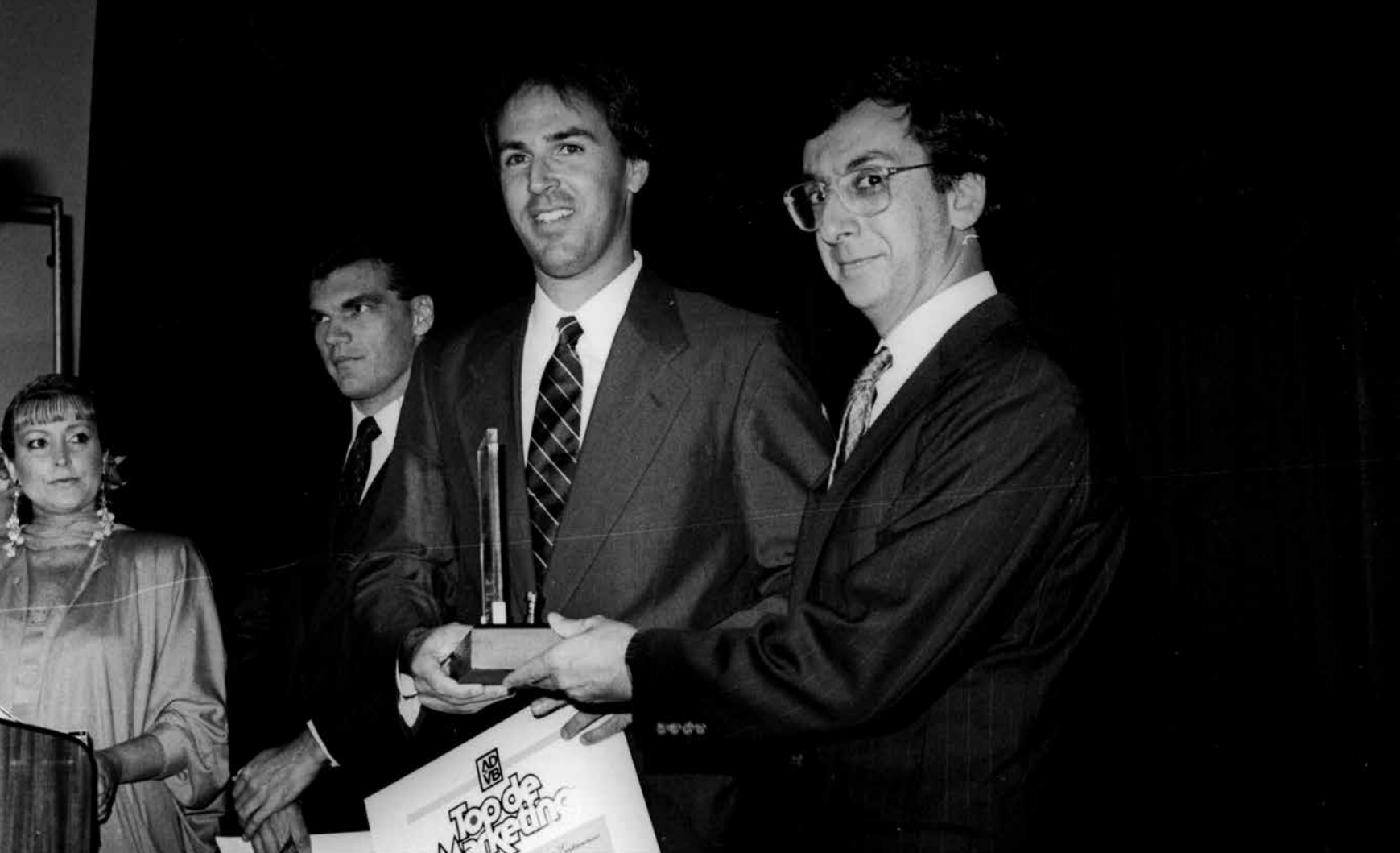




































## FREDERICO HILZENDEGER

### THE PATH TO FREEDOM

Brazil seems to have a permanent seat among emerging countries. Despite its incredible resources, different cultures and unparalleled resilience, it has failed to progress significantly in comparison to other nations. Among other reasons, this stagnation is due the substantial shortage of firm values and principles that lead to an environment with strong institutions and, therefore, more freedom and prosperity. Aware of this environment, the Institute for Entrepreneurial Studies (IEE) emerged, tuned to a rhythm different from the one that had reigned in Brazil until that point.

A group of young entrepreneurs and friends, concerned about the challenges Brazil would face once the military regime ended, began to meet in Porto Alegre with a view to personal development and training future leaders. Leaders who would occupy prominent positions in civil society and, as such, would need to establish their foundations based on values like free enterprise and market economy, as well as the democratic ideal of individual liberties, subordinated to the rule of law. Although not in these exact words, and using some of the terms that translate the Institute's mission today, this sums up the definition of the IEE's origin. At least, this is the definition I have put into writing, shared in conversations with the Institute's longest-standing members.

When I was invited to join the IEE as a prospect by Carlos Souto, known as Caco, what little I knew about the Institute was almost entirely limited to the Liberty Forum. And when I went in search of more information about the history of the Institute, I found exactly what is summarized above. I had no idea that, perhaps intuitively, the

focus of my curiosity would prove to be one of the most remarkable experiences of my life, and that this same curiosity would contribute significantly towards publishing this book.

The first event I participated in as a prospect was the study of the book "Defending the Undefendable", by Walter Block. The author's somewhat forceful style, previously unknown to me, combined with the way the event was conducted by the presenting members, made it clear that I had become part of a group that was, at the very least, different. And different in a good way, very good. I quickly realized the quality of the invited speakers, the topics discussed and, above all, that of the other members, whose camaraderie clearly indicates they are the IEE's greatest asset.

Alongside contact with members and attending events, the training process also includes reading the books recommended in accordance with the training cycle. Not only is work by authors like Frédéric Bastiat and Ludwig von Mises highly accessible, it also seems to remain unchanged over time and is always current. Studies and books that exemplify the IEE's universe of knowledge include those by Friedrich Hayek - which, fortunately or unfortunately, are highly applicable to the initiatives perpetrated in today's reality - Adam Smith, Alexis de Tocqueville, Milton Friedman, Murray Rothbard and many other notable authors who share the values that the Institute defends, as well as the novels of Ayn Rand, which are an excellent albeit dense tool in defense of morality and liberty in the face of those against these values.

As the training process progresses, increasingly significant opportunities gradually emerge, accompanied by an equal degree of responsibility.

In my case, I had the opportunity to coordinate a training group, the AMA-GI, and took on the challenge

of leading a group of peers with the primary objective of promoting each person's training process. I was also fortunate enough to participate in a jury simulation panel and was challenged to defend socialism before an audience of university students; having successfully defended the thesis alongside Ricardo Gomes, I had to deconstruct all the arguments put forward in the debate - a task I admittedly did not find difficult given the fallibility of the socialist premise. I then had the honor of being invited by Bruno Zaffari to join the Institute's board alongside a team of giants that, in addition to Bruno, also included Eduardo Sampaio, Fernando Ulrich, Thomas Cesa, Renata Frare and Rodrigo Silveira. To summarize the opportunity I had to learn from this group (who quickly became great friends), I can only describe the experience as fantastic, capable of creating unparalleled opportunities for growth and learning.

I realized then, that I had been raised from an early age based on the same values and principles as the Institute's. I would venture to say that, though I might not always have known it, I have always been a libertarian. The IEE was responsible for building the solid foundations of knowledge about topics vital to my development as an individual today, unlike anything I had access to in school, university or professional settings.

Aware of the IEE's contribution to my training, and while still a director, I was given the honor of taking over as the Institute's president in the same year that the IEE would celebrate its 30th anniversary. Given the responsibility involved in taking up this challenge, my goal was to compile a board of talented people dedicated to the Institute. My team of champions consisted of Fernando Ulrich, Joana Sopper, Ricardo Heller, Mauro Zaffari, Rodrigo Tellechea and Daniel Flores, who were rewarded with member's trust to run the Institute from May 2014 to April 2015. During this period Brazil

would host the FIFA World Cup and hold presidential elections, but no one could have predicted the shift in direction with the death of Eduardo Campos and the intense competition between Aécio Neves and Dilma Rousseff. Also in 2014, I was able to represent the IEE on trips to Venezuela and Bolivia, witnessing first-hand the damage that the Bolivarian regime caused in those countries. In Brazil, the same year would see new corruption scandals, including one involving Petrobras, and the world was rocked by clashes in the Ukraine, not to mention the growing strength of radical Islamic groups and a devastating Ebola epidemic.

Combined with this reality was the constant dedication and time required to plan the 28th edition of the Liberty Forum and the question: 30 years of the IEE, now what?

From the time we took over, we noticed a certain lack of consolidation concerning the repertoire of knowledge accumulated over the Institute's history. We were faced with a reality in which the IEE's history was deeply engraved in the memory of its oldest members, but this was not so among younger members, who were limited to consulting the internet or materials in the Institute's archives, which were often dusty from lack of handling. This situation and Roberto Rachewsky's suggestion of inviting the Institute's former presidents to write an article about how they became libertarians, how they joined the IEE and what legacy they left for the organization, led to the idea for the book; the goal was to share some of the Institute's 30-year history and highlight its impact over the years, translated into texts written by the presidents that guided the Institute throughout its history.

During the process of creating and producing this book we were able to consolidate what we were only subconsciously aware of: the IEE has a highly significant

impact not only on the corporate environment, but civil society as a whole.

The value given to individuals with rights, primarily the right to life, liberty, responsibility and property, merges with advocating the rewarding path of pursuing one's own happiness. And this is precisely what the IEE proposes. We know there is still much to be done in Brazil - investments in different areas, training leaders who are effectively capable of steering the country on the right path. Yet in spite of the challenges to be overcome, I would venture to say that this book, which boldly consolidates the IEE's history, has confirmed that we are on the right path. The path to freedom

## INTRODUCTION

### I WANT TO VOTE FOR PRESIDENT! AND MUCH MORE...

In mid-1984, close to 30 young entrepreneurs between the ages of 20 and 30 received an invitation to attend a meeting. At that meeting, at which at least 20 of them were present, a seed was planted. That seed became an institute that in three decades of existence has helped change the history of several generations of young idealists.

After that meeting, the Institute for Entrepreneurial Studies, better known as the IEE, was founded. Its members are committed to a model of social and political organization for Brazil based on the democratic ideal of individual freedoms, subject to the rule of law.

They are all under 35 years old, and they believe that actions supported by private enterprise will provide better results than those led by the government. Their aim is to educate virtuous leaders who will run better businesses, entities and governments.

The individuals educated by the IEE have roles as agents of change because of their ability to think differently and be intellectually independent.

More than simply teaching the principles of libertarianism and improving the managerial qualities of its members, IEE leaders hope that their disciples will permanently defend their cause in trade associations, business organizations, unions, and when possible, in the government.

The IEE has been able to influence Brazilian business and society, since nearly 1,000 entrepreneurs have passed through its ranks and are now leaders in various parts of society. The Institute currently has approximately 200 members, both active and honorary.

The author of the letter that summoned that group of young

people to the meeting in 1984 was businessman William Ling. At 27 years old, he became the first president of the IEE.

*"I did not found the IEE. I simply took the initiative of bringing together young people to discuss and debate things. I had concerns, and I saw that other people in my generation and immediate surroundings had similar concerns. I knew that we needed to do something. But what? The idea and the way to do this were the products of this debate."*

Businessman Roberto Rachewsky, who became the second president of the IEE, helped Ling make the list of the people who could be interested in participating in that first meeting. *"My network was mostly in the commerce and services industries. William's was generally in the industrial and agribusiness sectors. He sent the invitation, and the idea prospered. Since the beginning, we were thinking of something that would help us educate ourselves. To sit down, get together, study, discuss, bring in people who could influence us, learn from them, criticize, debate and try to take this mentality to a specific audience: the trade associations we were a part of."*

It worked. Since its inception, the Institute for Entrepreneurial Studies focused its debates on concepts and ideas that began to gain a following in several other countries.

*"The IEE became a substantial channel for developing libertarian leaders, our goal since the very beginning. It helps tell the history of the development of libertarian ideals in Brazil,"* said businessman Renato Malcon, who was also present at the first meeting.

The IEE was created to bring to life the ideas of young people who had lived their adolescence subjugated by a closed political system. By adopting a transparent and objective approach that favored the ideals of liberty and democracy, it helped renew

the discourse and actions of entrepreneurs. Its proposition, affirmed in its bylaws and ideology, is clear and transparent in its objectives and methods.

The events promoted by the IEE lead to the sharing of concepts that are coherent with the values the organization defends, always focused on educating people with well-defined values and principles. During their training, members interact and share ideas with Nobel Prize winners, presidents of global and national business groups, ministers and chiefs of state and renowned thinkers and opinion makers.

Throughout its trajectory, the Institute has created conditions, in a way that few centers of excellence in Brazil have been able to, for training people to lead by example, guided by ethical values and motivated by individual ability. Its event partners include some of the largest Brazilian companies, such as the Gerdau and Ipiranga groups.

The IEE is supported by the dues of members and donations from sponsoring entities. Thus, anyone who enters the Institute is receiving a kind of scholarship. They pay for one part of it, and the rest is paid for by donors, which is why this money must be invested well.

#### BRAZIL AND THE WORLD IN 1984

Published in 1949, a few months before the death of its author George Orwell, the classic 1984 describes a not-so-distant future in which Winston, the hero, is imprisoned in the totalitarian gear of a society completely dominated by the state.

No one escaped the watchful eyes of Big Brother, the most famous literary personification of cynic and cruel power. The ideology of the dominant party in fictitious Oceania wanted nothing more than power. O'Brien, a leader in the party, explains to Winston: *"We are interested solely in power."*

*Not wealth or luxury or long life or happiness: only power, pure power".*

1984 denounced the evils of totalitarianism and became one of the most influential novels of the twentieth century. It was even censored in some countries. In others, it was used as a type of manual to teach people how things should work, instead of the other way around.

In Orwell's book, a single man defies a terrible dictatorship. In real life in 1984, almost as if it were a prophecy, thousands of people flooded the streets of Brazil clamoring for direct presidential elections after 20 years of a military regime. The movement to regain the right to choose the president of the republic in direct elections ended up becoming the largest mass demonstration in the country's history. It was four months, from January 25th, the day of the first large rally in São Paulo, to April 25, 1984 in Brasília, when the "Diretas Já" amendment was defeated in the National Congress. At dawn between April 25th and 26th, only 22 votes were needed to approve the Dante de Oliveira Amendment, which would reestablish direct elections.

Nevertheless, Brazil would never be the same. Politicians such as Leonel Brizola, Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Franco Montoro, Mário Covas and Ulysses Guimarães, among others, stood together at the podium and asked for elections.

While Brazil was experiencing the "Diretas Já" movement, India was also having a busy year. The country made headlines around the world after the attack on the Golden Temple in Amritsar in June. On October 31st, Prime Minister Indira Gandhi was murdered by a Sikh bodyguard.

Astronaut Bruce McCandless flew a mission in the *Challenger* space shuttle and humans expanded an unknown frontier.

Ronald Reagan was reelected in the United States.

In Ethiopia, 1 million people starved to death in one of the most devastating moments of the year. In the Soviet Union, Yuri Andropov died and Konstantin Chernenko took command.

At the Olympics in Los Angeles, the Americans swept almost every category, taking advantage of the Eastern Bloc boycott led by the Soviet Union.

That was 1984, the year the group of young Rio Grande do Sul natives met at William Ling's home and decided to create the IEE.

**MISSION:** To develop business leaders committed to a model of social and political organization for Brazil based on the democratic ideal of individual liberties that are subject to the rule of law.

**VISION:** To be the best Center for Business Leadership Development in Brazil.

#### VALUES:

Freedom

Individual responsibility

Rule of law

Private property

#### PRINCIPLES:

Coherence and conviction

Independence

Cohesion and individual respect

Commitment to the future

#### NEW IDEAS AND SOME SEEDS

In order to better understand the origins of the Institute, one must take a deeper look at the beginning of the 1980s. Brazil was stagnant after a miracle aided by petrodollars, subsidized credit and market protection. This model was wearing thin. The movement for democratization was intensifying, workers' centers were being founded, unions were becoming stronger and the Workers' Party (PT) was emerging.

The world saw the ascension of the Asian Tigers, and China was beginning to open up to the world. Reagan was implementing a

Republican revolution in the United States as Margareth Thatcher tried to rebuild England (which was in tatters after years of labor socialism) by using the ideas of the Austrian liberals.

The world was going in one direction and Brazil was going in the other, becoming increasingly closed with laws such as the one that guaranteed a market reserve for the IT sector. Brazil was stuck in the past, condemned to being obsolete.

*"An IT revolution was taking place all over the world. In Brazil, only domestic companies could act. How many years did we lose in productivity and access to technology?"* William Ling remembers. *"We had two extremes: on one side, the military, and on the other, the socialists and the communists. They joined forces to pass the IT Law in Brazil. The country was economically stagnating, inflation was soaring, unemployment was growing, there was zero competitiveness, zero productivity, zero innovation. In this context, we saw unions and social groups organizing. What were the entrepreneurs doing? Nothing."*

The young people that met that day in 1984 were from a generation that spent practically its entire adolescence under a closed regime. They were thirsty for knowledge, and began discussing new ideas.

As they began to get involved with the family business or their own ventures, they saw the reality and difficulty of being an entrepreneur in Brazil.

*"It all seemed so strange as we began to have a different view of this relationship between the individual and the collective, the citizen and the state, the market and government interference. There was a confrontation between socialists and fascists, competing with each other for power. We wanted neither,"* remembers Rachewsky, president of the 1986/1987 board.

A small group, encouraged by Winston Ling (the same name of

the solitary hero in Orwell's 1984) was already meeting informally to discuss new ideas. Chinese descendents that escaped a leftist totalitarian regime that were now facing another authoritarian regime in Brazil, the Lings felt that neither of the two worlds was right. But what was the alternative?

Winston and some of his classmates at the Anchieta school (who were 14-15 years old at the time) were already questioning and seeking answers to this dilemma. At the time, he introduced his friends to his godfather, ex-minister Marcus Vinicius Pratiní de Moraes, a man who had in-depth knowledge of the country's reality and brought other people to talk to them at the Ling home. While they were still teenagers, they were introduced to a book that constitutionalist professor Cesar Saldanha de Souza Júnior wrote on democracy, something that was not discussed in a closed government. This planted the seed that bloomed when William typed that letter inviting the young people to go above and beyond.

*"There were 20 of us who founded the IEE. I always say: the IEE was formed by a group of people who were experiencing a unique time in Brazilian politics, and William had the brilliant idea of taking the initiative to call everyone together for a meeting,"* says Renato Malcon.

The first meeting took place at the Palace of Commerce in downtown Porto Alegre. That was when the group's first issue arose. At the time, there were two strong business leaders in Rio Grande do Sul. One was connected to industry (Luís Otávio Vieira) and the other to commerce (César Rogério Valente). They had constantly differing opinions, as each of them defended their sector's interests. At that first meeting, the group of young people took a different approach. They wanted to create their own independent organization. They moved to a meeting room in the Ritter Hotel, in



front of the Porto Alegre municipal bus station. That was where the Institute for Entrepreneurial Studies was born.

It was no accident that those “kids” were viewed with suspicion, even by many of their peers who defended price controls, protection, market reserves, subsidies and government interference. At the time, they were even against opening Brazil up to multinationals, alleging dumping and low prices. They said that opening the market would destroy domestic industry and that there were certain infrastructure projects that only the government could take on.

That group of young people, who carefully watched what was happening around the world, asked themselves: *why?*

Therefore, the first barrier was the entrepreneurs themselves. How could they convince union members, teachers, politicians and journalists if they could not convince their peers? They sought new ideas that were beginning to pop up in Brazil.

#### LIBERTARIAN IDEAS

In 1983, a group of entrepreneurs led by Donald Stewart Jr. founded the Instituto Liberal (Liberal Institute) in Rio de Janeiro in order to edit books by economists who had never been heard of in Brazil. Some *gaúchos* (Rio Grande do Sul natives), such as Jorge Gerdau Johannpeter, owner of the largest steel group in the Americas and one of the biggest supporters of the IEE (his children, nieces and nephews have been a part of the Institute), gave some of those young people texts on libertarian doctrine that had been translated to Portuguese.

The material they were given access to in the 1980s filled their hearts and minds. They contained the essence of the Austrian School, which had been very influential since the beginning of the twentieth century, and was based on the concept of individualism. It was

responsible for several generations of brilliant economists such as Frédéric Bastiat, Ludwig von Mises, Friedrich Hayek (Nobel Prize winner in 1974) and Murray Rothbard. It also led to the first discussions of the new classic American economists, such as Milton Friedman (Nobel Prize winner in 1976), Arthur Laffer and George Gilder, who was invited by President of the United States Ronald Reagan to conceive and implement a strategy to pull the American economy out of “stagflation” at the beginning of the 1980s.

To this day, the yellowed pages of those first texts are saved as relics by some of the IEE’s oldest members. There are articles showing that at that time, Keynesian theory (which had been dominant up to that point) was being deeply questioned. There is also a vast amount of information about the Chicago Boys, a name given to a group of approximately 25 young Chilean economists who had studied in the United States, where libertarian ideas were flourishing, and developed Chile’s economic politics under General Augusto Pinochet. They were responsible for the “Miracle of Chile”, given this name by Milton Friedman and the pioneers of libertarian thought in South America, after they saw that in almost a decade, Chile was able to put measures into place that would only be adopted by Margaret Thatcher in the United Kingdom and others much later.

In Brazil, Henry Maksoud, who had bought *Visão* magazine in the mid-1970s, changed his editorial profile and began to identify with this libertarian ideology. Even under censorship, he criticized statism, developmentalism and economic interventionism. These events marked the dissemination of new ideas throughout the country. New concepts of principles and virtues and the types of institutions needed for the country to truly develop began to circulate. Some Brazilian economists, such as Roberto Campos and Mário Henrique Simonsen, also began to discuss new ideas.

Many of the founders and first members of the IEE studied abroad and came into contact not only with the libertarian ideals that were beginning to circulate throughout the world, but with the most important things that were happening outside of Brazil. The Soviet Union was showing signs of distress, along with the interventionist model and state capitalism. Japan was beginning to show elevated signs of growth. These facts could no longer be ignored.

At the first meetings, the information brought by those who had traveled to other countries was very important, as many of those present had not had that experience. At the time, that type of travel was as rare as having a phone line at home. That is why one of the first IEE activities was a trip with 20 members in 1985 to the Tsukuba Fair, a technological center in Japan. Part of the delegation also visited the Tokyo Chamber of Commerce and Industry.

Thirty years later, other idealist youngsters keep the mission of assimilating and disseminating their beliefs in the purest form of market economy, the supremacy of the private over the public and a minimalist state. Always working to be the best center for business leadership development in Brazil, the IEE seeks to provide its participants with an environment for intellectual learning, where young entrepreneurs and successors to family businesses are able to improve their knowledge and become better leaders.

*“The goal is always to leave as apostles and take the ideas to other organizations,”* says Carlos Smith, president of the 1987/1988 board.

## WHO IS JOHN GALT?

The question “Who is John Galt?” begins and permeates the

book *Atlas Shrugged*, written by Russian American writer Ayn Rand in 1957. In reality, John Galt, who is not identified until the third volume, is more than just a character: it is an ideal. When the main character, Dagny Taggart, names her railway line in Colorado the “John Galt Line”, many people are surprised, and ask her: “Who is John Galt?” She responds: “We are!”

All members of the IEE have a little John Galt in them, someone who believes in the power of the human mind and an individual’s right to use it to their advantage. The values that permeate John Galt lead to encouraging work that each individual can perform, with their own strength, to improve their life and the lives of the people around them, albeit indirectly.

John Galt teaches the power of overcoming obstacles that life often puts in your way. Thus, the John Galt ideal is not identified in a single individual, but in all people who blaze their own path in order to make their deepest dreams come true, always seeking to overcome barriers that may arise so that they are not kept from continuing their journey.

This is one of the books in the basic IEE bibliography, and millions of copies have been sold. In 1991, the United States Library of Congress received the mission of discovering which book had most influenced people’s lives. The Bible was given first place, and *Atlas Shrugged* was ranked second.

The books reveal a great deal about the IEE itself, which has discipline as one of its most important aspects. Only entrepreneurs or successors to family-owned companies who are getting an education are allowed to be a part of the Institute. As in a club, to become a member you must be invited and receive an endorsement from a current candidate. The selection process for new members only occurs when there are spots available, which each board discusses. Members can nominate as many people as they like, as long as they meet two

basic requirements: they must be between 20 and 32 years old and directly or indirectly participate in the company’s important decisions. Those nominated are invited to participate in an ordinary IEE event (weekly meeting every Monday night in Porto Alegre) and report on what they saw. All of them are interviewed by the board, their names are sent to the Deliberative Council (made up of the current and former president and five honorary members elected once every two years).

Once their name has been approved, nominees then go through a probationary period that can last from six months to a year and a half, during which their dedication and interest will be evaluated. In this phase, in which a future member is referred to as a prospect, they learn about a number of authors, such as Brazilian entrepreneur Donald Stewart Jr., Frédéric Bastiat and Ludwig von Mises, review at least two of these books and must participate in at least 75% of the Monday night meetings. At the end, their name is once again submitted to the Deliberative Council, which decides whether or not they will become a member of the IEE.

As one of the 60 active members (in the beginning there were only 30) they will be able to participate in all of the educational activities provided by the Institute until they turn 35 years old (after that, they will be allowed to participate, but not as active members). During this period, they must attend weekly meetings and read a recommended (and constantly updated) bibliography, divided into training phases or cycles, such as *The Road to Serfdom*, by Australian economist F.A. Hayek, the previously mentioned *Atlas Shrugged* by Ayn Rand, and *1984* by George Orwell.

As their terms end, presidents become honorary members. Regular members become honorary after five years of training or after having participated in one Board of Directors or Audit Committee

term. The other option is at least seven years of training as a member or turning 35 years old. There is no limit to the number of honorary members.

Every Monday, the members have ordinary meetings from 7:00 pm to 10:00 pm. On these occasions there can be internal events, such as a presentation done by an active member or a book study (always prepared with the guidance of an honorary member). At least three book studies are presented per year. Furthermore, Monday nights can be dedicated to debates with a guest (a politician, entrepreneur, intellectual or influential figure). It is crucial to study all of the topics discussed, debate with guests, participate in events, write reviews and coordinate study groups.

At the IEE there no separate classes, like you might find at a university. Events are constantly taking place, books are always available, and each person takes advantage of the opportunities in their own way.

*“The IEE is like a supermarket or shopping mall of opportunities. Everything is there, and you choose what you want. The more you fill up your cart, the more you develop, learn to communicate and share ideas,”* says Bruno Zaffari, president of the 2013/2014 board.

This “shopping mall” of opportunities began to be structured during second president Roberto Rachewsky’s term. That was when the first IEE employee was hired (economist Nino Feoli Anele was brought on as an executive secretary), the first monthly fees were charged and a meeting room was rented on Rua Dona Laura in Porto Alegre to be the headquarters.

Anele was 22 years old and had an undergraduate degree from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), but did not have the faintest idea of what libertarianism was.

*“It wasn’t discussed in the Economics major. The most ‘libertarian’ economist we studied*

at UFRGS was Keynes. When I gained access to the IEE's material (much of which was from the Liberal Institute), I was enchanted, I realized that another worldview existed," explains Anele.

In 1986, he helped Renato Malcon, then vice president of the IEE, edit the statute that had been written when the Institute was founded, and was responsible for registering it at a notary's office. It included the basic rules a member must follow, such as minimum attendance at scheduled activities, the need to invite a member to be a part of the IEE, the decision that no one, not even the president, is authorized to speak on behalf of the Institute, the minimum age for entering and the maximum age allowed, monthly fees, the composition of the board and a clause that is almost entrenched: a fixed term of one year for the president, as a way to alternate power and allow more people to take on the task.

Sometime after its foundation, a number of new aspects were added to the members' routines. They realized that it was possible to expand the scope and even externally publicize the ideas studied at the IEE. The Institute even paid to broadcast the television show "O Rio Grande Questiona" (Questions from the state of Rio Grande do Sul), during which IEE members would debate guests from different schools of thought every Sunday night. The program was mediated by journalist Flávio Alcaraz Gomes.

The IEE reached 50 members through a strong recruitment effort, and the Board of Directors was created to preserve the culture of the Institute and give it longevity. It was also decided that not only the president would coordinate the ordinary meetings, but the entire board of directors would take turns performing this task, in order to exercise leadership.

#### FOR OR AGAINST?

Around the same time, the simulated juries, one of the IEE's most important activities, were also created. Their goal is to expand the training and prepare members to confidently discuss controversial topics chosen by the board. They are held twice a year. For each subject discussed, there are two sides. Each side is made up of one active member advised by an honorary member (as a kind of coach). It is an exercise to help members learn how to defend their ideas with content and confidence.

Before the jury begins, the members must vote on one of the theses that will be defended. After the arguments, the debates and audience questions (without making value judgments on the topic being addressed), each side will give its final argument and the member will vote again, this time based on the performance of the two sides and their arguments. Votes are often changed due to the quality and coherence of the arguments presented.

The president of the IEE, 2014/2015 board, faced the challenge of defending socialism the first time an IEE jury was open to the public, at the School of Higher Education in Advertising and Marketing (ESPM).

The members have already discussed (among other things) the legalization of drugs, the existence of the minimum wage and abortion. For the latter, in an exercise in psychological persuasion, the side that condemned abortion placed a piece of glass covered with a black cloth on the table, leading the audience to believe it was a fetus. They also hired an actress, who cried and explained that she had undergone an illegal abortion and could no longer have children. She only revealed that she was acting after the jury had ended.

The challenge of taking part in a simulated jury at the IEE, practicing argumentation and anticipating the opposition's arguments, all of

this is an education in how to act and see things.

#### CHANGING THE ROUTINE

Some practices change in each term, but the essence and goal are the same: develop the skills a good leader needs. For example, the last boards resumed a habit that aims to encourage a merit-based system among members and encourage their participation in the Institute's activities: giving all members points based on their individual activities and training groups, always coordinated by senior and honorary members. The ranking of the best begins and ends with each term, and the individuals and groups that perform well receive prizes. Interestingly enough, these prizes are always related to education and include courses, seminars, credit for purchasing books, etc.

The boards are always concerned with encouraging members to participate more. There was once an incentive program that awarded members with study abroad trips to the Foundation for Economic Education and for the Cato Institute. Today, trips to Germany and Portugal are provided often.

There are extraordinary events, such as annual seminars that take place outside of Porto Alegre, which take place in Gramado, Bento Gonçalves and Garopaba, among others. They last an entire weekend. On Saturday morning, IEE members welcome a special speaker to debate with them, in the afternoon they take part in a group activity and at night there is a social dinner to which members can bring a guest. This is one of the best integration opportunities provided by the IEE.

There are other ways to further the training, such as technical visits, during which groups of members are received by directors who present their company, production processes and management.

It is said that the IEE offers its members opportunities in the

same measure that they dedicate themselves to the Institute.

"I feel it is far less balanced than that. The IEE offers us so much more! I recently traveled to Venezuela and Bolivia representing the Institute," says Frederico Hilzendegeer, president of the 2014/2015 board. "I saw distressed countries that were suffering in the search for freedom. I participated in events defending liberty with the goal of defending and promoting alternatives to the Bolivarian regimes that are in power in those countries."

There are also events organized by the IEE. The University-Business Forums were one of the events that had a significant impact. They involved an entrepreneur discussing a case study with a young audience that filled the auditorium at PUC (Pontifical Catholic University).

#### LIBERTARIAN VIEWS

Every year since 1994, the IEE has published the *Libertarian Views* book a few weeks before the Liberty Forum. Members and occasionally some guests write 10-15 page articles on the topic that will be discussed at the upcoming forum. Initially the book was sent only to members, and some copies were donated to libraries and the National Congress. At the 2014 Forum, it was made available to everyone who participated in the event. 5,000 copies were printed for this purpose.

It was an important innovation, as this was a way to publicize additional content generated by the Institute. It serves as encouragement and added responsibility for the members who write the articles.

In addition to the book produced by the IEE, other libertarian publications have been distributed at the Liberty Forum, such as *Economic Policy: Thoughts for Today and Tomorrow* by Mises, which was reprinted by the Institute, and a set of essays written by economist Frédéric Bastiat.

The IEE's first media outlet in the 1980s was a small newspaper called *Proposta* (Proposal). It was short-lived, but with nearly 2,000 copies, it was distributed free of charge to a mailing list of entrepreneurs and politicians.

Currently, IEE participants can write monthly articles on contemporary topics that are relevant to entrepreneurship in Liberty Forum Insights, which took the place of Leader magazine, which had been published since 1997 and updated bimonthly on the Internet.

The idea for this substitution emerged from the perception that the Forum brand is very strong and can be used more efficiently with this new way of publicizing libertarian ideas. It worked. Insights gave the content a visibility that the IEE had not had with Leader magazine. Quotes from Insights articles even began appearing in the media. They have also been shared on Facebook, bringing more views to the Liberty Forum fan page.

Another way to maintain the level of discussion that the Forum provides and take better advantage of the brand was the creation of the Liberty Forum Colloquiums. Twice a year, panels are held similar to those at the Forum, but only for guests - entrepreneurs, partners and influential figures. The panels, which take place in August and November, do not follow the same theme that will be discussed at the Forum. Contemporary issues have already been discussed, such as "Paths of Latin America" and "Doing Business in Brazil," bringing together between 150 and 200 people. Though they are not open to the public, these events generated a good amount of media coverage, as they involved important speakers, such as Argentine economist and politician Ricardo Lopez Murphy and Mexican economist and philosopher Arturo Damm Arnal.

Being a part of the board of directors is an excellent opportunity

to organize events like these, but it also benefits members in other ways. In addition to being an important stage in the training, this involvement leads to unique experiences, such as talking with sponsors, contacting renowned individuals and organizing a Liberty Forum. One of the most awaited moments for each new group that joins the IEE board of directors is a type of ritual that has become a legend among members: a meeting with Jorge Gerdau Johannpeter. The businessman sits down and asks: "How is our IEE?"

Gerdau was the first recipient of the Libertas Award, a trophy given by IEE members to business owners that stand out for their work towards valuing the principles of market economy and respecting the democratic rule of law. Created in celebration of the first ten years of the Liberty Forum, it is awarded during the event.

Ten years later, in 2007, a new award was created, this time with the goal of honoring individuals dedicated to developing critical thought and defending freedom of the press. The Freedom of the Press Award, which is also presented during the forum, was recently given to Cuban journalist Yoani Sánchez. In her case, the members had to fly to Cuba to give her the award, since her government did not allow her to leave the country.

#### THE CHAPTERS

In the mid-1990s, William Ling traveled throughout Brazil doing meetings and seminars on the IEE. He tried to replicate the project in other states, but was unsuccessful. Later on, a number of boards were able to create chapters in other states. The first opportunity occurred in 2005. After participating in an IEE event (the University-Business Forum), the then president of Localiza, Salim Mattar, wanted to take the model to Minas Gerais. In 2006, after over 20 years of existence, the IEE opened its doors outside of Rio Grande Sul. Furthermore, the first Liberty Forum

outside of Porto Alegre was held in the city of Curitiba. That same year, after a lecture for members, São Paulo entrepreneur David Feffer also showed interest in taking the IEE to São Paulo, which happened in 2007.

In 2009, there were two chapters: the chapter in Belo Horizonte, which was already well structured, and the one in São Paulo, which was still getting organized. They grew in the following years, and the first Liberty Forum was held in the capital of Minas Gerais. At this point, the chapters were already interested in acting independently. Linked to the IEE, they would have to preserve everything that had been built in Porto Alegre over the years, and would have less autonomy. In addition, with time, it became difficult for the IEE board of directors in Porto Alegre to oversee them.

All of this led to the independence of the São Paulo and Belo Horizonte chapters. They adopted the name Instituto de Formação de Líderes (Leader Education Institute) and continued to be important IEE partners, sharing the same values and principles and concern for training leaders. *Líderes do Amanhã* (Leaders of Tomorrow), an institute created in Espírito Santo in 2011, must also be noted. It established itself very quickly, consolidating the importance of defending freedom and educating people. The IEE in Rio Grande do Sul was used as a benchmark for the young people in Vitória, who created their own model that was completely autonomous.

## FREEDOM THROUGH WORDS

On April 14, 1988, the recently inaugurated Plaza São Rafael Hotel's São José Events Center in downtown Porto Alegre was the location of the first Liberty Forum. The invitation had an illustration of a microphone on the cover,

with the suggestive title "Freedom through words".

More than just publicizing libertarian ideas outside of the Institute, the Forum emerged as another training tool for members. The then board of directors dedicated six months to fundraising in order to make it a reality. Its members visited two or three companies a week in search of sponsors.

After that, then president Carlos Smith sought the support of the national media for the event. In Rio de Janeiro, he went to meet with the president of *Jornal do Brasil*, which was one of the most influential media outlets in the country at that time. Manuel Francisco do Nascimento Brito did not want to see him. But the president of the IEE said that he would not leave until he spoke to the journalist.

The result of the visit was Nascimento Brito's presence at the Forum and an editorial published on April 19, 1988, with the title "Libertarian Conviction":

*"From Rio Grande do Sul come the echoes of the activities of an Institute for Entrepreneurial Studies founded by some of what is best in this area - young people who want to create a new Brazil. The Institute is made up of young people up to 35 years old, people who work and do not depend on their union's taxes to survive.*

*As is to be expected, these people have a political idea connected to a specific view of economics: the common denominator between these two strands is the belief that freedom is the essential dynamic force needed in contemporary Brazil.*

*The young entrepreneurs in Rio Grande do Sul want to define the most competent way achieve these ideals, so they can be implemented politically. All of them reveal a deep disillusion with the leaders in their sectors and the type of businessperson that agrees to everything, except the end of the subsidies..."*

In addition to Nascimento Brito's support, the president of the IEE also received a letter of approval to be used at visits to other media outlets. Thus, he repeated the process in São Paulo. He waited three days for an opening in Victor Civita's agenda at editora Abril. They wanted him to meet with other people, but he insisted he would only speak to Civita. After obtaining his support, he went after Ruy Mesquita at Estado de São Paulo and Otávio Frias at Folha de São Paulo. All three of them covered the Forum.

At the end of the event that brought together 300 people, the Carta de Porto Alegre (Porto Alegre Letter) was published, which summarized the conclusions of the first Liberty Forum: *"Our country will be tomorrow what we make of it today. There is no manifest destiny. We will only be a great nation if all of us, society as a whole, have the grandiosity to challenge our moment in history, breaking the fetters keep us shackled to a past of delays and privileges, becoming a part of the group of nations who through allowing their citizens to use their capacities, were able to reach an unimaginable level of development."*

The Forum became a crucial part of leadership training. Members have been able bring five Nobel Prize winners in Economics, chiefs and ministers of state, entrepreneurs, politicians and renowned intellectuals to Porto Alegre.

The event has opened a space for leaders who are testing libertarian ideas to hear other opinions and compare them to their ideas. The Forum has become a place for discussion in which the goal is to enrich the last stage of IEE membership.

It has two very clear objectives: disseminating libertarian ideas and more importantly, providing exposure and training for members that must invite speakers, speak in public, communicate with the press and publicly share and defend the concepts they study at the IEE.

*"The Forum is extremely important as an instrument for publicizing ideas, but it is even more important as a training tool,"* affirmed Carlos Biedermann, president of the 1988/1989 board.

The first Forum had the shine of Roberto Campos, but it is remembered to this day for an incident that involved the then governor of Alagoas, Fernando Collor, and Henry Maksoud. After the owner of *Visão* magazine heard the so-called "Hunter of Maharajahs" speak, he said: "If you get elected president with this platform, I'm moving to Paraguay." After Collor was elected, someone asked Maksoud, "Didn't you say you would move to Paraguay if Collor was elected?" Maksoud responded: "I'm already in Paraguay."

After direct elections were approved the following year, the board of directors decided to hold the country's first presidential debate during the Liberty Forum, which was an extraordinary feat for the young people at the IEE. Many people thought it was crazy. But they went ahead with it anyway. One of the people who worked the hardest to bring the presidential candidates was executive secretary Nino Anele. Without scheduling any meetings ahead of time, he flew to Brasília with the mission to invite them to what would be their first public debate. He went to the office of then senator Mário Covas and told his assistants that he had come from Porto Alegre to extend an invitation. They informed him that Covas would only arrive at 3:00 pm, and asked him to return at that time. At 3:00 pm, Anele was there. They asked him to come back at 5:00 pm. It went on like this until Covas finally met with him. "Senator, you are a presidential candidate, and at our event you will be able to speak to 500 influential people," said Nino. This was the estimated audience for the second Forum, since the first one had had 300 people in attendance. When the car that brought Covas parked in front of the Plaza São Rafael Hotel, Nino

was waiting with the good news: "Good morning, senator. I promised you 500 people, but there are 1,000 inside."

Then federal representative Luis Inácio Lula da Silva also met with Nino in Brasília and even offered him a ride in his official car to the IEE secretary's next meeting. When the driver parked in front of the building that Nino pointed to, he asked: "This is the hotel of the UDR (Rural Democratic Union)." What are you going to do here?" Nino changed the subject. He was there to invite another presidential candidate: Ronaldo Caiado.

The event was a success, a significant point in the history of the Liberty Forum. Federal Representative Roberto Freire and Leonel Brizola were also present. Among the candidates, only Guilherme Afif Domingos and Fernando Collor, who ended up winning the election, were not present. Collor confirmed that he would be attending. But the night before, at a dinner with the IEE board of directors and guests, Henry Maksoud (who had been a part of the incident with Collor at the last Forum) confided in President Carlos Biedermann that he had run into Collor at the airport in São Paulo as he was on his way to Porto Alegre. When he learned that Maksoud would be at the event, he decided he would not longer be participating.

The president of the IEE immediately went after the candidate. He took a plane to Rio that night and met Collor at the Caesar Park Hotel. They talked until 11:00 pm, the night before the Forum. However, the "Hunter of Maharajahs" did not go back on his decision. And to think that Fernando Collor's presence at the first Liberty Forum was secured with a simple phone call. The IEE directors looked up the governor of Alagoas' office in the phonebook and said: "We are from an institute in Porto Alegre that discusses libertarian ideals; we are organizing an event and would like to invite the governor." Collor

himself answered the phone. And he came.

In the beginning of the 1990s, the young people decided it was time to bring an important foreign lecturer to the Forum. Why not a Nobel prize winner? At that time, constitutional reform was being discussed. They decided to invite the 1986 Nobel prize winner in Economics, James Buchanan, who had written about the importance of a constitution in establishing standards of living that allow for a market economy to flourish.

*"Bringing Buchanan was a challenge. Roy Ashton and I traveled to the United States to invite him and former Court of Appeals (right below the Supreme Court) judge Douglas Guinsburg. Reagan had invited him to serve on the Supreme Court, but during the Senate hearings he admitted that he had smoked pot and was not approved,"* shares André Burger, president of the 1992/1993 board.

In addition to inviting celebrities to participate in the Forum, members had the opportunity to accompany them during their visit to Porto Alegre, as a kind of "shadow."

In 1995, the then president of the IEE met Vargas Llosa, Roberto Campos and Paulo Francis.

*"The three of them did not know each other personally. The Forum provided an amazing opportunity for these incredible people to meet. I had them in my car, driving around Porto Alegre, listening to their conversations filled with intelligence and fun. Llosa spent three days in the city and celebrated his birthday on the day of the Forum,"* says Carlos Souto, president of the 1994/1995 board.

When you agree to be a "shadow" for speakers of this caliber and others, such as 1992 Nobel Prize winner in Economics Douglass North, another illustrious Liberty Forum guest, you have a unique opportunity to strike up a private conversation with them and

get a better understanding of their thinking.

Many people who come to the Forum give those who hear them speak during the event the same feeling. In 1996, for example, there was a Brazilian face at the University of Chicago. Rio de Janeiro native José Alexandre Scheinkman was the head of the economics department seen as the temple of libertarianism; working in the office that once belonged to Milton Friedman, he played this role at the IX Liberty Forum. Scheinkman defended a number of adjustments so that Brazil could implement what he referred to as a fiscal restructuring. The most important aspect was the change in the relationships between the federal, state and municipal governments. "The Central Bank won't save the states. This is the first notion of independence that the Central Bank needs. And it's only going to happen when there are no more state banks," explained Scheinkman. Furthermore, to attract external capital and improve internal savings, he said that the government needed to stop competing with the private sector for the nation's savings. "That is only going to happen when it no longer has a fiscal deficit."

#### THE WORLD WILL NEVER BE THE SAME AGAIN

Maybe one of the most difficult moments for an IEE board to organize the Liberty Forum was between 2001 and 2002.

In 2001, one of the greatest tragedies in the history of humanity would occur: the September 11th terrorist attacks. In a series of terrorist attacks against the United States done by 19 terrorists from the radical Islamic group Al-Qaeda, the twin towers at the World Trade Center complex in New York were destroyed and other targets were hit, such as the Pentagon in Washington D.C. Close to 3,000 people died during the attacks.

In Brazil, economist Roberto Campos, one of the symbols of

national libertarianism and a frequent participant at the IEE Forums, passed away. In Porto Alegre, the World Social Forum was born. Though it was conceived as a counterpoint to the World Economic Forum that has been held annually in Davos, Switzerland since 1974, which is funded by thousands of multinational companies in defense of improving and expanding libertarianism, it was no coincidence that the World Social Forum (WSF) began in Porto Alegre. This annual international meeting is organized by social movements, NGOs and the civil community to discuss and fight against free market capitalism and social inequality, which according to its organizers, are caused by globalization. Though it is characterized as non-governmental and apolitical, parties and party lines actively participate in the debates and discussions.

*"The World Social Forum, held for the first time in Porto Alegre (with government money) was defined by Le Monde Diplomatique as the beginning of the twenty-first century." "It is like the anecdote from that period, 'a small village inhabited by relentless Gauls still resisted' globalization, modernity and economic freedom," says Pedro Chagas, president of the 2001/2002 board.*

The fact is, after the WSF arrived in Porto Alegre, the Liberty Forum grew even more. In 2004, it was transferred from Fiegs to PUC, given the public's interest. The change in location also changed the target audience for the event. Many university students also began to have a closer relationship with the Liberty Forum.

Almost 30 years after that first edition at the Plaza São Rafael Hotel, the Forum has grown a great deal in relevance and size. The locations chosen kept becoming too small to hold the growing audience, who were thirsty for debates of ideas. Over 70% of the 5,000 people present at the last Forum were students.

#### FIRE PROOF

Facing the most diverse situations and difficulties inherent in organizing a mega event made the Liberty Forum a sort of graduate program for the IEE board of directors. As the event gained international relevance, access to important people in the global scenario became much easier. With this, the members' elevated their standards for choosing speakers. The Forum began to take up so much of the board's time that in 2011, a new position was created: Liberty Forum director. This was done to centralize the tasks related to the event's organization and give the other directors more liberty to work on their training tasks. Carolina Fuhrmeister was the first Forum director.

The event has become increasingly important. It is a tool for attracting new members, an amazing showcase. At least 80% of IEE's prospects attended a Forum. It also something that gives the institution sway. Today, it is recognized all over the world.

Because of all of these characteristics and everything it involves, to this day, organizing a Liberty Forum leads to great stories, which will certainly be told to the following generations of young people who will be educated by the IEE.

For example, in 2012, "corruption" was being discussed as a topic. The idea was to bring a senator to the Forum who had stood out for defending ethics throughout the Mensalão scandal. The invitation was extended, but the politician's assistant was slow to confirm his participation.

*"When there was one month left to the Forum, the senator's assistant asked me to go to Brasilia to personally confirm his participation. I bought my ticket for a Monday, before 6 am. I landed in Brasilia and drove straight to the Senate building. I had a meeting with him at 9 am. I arrived and the assistant started*

*to make excuses: 'The senator will meet with you soon.' I waited until noon and they said he would only speak with me at 2 pm. When I returned, the assistant awkwardly asked: 'You haven't seen Veja magazine today?' He gave me the magazine, and on the cover was Senator Demóstenes Torres, in it up to his neck with Carlinhos Cachoeira. In my right hand I had VEJA and in my left, the invitation to the corruption panel. I turned around and came back to Porto Alegre. What a country we live in: the biggest 'enemy' of corruption gets caught with his pants down. I didn't know whether to laugh or cry," shared Ricardo Gomes, president of the 2011/2012 board.*

#### LEADERSHIP HEXAGON

Regardless of which activity is being performed, the goal is always to develop one of the six skills considered essential for IEE members. They make up what the organization calls the Leadership Hexagon.

**I - MORAL INTEGRITY:** identification and adherence to the IEE's set of values, actions that are coherent with your discourse, honesty and ethics with everyone, self control and credibility.

**II - VITALITY AND MOTIVATION:** effort and energy to reach objectives, perseverance, predisposition to face challenges, self awareness and confidence, commitment to physical and mental health.

**III - NETWORKING:** development and maintenance of alliances, creation of authentic partnerships, creation of synergy in the group, sociability, flexibility in the face of adversity.

**IV - FORESIGHT:** analysis of uncertainties and identification of trends, definition of objectives and strategies, systemic vision, proactive attitude.

**V - ACHIEVING RESULTS:** generation of effective, quality results, implementation of the vision, mobilization of people and

resources, actions that positively impact the environment.

**VI - COMMUNICATION:** persuasion and assertiveness for sharing messages with different audiences, empathy, willingness to listen, sensitivity for giving and receiving feedback.

## WHAT PEOPLE SAY ABOUT THE IEE

In 2004, as part of the celebrations of two decades of its existence, the IEE moved to a new address and created a new logo. At that point, the Institute was well-structured and the team had the support of executive secretary Ana Elise Dorneles, who held the position at the IEE for over 10 years.

In December of that year, its directors held a lecture with the Brazilian Carlos Ghosn, president of the automaker Nissan, one of the most celebrated executives in the world. Ghosn brought his wife and three children from Tokyo to Porto Alegre especially to participate in the 20-year anniversary event. The celebrations were crowned with a report on the IEE published in Exame, Brazil's main business and economics magazine. Ghosn spoke with the magazine and said he was enchanted with what he saw.

*"It is very interesting to see this concept of bringing together young entrepreneurs in order to analyze, transform and participate in society, and create ideas to improve it. I believe they need help from companies and business owners who aren't so young anymore. In a course, you can explain what a leader is, and what their basic characteristics are. But a leader is someone who transforms in the face of a company's difficulties, in the face of difficulties in a situation, and overcomes this adversity. By overcoming these obstacles, they will acquire more confidence and motivation, which will lead to achieving something better. That is why I believe that a person is only*

*transformed into a leader when they face obstacles and overcome them."*

Ghosn is not the only one to publicly state his admiration for the work being done by the future leaders in training. Below, see some of the testimonials of important thinkers, business owners and politicians about the IEE:

*"I visited many countries and institutes. The IEE has truly elevated qualifications. I was impressed by the work being done." - James Buchanan, 1986 Nobel Prize winner in Economics, who was at the 1993 Liberty Forum. He developed public choice theory for making political and economic decisions.*

*"The IEE is important to promoting knowledge. Particularly for showing how good the market is at promoting freedom in the economic, cultural and political fields," - Gary S. Becker, who received an award in 1992 for his theories applied to family relationships, prenuptial agreements, social well-being and crime.*

*"I am used to participating in meetings, seminars, debates. I can confidently say that the events held by the Institute for Entrepreneurial Studies in Porto Alegre are completely unique. Few times have I seen so many people together, so many young people, so much seriousness and such great organization. My presence was a lesson and a reaffirmation: there is still much to be done in Brazil to strengthen democracy and achieve progress for the population. With people like the ones I saw in Porto Alegre, with so much energy, there are good reasons to continue believing in the journey. There is more than hope, there are positive achievements." - Fernando Henrique Cardoso, president of Brazil from 1995-2002.*

*"Throughout its 30 years of existence, the IEE has provided an indisputable contribution in training new leaders based on the concepts of democracy, freedom and free initiative. Another important feature of the entity is the organization of the Liberty*

Forum, which leads to a political, economic and social debate for society, including young university students. These two goals that the IEE proposes have been accomplished with great success, and Gerdau is proud to have been a part of its creation since the beginning. Conducting highly qualified discussions that are so important to the progress of our country gives IEE members the challenge of continuing this work over the years, in order to educate increasingly more young people with exceptional views of the world and the market, prepared to make Brazil a better place, with economic and social development." - Jorge Gerdau Johannpeter, president of the Gerdau Board of Directors.

"When members of the IEE seek market solutions with a proven history of success, they show hope for a future in this country and a belief in our individual capacity as a people." - Henrique Meirelles, ex-president of the Central Bank of Brazil.

"The IEE is a unique think tank. It was the starting point for the Instituto de Formação de Líderes (Leader Education Institute) in Belo Horizonte, São Paulo and Rio de Janeiro and the Instituto Líderes do Amanhã (Leaders of Tomorrow Institute) in Vitória. Its spectacular annual Liberty Forum was also the origin of similar events that have been held in other cities. It has been an exceptional force for educating leaders on libertarian ideas. Over the past 30 years, the IEE has been an example of the entrepreneurship and unity of young people that are committed to freedom" - Salim Mattar, president of the Localiza Board of Directors.

## WHERE ARE WE GOING?

### A LOOK TO THE FUTURE

Is three decades a long time? A short time? That depends on

how you look at the journey thus far and what is left ahead. Could it have been different? Can it be different? Of course it can. It can always be better. In 30 years, could the IEE have had a greater impact? Or could it have ended, as occurs with many of our dreams?

The end of a cycle is usually important for reviewing things, critiquing ourselves and making adjustments that can contribute to improving the legacy. From here on out, what does the IEE want to be? What are young people's dreams for 10, 20, 30 years from now?

### WHAT WE CAN BE

All of the people that have been consulted throughout the creation of this book (and even some who weren't included) have opinions and ideas about where the IEE is going. The goal here is not to predict the future, but to deeply reflect on the possibilities that open up as the Institute for Entrepreneurial Studies celebrates its 30th anniversary.

To some, it could be a center of academic excellence, the "Harvard" of Brazil, focused on preparing modern and entrepreneurial businesspeople. Modern and entrepreneurial refers to those who are able to prosper in an open market, without laws that protect them from other competitors, with free access to the competition. Bill Gates, Mark Zuckerberg and Steve Jobs, to name just a few, figures that the youth admire, have made fortunes without needing this type of protection.

The IEE can last, like any school of excellence, 200 or 300 years. To do this, it must grow, possibly become a national or international organization (as some people have dreamed) and with larger dimensions, help guide the most crucial debates for Brazil.

Or it could just contribute to Brazilian universities, creating MBAs, courses to be added to the curriculum or even seminars that would give students access to the

same type of knowledge offered to members of the Institute. Some members could become part of the universities. For each period, one of them would take over a subject or coordinate a seminar. It would be a way to give back to society through what they have received.

To other members, this is already included in the IEE's most basic principle: training leaders to take their place in society. If the Institute is able to provide people with a quality education, they cannot keep all of this knowledge to themselves.

There are people who defend that the IEE does not need to open up more or be more politically active. They say that other institutes exist for this purpose, such as the Millennium Institute, the Liberty Institute, the Liberal Institute and the Ludwig von Mises Institute. Thus, they feel that its vocation should not be as a think tank, since these other organizations are dedicated to producing and distributing content with the same concepts defended by members of the IEE. To them, focusing on training leaders and the Liberty Forum is quite enough. Without forgetting, of course, the challenge of more effectively influencing society, participating in more organizations outside of the IEE.

Many people would like to give the Forum a new concept. Possibly make it a global event, using the channels of communication that currently exist to broadcast it to the entire world.

Who knows?

There are different opinions, which is normal for an organization whose main asset is the discussion of ideas. However, regardless of their point of view, everyone believes that the IEE will evolve a great deal.

No one can predict the future. However, as Sérgio Lewin (president of the Institute during the 1999/2000 term) wrote in his article, maybe one day a thousand years from now, an archaeologist will read this material and say:

"Those people at the IEE were ahead of their time. It's a pity so much time was wasted before their ideas were victorious."

Without a doubt, the most important part of making this happen is to continue asking the questions: Where are we going, what are we doing, what do we need to change?

After all, is 30 years a long or short time? It doesn't matter. Maybe, when those young people met to discuss new ideas for the first time in 1984, they could not imagine that the Institute created by them would continue to be active decades later. What they were concerned with was making something happen. 30 years from now, the young people who are currently being trained at the IEE must be remembered for the same reason: because they untied their ropes and pushed away from their safe ports.

## WILLIAM LING

1984-1986

### IF NOT NOW, WHEN?

I.

As a regime declines, a new social, political and economic order is imposed. New collective demands lead to the emergence of new protagonists and the reclaiming of proposals for the country's development.

The collapse of the military regime in Brazil in the second half of the 1970s led to protests that expanded and accelerated the democratization process. The organization and increased participation of social movements in different sectors, along with the fight for political rights, reinvigorated society during the 1980s.

In the economy, the end of the Brazilian Miracle (which had been aided by petrodollars) was the harbinger of a lost decade of high inflation, unemployment and sluggish growth. Moreover, these failed economic policies had serious consequences in several business sectors. Heavy government intervention included nationalizing savings, setting artificial prices and producing atrophied companies that were dependent on the state. Businessmen who benefited became accustomed to operating in protected markets, with subsidized public financing and profit margins guaranteed by price fixing.

Many of the major business leaders of the era were co-opted by the state capitalism regime. They simply watched the system crumble as the Asian Tigers were being energized by policies that fomented productivity, innovation, technology and competitiveness. The same policies were also helping England rise from the darkness of labor socialism under the leadership of Baroness

Thatcher and, not coincidentally, Ronald Reagan adopted the same ideas to transform the United States of America into the only post-Cold War global power. Even in communist China, economic openness stopped being a sin. Closer to home, the reforms put in place by the "Chicago Boys" produced the Miracle of Chile in a country that went on to have the highest HDI (Human Development Index) in Latin America for years.

Careful deregulation and privatization led to one of mankind's most virtuous and long-lasting cycles of innovation, entrepreneurship, wealth creation and well-being. At the time, Brazil was walking against the tide of history; the left was uniting with the radical wing of the dictatorship to condemn Brazilian society to failure by protecting the computer industry, among others, from foreign competition.

The union movement also strengthened in the 1970s, became professional, and competently earned social benefits for workers. The foundation of the Workers' Party in the 1980s revealed the larger goal of obtaining power through democratic mechanisms. The creation of the Unified Workers' Central in 1983 gave the unions even more firepower.

Both Brazil and the world as a whole were changing. Brazilian companies were not prepared to compete in the new order, which valued free trade and globalization. They also lacked a strategy to counter the primacy of labor movements. Accustomed to simply enjoying convenient arrangements, they were short of the convictions needed to adopt the ideas of market capitalism and free enterprise, as well as democratic and republican values in the political and social spheres.

It was in this context that in 1984, a group of young entrepreneurs with a different perspective emerged. This group had several things in common. They had lived their teenage years under a

dictatorship, were poorly prepared for political debate, were critical of oppression, censorship, the state's intrusion into the lives of people and companies, and opposed to the socialist ideas that captivated the Brazilian youth. They were also taking on leadership roles at their companies and facing a rapidly changing environment that required a completely different attitude and were seeking to understand the true role entrepreneurs must play in an open society.

This new generation of entrepreneurs did not have the same conservative, subservient and sometimes conniving attitude as the people who had labeled themselves business leaders at the time, so they refused to recognize them as their legitimate representatives. Though they were young, inexperienced and alienated from the political struggle, they realized that to achieve social development, political maturity and economic progress, a governance model based on inclusive, solid and perennial institutions must be in place.

The crafting of social institutions is the result of collaboration between the elites of society – political, intellectual, labor, business, artistic, religious and community elites. Thus, the more prepared these elites are, the more consistent and lasting the institutions will be. The group's certainty of the importance of finding reasons and answers to their concerns, along with the characteristic idealism of youth and the desire to be agents of change, motivated the foundation of a center for leadership studies and education.

The Institute for Entrepreneurial Studies (IEE) was created to prepare business leaders who are committed to a model of political and social organization for Brazil based on the democratic ideal of individual liberties and respect for the rule of law. Its mission is to change the nature of public discourse, to revitalize business organizations that have become

outdated and inefficient, and to educate its members on how to be entrepreneurs in an environment of open borders and global competition.

Throughout its three decades of existence, the IEE has consolidated a model that has differentiated it from the traditional institutions that represent the business community. It has become a reference with international recognition. Its manifesto of values and principles, statute and rules of governance are in line with its objective and mission. These have remained essentially unchanged since its foundation. The requirement that the entire leadership be renewed annually has contributed to governing boards being assembled internally. The curriculum fills in the gaps in traditional academic programs, emphasizing the study of political philosophy and economics in order to prepare members for debates based on rational, logical and respectful arguments and to formulate ideas and proposals through speeches, articles and interviews. Interactions and intense exchanges of information and experiences with people who are important in a variety of fields is particularly enriching for members.

The IEE's legacy is the conclusion that a progressive and fair country depends on a new system of ethics that is based on the values of liberty, individual responsibility and trust. This refers to ethics in the sense of conduct that promotes what is good, right and true. In which each individual is completely free and aware of the fact that they are responsible for and capable of offering their contribution to building this new Brazil.

## II.

Why is Brazil having such a hard time fulfilling its destiny as the "country of the future"? Is it because Brazilian people are not prone to working, or is the government responsible for our subpar development?

A German friend who lived in Brazil for many years asked my traveling companion and me this question. It was May of 1980. I was in Hamburg, Germany on my first international business trip. I had just turned 23 years old. My coworker firmly responded that in his opinion, the root of the problem was the fact that most Brazilians lacked work ethic. My answer was different. I argued that the Brazilian population was living hand to mouth, beset by inflation, poverty and a lack of education. In spite of this, they were surprisingly peaceful, tolerant, happy and confident about the future. I believed it was the responsibility of the privileged minority that had important positions in society, controlled political and economic resources and had access to a quality education to find a way to formulate policies and promote better conditions for society as a whole. The discussion did not continue, but that conversation deeply affected me. For the first time, I realized the important responsibility of being part of the elite. I began to reflect on the ways I could become an agent of change.

During my childhood, my parents' stories about China fascinated me. They had the lucidity and luck to abandon their country of origin when Mao and his comrades took power after years of civil war. I listened in disbelief to the stories of children who were encouraged to denounce their parents to the Red Army and students who were invited to assault their professors at the height of the Cultural Revolution. I could not understand how so many people could live without being able to travel, speak up their beliefs and live under permanent surveillance and censorship. The Chinese could not even practice their professions without previous consent from the Party, which owned everything and everyone. Early on I learned that the government's most powerful tool for conditioning minds and manipulating behavior was to

control and equip schools. I had yet to understand the concept of liberty, but the meaning of oppression was very clear to me.

When I was in university during the second half of the 1970s, I was preparing to join the family business. Reading texts by Raymundo Faoro showed me why entrepreneurs deserve the stigma of capitalists who exploit the poor. The parasitic allegiance of crony capitalists in search of rent seeking with government bureaucracy perpetuated the vices, deepened the differences and existed to feed itself and grow at the expense of the rest of society.

As I took on more responsibilities at the company, I realized that being an entrepreneur in Brazil was completely different from business practices in developed countries. A large part of entrepreneurs' energy was wasted dealing with issues that could derail the business, though they were not related to strategy, management, efficiency, productivity or innovation: they were laws made in the dead of night, suffocating bureaucracy and regulation and growing taxes and corruption. The markets were artificial, and individual initiatives were repressed. Business success was measured not through the merits of skill, but through proximity to the government. My dream as a businessman was to one day be the head of an organization that was competitive in an open market, winning a game with no illegal tricks or protection.

People in my generation were facing the same issues. A large part of the youth, though they opposed the military dictatorship and wished to return to democracy, were enamored with other types of totalitarianism, idolizing Che Guevara, Fidel Castro and Mao, who I was already familiar with. How could people who admire tyrants who suppress liberty and the change of power call themselves democrats?

The editorials in *Visão* magazine and the *O Estado de S. Paulo* and

*Jornal do Brasil* newspapers, the books by Austrian School thinkers that were edited by the Instituto Liberal (Liberal Institute), the teachings of Roberto Campos and the economic ideas my brother Winston brought from the University of Chicago (where he went to school) slowly provided me with a solid basis for understanding that, through libertarian-democratic doctrine, we can promote progress and justice.

In 1984, as the economic model melted and political openness became imminent, I decided to invite a group of entrepreneurs from my generation to discuss our role in this new Brazilian context. After months of debates, we decided to establish an organization that would focus on creating a new type of entrepreneur and defending freedom in all of its dimensions. An organization that believed in business that is performed according to the rules of free competition and the rule of law, the most virtuous way to promote fair development. To do this, we had to change our mentalities and renew the approach to traditional leaderships and business organizations. If we were not able to convince our peers, what would the rest of society say?

The first years of the IEE were defined by confronting the skepticism and resistance of the business community: we were called Shiites, as an allusion to the radicals who deposed the Shah of Iran. People did not understand how we could be against the populism of the Cruzado Plan, which destroyed the economy but ensured the election of the politicians who gave us the "Citizens' Constitution". They could not imagine entrepreneurs defending economic openness, the elimination of subsidies and the promotion of competition and meritocracy: after all, the fewer competitors, the better. They were astonished that we could be in favor of businesses opening on weekends and the presence of multinational companies in every sector of the economy.

## III.

The IEE was the most defining experience of my life. There I formed the conceptual basis that allowed me to become the head of my family business years later, and transform it into an organization that prospers in the most competitive markets on the planet. Its main driving force is a culture that brings together all of the values that I would like to see adopted in Brazil. Values such as trust, respect for the individual, individual responsibility with accountability, transparency and a commitment to truth, subsidiarity and the determination to always seek the best result for the largest number of people.

Why pick a fight like this? Why fight? For idealism? Who knows. Because we know that we won't be happy and safe if the people around us are not equally happy and safe? Maybe so we can sleep with a clear conscience since we are doing our part? Yes, but first and foremost, because we are outraged at the injustices around us, we are frustrated with the manipulation of the truth to favor vested interests and we are disgusted by the inaction of elites with short-term opportunistic views and self-interested and hypocritical politicians who coddle the population in order to exercise their destructive power. We reject questionable ethics, improvisation and carelessness and we want to end the corruption and impunity that eroded Brazilians' respect. I have realized that often, we do not do things because we want to, or because we like to. We do them because we must do what reason tells us to, to fulfill a moral imperative!

The Jewish sage Hillel said: "If I am not for myself, who will be for me? But if I am only for myself, who am I? If not now, when?"

## ROBERTO RACHEWSKY 1986-1987

### HOW I BECAME A LIBERTARIAN

If there is something in my life that I am proud to have been a part of, it is the planning, creation and foundation of the IEE. It was no accident that my friends and I created what is now one of the most significant centers for libertarian thought in Brazil and the world.

The IEE was not just the fruit of circumstance; it was much more than that. It was the result of the minds and efforts of young people who yearned for better lives for themselves and their fellow Brazilians.

We were very different young people, and not because we wanted to change the world. Every young person wants that. We were different because we wanted to change the world by uniting reason and emotion to formulate and publicize ideas. Ideas transform the world. Reason and emotion are the leverage and support that allow us to transform it.

I very much appreciate the label created by Ayn Rand, which perfectly defines my ideological position: "radical for capitalism". Nothing could be more appropriate.

A radical is a person who dives in, who doesn't stop, doesn't rest, who doesn't set limits until they have found the root of what they are trying to clarify to find the truth, which is absolute and irrefutable.

A radical is a person who, when faced with grey areas, attempts to isolate the black and white parts that are mixed within it, to scrutinize reality and identify its composition.

When it comes to ideas, being radical is crucial. Moderation in the search for the truth is intellectual cowardice. Moderation is important

in social graces, in dealing with others with civility, guided mainly by the use of reason, without violence.

It is very important to be able to differentiate between radicals and fanatics. A fanatic is moderate in their debate of ideas and is dangerously radical in their interactions with others. They often use violence instead of reason to convince others, enforce their wishes or try to impose their values.

The greatest benefit that radicals bequeath to society is the search for the truth, exposing the root and nature of the ideas being analyzed. They intellectually destroy utopias so ideas can be built on them.

Starting in childhood, we begin assembling the pieces that will form our vision of the world, our character. The earlier we are encouraged to think about right and wrong, about the difference between reality and fantasy, about what is and isn't possible, the faster we begin to answer our existential questions, acquiring knowledge and defining values to establish a purpose for our lives. I became a libertarian when I was very young.

As I like to say, a libertarian is the only thing I could be. My parents taught me it was wrong to hit my classmates or take their toys without permission. This lesson would be enough to lead me to reject the collectivist ideologies that glorify the state, such as fascism or socialism. Nazism and communism would be unthinkable.

Actually, my interest in this topic did not begin with the Movimento da Legalidade (Movement for Legality) promoted by Leonel Brizola in 1961 - I was very young, only six years old. It also didn't start with the tremors caused by the Brazilian army tanks rolling past my building next to the Military School at the beginning of the Revolution of 1964 - I was only nine years old.

It all began on a morning like any other at Colégio Israelita Brasileiro (Brazilian Hebrew School). I was 13 years old when

my history teacher Giselda, a small, kind woman with enormous square glasses and voluminous, short and curly hair, came into our classroom crying.

The students' normal agitation ceased immediately, and everyone was intrigued when the teacher, who had barely dried her tears, said that this was one of the saddest days in the recent history of humanity. It was a Thursday, August 22, 1968. Speaking in a hoarse voice, with the attention of curious students, she informed us that the Prague Spring had been suppressed. Warsaw Pact tanks had invaded Czechoslovakia, subjugating the population and arresting Alexander Dubcek, a political leader who was trying to liberate the country and end the regime that had been imposed by Joseph Stalin since World War II.

In the few minutes in which that moment lasted, Giselda changed my life forever. Though I was accustomed to hearing about the Holocaust, in that moment I felt my contempt for the use of force and my exasperation in the face of authoritarianism. I also perceived the atavistic attachment I had to liberty and my unstoppable desire to fight for it.

When I was in college in 1974, at only 19 years old, still taking basic courses, I began actively participating in the Academic Board for Financial Economics and Business Administration (DAECA) at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). This led me to being labeled as subversive by the Department of Political and Social Order (DOPS). My family was being pressed by people close to us with connections to the government's security forces.

The situation was tense, which led me to initiate a lawsuit in order to clarify what I was being accused of, and consequently "clear" my record. In 1976, I was called into DOPS for questioning. The police agent began to question me on topics I knew nothing about. A few questions concerned things that

had actually happened, which led me to understand why I had been singled out.

We discussed my ideological convictions a great deal. He didn't understand how I could be against the military government and not be a socialist. We spent hours discussing this point, until he was convinced that it was not necessary to be a leftist to disagree with the will of an authoritarian regime. Today we know that leftists love tyrants. On that day, I realized the importance of my education. I defended the principles of capitalism in a way that I seldom managed to do after that. A few days later, after a summary judgment, I was declared innocent of any subversive activity and received a certificate of a clean record issued by the repressive state agency.

Ten years later, after I had already graduated from college, I was part of a roundtable discussion with William Ling, Atilio Manzoli and Mathias Renner, among others, promoted by the Zero Hora newspaper in Porto Alegre, which aimed to learn about the mentality of young businessmen at that time. That was where, for the first time, the corporatism of trade associations and their promiscuous relationship with government was questioned.

A few weeks after that meeting, William Ling, who I had known since my time studying Economics and Business Administration at UFRGS, invited me to discuss what would be needed to influence young entrepreneurs who were beginning to take on leadership roles at their companies and in the organizations where they were members.

At that meeting, we decided to invite other people who might be interested in carrying forward the idea of an institution with the purpose of educating its members, to transform the mentality not just of the business community, but society as a whole as well.

William and I divided the initial task of recruitment between

us. I was responsible for inviting businesspeople in the commerce and services sectors, and William was in charge of people in the industrial and agricultural segments. Thus, we founded what we decided to call the Institute for Entrepreneurial Studies, which is now simply known as the IEE.

Throughout the first year of the IEE's existence, with William as President, we worked on defining its objectives and organizing meetings with anyone interested in participating in the group and the proposals that we were launching.

In the second year, I became President. My goal was to consolidate the institution in every aspect and initiate an interaction process with the business community. Headquarters for the IEE were established, and an administrative and operational structure was created. At the time it was headed by the tireless Nino Anele. A newspaper, called *Proposta* (Proposal) was also created; it was written by journalists hired for this purpose. We began working with the Instituto Liberal (Liberal Institute) of Rio Grande do Sul, which I also had the pleasure of founding with Winston Ling, William's brother.

Our motivation and certainty of success led us to hold the organization's first external event, called "Brazil, Can we Escape the Crisis?" Close to 200 businesspeople attended the event. If there had been more space, the numbers would have been higher.

The IEE had an enormous impact on the business world. It was a challenging initiative in every aspect. At that time, Brazil and the world were at a boiling point. Ronald Reagan and Margaret Thatcher were fighting to liberalize the economies of their countries. In Brazil, the Diretas Já (Direct Elections Now) movement had already agitated the country. The economic plans and extreme interventions, called heterodox policies, bewildered entrepreneurs and disturbed markets.

Inflation was becoming rampant, and demagogic populism chose its scapegoats: the business community, especially the retail sector. And like the storeowner I was, I once again defended less interventionism and more freedom. Brazilian society was on its way to forming a Constituent Assembly. The Soviet Union was beginning to show signs of disintegration, which culminated in the fall of the Berlin Wall in 1989, along with the collapse of the communist model.

During that time, my fight for freedom has been based on my morals, without the necessary systematic comprehension. It had only been stimulated and built on thinking acquired from sparse readings and a deep attachment to liberty. It was in 1987, almost two decades after the end of the Prague Spring and Ms. Giselda's unforgettable lessons, that my intellectual life was marked by another woman: writer and philosopher Ayn Rand.

Finding Ayn Rand was like finding myself, like running into someone that my spirit could talk to. That was when philosophy came into my life and became increasingly important. I was very lucky to be introduced to it by Ayn Rand. With her came other philosophers, other thinkers. All of them, in one way or another, reminded me of Giselda: they loved liberty, which is why they always moved me.

The IEE and the Liberal Institute began a cultural change in the 1980s that matured and began to show results. Numerous institutions, thousands of engaged young people who were active in the struggle, reading and discussing ideas that did not previously exist and were produced and publicized over time, mainly by the IEE.

I believe that the problems we have experienced require the mobilization of everyone who sees freedom as invaluable, nonnegotiable and unalienable. 30 years after the IEE was founded, I returned to the organization's Deliberative Council. In each

young libertarian's eye, I see my dreams from yesterday, the same dreams I have always had. Dreams that have not completely come true, but have by no means vanished. After all, fighting for my dreams is my calling, and living freely in a productive, honest and independent way, with integrity, is my purpose. The IEE exists to make these dreams a reality.

Reason and emotion, leverage and support, libertarian ideals; let's use them to transform the world into something better.

## CARLOS SMITH 1987-1988

### 30 YEARS OF TRAINING LEADERS

While walking along the beach with my friend Renato Malcon, we were discussing the situation in the world, and particularly in Brazil, at the time: Difficult, very difficult... runaway inflation, the beginnings of a fledgling democracy, statism as a cultural value, a feeling that inflation was the result of greedy producers and therefore jail was the best solution, a wall in Berlin preventing freedom of movement and the sense that much-desired liberty might result in a statist and more dictatorial political, social and economic regime; in other words...going from a left to a right-wing nationalist dictatorship, less free than the previous regime.

During our conversation, Renato advised me that a group of friends with the same concerns was coming together to spread the culture of political, social and economic liberty, nonexistent at the time, among the absolute majority of the Brazilian population, even considering its corporate elite.

From there, to gathering a group of young people with a world view, everything moved very quickly! It was 1984 and it seemed everything was conspiring against us, which is precisely what drove us to act as true partisans for ideas in an entirely hostile environment.

This incredible group of friends and warriors for liberty soon formed a well-grounded core, equipped with ideals, dreams and idealistic intuitions! We met once or twice a week to dream, create and do. They were moments when boundaries were broken and character was formed. It was truly a dream team! Carlos Biedermann, Renato Malcon, Roberto Dreifuss, Luiz Flaviano Feijó and Winston Ling! A mixture of scientists, dreamers, grocers, tavern owners, warriors and above all, doers. We began

by putting ideas from books into practice, training and preparing IEE members, the warriors of liberty. The implementation of simulated juries, the Liberty Forum, TV shows, meetings and forums with politicians to spread the idea of libertarianism, special invitations for national and international thinkers to attend internal member events and so on, all done in the space of 1 year!

We still had to establish the Institute's program for the following ten years, making this administration a true source of leadership for those who came later. And so it was! The board that succeeded us, led by Biedermann, continued and improved this work with incredible dedication. And this was perpetuated in subsequent successions, with everyone striving to do better, expanding and nourishing the seeds that were sown.

At the time, our goal was for board members to be invited to join larger regional entities, making them apostles of our ideas in other lands.

It was a formidable combination of stars performing an "inverted eclipse" of light in the midst of the moment of darkness we were living in. It completely changed my life, my values and, without doubt, the course of my personal and professional life.

From the liberalist debates systematically held in a family setting with Jorge Johannpeter, to the presentations and contacts with national leaders that began to develop through Donald Stewart, as well as meetings with the group of young people being contacted by William Ling and training of the board which I was privileged to be part of, everything changed in my life for the better, much better.

I began to live, to travel, and to appreciate the moments and movements in my life and in the societies I passed through "with new eyes", eyes that searched for the simply and true reasons that gave one group of people outstanding

development and meant another experienced extreme intellectual, social and economic poverty!

There is so much to do and create! There is so much room for the IEE to think of and do things in grandiose fashion!

Indeed, the IEE is the best tool for personal and social development in our country, for young people outraged by the Brazilian reality to correctly and lawfully contribute to ensuring that the country they live in provides opportunities, security, growth, liberty, democracy and prosperity for them, their families and all other citizens.

It's for determined young people who are dreamers, idealists and doers with their feet planted firmly on the ground! It's a Master's and graduate education for those who want to and believe that they can make a difference for themselves and for their country.

A factory of giants!

## CARLOS BIEDERMANN 1988-1989

### 30 YEARS OF IEE: WHAT IS OUR LEGACY?

I was one of the founders of the Associação dos Jovens Empresários do RS (Rio Grande do Sul Association of Young Entrepreneurs), but when I heard about the IEE, I realized that its proposal was very consistent and I was anxious to be a part of it. I knew it wouldn't be easy, but I was soon invited by my friend Felipe Herrmann, to whom I will be eternally grateful.

That was when my life changed. I already knew some of the members, but I met many others. I was soon invited to be part of the Board of Directors led by Carlos Smith. The 1987/1988 board was emblematic. We created the basic pillars of what the IEE is today: the simulated jury, the training events, the seminars, the Liberty Forum, and beyond that, we established the principles of fellowship that go beyond the identity of principles, ideas and knowledge. They signify a perennial relationship of collaboration and commitment, even when proximity changes. Much of what the IEE is today is because of that group of friends.

I was then invited to become President in 1988, which I gladly accepted. My group was also exceptional, and thus, the fellowship continued to grow. Flávio Couto e Silva, Ricardo Portella, Thomas Kisslinger, Leonidas Zelmanovicz and Roberto Dreifuss were tireless that year. I will always be grateful to each one of them.

During the years of the return to democracy, we were considered radical, a group of outsiders who thought and acted completely differently from the concepts of that time. Few people were familiar with libertarianism and the ideas of Austrian economists and

books by Ayn Rand. Everything was new in an authoritarian and nationalized Brazil. The concepts of a free market economy linked to a proposal of political freedom were finally being studied by a group of young entrepreneurs.

In 1989, an election for the President of the Republic would be held for the first time in 20 years. We were thinking about the second Liberty Forum. What would we focus on? That was when Flávio suggested organizing the first presidential debate in recent Brazilian history. I agreed right away. Mario Covas, Ronaldo Caiado, Lula, Leonel Brizola and Roberto Freire attended the forum. Collor had decided not to go the night before, when he ran into Henry Maksoud at the airport in São Paulo and found out that he would also be in attendance. Guilherme Afif Domingos did not come, and I don't even know if he knows why. The stage and the audience were all his. Over 1,000 people attended, and there was tremendous media coverage. The morning of the Forum, my father was admitted for an emergency surgery. Listening to his wisdom, I went and for the first time in my life, I gave the opening speech and coordinated the event. Things were tumultuous backstage, but the results were unforgettable. My father recovered and continues to win swimming competitions to this day.

After the Forum and our terms were over, we still yearned to work for the cause. We brought together two more boards in 1987/1988 and 1988/1989, and then went on to revolutionize the Liberty Institute (IL). I became President and my friends and I spent a good stretch of time creating new things: the Projeto Modernidade (Modernity Project), events with politicians, thematic discussions and especially the TV program "O Rio Grande Questiona" (Questions from the state of Rio Grande do Sul). We were on the air every Sunday night for over two years. During the time when only free-to-view channels were available, up to 2%



of the audience was watching our show on TV Gualba. The program was mediated by the beloved and dearly missed Flávio Alcaraz Gomes, with Fernando Lucchesse, Smith and I interviewing guests. The program's importance to me became clear when on a Monday morning after a Sunday on which the show didn't air, I took a taxi and the driver asked me why the program hadn't been broadcast.

To me, however, our greatest legacy is the Liberty Forum. The event has changed very little in the last 25 years. How many people were given the opportunity to learn, debate, and hear about topics that are extremely relevant to everyone? How much has the Forum contributed? It is hard to answer this question, but that isn't the only reason we created it. The goal of the Forum was always to prepare our members for public speaking and organizing and coordinating a large event. This is one of the reasons why I was against the changes proposed a few years ago. The Forum belongs to the IEE, it is for the IEE and this is how it should remain.

What remains is the fellowship, the relationships that have been created amongst a generation of friends who work, take action and understand each other with just a glance. Could leaders educated by the IEE be more active in business organizations and politics? Of course they could. Some are active participants and very influential, but there are others, for a variety of reasons, who are not so effective.

I always encourage my friends to participate wholeheartedly. This could be one of the board's missions.

Either way, we are left with what we have learned, our companionship and the union of marvelous people who maintain relationships that have been both extremely pleasant and very useful for all of us.

## EDUARDO FRANÇA DE ARAÚJO SANTOS

1989-1990

### COMMITMENT TO LIBERTY!

Being a part of the IEE was very important to me, something that defined my life. Interacting with the group of members, participating in various events and especially the possibility of learning about and discussing ideas not only made me a better person, it also helped my personal, family and professional development a great deal.

I am very proud to have participated in and collaborated with this amazing organization that has been so important to the development of our country.

I was raised by a family that owned a retail business, which I took a liking to very early on. My father was always active in the retail movement, participating in various independent and voluntary associations.

I feel that this context was very important to my education. Retail has always been one of the sectors with the most openness to competition and the free market, with large global companies settling in the state of Rio Grande do Sul.

In 1979, I graduated from the Federal University of Rio Grande do Sul (Technology and Data Processing) and soon after I went to São Paulo to work and study (Specialization Course in Business Administration for Graduates at the Getúlio Vargas Foundation - FGV). At FGV, I had the opportunity to take some basic courses in Economics and Political Science. At that time, we were experiencing the end of the military regime with the Figueiredo administration. The economy was completely closed and controlled by the government. In the 1980s, the GDP had very weak growth, and prices rose

36,850,000%. In 1985, Tancredo Neves was indirectly elected President, but it was José Sarney who took office. In 1988, the new Constitution of Brazil was signed (in effect to this day). After a number of "economic plans" that promoted strong economic interventionism, in 1989, the price of gasoline rose 614% in the year, and accumulated inflation was 1,782.8%. At its height, the Extended National Consumer Price Index (IPCA) reached 6,821.31% in April of 1990 (the cumulative amount for 12 months) according to data compiled by independent consulting companies at the time. Unimaginable numbers!

I was particularly concerned with understanding the context and evaluating which alternatives we would have for the near future. This is the context in which the IEE was founded.

I returned to Porto Alegre in 1986, to work at my family's retail business, and after a few months, William Ling invited me to be a part of the IEE. After the first meetings, events, contacts with members and impressions, I realized that in that time of many uncertainties and great challenges, the IEE could help me understand the context, to formulate my point of view and evaluate alternatives for the future.

It was during these initial months at the IEE that I began to become a libertarian. I developed a great deal of respect and appreciation for liberty and market economics and I honed my understanding of what the government's role should be. Everything suddenly became very clear and obvious. If on the one hand I felt a great deal of relief because a new horizon was opening up before me, on the other hand I felt the weight of a new and significant responsibility. I felt obligated to understand the situations, to formulate and present points of view that could help and influence people towards what I believed to be the best for everyone.

I think this is the place for a moment of reflection. In the case

of Brazil, the government (in this case the Portuguese government) preceded the formation of society. Common sense leads us to believe that the government must take the initiative to create change. This is a difficult paradigm to break, which is still very present in Brazilian society.

I had the great honor of being President of the IEE during the 1989/1990 term. Paulo Afonso Feijó, João Vieira de Macedo Júnior, André Loiferman, Peter Wilms and Kléber Boelter made up the rest of the board. The secretary of the IEE at the time, Nino Feoli Anele, also played an important role. We were friends and colleagues in many meetings and we shared experiences and unforgettable journeys that aimed to enhance the IEE and its members. We took office at a lunch at the FIERGS headquarters, in the presence of the then Governor of the state, Pedro Simon.

At that time, in global terms, the political scenario was positive and brought the hope of better times. In 1989, Ronald Reagan was ending his second term as President of the United States. That same year, we saw the fall of the Berlin Wall and the final collapse of the Soviet Union. In 1990, Margaret Thatcher's administration was ending. In Latin America, a number of countries emerged from military dictatorships and were seeking democratic normalcy. In Brazil, after a long period of military dictatorship and uncontrolled inflation, we would once again have presidential elections. We even had a young candidate who promised to fight corruption, deregulate and open the economy, privatize and reduce the size of the government. There was hope!

In this context, the IEE was at the forefront. We had a bold and consistent approach. Above all, we had our passion for freedom and the notion that we had an important role.

There were advances in terms of political freedom. However,

there were still many changes to be made in terms of economic freedom. Liberty is something unique and indivisible. Either it exists, or it doesn't! Thus, we had a long road ahead of us.

We felt that the theme of the III Liberty Forum should be: "The Quest for Modernity. The Latin American Challenge." The event took place in May 1990, and during the lunch, the new board took office.

Even after all these years, the struggle continues, and the road in front of us still seems to stretch far ahead. I have very much enjoyed the work done by the IEE over the years. The context has changed, and so has the IEE. The members are more prepared, a number of books were edited and today the Liberty Forum is an internationally renowned event.

Our dreams are still the same! I have no doubt that the IEE is up to the challenges that we are facing.

## ANDRÉ LOIFERMAN

1990-1991

### 30 YEARS OF DEBATING IDEAS

Our Institute is celebrating its 30th anniversary this year. What makes it unique is right in its name - Institute for Entrepreneurial "Studies". The word "studies" refers to young entrepreneurs who are willing to study, analyze, put their convictions to the test and logically and rationally discuss the social and economic problems of our society. This is done through books, debates, seminars and exhibits, in order to educate this group of future leaders who will collaborate with the variety of business and trade organizations that they will be a part of.

I had the honor of presiding over the IEE in the 1990/1991 term with Vice President Rodrigo Vontobel and directors Arthur Garrastazu Gomes Ferreira, Eduardo Tevah, Jorge Eduardo Estima and Margareth Tse.

We were in the Collor Plan era, with its terrible economic mistakes. We held a number of debates with renowned speakers, such as economists Paulo Rabello de Castro, Mário Henrique Simonsen and Eduardo Gianetti da Fonseca.

The Berlin Wall and communism in Eastern Europe had both fallen very recently. In order to discuss the ideas that were popular in the developed world, we held two international missions. The IEE participated in the Mont Pelerin Society conference in Germany for the first time, and a delegation of IEE members visited Argentina to learn about the pro-market and privatization initiatives that the Menem administration was conducting with the support of Minister Alvaro Alsogaray.

Our board also held a seminar on objectivist philosophy with professor Ricardo Rojas, and we edited the book *The Virtue of Selfishness* by Ayn Rand, bringing

the discussion of rational objectivist ethics to Brazil for the first time.

It was a fruitful period for the study of ideas that would serve as a graduate education for every participating member, which culminated in the IV Liberty Forum, which discussed the possibilities of paths to follow between libertarianism and social democracy in our country. The event attracted a large audience and extensive media coverage.

We should also highlight the Top in Marketing Award we earned from the Association of Sales and Marketing Directors of Brazil (ADVB) for the Liberty Forum, which we are very proud of.

After all these years, we see our IEE consolidated as an organization that produces leaders and drives change in our society's mentality in order to achieve a more free and prosperous order.

## DANIEL TEVAH

1991-1992

### THE GAME CONTINUES

I had the honor of being one of the founders of the IEE. At the time, people may have thought that we were just a group of young people who were preparing for succession at some of the most important family-owned companies in the state of Rio Grande do Sul. But we were actually young people who were thirsty for knowledge, especially in terms of economics. Young people who wanted to study the relationships between the parts of the economic chain in great depth. And the role the government purported to play in defending the population.

How and especially why, it was this way. Why was it like that? Was there no other way for the elements to interact and provide more gains to society as a whole? Who was winning and losing in the market by following the current rules?

When I started at the IEE, I thought I understood economics. I thought I did... It took only a few meetings to discover that I knew nothing about it. I began to understand that the main element in the market, the consumer, was the most affected in the false capitalism that we were experiencing. When I began at the IEE, I started to discover the enormous difference that existed between the economic system that prevailed in Brazil and the pure concept of a free market. I clearly saw the misrepresentation of our economic system, the harm caused by government interventions in the economy and how much the government benefitted some parts of the chain, always to the detriment of the people it was sworn to protect. With open minds, we performed in depth studies on how much freedom powerful people and their friends had to exploit people while hiding behind a lie called "social justice". It was during these studies that I realized

that Brazil was condemned to stagnation and even decline in its population's quality of life due to the monopolies and cartels that dominated our country, generating absurd profits for themselves while the population was pillaged by a government that swore to protect them.

The IEE allowed me to open my eyes to the absurdity of government intervention in the economy and the problems it caused. I began to understand what the economists who defended free markets were saying. Up to that point, like any other Brazilian, I thought that the government existed to protect the people from the "greed of heartless capitalists who were eager to maximize profits at the expense of the people." In a certain way, I agreed with people who preached a more equitable distribution of wealth: socialism. After all, why did some have everything and others have nothing? How was it possible to live with such rampant injustice? I thought: "Good thing the government exists to place limits on the ambitions of the people who only want to profit as much as possible as fast as possible". The IEE allowed me to lose the innocence of my reasoning, granting me the ability to profoundly analyze the reality and discover who the true villains were. The more I studied and understood economics, the more I wanted to learn to open the eyes of others: people who were fooled by the false idea that capitalism is the most unfair economic system in existence.

My years at the IEE were the years during which I learned the most, even more so when I had the honor of becoming President in 1992. That was when I was able to gain the space in the media I needed to state my opinions, participate in debates and try to disseminate what I had learned. It was an important time in my life, as I began to clearly understand what you can and cannot see in the economy. Before, for example, I only saw that in capitalism the big guy beats the little guy. Nothing

could be further from the truth. In real capitalism, the best beats the worst.

In capitalism, there are both rich and poor people. In socialism, this division does not exist, simply because everyone is poor, since there is no stimulus for doing better and the nation's wealth slowly diminishes. I came to understand that in a free market economy, the winner is whoever brings more benefits to the people, whether through lower prices or better quality.

I understood that in the free market, the client is king, because they have the power to decide where they want to place their money. They have the power to make companies grow or simply disappear from the market with the simple decision to buy from whoever they deem to be the best.

I realized that there is no better place to leave people's money than in their pockets. I learned that if taxes were a good thing, they would be optional, and not imposed. I found that all of the money received by the government (an amount that is ever-increasing) would be best applied directly to the population. I came to the conclusion that the government increasingly levies taxes that are not used only to maintain the Judicial Branch and national security. The government assigns itself responsibilities that it should not be in charge of, intervening in the economy, healthcare and education in a way that is far more expensive and much less effective.

I perceived that every time the law takes the power of decision away from the final consumer, someone is benefitted, and this someone is never the citizen. I realized that the best government is the smallest government, and that people must be sovereign and respected in their preferences, because there is no government that knows what is better for citizens than the citizens themselves. I came to the conclusion that every time the government intervenes,

someone who is not the best competitor is benefitted. That is the real injustice: that every time the government executes a project that the private sector would have done better or more affordably, the people that suffer the most are the part of the population with the smallest income, because it takes away their power to choose what to do with their few resources.

I learned that the government only has a reason to exist when it is responsible for maintaining the Judicial Branch, which is crucial to making sure that contracts are respected and that the strong do not destroy the weak. I found that the government is only justified when it is protecting the people against external threats. Anything more is unwanted intervention, which creates injustice and benefits some in the detriment of others.

Today, all of these concepts are very clear and even obvious to me. I would like for more people to understand them, so that both those who are naïve and those who have malicious intentions would not gain as much power as they do today. A great deal has changed since I was President of the IEE 22 years ago. However, I am sad to say that the government continued to grow and is now bigger than ever, hurting the population while powerful people and their friends enjoy the money that should not belong to them in any way they like.

Until now, the people have continued to lose this game.

But the game isn't over.

## ANDRÉ GOMES

### BURGER

1992-1993

### THE IEE AND I

My first contact with the IEE was in 1990, through an invitation from Ernesto Neugebauer to attend a seminar at FIERGS on free market economy. The invitation was accompanied by the book *The Six Lessons*, by Mises, whom I had never heard of before. I ended up going and was very impressed by the two speakers: Alberto Benegas Lynch and Eduardo Marty. My knowledge of free markets and liberalism was limited to the books *The Road to Serfdom*, by Hayek, and *Free to Choose*, by Friedman, both of which were suggested by my father, who was aware of my ongoing discussions with professors and colleagues in the undergraduate Economics program at UFRGS. During my Master's in Business Administration, I had access to some of Karl Popper's texts, especially some chapters of his magnum opus, *The Open Society and Its Enemies*. Much later, I read this book cover to cover, which today I see as the best philosophical argument against totalitarianism and socialism of any kind. In other words, I knew little about the subject, and the lecture filled me with curiosity about the IEE and what was discussed there. It was an honor to be invited to join it. The invitation came a few months later. Eduardo Araujo Santos was the president of the Institute at the time. The first dinner debates made me feel a mixture of disbelief and satisfaction. The former because I saw people my age rigorously debating with important Brazilian entrepreneurs and political representatives - like the memorable debate with João Sayad, José Sarney's planning minister, who left the dinner stunned by the ideas of privatization and a weak state defended by the members of the IEE. I also felt

satisfaction as I realized that many, like me, thought about political-economic and business alternatives that do not follow the traditional Brazilian paternalism. On the other hand, it was clear at that time that there was so much to learn and thus, a great deal of reading to be done.

Here I must mention my introduction to the Austrian School of Economics and Ayn Rand's philosophy. This happened when I casually met Cândido Prunes in New York in 1990. In addition to inviting me to visit the Foundation for Economic Education in a scenic 50-minute trip to Irvington-on-Hudson, he took me to the sorely missed Laissez Faire Bookstore on Mercer Street. There I found a world of readings I was unaware of, and Ayn Rand was the main dish in this feast of ideas. On this pre-Amazon trip I paid excess baggage fees due to the amount of books I brought home. The result was a considerable increase in my library, the discovery of the Austrians, the introduction to objectivism and other libertarian writers such as Murray Rothbard, David Friedman and Walter Block, besides the recurrent desire to return to that little bookstore in the Village and take the train to Irvington-on-Hudson.

Let's say that this was my first trip through libertarianism. The full immersion happened when, in 1991, André Loiferman, who had recently ended his term as President of the IEE, asked me if I would be interested in spending a few months studying the Austrian School's economic theory in Buenos Aires. At the time we were at the peak of the Collor Plan in Brazil and the Austral Plan in Argentina. That is, I would have to ask for a sabbatical period without pay to spend dollars in Argentina. A terrible trade-off. Those who have met Loiferman know that how hard it is to turn down his invitations. So I agreed, along with seven others, to participate in this program developed by the Instituto Liberal do RS (now Instituto Liberdade

- Liberty Institute). We were a group of economists, lawyers and journalists who would immerse ourselves in the Austrian School of Economics. The course was held at ESEADE (Escuela Superior de Economía y Administración), when it was headed by Alberto Benegas Lynch. Our professors were men whom I truly admired: Alberto himself, Eduardo Marty, Ezequiel Gallo, Gabriel Zanotti, Juan Carlos Cachanosky and Ricardo Rojas. I am fortunate enough to have stayed in touch with them to this day.

1991 was ending when I returned to Porto Alegre. I then received two worthy, yet conflicting, invitations. Carlos Biedermann, the then president of the IL-RS, and Carlos Smith, both IEE boys, invited me to become President of the IL-RS. Coincidentally, during the same week, Daniel Tevah, then president of the IEE, invited me to succeed him. I chose the IEE. My administration began in April of 1992. I was able to put together what I felt was a dream team: Marcelo Martinez as Vice President, and Ernesto Neugebauer, Paulo Bing, Roy Ashton and Wilson Ling as directors. I am truly thankful for their friendship, everything they taught me, their working ability, fellowship and well-founded criticisms.

We were going through a troubled period. In politics, President Fernando Collor had already exceeded the limits of prudence in the individualization of public money and political inability and fought to stay in power until he resigned at the end of the year. The first impeachment of a Brazilian president was being discussed. Famous politicians died that year (Jânio Quadros and Ulisses Guimarães), which also heated up the political debate. The inflation rate was at 1,000% per year (the Extended National Consumer Price Index (IPCA) was 1,119% in 1992), which was comparable to Sarney's performance, when it reached 1,973% in 1989.

In addition to the IEE's traditional activities, the challenge was to increase and improve member participation. We created an incentive program, sponsored by the now closed Bank of Boston, which fostered participation and study. The most successful participants would be given the opportunity to study abroad at institutions such as the FEE, IHS, Cato, Heritage and PERC<sup>1</sup>. I believe this was the embryo of the current merit system in place at the Institute.

Collor's impeachment and an expected revision of the Constitution set to happen in 1994, led us to discuss constitutional issues in the following Liberty Forum. With this theme guiding our actions, we translated and published Bruno Leoni's book *Freedom and the Law*, so we could effectively learn what law is and what its scope should be. During this translation I had an unusual conversation with Peter Ashton, Roy's father, who we asked to revise the translation. Mr. Peter, a renowned lawyer and law professor in Porto Alegre and native English-speaker, was the right person for the task. He was willing, and requested two weeks to read the translation. However, in two days he called me back asking if we really intended to publish Leoni's book, as he considered it legal heresy. I ended up revising it myself with the invaluable assistance of Paulo Bing. Keeping to the theme, we brought renowned American constitutionalist Bernard Siegan to Porto Alegre for a lecture and prepared to edit his book *Drafting a Constitution for a Nation or Republic Emerging into Freedom*, which we did not publish due to a lack of funds. I wonder whether we would have a better constitution if some of the constituents had read it.

During a board meeting, we discussed the death of Friedrich

<sup>1</sup> FEE: Foundation for Economic Education, IHS: The Institute for Humane Studies, PERC: The Property and Environment Research Center.

Hayek, which had occurred that year. The interesting thing is that he was the only winner of the Nobel Prize in Economics to have ever been to Rio Grande do Sul, though he did not stop in Porto Alegre, where residents were unaware of his presence. He proceeded straight to the University of Santa Maria for a lecture (upon the recommendation of Henry Maksoud, who took him there on his private jet). From this emerged the challenge of bringing a Nobel Prize winner to the Liberty Forum. Aided by the Liberty Fund, mostly from contributions made by Emilio Pacheco, we put together a trip to the USA which was very fruitful. In addition to Professor James Buchanan, winner of the Nobel Prize in Economics in 1986, we were able to bring Richard Epstein, professor of constitutional law at the University of Chicago, and Douglas Ginsburg, federal judge of the Court of Appeals of the United States. We spent the weekend leading up to the Forum with these three thinkers and their wives (Buchanan was alone) in Gramado. These days are certainly among the best memories of my term as President of the IEE. Of the several stories told at the time, I remember Judge Ginsburg telling us that when Reagan appointed him to the Supreme Court, he was rejected by the Senate in the confirmation hearings when he admitted to smoking marijuana in his youth. It is worth noting that Bill Clinton was elected president in 1992 and, when asked, he said he had tried it, but did not inhale.

The 1993 Forum was entitled "The Challenges of Constitutional Reform", and in addition to these bright minds, we also had the now deceased Roberto Campos and Henry Maksoud. It would require many extra pages to tell of their contribution to that forum.

For younger people to understand the state of technology in 1993, I must explain that cell phones were at their very beginning - the first text message had been sent in December of 1992. We took a bold step and rented two

cell phones from state telephone company CRT to facilitate our communication during the Forum.

Focusing less on anecdotes and more on the challenges I faced and what I learned during the administration, I can say that challenges occur on two levels: at the personal level, in negotiations with peers, which does not happen often within companies, and in encouraging the use of networking, which is indeed the greatest asset for those who have been members of the IEE. The other is at the institutional level, by allowing, or even demanding, approaches to society in which it should be made clear that the principles defended by the IEE and its members are the result of studies of what could be more beneficial to society as a whole, and not just the interests of a business cluster. I learned a great deal, as the IEE forced me to read extensively and to be open to new ideas: it allowed me to see the world from different perspectives, review concepts and, as an economist, to discard much of the formal education I received at university. I consider the IEE a graduate program (maybe more spontaneous than its creator could ever imagine), in which one learns the extent of his/her interests and cultivates friendships and relationships according to their own networking capacity and interest. The IEE has changed my life. Thank you, William.

## ROY WARNCKE ASHTON 1993-1994

### THE INSTITUTE FOR ENTREPRENEURIAL STUDIES: A NEW WAY TO UNDERSTAND THE WORLD

One of the works that defined me the most as I transitioned from adolescence to adulthood and faced the harsh reality of having to establish a life of my own, was Max Weber's epic work, "The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism", which was given to me by my maternal grandfather, Hans Warncke, for Christmas in 1985, when I turned 25 years old.

Weber's argument challenged my still limited understanding of societies, by providing a simple but profound explanation of why poverty develops in contemporary societies: could the absence of wealth truly be a result of the extemporaneous religious influence of Catholicism, and the presence of wealth a result of the reforming ethics of Lutheranism? The challenge to understanding such notions opened my mind to the idea of joining the IEE in 1993, after receiving an invitation from my friend Paulo Afonso Feijó.

By going deeper and deeper into Max Weber's theses, I realized that the problem of wealth/poverty in societies went far beyond the ecclesiastical theses, though much of the origin of today's socioeconomic problems originated within them. And speaking of today, for the first time, Adam Smith's text, *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* seemed very contemporary. Fascinated by the discovery of a new thought that I deemed as freeing and important for Brazil, I accepted Feijó's invitation and joined the IEE in - if memory serves me right - 1991.

At once I met people whom I would befriend: the IEE was full of intelligent people who were interested in libertarianism. To name

a few with whom I recall having long (and often heated) discussions at our weekly Monday meetings, on the virtues of libertarianism compared to other ideological strands, there is the invaluable André Burger, the stubborn André Loiferman, the introspective Ernesto Neugebauer and the always amazing Wilson Ling. Not only was I influenced by the members of the IEE, but by so many of the guests who we were occasionally able to bring to our regular meetings as well. Among them, I have lasting impressions of Prof. Walter Block, with this controversial book *Defending the Undefendable*, and Donald Steward Jr., one of our libertarian “gurus” who was also the President of the Liberal Institute at the time.

In 1993 I became a director of the IEE for the first time. I was responsible for the events department. I remember we were a close-knit and dedicated board, under the disciplinary guidance of André Burger. André’s fierce enthusiasm made my job easy and motivating, and I had a *carte blanche* from my president for any initiative – as long as the guest absolutely adhered to our ideals. During this term, the leftists did not stand a chance. Then came the first Liberty Forum that I was primarily responsible for: the VI Forum. The theme was Constitutional Reform, since 1993 was the year of a constitutional reform that, among other focal points, aimed to reform the country’s economic system, in which we all saw a great opportunity for the active participation of the Institute. So it was, and the Forum was a huge success.

There was a great deal of media coverage, which was partly due to the importance of the speakers: James Buchanan (Nobel Prize in Economics), Rick Epstein (Chicago University), Ives Gandra, Nelson Jobim, Bobby Fields (aka Roberto Campos), Douglas Ginsburg (from the US Court of Appeals), our friend Paulo Rabello de Castro and, for a counterpoint that was at least a little stronger,

Aloisio Mercadante. André and I had had toured the USA, going to think tanks and meeting possible speakers for the Forum, which significantly facilitated the process of convincing representatives like Buchanan and Epstein to come to Porto Alegre. At the Liberty Fund in Indianapolis, in a conversation with Emílio Pacheco and Bill Dennis, the idea for the *Pensamentos Liberais* (Libertarian Views) series first appeared, which we would begin the following year, after the Forum on “Education in Crisis”. We visited most of the similar institutes, such as CATO, PERC in Montana (Terry Anderson), the University of Virginia (Walter E. Williams), the Heritage Foundation, Israel Kirzner at NYU, Daniel Friedman, in Irvington-on-Hudson and the Future of Freedom Foundation in Colorado, which by then had the incredibly fun Jacob Hornberger as president. Our CFO was Wilson Ling, who always judicious regarding the expenses we had, but also a great supporter of president André Burger’s projects. I remember that, under Wilson’s economic guidance, we obtained one of the largest sponsorships in the history of the Forum up to that time.

I must also mention André Burger and then new member Carlos Souto’s enthusiasm for the daring Libertarian Views series. We had concerns about exposing ourselves too much, but with a libertarian economist and a good lawyer leading the idea, the risks seemed significantly smaller for us and for the IEE. I also remember that one of my criticisms of the work at the IEE was that we studied little, that should have more knowledge and information to be able to debate with people at the level of those who we invited to our events. The articles in Libertarian Views should also encourage these more intense and dedicated studies. In parallel, with the sponsorship of the Bank of Boston (Ricardo Meirelles, President), we created the IEE Incentive Award, which would soon be renamed the “Hang Glide” Award. The winner of the first edition

of the IEE/Bank of Boston Incentive Award was our dear and always humble and introspective André Silveiro, who won a study abroad trip to the United States.

Then came the VII Liberty Forum, which brought with it a particularly big challenge for me: I had been elected President of the IEE for 1994. I put together the most close-knit board possible and, as is to be expected, I wanted my mentor and friend Paulo Afonso Feijó as Vice President. Paulo was overwhelmed with his new responsibilities as president of ABRAS (Brazilian Association of Supermarkets), but he still accepted my invitation. The nominated directors were Aureo Villagra (whom I had invited to join the IEE), Carlos Araújo Santos, Carlos Souto and Victor Hugo Boff.

We found ourselves challenged by the choice of the theme for the Forum. My initial proposal was the education theme, which was met with a certain internal resistance due to the notion that maybe it was too “generic” and of low political impact. I worked to convince them by arguing that education was the basis for individuals to discern and decide, and that personal clarification would naturally lead the people to choose or elect the most fair and effective sociopolitical system in terms of wealth-generation: libertarianism.

After some discussion, the topic was approved, and we decided to add the words “in crisis” to refer to the poor situation of Brazilian public education, which suffered from very serious structural problems, in addition to being constantly used as a political platform by demagogues and populist slike Leonel Brizola, who obtained a significant political victory in Rio de Janeiro, precisely by capitalizing on his works in education. We invited Brizola, and he realized that he was going to a “slaughterhouse” from which he would come out with great political damage. Despite health issues, he showed courage and accepted our invitation, and even with a lecture of filled of socialist demagogy (as

we expected), he showed what a great a speaker and politician he was. We had given the ideological opposition a privileged discussion panel on the theme, which has always been the principle of the Liberty Forum. Brizola passed away 10 years later in Rio. During an intermission, Tarso Genro (Workers’ Party – PT), the then mayor of Porto Alegre, commented to me that he really appreciated this aspect of the Forum, of giving a voice to all opinions, characterizing our work as “mature and qualified”.

Brizola’s reticence was understandable given our guests’ profiles: Gary Becker (Nobel Prize in Economics), Jacob Hornberger (FFF), Leandro Cantó (CATO), Paulo Rabello de Castro (FGV), Marco Garcia (PT government program coordinator), Juan Benfeldt (Center for Economic and Social Studies) and last but certainly not least, the controversial Paulo Maluf, mayor of São Paulo, who due to his political longevity and prolific loquacity, resembles the Italian Silvio Berlusconi. In fact, one of the unforgettable moments (for me) of this Forum, documented at <http://fff.org/explore-freedom/article/libertarian-visits-south-america/>, was when Paulo Maluf began his lecture by saying that Brazil should mimic the educational system of the USA. Jacob Hornberger, who was sitting beside me, was very worried because he was going severely criticize the American educational system, because it is anti-libertarian. Jacob whispered in my ear: “Roy, you know what I’m going talk about, don’t you?”. I simply replied: “Why do you think I invited you?”. With a smile of satisfaction, Jacob leaned back in his seat and carefully listened to Maluf’s lecture. When it was his turn to speak, Jacob Hornberger gave a lecture as brilliant as it was eloquent, with strong criticism of what Paulo Maluf had said, and – amazingly – Mr. Maluf started to take notes! One of the new members that year was Felipe S. Goron, who became president of the IEE in 1998. Jacob Hornberger was, I believe, one

of the major influences on the wonderful work that Felipe did during his years at IEE.

In 1994, we made many efforts to bring internationally renowned foreign speakers to our regular events as well. Among them I recall great debates with Jacob Hornberger, Walter E. Williams, Francis Fukuyama, Hans-Hermann Hoppe (one of the economists emeritus from the Austrian School, founded by Hayek and Mises), Walter Block and Emílio Pacheco, from CATO. From Brazil, regular participants included our dear Jorge Gerdau Johannpeter, the unforgettable Henry Maksoud (who once came in his private jet just for Monday’s event), Paulo Rabello de Castro and Donald Stewart Jr.

The following year, it was Carlos Souto’s turn as president of the IEE. I already knew of his great organizational ability and his fascination with free trade. As is to be expected, Caco, as we called him affectionately, made the VIII Liberty Forum on “Globalization and International Free Trade.” I felt that this was one of the biggest and best of the five forums I attended. The Peruvian writer and winner of the Nobel Prize for Literature, Mario Vargas Llosa, and Israel Kirzner brightened the event and dominated the discussions with exceptional intellectual arguments that were also unique in their universality. Roberto Campos was also brilliant in this Forum, with his great sense of humor and explicit sarcasm. Eduardo Gianetti da Fonseca mediated at the same intellectual level as the debates.

During the Forum’s official dinner, sitting next to Roberto Campos, he told me that in a conversation with Henry Kissinger in Washington, he was accused of being inconsistent in his political positions. Campos then answered him promptly: “Dear Henry, contradiction is a privilege of beautiful women and intelligent men...” From our conversation emerged the idea of establishing a political science institute which would bear his name, the Roberto

Campos Institute. It would be supported by the Liberal Institute and the IEE and would focus on the political discussion on libertarianism, especially economic liberalism. One condition Roberto Campos imposed was that all material to be published was to be revised by him, which eventually hindered the intended intense flow of publications because of his growing health issues. Roberto Campos would die six years later, in 2001, in Rio de Janeiro, which ended the IRC’s few activities.

From 1996 onwards, I would have less and less time due to increasing work commitments, and I was reducing my activities at the IEE. What remained from those five years (1991-1995) of effective participation were a formidable learning opportunity and many friendships, some of which continue even today, almost 20 years later. I currently live in Germany, and today I’m faced with a rich socio-political and economic reality, due largely to the ordoliberal ideas of the Freiburg school (Walter Eucken and later Ludwig Erhardt), a line of libertarian thinking strongly based on the theories of the Austrian School of Friedrich August von Hayek. With this ideological line of free markets and the rule of law, Germany has managed not only to rebuild the country after 1945, but to also make it the world’s fourth largest economy in less than 60 years.

Brazil has improved. Despite all of its intractable structural problems, the country will reach 2016 as the fifth largest economy, behind Germany, Japan, China and the United States. This shows that we have not done everything wrong, there are many things in which we have succeeded. I believe that the IEE, with its intensive work and commitment to freedom and individual property, rule of law and a market economy, has been an important driving force in this development process. Thank you and congratulations, IEE.

## CARLOS SOUTO

1994-1995

### TWENTY YEARS LATER

Brazil is a country of deep contradictions.

It is vast, rich in natural resources, with a peaceful, multicultural population that has social mobility. It is filled with opportunities.

At the same time, in full contrast, it is a country with weak institutions. Always emerging, it has not evolved from the bottom when compared to other nations.

Why, with all its virtues and potential, has the country not progressed?

There are many reasons. The most apparent and relevant ones culminate in the excess of state interventionism. Interventionism is a requirement in our culture, one that considers only the short term and does not care to link cause to consequence.

As a result, this same culture that disregards the future is steeped in prejudice against profit (and work) and has paternalism as one of its most significant features. Profit in Brazil is like abuse, and work is a lesser thing. All that is left is to take advantage of the state to progress in life, and this becomes a goal for many people. There is nothing like being friends with the king. In the relationship with the parent-state, anything goes to obtain benefits. And they, as a project of power, are given in abundance at any cost.

The puzzling thing is that there is no development, wealth-generation and progress without profit and work. Furthermore, no state generates value or creates wealth. It's the opposite. The state, when it acts, invests or spends, expropriates third-party resources, which they effectively produced and for which they receive very little in return from the state. Furthermore, if the amount the state

distributes has to grow because there are increasing numbers of starving people depending on it, more taxes have to be collected and therefore, more hardships are imposed on those who actually produce and push the country forward.

As the Brazilian DNA is made of this inflexible culture, we have acquired the habit of poisoning the patient more and more, instead of providing the correct medication (merely stopping the poison would be fantastic).

Amid this backdrop, the Institute for Entrepreneurial Studies (IEE) was founded in Brazil 30 years ago as one of the few dissenting voices in these doldrums of institutional frustration. With a focus on educating business leaders, since its foundation, the IEE has brought together young entrepreneurs to - and here is where its boldness lies - study, defend and promote ideas during their training process. Always guided by the defense of a free market, the rule of law and individual freedom, the values pursued at the IEE provide an alternative to the cultural patchwork described above. After all, these values are not compatible with the excess of state or any measure, as is the case of paternalism, which removes from the individual the responsibility and joy of pursuing one's own happiness.

A few years after its foundation, the IEE came into my life. I was around 24 years old. I was really lucky. A lawyer, a partner at a firm, I had never heard of Hayek, Mises, Rand or Rothbard; I knew little to nothing about Smith, Hume, Bastiat, Popper and Friedman, among many others. It was quite a surprise. It seemed like themes that had been hidden in the dark were finally being brought into the light.

While I studied the new Consumer Protection and Defense Code, at the IEE I was learning that the best protection for the consumer, regardless of standards and codes, lies in economic law: frank and unrestrained competition.

As I read in the law books that equality was to treat people who are unequal unequally, such as in the assumptions of labor legislation, at the IEE I was learning that equality should not be the equality of outcomes or opportunities, but rather the equality of all before the law, without distinction.

Just as I perceived the progression of the concept of social justice, at the IEE I heard that this expression was an obvious redundancy; after all, one cannot speak of a justice other than social. Thereby I realized that the manipulation of language was a nasty tool in the pursuit of power at any price. Take another example: the social function of property. Property must serve the interests of those who own it, and not the functions decided by lawmakers.

In the newspapers, I read that entrepreneurs and governments agreed, with broad political support, to measures to protect the domestic industry (and the jobs involved). I learned, at the IEE, that extreme nationalism and this reaffirmed protectionism were evil. They harmed consumers, who were subject to expensive and unqualified products and services, prevented the generation of many more jobs (economic openings show this effect) and established the culture based on favors, not on merit. After all, it is better to have collusion for self-protection than the competition and exposure to new things the market would bring. Brazilians are averse to conflict; we are not, as a rule, transparent and we never say no. And this does not happen by chance.

As the last of many other examples that I remember: while listening to the debates on the need to tax profit and that profit and theft were similar elements, I was learning at the IEE that profit was actually nothing more than the prize given to those who met someone's need. Nobody gives up six of one for half a dozen of the other in a free market. When there is a trade in a free market, it's a

win-win situation. That is, thanks to profit, it would be possible to effectively meet mutual needs and thereby increase "social justice". Years later, I heard a striking phrase from professor Walter Williams on this subject: in the market economy, money is nothing more than a performance certificate.

It intrigued me that though given these counterpoints, none of these authors were on the shelves of university or schools libraries at the time.

At 27, I had the honor and opportunity to preside over the IEE. With a board composed of people with far more talent than myself (Péricles Pereira Druck, Felipe Resende Araujo Santos, André Silveiro, Jorge Antonio Dib and Júlio Fortini de Souza), we led the Institute from 1994 to 1995.

This period in the history of Brazil was remarkable for several reasons, beyond the loss of Ayrton Senna and the fourth World Cup title win in the USA.

Firstly, because the fight against inflation had just begun through the implementation of the Real Plan. The daily 4% inflation seemed to finally be put to rest - and to fight inflation, given the effects of this plague, was the best social revolution that the country could hope for.

Secondly, because we finally began to truly discuss privatization. In fact, from there, several companies in Brazil were privatized, such as Embraer, Vale, electricity generators and distributors, telephone carriers, banks. The privatization process which took place allowed massive investments in companies for the benefit of all consumers and shareholders, by offering better and more affordable services and products, besides generating thousands of new jobs.

Third, there were clear talks about the introduction of new regulatory frameworks for public services, with the creation of effectively technical regulatory agencies which would

be independent from political influence, seeking to ensure legal certainty, economic improvement, competition and predictability.

And finally, in a list that could be much broader, it seemed that Brazil would no longer have its back turned to the world. There were talks about opening borders, increasing the flow of goods and services, thus decreasing protectionism by increasing competition. The time had come to develop into polyglots.

It seemed like a good moment to start a business in Brazil.

Given this context, the theme of our Liberty Forum in 1995 was globalization and free trade. We received world figures such as the writer and today Nobel Prize winner Mario Vargas Llosa, professor Israel Kirzner, a leading authority on the Austrian School of Economics, Chinese Minister Zheng Hongye, chairman of the China Council for the Promotion of International Trade (let me remind you: it was in 1995!), the wistful journalist, philosopher and theater director, Paulo Francis, the entrepreneur and founder of the Liberal Institute, Donald Stewart Jr. and the then federal representative Roberto Campos, among others.

Llosa stayed in Porto Alegre for three days. We spent a great deal of time together, discussing (I obviously did far more listening than talking) economics, philosophy and literature, obviously. We celebrated his birthday, which was on the same day as the Forum. The multidisciplinary Roberto Campos was always spectacular. A visionary with an exquisite irony, he left us wanting more. There is no political or diplomatic leader who comes close to his intellectual stature. The same happened with Paulo Francis. Though he was experienced, he was surprised by what he saw in Porto Alegre. The event drew thousands of people to discuss ideas. That, he said, did not seem to be Brazil. For no other reason, he glowingly described the Forum at every opportunity,

including the famous *Diário da Corte*, the Manhattan Connection television program or his column in the *Jornal da Globo*.

On a side note, it is interesting to share that these three did not know each other personally. It was the Liberty Forum, in Porto Alegre, that provided an opportunity for the first meeting of these amazing people. I joke that I had them in my car driving around Porto Alegre, listening to their conversations filled with intelligence and fun.

Taking a historic leap, everyone knows that what happened after this cycle led to Brazil's development. Despite the good news and perspectives of that time, it was just a (good) blip of development. It was not strong enough to change the culture. And culture, let's face it, is relentless.

As always happens when cycles alternate, what happened after that moment is something that has troubled us for some time. Brazil's current situation is worrisome. The inflation, artificially controlled by subsidizing public fees, has started to show signs of returning, investment capacity is very low, the tax burden has continued to break records, bureaucracy reigns, employment rates are declining, economic sectors are on the verge of bankruptcy, public and private debts grow alarmingly and the government has been increasing populist strategies which are against work, such as donation programs and protectionist laws.

In addition, since Brazil is becoming less and less competitive, it seems to have abandoned the idea of effectively opening its trade borders, seeking limiting partnerships with trading partners of dubious relevance.

However, the economic machine continues to turn despite the government, at the hands of anonymous citizens. Relentless, they struggle day after day to build a better life by generating and moving wealth. If nothing changes, many wonder how long they will stand the increased problems

created by governments and what would happen if the best minds decided to migrate to less harsh environments at even higher rates.

The IEE's role, therefore, has become even more important. It's amazing to remember what has been done, the accumulated experiences and findings. At the same time, it is equally impressive how much remains to be done to effectively change Brazil. Besides the necessary investments in education, we need leaders with good ideas and the courage to change. Long live the IEE.

## JORGE ANTÔNIO DIB 1995-1996

### AN EXPERIENCE FOR A LIFETIME

1995. Fernando Henrique Cardoso is elected president of Brazil in the first round of voting after leading the implementation of the Real Plan as Finance Minister. In the same year, he is able to approve breaking up Petrobras' monopoly in Congress. The then Prime Minister of Israel, Yitzhak Rabin, is assassinated by an Islamic extremist, and the Ebola virus emerges in Africa, a powerful threat against humanity. Microsoft releases Windows 95 with much fanfare and a novelty arrives in Brazil unnoticed by most: the Internet.

In Brazil people were still buying phone lines as an investment and declared them in their income taxes. The privatization of companies such as Embraer, Açominas, CSN etc. slowly made heavy organizations that were in debt into private entities which began to receive investments and be managed based on efficiency and merit. But there was a lot left to do: privatize the prehistoric Telebras system and several state banks that were used to save the finances of incompetent and profligate governments.

In this scenario, the IEE board, composed of Guilherme Johannpeter, Julio Fortini, Marcelo Muller, Roberto Ochman, Claudio Spalter and myself, was faced by a dilemma that is common to all IEE boards: set the theme of the next Liberty Forum. If I am not mistaken, it was Guilherme's idea to discuss the additional costs that a company producing in Brazil incurred compared to other countries. The prospect of a more modern country derived from the changes that FHC implanted, the moment of technological effervescence on the Internet and

global impact issues made us see that the *Custo Brasil* (the high cost of doing business in Brazil) was the most urgent debate in the country. How could we eliminate inefficiencies that prevented Brazil from thriving quickly?

We would meet weekly over lunch to take care of the Institute's daily management and to plan the Forum. At the time we did not have a director specifically assigned to manage events, and we all shared the responsibilities equally. The meetings were light and fun, due to everyone's sense of humor, especially Claudio, who always had at least one joke to tell, and Roberto, who would imitate several of our colleagues. This positive atmosphere became increasingly tense as the event neared, when we faced great difficulties to finance the expenses for hosting the Liberty Forum while leaving enough cash resources for the next president.

Our administration found Brazil in the midst of a crisis of confidence in the country's ability to pay its foreign debt due to Mexico's default and the insecurity in relation to other emerging countries.

We visited several companies as we were seeking support, with little success. The scenario recommended caution. However, two meetings were crucial for us to succeed in our goal: one with the president of Group Ipiranga, Sérgio Saraiva, and another with the president of Group Gerdau, Jorge Johannpeter. The two business leaders did not hesitate to support us financially, but more than that, they used their enormous prestige to convince other companies to participate in the event. I confess that after almost 20 years, I cannot recall which one picked up the phone and called Emilio Odebrecht, inviting him to speak and also sponsor the event. Invitation sent, invitation accepted.

At the end we had a forum with great intellectual quality that was slightly more modest in its execution.

It is a pity that after almost 20 years, the issues we discussed are still extremely problematic. Some excerpts from the articles in the book *Pensamentos Liberais: Custo Brasil* (Libertarian Thoughts: Custo Brasil), released during the Forum, show the dimensions of this tragedy.

Roberto Ochman wrote that, "It is necessary to understand that the formation of transaction costs is represented by various factors, from the breach of contract, through monetary instability and by the adoption of misguided foreign trade policies, combined with a high tax burden."

Marcelo Muller wrote that the *Custo Brasil* "has given us first world property prices, with lower quality constructions, in smaller dimensions, with the consequent loss of comfort and livability".

André Silveiro denounced the scorching tax burden, around 25% (which today would be a gift). Guilherme Johannpeter showed "that before it starts producing, an industrial unit in Brazil costs 38% more than similar facilities in other countries." Claudio Spalter discussed the prohibition of shops opening on Sundays (finally a breakthrough!). Leonidas Zelmanovitz and Ademar Xavier explained why Brazil was not a market economy, but a mercantilist one. Unfortunately we are still an increasingly mercantilist economy!

I wrote that the "*Custo Brasil* is the result of several factors (...) incompetence in the management (and malpractice in some cases) of public funds for distribution infrastructure, such as ports and highways (...) the Brazilian state is at its maximum capacity, yet it prevents private companies from investing and enabling what is missing for progress." The distribution of the crops and the eternity it took for the government to make the "concessions" of airports show that the dominant ideology which is causing the paralysis is still going strong in the country.

I also wrote that "due to the constant interventions in the

market, long term does not exist. The government changes the rules of the game almost daily through provisional measures and other interventionist mechanisms. This uncertainty leads companies to try to recover the investment in very short periods, raising their prices to limits that are bearable for a number of consumers that allows for the almost immediate return on capital, as they do not know for how long the rules will be in force."

It truly saddens me to see that almost everything remains painfully current. We have lost almost 20 years that could have placed our country on a path of sustainable growth.

On the other hand, I am happy to know that it is thanks to the intellectual framework that the IEE provided me that I have been able to see what a significant portion of my fellow citizens cannot. Interacting with members of the IEE, friends with inquiring minds and great intelligence, over many nights of debates with brilliant thinkers (with some exceptions), helped me shape who I am today.

The simulated juries and reading and presenting classic liberal texts were a personal inspiration and education.

My participation as a director in Carlos Souto's administration and then as president of the Institute made me exercise the qualified leadership IEE thrives to achieve.

Being a member and president of the IEE allowed me to interact and debate with personalities such as Douglas North, Mario Vargas Llosa, Roberto Campos, James Buchanan, Gary Becker, Paulo Francis, José Alexandre Scheinkman and José Oswaldo Meira Penna, among many others. I've met with presidents Fernando Henrique Cardoso, Carlos Menem and Julio Maria Sanguinetti. I had the opportunity to talk with leading Brazilian politicians in an environment where about 30 young minds do not allow demagogic and irrational arguments.

I remember a discussion I had with the then mayor of Ribeirão Preto, Antonio Palocci, when he told me about the privatization of CTERP, the then municipal telephone company, and how he almost left his party due to ideological witch hunts. At the end, when I went to speak with him, I said: "Mr. Mayor, either I am a member of the Workers' Party and don't know it, or you are a libertarian and don't know it."

The last story that I think is worth sharing was a debate I had when I was the president of the Institute with the then presidential candidate Lula, on TV Pampa. I, young and idealistic, brought ideas to the debate, but he would interrupt me, pulling my arm under the table, away from the gaze of viewers, while saying "Young man, you are too young to understand that." He was right, but this kind of situation made me understand, grow and become a better leader. The IEE has fully fulfilled its role with me and many other young people. I hope it continues with its noble mission and, maybe one day, my children may also have this experience that is worth a lifetime.

## JULIO FORTINI DE SOUZA

1996-1997

### MY EXPERIENCE IN THE 1996/1997 IEE ADMINISTRATION

Almost 20 years after my unforgettable experience at the helm of the IEE, I have many memories and lessons that were essential to my personal, intellectual and professional development. Many of the decisions I make today as a businessman, union participant and member of professional trade associations are firmly rooted in the libertarian values I learned there.

For me, the logic of libertarianism governed the ideals that I learned in my family and business development. My parents and grandparents always conveyed the principles of meritocracy, free enterprise and the constant need to overcome challenges in stages. Over the years I have tested and matured my libertarian convictions more and more every day.

I remember that, before joining the IEE, I was invited to dinner at the home of Marcelo Sirotsky along with a group of other young people with “potential”. He welcomed us alongside other members of the Institute with a discussion about Adam Smith and human action. I was excited!

Needless to say, when I was invited to become a member I immediately accepted and, after a few years, had the honor of participating in the board under the leadership of Jorge Dib and Guilherme Johannpeter. I was then elected as president of the IEE for the following administration period (1996/1997), with Luciano Mandelli as my vice-president.

It was 1996, the country was being run by Fernando Henrique Cardoso and was undergoing substantial changes, inflation was under control but the eternal search for economic stability remained. The possibility of reelection was

under discussion, which was soon confirmed and then approved by the Brazilian parliament.

Meanwhile, at the IEE we were focused on training new leaders – strong leaders committed to democratic principles who respect the principles of individual liberties and the rule of law. Together with my friends and fellow directors Eduardo Magrisso, Felipe Goron, Pedro Silber and Ricardo Ranzolin, our administration was based on the idea of exceeding expectations.

We organized countless events including talks, debates, summits, jury simulations, book presentations, meetings, social events and the important Liberty Forum. These opportunities allowed us to form ideas, forge friendships, cement our group and establish relationships of trust, all under the same libertarian principles.

Our administration’s opportunity to innovate materialized with the seminar entitled “The credibility of the public man”, which was suggested by colleague and strategist Renato Malcon and enthusiastically supported by journalist José Barrionuevo.

We then developed a public opinion survey for people aged between 16 and 24, and the results were surprising: 90% of those interviewed were distrustful of the government and politicians, although 80% believed that democracy and representation by direct voting could make important changes in Brazil’s future. The desire for new political leadership was evident.

Federal congressmen Roberto Campos and José Genuíno featured prominently at the seminar, where the results of the survey were discussed with members and young leaders with prominent public roles and political careers.

Those two days of intense debate and confronting ideas were marked by unforgettable statements about important moments in the history of Brazil, our constantly evolving country. Congressman José Genuíno remembered times of political oppression and the emergence

of new political parties, as well as “new” social representations. Congressman Roberto Campos highlighted the country’s times of political transition, emphasizing the planning model created at the time. Strong criticisms were also made of existing institutions, which were bleeding public coffers dry, and the need for a freer Brazilian economy was emphasized.

The debates were remarkable, as was the participation of IEE members. I remember the words of Leonidas Zelmanovitz, who always actively participated in all our events, when he described the importance of having participated in the IEE and the difference that the resulting enrichment of ideas has made to him. At the end of the seminar we held a closed debate for members, in which several colleagues expressed and confirmed the IEE’s importance.

We were a group of young people full of expectations and vitality, determined and enchanted by libertarian principles. Thanks to the work of our skilled press officer, Valter Tod, we were able to spread our ideas through debates on radio and television stations in Rio Grande do Sul.

We worked hard to ensure that the IEE, particularly over the 1996/1997 period, played an important and pioneering role in comparing ideas, contributing to development and the construction of a better Brazil.

This is only part of what we experienced as the IEE’s administrative team; the struggles, friendships, camaraderie, learning, growth, memories and feelings of gratitude to all those who accompanied us on this journey are indescribable. A common denominator between that period and present times is the desire for change and the need to train new leaders based on libertarian principles.

My desire and belief is that this new group of IEE members will make a difference in representing our ideas and contribute to a better country!

## PEDRO ALBERTO TEDESCO SILBER

1997-1998

### THE WAR OF THE CRABS

A figure of speech that might help illustrate a part of my memories of the political scenario we experienced in our state during 1997 and 1998, in which coincidentally I had the honor of presiding over the IEE. 1998 was definitely not just another year in our long history of regional dualism. Rio Grande do Sul, after decades of stagnation, witnessed a brief outbreak of modernity with a process of changes in infrastructure.

Some thoughts, long expressed in defense of less state participation in the economy, gained space in this region. It is true that there was a process of privatization, though far more due to a need for cash than because of ideological beliefs in competition and free initiative. It was certainly not ideal, but that moment was the embryo of diminished state participation. Something worth noting that might seem absurd to remember, though it’s a good example: a phone, or a phone line, as was said, would cost US\$ 5,000, with a waiting line and lobby for acquiring the item. The pachydermic Telebras, and in our case the defunct CRT (state telephone company), were the result of this anachronistic system. A telephone became an investment...

The same thing happened to part of CEEE (the state electricity company).

As is to be expected, the fact that we timidly began to prepare Rio Grande do Sul for the future shook the foundations of those who advocated against progress. Today we see that Brazil, and especially Rio Grande do Sul, have unfortunately not kept pace with historical changes, and the level of our society would certainly be different if what had been initiated

in terms of change had been improved.

Several episodes of economic and social order served as the backdrop for many opinions from all sides, and we understood that, true to one of its objectives, which was to analyze problems and issues in society, the IEE was present in the debate whenever necessary.

Several requests published in our newspapers generated a big impact due to the political moment we were experiencing and paradigms on the size of the state and its participation in the economy being broken. We clearly and boldly shared our opinions on issues such as the hero worship of Che Guevara, the privatization of CRT, the arrival of GM and the marketing of the MST (Landless Workers’ Movement), among other things, criticizing and trying to offer suggestions.

In this fiercely divided political environment, we believed that all possible spaces that were within our limitations should be used to share our message of a more prosperous society with less intervention, while forging new business leaderships. Thus, during the traditional Porto Alegre Book Fair, where we launched a new edition of the “Libertarian Views” series, we promoted a debate that was extremely provocative and maybe even a little insane with regard to our personal safety. Open to the public, in the halls of the Commerce Club, we held two panels with the themes “The End of the Century: Globalization and Prospects”, with Juan Carlos Cachanovsky and Alberto Oliva debating with José Luis Fiori and Paulo Arantes; and the next day, Olavo de Carvalho and Cândido Prunes debating with Frei Sérgio Gorgen and João Paulo Stédile on “The End of the Century: Brazilian Social Movements”.

I believe that a creation from this period and the result of an old aspiration of the IEE as another vigorous communication tool aimed at training young leaders

who believe in the ideals of private initiative, free markets and the globalization of the economy, was the launch of Leader Magazine. With an initial print run of 5,000 copies and quarterly distribution, it was aimed at a select audience of business leaders, opinion makers, press, politicians and academics. The first editions were in print, and over time it migrated to a digital version.

The first difficult observation is that, after 14 years, we have evolved very little in terms of society, and, in many aspects, there were significant setbacks, especially in safety, healthcare and education, besides the great deterioration of the values of institutions.

In 1998 we had general elections in Brazil, the second election since the end of the military regime. That year the Liberty Forum completed its tenth year, and its theme was “The Limits of Power”. To complement the foundation of this agenda, we contracted a public opinion survey. One of the major findings was that, three and a half years after an election, 67% of the respondents had no recollection of who they had voted for in the Senate, and 74% did not know who they had elected to the House of Representatives. In a way, that illustrates our lack of maturity in terms of democracy, and the weakness of ideological content in political parties and the political system as a whole.

We used a phrase by Karl Marx as the center of our advertising campaign: “The free development of each is the condition for the free development of all,” obviously including his picture throughout the campaign, which generated much controversy.

One of the speakers was Czech economist Jirí Kinkor, former advisor to the Ministry of Finance of the Czech Republic and one of the architects of the plan that, over a period of three years, privatized 70% of the public companies in the country. At the end his speech, he said: “I stopped believing in socialism when I started to think.”

I believe that the theme adopted on that occasion is in perfect harmony with the blunders of our governments of which we are often the victims, as one of the roots of the political and moral chaos of our civilization is born from the perverse philosophy that teaches that the humans must sacrifice their lives for others, for society and for the collective. We need rationality, building concepts for us to be able to defend ideas and political and moral principles.

We must understand and defend what economic power means and what the physical force of the government means.

Thus, be careful with the limits of power, because the logical argument dissipates and leaves behind the ideological argument, which says that collectivism does not work, except in heaven, where it is not needed, and in hell, where it has always existed.

## FELIPE SAMPAIO GORON

1998-1999

### MY TRIBE

The first time I had any contact with the IEE was through my great friend Jorge Dib, who at that time was also my partner at the consulting firm that we had just created with two other friends.

It was 1995, and he invited me to participate in the traditional Monday dinner, a meeting that was the basis of the unique model created by William Ling and the founding fathers of the IEE to train new leaders. I recall that it was like nothing I had experienced before, and I immediately felt that I would very much like to be part of that group.

Shortly after, when I was already a member, I perceived the profound impact that the Institute would have on my life. I had already graduated from college, completed a specialization program and a Master's degree, but nothing compared to the learning model I found at the IEE. There was a unique harmony of values and views. It was like discovering that I was not "alone" in the universe, and that there was a large number of people and a vast organized set of knowledge on the worldview I had developed by "instinct" and believed to be the most plausible.

Finding sagacious, unusual and extraordinarily simple answers to the complex questions of life is a source of real happiness for those who continually seek explanation for human actions. For this reason, the experience and the lessons I learned at the IEE were decisive in my personal and professional training.

As a way to learn even more and give back to the people who taught me so much, in the year following my arrival as a member I became a director of the IEE, and then vice-president and president.

The name (Institute for Studies), the bylaws and the founders' message were the great inspirations I in leading this group of young people who have the ambition to change the direction of our country, forging leaders who are committed to values which are rarely practiced here, such as freedom, democracy, respect for private property and the market economy.

If before the IEE I was an anarchist by instinct, at the Institute I became a staunch libertarian. When I took on the responsibility of leading this group, along with the directors and members who supported me, I tried to put to the test, through all means within my reach, this libertarian view of the world, and in this way help to develop new leaders, better prepared to face the challenges of the hostile environment that we face in a traditionally interventionist, authoritarian, corrupt and mostly ignorant society.

As John Stuart Mill said, "The beliefs which we have most warrant for, have no safeguard to rest on, but a standing invitation to the whole world to prove them unfounded".

To defend libertarian values, in the exact and original meaning of the word, is not an obligation, nor a matter of belief. It is a choice. It is a natural consequence of the study promoted by the IEE throughout its 30 years in pursuit of the best models of society and in the identification of the pillars that form and develop nations and people throughout history. This vocation to question, investigate, study, discuss, compare, try, form a set of firm and consistent guidelines as required by the purest philosophy of science.

The opportunities offered to members of the Institute in this training period are extraordinary - I dare say they are unique in our country, and rare in the world. I had the privilege to actively participate in all of them during four years as an effective member and three years as a counselor.

In my preparation to take over the presidency, I helped to organize the II Liberty Forum; I interacted with Nobel Prize winners, ministers, ambassadors, ex-presidents, great thinkers; I wrote articles; I attended a meeting of the Mont Pelerin Society in Vienna, I read "Human Action", by Mises, "The Road to Serfdom", by Hayek, "Atlas Shrugged", by Ayn Rand. among many, many books that I studied and discussed with members and brilliant guests who helped to test my consistency as a thinker and future leader of the IEE.

However, my main learning came from sharing experiences with some of the leaders that made the history of the IEE and which really influenced my administration as President, in particular William Ling, Roy Ashton, André Burger, Renato Malcon, Carlos Biedermann and André Silveiro, among others. I was also very much influenced and supported by one of the greatest leaders with whom I had the opportunity to interact Jorge Gerdau (an unconditional supporter of the IEE).

The scenario in 1998, shortly before I became president, was not at all quiet. We were going through a tense moment with the prospect of an election for governor which would put the Workers' Party in charge of Rio Grande do Sul.

Understanding that this perspective was disastrous, that it would be a huge step backwards and was against all our values, a significant group of members went into politics by joining the Liberal Front Party (PFL/RS). A great debate then began at the Institute, which would make my election process quite complex, since I was openly against involving the Institute in politics. On the one hand, there was a search for the solution of our challenges through the politicization of the IEE; on the other hand, the understanding that this role did not belong to the IEE, as it should have no political links, but to the members who felt that this was the path to follow.

The idea to keep the Institute independent and faithful to its study and training proposal prevailed, and with this mandate I took over the presidency in April of 1998.

By my side I had a group who shared my ideals and passion for the IEE. The directors were Sérgio Lewin, who brilliantly succeeded me in the presidency and is one of the most intelligent and courageous libertarians formed by the Institute, Rodrigo Gazen, Ruwin Libermann, Arthur Johannpeter and Vice President Klaus Brodbeck. I am very grateful to them for their unconditional support and tireless dedication during our entire administration.

Together we brought several innovations to the training process, creating the IEE curriculum for evaluating the quality of training and starting the concept of a formal leadership school, with William Ling as mentor. We provided several different and noteworthy meetings, we created a new brand for the IEE, we created study groups, we left an organized and healthy financial management, and we finally made the Liberty Forum grow, doubling its size to 2,000 participants and moving the event to FIERGS.

But the big test for my leadership and our training was politics. As we predicted, in 1998 Rio Grande do Sul was about to elect Olívio Dutra as governor of the state, and a war of electoral material was being waged. The group of businessmen linked to the IEE who had joined politics, along with big players in the local business community, wanted to use the Institute to publish a series of notices in the local newspapers, in an attempt to reverse the outcome of the election.

The pressure was enormous, in every way you can imagine, as the election of the Workers' Party (PT) represented a real risk to the model of society in which we believed. As Hayek used to say, "The more the state 'plans', the more difficult it becomes for the individual to plan".

However, it was clear to me and to the board that, even though we were totally against the candidate and the party and we wanted to do something to change the scenario; we could not use the IEE for this and violate the bylaws and values that we were committed to defending and preserving.

It was a great lesson in humility that I learned while I was a leader, because the arrogance was at our disposal, presenting itself as the easiest way to be recognized and acclaimed.

Humility is still perhaps a weak point among libertarians. In the clarity of our world view, we do not understand the difficulty of understanding our values. We have evolved very little in the sale of our ideals, and this is due to arrogance and lack of empathy.

The following year, at the opening of the XII Liberty Forum, with the theme was "1999. What now, Brazil? Paths to Development", I did what I believed to be the correct thing to do, criticizing and pointing out urgent corrections in politics, education and the economy proposed by the elected governor, who, to a round of booing, attended the opening of the Forum. The election of the party we thought to be disastrous raised the challenge of transmitting our message to society, so that the next political choices could be better. For this, we brought a great group of thinkers to the event: Paulo Renato de Souza, Robert Barro, Roberto Campos, José Alexandre Sheinkman, Jorge Gerdau Johannpeter, Emílio Pacheco Rodriguez, Paulo Rabello de Castro, Eduardo Marty and Miriam Leitão.

It was with this event that I concluded my administration. I felt like I had fulfilled my duty and that I had certainly contributed to allowing the new board to take the IEE even further.

Without a doubt, participating in the IEE has the power to change people's lives. To this day, I learn with the world view that I learned



about at the Institute, and I will always be a supporter of libertarian ideals and education as a way to improve our society.

## SÉRGIO GRINBERG LEWIN 1999-2000

### EVOLVING HISTORY

"If a rock remains intact after beating it with a club a thousand times, it doesn't mean that the beating wasn't useful. The one thousand and first beating, which shattered the entire rock, was probably just the coup de grâce." (unknown author)

Those who were teenagers before the fall of the Berlin Wall know how hard and interminable the ideological debates could be. We didn't have the ample munitions that the unraveling of the Soviet Empire and the Iron Curtain nations would provide us a few years later.

As a teen, I was lucky enough to discover the books *Liberalism* by Mises and *The Road to Serfdom* by Hayek, both edited by the Instituto Liberal (Liberal Institute). Based on their material, I had fierce debates, many of which I lost.

Years later, in college, I went to the Fórum da Liberdade (Liberty Forum) for the first time. The speakers who lectured on several national and international problems from a libertarian point of view allowed me to take a sigh of relief. The world was not only inhabited by the widows of Karl Marx, chronic leftists, or nostalgic Stalinists. There were people with an ability to think differently, to bet on individual freedom and the capacity of individuals to generate wealth, without the state safeguarding their lives and businesses. What a difference from my high school and university professors! It was as if someone had flipped a switch, turning on a light that would not go out again.

That was when I discovered the work of the IEE (Institute for Business Studies), a group founded in 1984 that swam alone in Brazil against the rising tide of backward

statism and nationalism. It was a group of entrepreneurs that was created, not to sponsor their private sectorial interests or to ask for government favors and market protection, but to fight against all of the above.

A few years later, as a recent college graduate in 1996, I was invited to participate in the IEE.

That year, Brazil was still beginning a difficult battle to control hyperinflation. During internal IEE meetings, there were calls for freer trade, the sale of inefficient state owned companies, and for fiscal austerity. Defending those ideas internally was one thing. Defending them publicly was quite different. There was a wave of insults when we defended them in journal articles and books, in television debates, or even at the Liberty Forum. To be called "peddlers" or "traitors to the fatherland" for defending the sale of some of the "crown jewels" went from being offensive to sounding funny, and we eventually began to see it as a compliment.

Sometimes we asked ourselves if it was worth it for a group like ours to dedicate so much time and idealism to these ideas in a country like Brazil, which suffered from such chronic backwardness.

In 1999, after joining the board, I accepted the invitation to become the president of the IEE. You don't take on a task like this without a good dose of idealism, although the circumstances were not exactly encouraging. In 1998, the State of Rio Grande do Sul became the first state in the country to give a victory to a party with ideas that were openly opposed to ours. The period was sadly known for the expulsion of a large automobile manufacturer from the state, as well as the words of the governor saying he didn't appreciate "profit and the selfish pleasure of living."

Was that election the serpent's egg? Was Roberto Campos right to fear, as he stated during the 1999 Liberty Forum, that after having exported the political philosophy of

Getúlio Vargas and Leonel Brizola we would now export the political philosophy of Olívio Dutra?

Throughout the year we worked intensely to internally train our members: we created the digital magazine *Leader*, we held IEE's 15<sup>th</sup> anniversary party, gathering all the former presidents, and we held another edition of the Fórum Universidade-Empresa (Business-University Forum) at PUC (Pontifical Catholic University), which was the embryo for what became the Liberty Forum at the same university. But we did not neglect the event that would be the highlight of our administration, the Liberty Forum. Our Forum was held in 2000, the year which marked the 500<sup>th</sup> anniversary of the discovery of Brazil.

Instead of a merely retrospective event, we sought to forecast how our past would affect our future. The title of the 13th Liberty Forum, "1,000 years: a perspective on Brazil. Where will history take us?" aimed to address this concern.

At the opening of the Forum, the same state governor who had criticized "profit as the selfish pleasure of living" said that he would never bow to the "so called market laws," because even the law of gravity, according to him, "could be defied, as is done every time an airplane takes flight." This histrionic phrase reminded me of the high school debates in the eighties, from before the Berlin Wall fell.

But it was useful, not just to demonstrate the political/ideological context we were going through at the time, but also because it became a type of connecting thread for the debates that followed: why, after all, has Brazil always been so afraid of the market, of free competition, and profit? Why did a businessman like the Barão de Mauá, portrayed in such a positive light in the book by Jorge Caldeira (who was one of the speakers at the event) and who became one of the biggest businessmen in the world, end up

beaten by the state? What are the roots of our love affair with poverty and our aversion to entrepreneurial stories? These questions were seriously debated, but for those of us from the IEE they were not new, because we had already been dedicated to debating and reflecting on them.

One of the names invited to the Liberty Forum had a profound impact on me. In 1988, as a teen, I discovered a program that was perhaps unlike anything that had ever been seen before on Brazilian television. It was called "Henry Maksoud e você" (Henry Maksoud and you). At a certain point in the show he would say: "What I am about to say is not for you. You won't understand it anyway. It is for the archeologist who will watch this program in a thousand years," and then he would spout out his openly libertarian ideas. Organizing the Forum allowed me to tell Maksoud personally how much his program impressed me.

As I said, to be a member, on the board, or the president of IEE you need a lot of idealism, and you always will have a bit of a Sisyphus complex, the character who carried the rock up to the top of the mountain only to see it roll back down repeatedly.

Since the first time I opened a book by Mises or Hayek for when I was still a teenager, a lot has happened. Our lives changed, the country changed, new boards were selected at the IEE, several editions of the Liberty Forum were held, and we are all older and less naïve. Roberto Campos' prophecy unfortunately came about by other means, but this story has not ended yet.

If we remember everything we have lived through at the IEE with so much enthusiasm over these last 30 years, and if we remain even more confident in our ideas, it is because the idealism that moved us when we began our journey is still alive and well. It is the idealism we felt at the first Liberty Forum, or when we participated in our

first debate between IEE members and recognized that there was something totally new there.

Has IEE changed the country yet? Even though several of the ideas that were considered treasonous a few years back have been applied and others, despite all the resistance, will be imposed sooner or later, we are still far away from the country we envision as ideal. But no one who has been a part of the IEE has come out unchanged. This proves the importance of the Institute and explains how this organization is reaching its 30th anniversary with so much success and so revered by those who built its history.

And now I am going to speak not to you, the person who is reading this article, but to the archeologist who will read it a thousand years from now. He will certainly say: "Those people at the IEE were ahead of their time! Too bad so much time was wasted before their ideas were victorious."

## TELMO NETTO COSTA JÚNIOR

2000 - 2001

### TRANSFORMING BOLDNESS INTO REALITY

“Let me give you my vision: A man’s right to work as he will, to spend what he earns, to own property, to have the state as servant and not as master. They are the essence of a free country, and on that freedom all of our other freedoms depend.” Margaret Thatcher

In 1995, I was invited by my friend Filipe Gordon to participate as a guest in a weekly meeting at the Institute for Entrepreneurial Studies. The evening arrived and there I was at the IEE dinner, along with other Institute members and guests, watching a simulated jury. The two sides were extremely well-prepared, showing ample conceptual knowledge of the topic and eloquently defending their viewpoints. So much so, that at the end of the event, I had already decided to join the group.

The subsequent years proved that my intuition was right! Each event was better than the last, and the discussions generated a very important conceptual foundation, with innovative topics that had yet to be considered in Brazil! All of this was done with a sense of common purpose amongst the members of the Institute, which led to strong friendships that have lasted to this day.

After serving as a director during Sérgio Levin’s presidency, I was invited to be the 16th President of the Institute for Entrepreneurial Studies, from 2000 to 2001. During my term, we assembled a unique team that brought together content and execution ability. The team was exceptional, with my colleagues Pedro Chagas as vice president and Ricardo Chaves Barcellos, Henri Chazan, Luiz Felipe Schiavon and Rodrigo Lacroix as directors. It

was the right team for the sizable challenge we were facing.

In the national scenario, we were at the beginning of President Fernando Henrique Cardoso’s second term. During his first term, FHC had initiated the monetary stabilization plan, and the country’s prospects was beginning to change. He had also performed a series of privatizations to shrink the governmental machine, reducing costs and increasing the quality and scope of the availability of privatized services.

At the same time, he had taken on some of the sources of the public deficit and created the Law of Fiscal Responsibility, increasing its severity on the public budget and setting limits for state and municipal debt.

In the social sector, through the Community Solidarity program, he created very important social inclusion programs based on non-welfare models. In education, funds were redistributed, increasing the investments in the base of the pyramid and bringing merit-based systems into schools and universities.

Because of all of his accomplishments during his first term, the expectations for FHC in his second term were high, as there were still many ways to advance in terms of privatizations and labor, tax and political reform, as well as the restructuring of the public administration model, creating a governance model and implementing a merit-based system.

In Rio Grande do Sul, the Workers’ Party (PT) was leading the state (with Governor Olívio Dutra) and municipal government of Porto Alegre, the capital. Rio Grande do Sul was in chaos, because we were going against the rest of the country and the world.

The state privatization program which had been created by Governor Antônio Britto was abandoned. Contracts that had been signed and put into effect and liabilities to be paid were torn to shreds, creating legal insecurity.

The PT government implemented a terrible negotiation strategy with Ford, and the company rejected it and transferred their operations to Bahia. All of its suppliers also left Rio Grande do Sul to settle in Bahia. The residual effect was that Rio Grande do Sul became internationally known for not honoring its contracts. We are overlooked to this day (as recently, with BMW).

Legal insecurity was instilled, leading to reductions in investments made by numerous companies who were afraid of experiencing a similar incident. The insecurity also reached the members of the landless movement, which placed themselves above the law, invading agricultural could not arrest in the invaders.

The public machine swelled with the creation and nomination of cabinet positions. The worst part was the way the state was being rigged by these nominations. The concept of “creative accounting” began, especially in the last year of the Olívio Dutra administration. The uncontrollable budget deficit was covered up, and the government of Rio Grande do Sul was able to approve a law that authorized the Executive Branch to transfer the state’s cash reserve to judicial deposits referring to state taxes. This meant it was all much worse than we had previously believed!

Going back to the Institute, amidst these diametrically opposed realities, we continued to expand education for our members so that the ideals of the IEE were strong within each of them.

We altered our statute, reducing the minimum age for entering the Institute and increasing the number of members. The idea was to extend and expand the quality of the education, but for a larger group of people! Thus, we began amplifying our membership, implementing a process of constantly and permanently bringing in new members through recommendations. The tireless efforts of the board, active and honorary members and

supporters helped us double our membership that year.

Since we had been successful in our first goal, we began a second stage, which was to improve the qualification of our members. We were growing, but our level of quality could not diminish. Thus, we reinforced our education through incremental readings, simulated juries, events on the history of the Institute, the participation of ex-presidents, seminars and the presence of philosophers, sociologists, economists and jurists, etc. We were preparing our members for the country’s reality.

Next was the third stage, which was the participation of important entrepreneurs and Brazilian executives who provided the experience of people who knew how to make things happen. This included a number of unforgettable events with the participation of Rolim Amaro, the founder of TAM, Jorge Gerdau, Frederico Gerdau, Nelson Sirotsky, João Carlos Saad, the president of the radio and TV network Rede Bandeirantes, Raul Randon, president of Grupo Randon and Marcos Torres, who had created Telet, which became what is now Claro.

In the fourth phase, we included politicians, two of which were memorable and fundamental to helping us understand how Rio Grande do Sul had gotten into that situation: Congressman Alceu Collares and Tarso Genro. There was a strong clash, which meant that the education process was going well.

Over a year, there were more than 50 events that included dinner debates, seminars and colloquiums. These were accompanied by the editions of Leader Magazine, the second University-Business Forum at PUC, and the big finale, the Liberty Forum.

Amidst all of this, we created and implemented the IEE Curriculum, a merit-based process that encouraged and valued member participation. Our goal was for those with the

best performance to receive their diplomas at the Liberty Forum or the event at which the new board was introduced. We also hoped that the certificates issued by the Institute would become part of our members’ professional resumes.

We worked to improve the IEE’s relationship with other representative organizations. This was very important because for many years, we had difficult relationships with important entities. After reconnecting, we were able to develop essential partnerships on vital projects.

On the IEE’s anniversary, we took the Institute to a much larger audience, organizing an exhibit at a shopping center. It was a symbolic and unpretentious action that was very important at the time.

To finalize our term, we organized the XIV Liberty Forum, with the theme “The Brazilian Social Crisis: Its Causes, Challenges and Solutions”. The focus of the event was education, job creation and social security.

Our strategy was to bring together concept and practice. To make this happen, we brought 25 speakers from various parts of the world. These included the then vice president of Brazil, ministers, senators, the president of the Central Bank, entrepreneurs, economists, philosophers and leftist icons, which allowed us to hold an impressive debate which led to concrete proposals with solutions for problematic situations of Brazil and our state.

During our Liberty Forum, we had the pleasure of honoring Carlos Smith, the creator of the Liberty Forum and the simulated jury, for his significant contributions to the Institute during his time as president. Carlos is one of those restless people who knew how to translate this characteristic into instruments that contributed a great deal to the IEE.

We changed the format of the Forum, changed it to two days, created exclusive sessions that took place in parallel to the main event,

we developed an exhibit of social projects and expanded the event to go beyond the physical space, with broadcasts to screens in downtown Porto Alegre. We were also able to bring intense coverage of the forum through the Terra website. We created an interactive channel so that Internet users could watch and send us their questions.

In order to touch people’s hearts, we created a campaign with strong pieces that focused on the emotional side of things, showing people who were in difficult situations and being ignored by the government. The films showed real images with no audio, and included questions that would be a part of the discussion during the Forum.

The result was that the Sesi Theater was packed, along with additional rooms for closed sessions with speakers. With this we broke the records for audience members (with over 4,000 people), ticket sales, total sponsorship revenue and the number of sponsors.

It was an intense year, filled with a great deal of learning, vast transformations and important victories! It was, without a doubt, only possible because of the IEE board’s complete dedication, which was tireless and especially talented at making things happen.

Much like the board and their fellowship, I must highlight the availability and boldness of Dr. Jorge Gerdau, who was determined and always encouraging, the partnership with José Martins, who was always with us, our president William Ling and Renato Malcon, who were all very present, showing me different alternatives and constantly asking the right questions. In addition to the people named above, a number of others worked and helped us throughout our term, making our daring dreams come true!

I look forward to the next 30 years and hope that the challenges, even if they are big, encourage us to continue creating and preparing leaders to initiate the transformations that will need to occur in the future.

## PEDRO CHAGAS

2001-2002

### THE FIRST YEAR OF THE 21ST CENTURY

Normally, the years begin with the International Day of Peace, but 2001 was different. The first year in the new millennium began in September, specifically on the 11th, which became “the day that changed the world”.

With the Pandoras’s box opened by the terrorist attacks on the World Trade Center and the Pentagon, the news that had been focusing on Clinton and Monica Lewinsky moved on to Bush and Bin Laden. We learned about the Taliban, Mullah Omar, the War in Afghanistan, the caverns of Tora Bora, but to this day we do not know who sent the letters with anthrax spores.

In Brazil, as always, it was more of the same.

We were affected by problems in neighboring Argentina, which in addition to skipping out on international debt and experiencing social chaos, ended the year with no less than five presidents and two ministers of the economy in ten days.

We almost faced a blackout and there was the explosion and subsequent sinking of the P-36, which was then the largest oil rig that belonged to antiquated Petrobras company.

“The good go, the bad stay”. This Portuguese proverb proved itself to be true with the loss of Roberto Campos.

In Rio Grande do Sul, instead of more of the same, we somehow managed to go backwards. It is like the anecdote from that period, “a small village inhabited by relentless Gauls still resisted” globalization, modernity, economic liberty, and so on...

The tragicomic Olívio Dutra government (referring to the speech at Federasul against profit,

the Cuban flag on the balcony of the Piratini Palace, the persecution of journalists, the loss of Ford in Guaíba, the indoctrination in public schools, the “Good morning, democratic government of the people, what’s your emergency?”, the political propaganda in the State Official Gazette, the FARC representatives received with honors, the increase of the ICMS (Tax on the Circulation of Goods and Services), among other mishaps should be remembered in order to never be repeated) owed explanations to the Public Safety Parliamentary Committee of Investigation (CPI).

The World Social Forum, which was held in Porto Alegre for the first time with taxpayers’ money, was defined by Le Mond Diplomatique as “the beginning of the 21st century”. Soon after, we saw French activist José Bové and the leader of the MST (Landless Rural Workers Movement) invade and destroy a plantation of transgenic soy seeds owned by the Monsanto company in the city of Não-Me-Toque.

Wow. What a year! Good thing it’s over. We cannot be so pessimistic, because nothing in life is forever and everything has a good side and a bad side. Much like Pandora closed the box before the monster that could kill hope escaped, we believe that 2001 represented a promise of closing a cycle of bloody, totalitarian and socialist ideas that reigned throughout the 20th century.

People and facts go, but ideas remain. Over a decade after the fall of the Berlin Wall, the consensus around libertarian ideas had grown a great deal, and like a tsunami, it took over what the Germans call zeitgeist, sweeping the world in favor of more political and economic freedom, with strong help from the Internet.

It was precisely during this tumultuous year that I took office as the 17th president of the IEE, along with my dear directors Rodrigo Lacroix, Caio Sbruzzi, Felipe

Pozzebon, Luciano Brochmann and Luiz Eduardo Fração.

The texts we read as IEE members were extremely important in facing our challenging duties as directors. We read books by Donald Setwart Jr. and Gwartney & Stroup, Og Leme, Bastiat, Ayn Rand, Friedman, Mises and Hayek, Kirzner, Popper, Adam Smith, Paul Johnson, Merquior, Guy Sorman and Alain Peyrefitte, to name just a few.

Internal seminars were also very significant, along with the experience gained during the terms of colleagues Sérgio Lewin and Telmo Costa, first as director and then as vice president.

In terms of the presidency, we highlighted the discovery and living of three paradoxes described by Handy, which in addition to keeping us up at night, make up the attributes that we judge necessary for leading the institution, and might even reveal one of the secrets of its education process.

First there is self confidence, represented in the conviction that the ideas defended by the Institute are the best because they actually work in practice. It is important that this belief always be watered by a reasonable doubt that represents humility in accepting that sometimes we may be wrong.

Second is the passion for the work, which provides energy and focus for guiding an organization, while always understanding that other things are important. That means having time to read, travel, converse, in short, explore other realms.

Lastly is the respect for people, which is nothing more than recognizing that organizations are communities of individuals, not a set of human resources. The antithesis of this is in the capacity for solitude, because every once in awhile, you must walk alone, because it is not always possible to share concerns or decisions with another person.

These paradoxes were constantly experienced by the

leadership in the 2001-2002 term, as they always based their efforts on the basic internal consensus that the IEE’s success is in its focus: training young leaders. This is why member education was always the main purpose of every event.

The weekly Dinner Debates, Seminars, Colloquiums, Leader Magazine, the University-Business Forum in Porto Alegre and, for the first time also in the city of Caxias do Sul, the XV Liberty Forum (The Challenges of Democracy in the 21st Century), the Libertarian Views series, the Capitalism Day Walk and social and sports events, including soccer and the tennis ranking. All of this has always focused on training people.

Our biggest hope is that all of the actions taken and/or discussed during our term were able to solidify at least a part of our initial commitment to tirelessly searching for the guarantee that the cycle of education that we benefitted from would continue in an ascending spiral, allowing many others to have the welcome opportunity of being a part of what we consider our best school, the IEE.

However, we found that a fourth paradox existed, which we only discovered after our cycle ended: the paradox between feelings of happiness and sadness.

We felt joy for the feeling of accomplishment, of looking back and seeing that we faced many battles, some of which we lost, but many in which we were victorious. Happiness that we got more things right than wrong, that we learned invaluable lessons in both cases, of having met formidable people and especially to have played the most important role of the presidency, which is to guarantee human capital for both our succession as to others in the future.

On the other hand, we were sad because we missed interacting with the board, the members, the Institute team and all the friends of the IEE who believe in reason and freedom.

Finally, we felt that the conversation of a young pedestrian

with three different masons might summarize the spirit needed for the challenge of the Institute’s training cycle.

As he walked by the first one, who seemed frustrated and disgruntled, the young man asked him what he was doing, and the worker answered in a distressed voice: “I am trying to give this rock a shape; it is exhausting work”. As he continued to walk along, the young man passed a second worker, who was working on similar rock and seemed apathetic. “What are you doing?” he asked. “I am shaping a rock for a building,” he said wearily. Further along, the young man passed a third mason, who was singing and whistling while he worked. Surprised, he asked what he was doing. The worker smiled and answered: “I am building a cathedral!”

I hope that future generations leading the Institute take their respective rocks and build their own cathedrals, passing on Prometheus’ torch to increasingly better groups who are more prepared to face the endless fight for a more open society.

## FELIPE DREYER DE

## ÁVILA POZZEBON

2002-2003

### 30 YEARS DEFENDING LIBERTY

The Institute for Entrepreneurial Studies (IEE) is celebrating 30 years of existence, and there is much to celebrate and reflect on. We must celebrate everything the Institute has achieved over the last three decades, all of the members the education process has helped, all of the debates it held on the most important libertarian topics that affect our growth and the representativeness that it achieved in and outside of Brazil, standing as out as one of the most important libertarian think tanks in the world.

As a director from 2001-2002 and president from 2002-2003, I had one of the most enriching experiences of my professional life. I am extremely grateful to the Institute. Not just to the IEE, but to all of the colleagues that I met and friends that I made who in one way or another contributed to my journey and learning process, and helped educate the Institute’s most important asset: its members. The presidency of our Institute requires full dedication, a time when we give up being with our families and professional opportunities to participate in a project that can truly make a difference, even be the difference. This is what we trust in and work for.

The people heading the IEE are faced with numerous challenges. They begin by leading a qualified group of people and keeping them motivated in meeting the Institute’s goals. They continue in the organization of weekly events that must effectively contribute to members’ intellectual growth, planning a diverse set of activities that complement the education process for Institute members, making the IEE and its ideas be heard in the debate on issues that are relevant to our

society, organizing a Liberty Forum that provides a rich debate of ideas, strengthening our pillars of education, creating conditions that ensure long-term financial sustainability for the IEE, and lighting the spark of leadership that exists in each member. It is very clear that these tasks require the work and dedication of the president and their team. I would like to take this opportunity to thank my board colleagues and friends Luiz Eduardo Fração, André Buneder, Mathias Kisslinger Rodrigues, Marcelo Schiavon and Lars Knorr, who performed their duties brilliantly.

If we look at the Mission that we established for our Institute (“*To educate business leaders who are committed to a model of social and political organization for Brazil based on the democratic ideal of individual freedoms, subordinated to the rule of law*”) and compared it to the paths that our country has taken, we can clearly see that it is not enough to simply devote ourselves to our training. This is the starting point, but not the end point.

Our mission as IEE members is far more arduous and requires a significant commitment from each of us. We need members who do more than participate in all of the Institute’s activities, read all of the recommended books, dedicate themselves to personal growth and then go home and keep all of these experiences and information to themselves. These potential leaders must occupy leadership positions in society, equipped with the knowledge the IEE has given them. We must teach by example. If this does not occur, we will have contributed very little to actually modifying and improving the country we live in. We will have done very little to defend Freedom, Individual Responsibility, the Rule of Law and Private Property, the pillars of our education.

This active and proud participation has become especially important in the last few decades.

If we were to objectively assess everything we have experienced over the years, we would identify government proposals that have proven to be disassociated from what we study, preach and defend. The level of economic growth in the country is insignificant, Brazilian investment is on par with the levels of the worst countries in the world, social welfare is growing at record-breaking rates, the government is growing in proportion to our nation’s lack of competitiveness, the bottlenecks in infrastructure hamper our development and we partner with countries that are isolated in the global context and completely backwards from a political, economic and social point of view, which provide Brazil with little to nothing. This isn’t what we want for ourselves, for our children and grandchildren, for our country and our future.

Changing this situation requires that everyone accept responsibility and make a commitment to our future. We must take on the leadership positions that we have been preparing for over the last three decades. Our city, our state and our country cannot do without our participation. This premise is not new in our Institute. On the contrary: since the IEE was founded, we have known which responsibilities we needed to accept and what we should do. We must look forward and contribute to making our choice of representatives into opportunities for change and growth, to begin growing again, depoliticize our institutions, diminish the size of the gigantic public machine and elect people who choose to invest in education and commit to freedom, economics and social growth and ethics.

Congratulations to the Institute for Entrepreneurial Studies, its members and employees for 30 years of work, filled with worthy accomplishments, debates of ideas and the search for alternatives for making society more fair, wealthy and free.

## LUIS EDUARDO FRAÇÃO

2003-2004

Text: Luiz Leonardo Fração

### NEW LEADERS

Training leaders is the IEE’s mission. It is this very mission that is the greatest source of my brother’s pride in the Institute and the reason he is so grateful to the IEE.

It is because of this pride in having helped train the members that came after him that Luiz Eduardo asked me to write this article on his behalf. Because I joined the IEE in 2003, the year he served as president, he thought it would be symbolic for some who began their training that same year to write this in his place, demonstrating the success of the Institute’s mission of training new leaders.

In 2003, when Luiz took over as president of the Institute at the age of 24 (the youngest president up to that point), he was constantly commenting at home about how much he felt he had matured and learned in the three preceding years as an IEE member, and how much certain people within the Institute had influenced the way he thought and acted.

The IEE’s formula for that year had delivered another president forged from its infallible model. Infallible because it is not a cake recipe or a ready-made formula. The IEE model trains capable leaders because rather than trying to indoctrinate them, it obliges everyone that passes through the Institute to think and work for themselves. Every Monday, with each extraordinary event, conference or seminar, ideas were not imposed on them, but rather exposed to them. It is through this exposure that each of us enjoys the freedom to criticize, agree and, more importantly, to formulate our own ideas about each topic.

In addition, all learning within the Institute is reciprocal; nobody merely leeches off the IEE, everyone ultimately contributes in some form, even if only through ideas or thoughts.

And so, in 2003 when Luiz Eduardo became the president of the IEE, he had benefitted greatly from this model and contaminated me with his enthusiasm and everything he had experienced at the Institution.

But I also want to remember one of the biggest reasons for Luiz Eduardo’s participation in the different boards, namely his contribution to the legacy that the IEE left to those that touched the Institute after him, not only in the subsequent administration, but in the years ahead.

The new leaders that our beloved Institute trains every year are the greatest legacy that each administration leaves for the next – both in terms of new directors and in the form of members who are engaged, critical and dedicated.

Also related to the theme of training new leaders at the IEE is another worth mentioning here, which involves the 2003/2004 administration. The topic I am referring to was the board’s courage in taking the Liberty Forum to the PUC.

IEE training works because it is focused inwards, that is, there is a special emphasis on training its own members. That said, with the Forum as a remarkable tool to spread and share a little of what we learn, the idea of taking it to a setting that not only helped it to grow, but also attracted a whole new demographic of participants was very appropriate.

The number of young people participating in the event grew exponentially from year to year. Even more important was the increase in participants who are fertile ground for new ideas.

My brother always says that as long as the IEE maintains its focus on training its members,

not imposing but rather exposing people to ideas and leaving them free to openly criticize and store these ideas, it will always endure.

He truly believes that I will do a better job than him in writing this article and that doing so demonstrates the fulfillment of the IEE’s mission.

We will keep working to ensure that the Institute can continue to develop people and that these 30 years of success are only the first of many more, providing society with better leaders capable of improving our country that so desperately needs them.

## LARS KNORR

2004-2005

### THE IEE TO ME

When I began attending IEE events in 1998/1999, I met people and an institute that certainly influenced my way of thinking. For a number of years, I had the pleasure of attending regular events as a guest, and I had never worried about becoming a member. I already felt like one. The simple opportunity to be able to attend the Institute’s events was something I took advantage of, it was my decision and I soon realized that I would greatly benefit from being part of a group that studied and debated issues I was interested in. I liked what I saw and I learned a great deal during this period.

I’m not certain of the date, but I believe it was 2000, when there was an event at the home of an IEE member which included various people who might be interested in becoming members of the IEE. This is one of the board’s constant tasks: attracting new potential members. From this event emerged friendships that I have kept to this day, including people who are no longer members of the Institute. It was a very special period, which I remember fondly. My time at the IEE was strengthened on that occasion, because the people that I met that day were the same ones who I worked with on various boards as a director, vice president and president.

The most interesting thing is that throughout my cycle, which might seem long to many people, I enjoyed every moment and was subconsciously preparing to take on leadership positions in the IEE. It was a natural process, and I felt prepared for each stage and for helping the board.

To me (and I’m probably repeating what other colleagues/friends from the Institute have already said), the main objective of the IEE is to educate leaders who

are committed to the values of a market economy, free initiative, the democratic rule of law and respect for private property.

When I began to attend Institute events, I already believed in the ideals that its members defended and understood the importance of these values. However, at that time I wasn't able to organize and defend them. The opportunity to be a part of the IEE and interact with its members helped me build new friendships and access sources of thought that allowed me to clarify my doubts and reach my own conclusions through study. This type of learning is unique at the Institute: it allows each individual to evolve according to their interests and the time they need. This is possible because at the IEE there is a principle of respecting each members' individuality, including placing them above the organization itself, accepting and encouraging the fact that not everyone has to share the same opinion on everything.

The exchange of ideas between members and speakers allowed me to expand my knowledge and improve my arguments to defend my ideas and mold my life according to my own plans. Of course, there are some different ways of thinking amongst the members, but everyone at the Institute is connected by a very strong ideal, of an organized society that believes in representative democracy for politics, a market economy in economics and decentralization in business administration and the ideal of a society that is better and freer.

People who have been a part of the IEE have a special characteristic; the capacity to express their ideas and opinions individually.

#### IEE 2004/2005

In 2004, there were a number of important facts that influenced the way that Brazil and the world were thinking and acting, and

some of them stand out. That year, the social network Facebook and the digital video sharing website Youtube were created, the Mozilla Firefox 1.0 browser was launched, element 111 of the periodic table was approved, Hurricane Katrina formed in the south Atlantic and went on to hit part of the southern Brazilian coast, there was an earthquake in the Indian Ocean, followed by tsunamis that caused destruction in various countries in Southeast Asia, the Czech Republic, Cyprus, Slovakia, Slovenia, Estonia, Hungary, Latvia, Lithuania, Malta and Poland became a part of the European Union, it was an election year for mayors and city council members throughout Brazil, and it was another year of the Institute for Entrepreneurial Studies (IEE), which celebrated its 20th anniversary. At that time, the rest of my board and I had the pleasure and opportunity to head the IEE.

My board colleagues were crucial to continuing the Institute. I would like to sincerely thank them for being a part of this task and giving it their best effort.

After 20 years, the IEE moved its offices to a new location, which improved its ability to archive its history, documents and books. It was also the year that a new IEE logo was created, which the board felt would be important for constant renewal and future growth capacity, which is a permanent characteristic of those who have served on the Institute's board.

This story continues with the new members who work to make the institute improve and live on. I am grateful to the IEE and the friends I made in this fantastic world of learning that the Institute provides.

## LEANDRO GOSTISA

2005-2006

### CENTER FOR EXCELLENCE

Participating in the IEE was a very rewarding experience. I remember the day I was approved to be a prospect as if it was yesterday. I didn't really understand it, but I know there was something special there. I am happy to say I was right. Thanks to the IEE, I met fantastic, intelligent people who helped me become a better leader. I was a part of very interesting activities, such as managing the Liberty Forum. I studied thinkers who I probably would not have otherwise. The best part was that I made great friends.

To this day, I have never heard of another institution that is able to create such an interesting education, focusing on intellectual independence. The IEE has a model that exposes its members to different views. Every Monday, we learn about a different multidisciplinary vision. Executives, entrepreneurs, politicians, doctors... generally successful people discuss different topics, such as politics, economics and management. The lectures are usually interesting, but the part that comes afterwards, the discussions, they have always been extremely rich and thought-provoking. Furthermore, the activities that members and especially directors participate in are an important tool for testing them and enhancing their knowledge.

When I was president of the IEE, I had the pleasure of working with a sensational board made up by Paulo Uebel, Isabelle Isdra, Marcelo Sanvicente, Giancarlo Mandelli and Wagner Lenhart. Each of them taught me a great deal. They made me feel special. They were amazing friends and always supported me, even when they were telling me I was wrong.

One of our biggest concerns was ensuring that we were following IEE's mission. That was our

main effort. We performed careful analysis on each of the necessary initiatives and projects and ways to improve them, all to allocate our efforts to the activities that could generate a bigger impact on our entity's mission. We constantly asked ourselves how much each initiative was contributing to our members' educations. What was the relevance of each project and how efficiently was it being carried out? How could we measure achievements of these actions and choices?

We decided to propose a vision for our organization: "To be recognized as a center of excellence in leadership training and providing agents of change for a society with more freedom". We defined a plan to reach it, clarifying which projects we would focus on, and more importantly, which ones we would leave aside.

We organized 45 regular events with renowned thinkers and entrepreneurs, three simulated juries, two training seminars, six editions of Leader Magazine, four technical visits and 13 social events, we studied 8 books, wrote the X edition of the Libertarian Views series, held the VII edition of the University-Business Forum, the XIX edition of the Liberty Forum and the Cultural Exhibit on the state and freedom. We had the chance to hear and interact with famous entrepreneurs, politicians and thinkers such as Fernando Henrique Cardoso, Bill Clinton, Lula, Pedro Malan, Arminio Fraga, Gustavo Franco, Beto Sicupira, Michael Dell, Jorge Paulo Lemann, Carlos Ghosn, Gallo, Bernardino, Douglas North, Hernando de Soto and Eduardo Gianetti.

Our improvement projects included: organizing years of best practices into a Training Cycle, we structured the desired phases of development, the knowledge and minimum requirements that each member should have, we created training groups, encouraging more member participation in managing the organization (which

I don't think I would do today), we redefined the process and criteria for the selection, admission and maintenance of prospects and members, we developed and reinforced partnerships with some of the most important organizations in Brazil and abroad, we opened the first IEE unit outside of Rio Grande do Sul in Minas Gerais, which already had 27 prospects who were participating in our events (we knew at the time that independence was probable and welcome, and that's what happened), we designed a digital work space called IEE Virtual and we defined innovative ways of verifying if we were going in the right direction: we created the Leadership Indicator, a methodology with a 360 evaluation for measuring the six skills in the Leadership Hexagon in our members (moral integrity, vitality and motivation, network, vision, achievement of results and communication).

It was quite an adventure. We worked hard. We had fun. We argued. We evolved. It was a very important journey, in that we did a number of amazing things (along with some mistakes), learned to listen more, became less arrogant and improved overall.

## PAULO UEBEL

2006-2007

### 30 YEARS OF IEE: THE POWER OF IDEAS

Thirty years ago, a group of visionary young entrepreneurs decided to meet to discuss Brazil and, above all, the role they wanted to play in building a new country. At the time, Brazil was undergoing redemocratization, giving them an opportunity to influence best business practices and public policies. To do so, they had to be prepared to face those constituted interests with solid arguments and concrete examples.

Thus the Institute for Entrepreneurial Studies (IEE) was born, with the mission to form business leaders committed to a model of social and political organization for Brazil based on the democratic ideal of individual liberties, subject to the rule of law.

I had the opportunity to learn more about the IEE 15 years later, in 1999, an intern at the law firm of Flávio do Couto e Silva. Flávio spoke with passion and enthusiasm about the IEE and the lessons he learned during the debates. He was my greatest inspiration.

However, I only managed to join the IEE in 2002, thanks to the recommendation of Marcelo Schiavon, a friend of mine serving as the Institute's director that year. Its president was Felipe Pozzebon. I had just graduated from law school and was ready to take on new commitments. For me, joining the IEE was already a great achievement. I was still unaware of the impact the Institute would have on my life.

From the outset, even as a *prospect*, I always enjoyed being part of the IEE. I was a libertarian, but did not know it yet. Influenced by my parents, descendants of English and German immigrants, I have always believed in work ethic, the importance of merit, the right to property and in liberty. From an

early age I learned that there is no free lunch; we have to study and work hard in order to achieve things. We cannot rely on others, much less the State.

At the IEE, in addition to financial independence, I came to understand the concepts of intellectual and, primarily, emotional independence, concepts I was unlikely to learn about elsewhere. Discussions held at the IEE have always cherished and respected freedom of expression. We must support our ideas with tenacity, even when most disagree with them.

Through extensive reading, much debate, some mock trials and many questions, my own values and ideas were gradually becoming clearer. Finally certain points that made sense to me would be theoretically substantiated and, even better, gain concrete examples. Books like "Atlas Shrugged", "The Road to Serfdom", "The Six Lessons" and "The Virtue of Selfishness" had a huge and positive impact on my life.

During Luiz Eduardo Fração's administration I started to play a more active role in all IEE activities. Every opportunity was a learning experience. I made a point of participating in all editions of the Libertarian Views book as an effective member of the IEE.

I never imagined I would be sitting beside some of Brazil's top business and political leaders, have the opportunity to question them and even disagree with some of their opinions. This weekly exercise helped shape my personality and increase my concerns.

In 2004 Lars Knorr invited me to be part of his administration (2004-2005). I was excited about the opportunity and pleased he had thought of me. I knew that being part of the administrative team meant being more exposed and active in exercising leadership. Being a leader is much easier when there is a hierarchical relationship in place. At the IEE, leadership must be exercised among peers, with no

bonds or hierarchy, which makes it a much more challenging process.

Lars' board was really good. I was the youngest and least experienced, so I learned a great deal from everyone. Lars always gave everyone the opportunity to work and take on responsibilities. As the director of events, my mission was to attract big names. One of the main speakers was Carlos Alberto Sicupira, from AB-InBev. In 2004 we celebrated IEE's 20th anniversary invited the global president of Nissan and Renault, Carlos Ghosn, to give a lecture. It was an unforgettable night. He spoke about the importance of leadership in bringing teams with different characteristics together to achieve a common goal.

In 2005 Lars invited Leandro Gostisa to preside over the IEE. I had the honor and pleasure of being nominated his deputy by Leandro himself. It was undoubtedly one of the most memorable moments of my time at the IEE. Since my first day at the Institute, I had always wanted to be part of an administrative team, and the vice presidency was even more important to my training. Moreover, working alongside Leandro and the other directors was a pleasure. I learned a great deal about management and leadership from them - my training as a lawyer meant some management concepts were unknown to me.

During Leandro's administration, we started the Investors project, with a view to having annual quotas. Prior to that, for each event (inauguration, end of the year party etc.) we would look for a sponsor. As a result, the process became more efficient. Each of the IEE's administrative teams has to leave its mark, its legacy. This challenge is part of the training and contributes to the IEE's continued growth and development each year. It was in 2005 that I met businessman Salim Mattar, who spoke at the University-Business Forum. After the event, we went to a steakhouse for dinner, and he challenged us:

let's take the IEE to the state of Minas Gerais. At the time, people claimed that the IEE model could not be replicated elsewhere and listed some past attempts to justify this claim. This made no sense to our board: the model was too solid and effective to be restricted to Porto Alegre.

And so, in late 2005, we held the IEE's first presentation event in Belo Horizonte. In 2006, regular IEE activities began in Minas Gerais. After 21 years, the Institute had left Rio Grande do Sul. Soon after the inauguration of the IEE/MG, Leandro's administration ended and I had the great joy and responsibility of taking over the presidency. I invited Giancarlo Mandelli to serve as vice president and Rafael Sá, Pedro Coelho, Vincent Perrone and Rochele Silveira as directors. The board members complemented each other and we all worked very hard.

Our administration strengthened the institute's presence in Minas Gerais. We also held the first Liberty Forum outside Rio Grande do Sul, in Curitiba, Paraná, and in 2006 we hosted businessman David Feffer, who delivered a lecture. Delighted with the level of the questions posed and the members' preparation, he challenged our board to take the IEE to São Paulo. In late 2006, we gave a presentation on the IEE in São Paulo, at David's home, and in 2007, it began regular operation in the city.

Our board believed that the IEE and the Liberty Forum could go further still and should not be restricted to Rio Grande do Sul. With good management, a sound method, clear indicators and the correct incentives, the IEE and the Liberty Forum could be replicated and expanded to include other states and possibly even abroad. As part of the professionalization of Liberty Forum management, we invited Wagner Lenhart, one of the best equipped members of our generation, to be the CEO for the event. In 2007 we also went to Vitória, in Espírito Santo state.

Businessman Luiz Wagner Chieppe was keen to take the IEE there.

Unfortunately, the expansion and consolidation projects for the IEE and the Liberty Forum at the national level were not carried forward. Some members preferred to retain the IEE as a regional institution, based and focused exclusively in Porto Alegre.

Fortunately, our liberty ideals and model proved stronger. Today, in addition to the IEE in Porto Alegre, there are IEE-inspired institutions in the states of Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo and Rio de Janeiro. Although not part of the IEE, these entities share the same values and are inspired by our example. In addition, every year we hold the Liberty and Democracy Forum, inspired by the Liberty Forum, which has already been held very successfully in Belo Horizonte, Vitória and São Paulo.

As a member of the IEE, I will be eternally grateful for the lessons I have learned at our weekly events. I have met countless people who have marked my life and serve as an example to me. Among them are Jorge Gerdau, William Ling, Salim Mattar and David Feffer, to name but a few. More important than sharing experiences with speakers and sponsors, other IEE members were crucial to my training as a person and as a professional.

The IEE has had such a profound influence on my life that I decided to change careers. I gave up practicing law to devote myself full-time to advancing values such as respect for free initiative, improving the business environment, increasing the efficiency of public power and strengthening the rule of law and democratic institutions, precisely because I understand that countries which have followed this path have better social and economic indicators. The greatest accolade I have ever received was winning the Libertas Award, in 2011, during Felipe Quintana's administration. IEE's recognition increased my commitment and

responsibility to continue working to strengthen the ideals of liberty.

For all these reasons, I congratulate all the founders, members, sponsors and friends of the IEE for its 30 years. During this period, the Institute has trained countless people and contributed to raising the level of the Brazilian business class and the debates held in both the public and private sphere. I still believe that the IEE can and should dream big. I hope that the current generation of members will trust the Institute's model and boldly seek new horizons, whether with the IEE or the Liberty Forum. I wish you all success and urge you to believe in the power of ideas!

## GIANCARLO MANDELLI 2007-2008

### LEADERSHIP SCHOOL

From an early age, I started to hear references about the IEE and the Liberty Forum. Whether through my father, who actively participated as a guest at some of the organization's historic moments, or my brother, who was also intensely involved as an IEE member for part of his life, the fact is that I was already experiencing the IEE long before I knew what it was.

Then, in 2004, when I had already graduated as an engineer and embarked on a professional career, a close friend invited me to join the Institute. Without knowing precisely what I was doing, I accepted the invitation and unpretentiously adhered to the routine of participating as a prospect. What I found was an environment rich in intellectual bias, where young people used the experiences of relevant persons and studies of economic and social fundamentals to understand the complexities of society and how to transform them by applying concepts such as human action, market economy, rational egoism, the rule of law and individual liberty, among others. Principles I already unconsciously shared, but which were clarified by the IEE, teaching me their connection and confrontation with the widespread values of our society. This gave me a deeper understanding of the problems in Brazil and Latin America, not only those that are obvious to everyone (weak institutions, obsolete systems and laws, and insignificant development), but primarily those that remain largely unseen (concepts, values and erroneous ideas). In short, during my initial experience as a member, I developed the foundations that continue to underpin my business and personal values to this day.

A short time later, Leandro Gostisa invited me to become more involved with the institution and be part of the next administration, along with Paulo Uebel, Isabelle Isdra, Marcelo Sanvicente and Wagner Lenhart. It was an amazing moment because, although I respected and admired everything that the IEE stood for at that time, I personally identified numerous opportunities for improvement that could further leverage the institution's trajectory. It was a challenging time as few Members were willing to join and complete the board. This initial challenge showed us that changes were needed, because something as good as being part of IEE management of the IEE should garner excess interest rather than a lack of it. This conclusion led us to seek, understand and explain the concepts of the institution, revisiting and revising its Mission, Vision, Principles and Values, known to many perhaps, but not everyone. We then began an intensive strategic planning exercise, setting goals and establishing an action plan for our management and the institution. This was shared with companies that provided occasional financial contributions to the organization with a view to making them regular strategic partners of the IEE. And so the Investor Project was born, still active today and vital to the growth of the organization. In parallel, we devoted much effort to improving and formalizing the training of our Members. No doubt there were many elements of key importance, such as the "Curriculum Project", the "Reading is Believing" book list and activities like the "Simulated Jury"; however, we realized that the purpose of these tools that guided the training of IEE members was unclear. Thus, in line with the idea that the training process is a cycle and each individual has their own peculiarities, we define the stages, indicators and activities that IEE members should follow to develop their training as leaders. This gave rise to the Training Cycle, an

objective reference model for all members. A system of meritocracy was also applied among members of the Institute: each individual was scored based on their activities and results achieved. Moreover, by using these management concepts, we separated members into training groups, seeking a competitive environment whose ultimate goal was the individual development of each member. The results were immediate. The clarity of purpose these tools brought greatly facilitated understanding between the IEE and individuals, and we saw a rapid increase in attendance at events, as well as a rise in contact between members outside formal IEE events; in short, the leadership training process was strengthened. Another important improvement was the development of the prospects selection process, since the quality of people that may eventually join the IEE is crucial to its future success and achievement of the institution's Mission. Thus, inspired by the admission process of the best business universities, we established a multi-stage process to select the best candidates to join the IEE. Following these changes, we identified a need to measure the progress of each participant in their leadership skills. It was then that we decided to develop a new model based on widely used corporate concepts to measure the degree of leadership. Based on the Schwab Foundation's six leadership skills, which we adapted to IEE's Leadership Hexagon, we defined the behaviors that specified each skill and used 360 degree mapping (self-assessment, peers, leaders and followers) to identify each member's degree of leadership, an important tool available at the time.

In parallel, the routine of ordinary events continued, explaining the leadership development model, its values and tools to every guest we received. Who were surprised at the consistency of the leadership development process.

During the University Enterprise Forum that year, we had the

opportunity to host Salim Mattar, a true enthusiast of libertarian values. After the highly successful and inspirational event, we had dinner with Salim. It did not take long for him to invite us to replicate the IEE in Belo Horizonte, his hometown. This was nothing new to us, since similar initiatives had already been undertaken previously. However, at the time we felt the IEE had matured significantly and, with the support of a great local leader, the idea now made perfect sense. We made a strategic decision to expand the IEE's boundaries, making this initiative a major focus for the Institute in subsequent years. It was certainly a huge challenge and fraught with difficulties as outsiders in a city with almost no references. Fortunately, through persistence and hard work, we achieved our goal; IEE Belo Horizonte became a reality and we were able to disseminate the IEE's values and culture among young leaders outside Rio Grande do Sul.

In early 2006 the future president Paul Uebel invited me to be part of the next management board, along with Pedro Coelho, Rafael Sá, Rochele Silveira and Vicente Perrone. I immediately accepted, aware that it meant not only being the vice president of that team, but implicitly suggested I would have the honor of succeeding the president in the following term. The intense work schedule remained unchanged, with the added routine of holding an event at the fledgling IEE BH every 15 days. That same year, we received Mr. David Feffer at an ordinary event; he was amazed to learn of the IEE's leadership development process and once again we were challenged to expand beyond the institute's Porto Alegre-Belo Horizonte axis, to the economic center of Brazil, São Paulo. This time around the presence of IEE Porto Alegre members living in São Paulo for whatever reason facilitated the venture as they would then be able to resume their participation in the institution. The routine for that year consisted

of events on Mondays in Porto Alegre and alternating between São Paulo and Belo Horizonte on Tuesdays. Events outside Porto Alegre presented a huge challenge in terms of organization, ensuring participants with the appropriate profile, and replicating the model that had existed in the south for years, but we managed to overcome all difficulties and successfully replicate that model.

In Porto Alegre, the maturity of the Training Cycle produced important advances, with crowded events and members competing for any opportunity to participate and hold training activities. After improving IEE software (Mission, Vision, Values, Management Cycle, Leadership Hexagon), it was time to address its hardware, in this case, the site where training activities are held. It may seem like a minor issue, but based on the experiences of large educational development institutions we believed that having appropriate facilities that would enhance the members' experience of taking part in IEE activities was indeed an aspect of great importance. As a result, we began the search for an alternative to the traditional downtown Porto Alegre hotel where the IEE had been operating since its creation. After some time we found an excellent alternative thanks to the entry of a new investor, which brought substantial improvements to the privacy and quality of internal events. Regardless of the outcome, the interesting element in this process was the involvement of different instances and generations of the IEE which actively participated. A simple, natural, change proved to be a huge paradigm shift, represented by the most diverse opinions. Fortunately, the institution proved once again that it had the maturity to opt for a break from the status quo and move towards greater satisfaction.

I had been intensely involved in the IEE for a few years when, in 2007, the time had come to lead the Institute's administration. I was

fortunate to be able to put together an exceptional group, with Rafael Sá as vice president and Eduardo Sampaio, Gabriel Barbosa, Gustavo Ene and Luiz Leonardo Fração as board members in Porto Alegre, and João Luis Antunes elected as director of the Belo Horizonte Chapter, which had already achieved a high level of maturity. Unlike the first experience of securing board members, this time there was a surplus of human resources available and eager to participate. In addition to the big names that joined the board, many others showed considerable skill during participation in the process, demonstrating that all our hard work in developing methods, processes and tools to train members had paid off, and the IEE was effectively producing young business leaders. The administration was marked by a strong drive to maintain a close relationship between the Belo Horizonte and São Paulo Chapters, and by the enormous support of the Porto Alegre members in all IEE training activities.

The years mentioned have certainly marked my personal and professional life and my experience as an IEE member, then director, vice-president and president was unique, a period extended from 2008 to 2014, when I had the honor of participating in the institution, this time as member of the Board of Directors. The lessons learned and relationships and values will follow me for the rest of my life.

I thank all those responsible for the IEE's existence, and especially those who participated and made it possible for the stories described here to come true. I am also grateful to all those who came later and improved our institution with each administrative team, and am confident that future administrations will continue on this path of success.

Congratulations on the 30-year anniversary of the IEE! May the next 30 years be even more successful.

RAFAEL SÁ  
2008-2009

#### THE IEE OF MY TIME

I am certain that, like myself, others writing for this historic book have reflected on their time at the IEE, and particularly on their term as president, as one of the defining moments of their lives. Even so, one of the most interesting observations made was that the IEE affected each of us differently.

Given the IEE's incredible organization and five-year training cycle time, I found it interesting to observe how different and seemingly mismatched all of us were in that 2003 group of prospects. Although we were all young businessmen, some were eloquent, while others were studious or more organized, and so on. After four or five years, while personal traits remained unchanged, all of us (at least those who had stayed for the entire period) were better than we had been at the outset. We had all improved in different key aspects of corporate leadership: knowing how to communicate, how to listen, how to make things happen (especially on the Board), being skilled at arguing and, primarily, we were all better able to identify various political and economic issues that, unfortunately, are not part of the traditional training of entrepreneurs (who often pursue ONLY what is best for themselves or their company, seeking privilege and protection with no concern for the country's overall economy).

In my case, being part of the IEE had a resounding impact. During my time at the institute, I came to understand exactly what I did and did not want for my life. It was there that I met two of my current business partners and we began to set up what was to become our future company.

As well as meeting my partners, my involvement with the IEE and the opportunity to represent the institute at meetings with prominent

businessmen like Jorge Gerdau, David Feffer, Salim Mattar and, primarily, William Ling (along with many others), introduced me to people who, in addition to great business vision, also had much greater principles and objectives: to improve our country. Inspired by this experience and other noteworthy global businessmen (particularly Warren Buffet), we decided to set up an investment business based on principles and values, a relatively rare phenomenon. My goal in mentioning all of this is not to highlight my company (which I am obviously immensely proud of), but rather to demonstrate the enormous impact the IEE had on my life. Despite being a business executive long before joining the IEE, after my time there I was certain I had become a much better businessman, not only for my company, but for our country.

I have witnessed this same impact on many people close to me; people whose involvement began in a certain way, with a business, and who, at the end, were willing to follow a different and largely better path.

If we had more IEEs in Brazil, our corporate class would undoubtedly be even better. Those leaving the IEE know that, in addition to defending the interests of its shareholders, we must do so correctly, without privileges, informality or changing the rules; in other words, ensuring that what stands out is TRULY the business activity. The winners will be the best ideas, best teams and best models, not the friends of those in power, the corrupt or “sly”.

Furthermore, we gradually began to become FRIENDS. For me, that is the greatest legacy of my time with the IEE: the deeply interesting, highly intelligent and, above all, honorable people I met there. No other group I have been part of has contained so many people with these traits.

Analyzing my time there based on what was happening in the world at the time is also very

interesting. During my presidency (2008 to 2009), myself and seven other IEE members were volunteer participants at a Mont Pelerin Society conference in Japan when Lehman Brothers collapsed, generating massive financial panic that would have enormous economic repercussions in the years to come.

Thanks to our time at the IEE, we had a good understanding of what would happen and how different countries would react. It is clear why some economies have recovered quickly, while others (like ours) steadily deteriorated after the panic subsided (it always does).

Nevertheless, as we know, incentives in the democratic process are vastly different from those of the economic process, primarily in terms of the short-term vision generated by elections. A businessman who can see far ahead and put together good teams and business deals will invariably form a great company. However, almost all of them have been through difficult times, those famous crossroads when this far-reaching vision was much needed. The same is true for our country: we need long-term visions, even if we have to face difficulties in the short term.

In my opinion, this is where the challenge lies for the IEE's next 30 years: in addition to training great business leaders (already a significant accomplishment in itself), the goal is to find ways to effectively improve the country's institutional environment. We need political leaders who are willing to make sacrifices and who have the support of businessmen with integrity, like those trained by the IEE.

## LUIZ LEONARDO FRAÇÃO 2009-2010

### WORTH IT

“A box of opportunities” - this has always been my favorite definition of the IEE. And during the more than seven years I was actively involved with the Institute, it was always the mindset that guided me in my efforts.

I joined the IEE in 2003. Throughout my time at the Institute, two things that left an indelible biggest mark on me were the strong libertarian views studied and the people I was able to meet and interact with through the Institute.

The former, libertarian training, is perhaps the most important. Not in absolute terms, but because it is harder to find elsewhere. There are a range of forums available that provide access to interesting people, but such in-depth ideological study of libertarian theory is extremely rare, especially in the country and educational environment that we live in.

It's rare because it's unpopular. Purely and simply, individual liberty when taken to the extreme resembles a mixture of selfishness and malice, a lack of generosity. It repulses those who are insecure about what they can achieve alone. But none of that is true, and this perception is unfortunate because it seems clear that societies which encourage more individual liberty, private property and the rule of law ultimately provide much higher quality of life than those which are generally against these principles.

It seems contradictory, but this is precisely the “image” problem that libertarianism suffers from. Nevertheless, as a sitting member of the Institute I quickly absorbed libertarianism and these key principles. I performed all the required readings, actively participated in events and even external debates with people

completely and partially aligned with the IEE, as well as those against it.

It is also interesting to observe the change that the IEE causes in people's friendships and relationships. In my case, because I lived in a home “aligned” with the IEE and my girlfriend (now my wife) was both a member and the daughter of one of the Institute's oldest members, I did not feel this personally, but I had only to glance at fellow members to see that “when influences change, friendships change”.

Before long I began receiving proposals to “join the board”, a goal I had nurtured since before entering the Institute, inspired and motivated by my brother who was the president of the IEE the year I joined as a prospect. But it was only after receiving a third invitation that I accepted. I declined the first two because I felt I was not ready. When Giancarlo Mandelli approached me my feelings were the same, but I forced myself to accept because I was certain that soon the opportunity would no longer come knocking.

Those were turbulent times. No sooner had we begun to organize the Liberty Forum, the IEE's largest event and the board's “trial by fire”, than the American mortgage crisis began to break. It was during a “mission” to Japan for a Mont Pelerin Society event that the Lehmann Brothers bank collapsed.

It was the ideal moment for two perfect storms in our administration: intellectually, the world blamed capitalism and the lack of regulation for the crisis. In practice, the Forum's sponsors were cutting costs as a preventive measure against what was to come.

Fortunately, both threats were removed and that year both the Forum and I enjoyed resounding success - I was invited to remain as a board member the following year, under the leadership of Rafael Sá.

It was another year of increased responsibility and maturity and

another unforgettable year, serving as vice-president to Rafael Sá, who helped me immensely with accurate feedback that was at times difficult to hear, usually the ideal kind for growth.

Fast forward to May 2010, when I took over as president of the IEE and faced an even greater gulf of involvement and learning that separates the experience of a member from that of a director, and the difference between being director and president of the IEE.

At the age of 27, with almost no professional experience (except for internships in conjunction my studies at the School of Civil Engineering at UFRGS, which is far from intern-friendly), I was responsible for mediating and leading more intelligent and experienced people, with all the responsibilities of running an institution that was almost as old as I was.

But the team I put together was exemplary. Bruno Zaffari, Michael Sopper, Ricardo Gomes, Felipe Quintana and Eduardo Fernandez. It was such a good group that its members were elected to run the Institute for several subsequent administrations and to this day, almost five years later, they are still involved in some way.

Without them at least half of what our administration accomplished that year, and perhaps half of what I learned, would not have been possible.

From the inaugural address (the first major act as president) to the Liberty Forum speech (the president's last major public act), my evolution, and that of former and subsequent presidents, was remarkable.

It's a shame that so few people have the opportunity to serve as president of the IEE. In the Civil Engineering field it is said that the level of difficulty between our faculty and that of Business Administration is the same gap that divides the different Electrical Engineering disciplines. I find this a fitting metaphor for the level of

learning and maturity that members, the director and president of the IEE are exposed to. Vast chasms separate these experiences and, if bridged in stages, the result can be fantastic.

In short, that was a golden year. A year to be remembered often, but never repeated. It was full of incredible memories and accomplishments, but far too arduous to be repeated voluntarily. It's remarkable how those who founded the IEE had the brilliant idea of formatting it in such a way as to give so much freedom to a single person for such a limited period of time - the perfect recipe for obtaining maximum effort and work from someone who, in turn, benefits from almost unparalleled training.

Long life to the IEE I experienced. I hope that members of my IEE family to come have the same opportunity to participate in the training environment that it provided me.



## FELIPE QUINTANA

2010-2011

### LOOKING TO THE FUTURE

The bold ideal of building an institute aimed at training leaders became a firm reality. It's no wonder that the IEE is celebrating its 30th anniversary still going strong, replete with prospects and without ever having lost sight of the values that guided its foundation.

Before joining the Institute in social settings, one often hears members commenting that the IEE played a vital role in their political, economic and philosophical views. After experiencing and completing the training cycle myself, I am of the same opinion.

It is difficult to convey in only a few lines the formula that has led to the IEE's global recognition as a successful think tank. I would venture to say that the systematic changes in management, where the elected board has a short time period to carry out initiatives and deliver results, are one of the Institute's most important principles. Members are driven to participate in administration, playing a decisive role in managing the Institute and guiding debates on a variety of topics.

What's more, the experience of running an institute of this magnitude at a young age allows the administrators involved to exercise important aspects of leadership, primarily in its most challenging form: leadership among peers.

Based on a strict training program, members develop critical analysis skills that are rarely found in traditional academia or other corporate entities. They also develop the essential tools required to learn about and debate almost every aspect of life.

In a scenario that is increasingly devoid of positive leadership, I am convinced that institutes like the IEE are vital to the success of any society, whether in terms of training

citizens that will take on leadership roles or by awakening the virtuous predicates of liberty, individual responsibility, free enterprise and the pursuit of happiness.

It is precisely for this reason that the IEE awakened the interest of several entrepreneurial groups from other Brazilian cities and abroad, and continues to do so to this day. What's more, despite the difficulty in replicating the model, groups of young people from other regions were encouraged to promote similar associations, some of which became chapters formally created by the Institute outside Porto Alegre.

My time as president of the IEE from 2010 to 2011 is a source of great pride for me. On one hand, I am grateful for the opportunity, and on the other I am overjoyed to know I was able to contribute with important initiatives such as the first Liberty Forum in Belo Horizonte and digital projects that extended the reach of our Institution's ideas in record time.

After 30 years in operation we are now anticipating the challenges of the coming decades with the goal of consistently strengthening the unrestricted commitment to member training. I am certain that the IEE's recipe for success will endure for many years to come.

After all, the Institute's future depends solely on those who built its current legacy and are the IEE's greatest asset: its members.

## RICARDO SANTOS

GOMES

2011-2012

### A SCHOOL OF VALUES

The IEE is celebrating 30 years in operation and the invitation to recount some of what we experienced at the Institute during the 2011/2012 administration brings to mind countless good moments shared with so many friends. I am an IEE enthusiast because I believe that experience gained at the Institute does not revolve solely around debate, but more importantly the values that govern our family lives and society.

It was Dilma Rousseff's first year as president of the Republic and Tarso Genro's first term as governor of the state of Rio Grande do Sul. We were entering the Worker's Party's (PT) third term in government and the (meager and inadequate) reforms that Brazil had undergone during the 1990s were already beginning to wane. In Latin America, socialism was progressing in leaps and bounds in Venezuela and advancing more slowly in other countries. It was a difficult time for the ideals that the IEE was created to defend.

The importance of the IEE's mission in Brazil's destiny was becoming increasingly clear. The external scenario at the time was one of an economy increasingly dominated by the government and a society ever more distant from the values of liberty.

Internally, the IEE had just readdressed the future of the Liberty Forum and its organization model. An important debate had begun concerning the Institute's expansion to other regions and the best way to replicate IEE Porto Alegre in other Brazilian cities.

It was against this backdrop that we began our administration of the Institute for Entrepreneurial Studies together with vice-president Getúlio Real and board members Carolina

Fuhrmeister, Maurício Filippin, Raul Kroeff, Stephania Nunes and Fabio Ostermann. I remember fondly the great opportunity I was given to learn from such a valuable team.

From the outset discussion regarding the internal structure of the IEE, already discussed in terms of the Liberty Forum, was redirected to the Institute's different chapters. This debate involved all IEE bodies and provided an opportunity to rethink the reasons for its creation and existence. We created informal chapters of the Institute in Belo Horizonte and São Paulo and the time had come to determine whether these organizations would be incorporated into the IEE statute or become independent entities. The process resulted in the independence of these chapters, which are today organizations that support and multiply the Institute's efforts in pursuit of its ideals.

Training people capable of being positive leaders has always been the IEE's *raison d'être*. During our administration, in addition to studying the traditional list of books adopted, we also analyzed five others which were debated at internal events: "Guide to the Perfect Latin American Idiot" by P. A. Mendoza, C. A. Montaner and A. Vargas Llosa; "Capitalism and Freedom" by Milton Friedman; "Defending the Undefendable" by Walter Block; "Profit over People", de Noam Chomsky; and George Orwell's classic, "1984".

We also increased the number of members by adding 10 new participants as well as 20 more prospects, ensuring the IEE's future.

In addition to training its members, the IEE has another very important role: influencing the debate of ideas in society. We had a very special reason to celebrate: The 25th edition of the Liberty Forum was set to take place in April 2012. The Legislative Assembly honored the Liberty Forum's 25th year in a Plenary Session on April 3, 2012. Also celebrated were two events prior to the Liberty Forum, one at PUCRS and the other at

the ESPM, expanding the reach of this major public event in time and space.

Although we advocate many aspects that have marked economic expression, we also understand that liberty is more of a cultural than economic value. As a result, we organized a film screening called the Cycle of Cinema, Culture and Liberty featuring four public screenings followed by debates at Studio Clio, an important cultural center in Porto Alegre.

It was the 25th edition of the Liberty Forum and, given the worrying political landscape, we decided to address the future of Brazil. Forecasting the country's next 25 years was our daring goal for the Forum (which would take place under the title "2037: what will your Brazil be like?"). Panels spoke about entrepreneurship, prosperity, examples of successful international policies, corruption, education and violence.

Speakers included Vicente Falconi, André Johannpeter, Álvaro Vargas Llosa, Stephen Hicks, Tom Palmer and Ives Gandra Martins. Tarso Genro was conspicuously absent; he only attended the event in election years.

It's impossible to describe everything we learned and experienced at the IEE in such a short space of time. In addition to the knowledge acquired and experience gained, there is also friendship and, above all, commitment to values.

When I joined the IEE I was a newly graduated lawyer with some knowledge of libertarianism. I had already served as director of the Liberty Institute and attended several Liberty Forums, but it was at the IEE that ideas were put to the test and I had the opportunity to fully understand the result of those ideas in real life. I went to Cuba and Venezuela on Institute "missions", where I witnessed how the lack of economic liberty impoverishes people and the absence of civil liberty enslaves them. I also gave talks in New York and Washington

and visited Germany, even accompanying elections there. All these meetings, speeches and studies contributed to, after a few short years, completely changing my life and perception of economic and political issues. Through the IEE I was able to voice my thoughts on a number of occasions, at countless institutions - and I had to learn how to do so.

A large school, this is what the Institute is. The training we receive there is unparalleled, a combination of theory and practice, ideas and consequences. Each experience is a lesson that, when dealt with in depth, leads to an understanding of the important aspects of our life, professional career and existence in society.

One particular episode comes to mind and I feel is worth mentioning. I recall when, for the Liberty Forum panel on corruption, we invited a senator recognized as the voice for anti-corruption in Brazil at the time. The senator did not immediately accept the invitation, but an aide assured us he would attend the Forum and that we need only travel to the Senate and invite him personally to be assured of his presence. And so, on a Monday in early March, I boarded the morning's first flight to Brasília. On reaching the capital I went straight to his office and was advised he would be "with me shortly". I waited until midday and was then told I would be seen in the early afternoon. I returned to the senator's office after lunch, where I waited for another two hours.

By this time my patience was wearing thin and I complained, at which point his aide asked me: haven't you seen today's issue of *Veja* magazine? I hadn't. I checked the magazine's website and the cover story that day proclaimed that the very same senator I was visiting, Demóstenes Torres, was closely associated with a known felon, which ultimately cost him his mandate. Naturally I returned to Porto Alegre without delivering the

invitation and promptly removed his name from the Forum's program.

I am telling this story because I believe the episode symbolizes how rare good leaders are in the country and how important the role of the Institute for Entrepreneurial Studies is. The IEE does not train leaders who are merely good at making speeches – the former senator gave excellent speeches. The IEE trains leaders capable of living their lives according to values – the values of an open, free society. It was created for this purpose, remains dedicated to it to this day and will continue do so for many more years to come. Long live the IEE!

## MICHEL GRALHA

2012-2013

### A LIFE-CHANGING YEAR

“The Institute for Entrepreneurial Studies is an excellent place for individual development that will change your life!” This was the phrase I heard most during my six years at the IEE.

I admit that when I first heard this mantra delivered by members at events, I thought it seemed somewhat misplaced and slightly exaggerated because, after all, how could one institution make such a difference in people's lives? It was certainly the most repeated phrase when I began my journey as a prospect in 2006, completing my cycle as president from 2012 to 2013.

The challenge of being president of the IEE arose unexpectedly because, as a general rule, the vice-president succeeded the president in the subsequent administration, and so on. I was nearing the end of my time at the IEE and in the process of “retiring” when, to my surprise, the possibility of serving as the Institute's president presented itself.

After careful consideration and discussion with other members, I felt it was important to take on the challenge and, before completing the process, had the good sense to make contact with potential board members. Fortunately, everyone I approached accepted and we put together an excellent team consisting of Bruno Zaffari, Michael Sopper, Eduardo Fernandez, Lisiane Pratti, Guilherme Fração and André Volkmer. The formation of an exceptional and “savvy” group was essential given the significant challenges ahead.

Through its members, the IEE discussed the institute's key issues and the future of projects that were vital to the training of its members. We also held debates about the continuity and viability of regional chapters and their consequences.

As a result, as with all environments teeming with leaders, ideas were raised energetically and we as the board had to consider our ideals and goals for the IEE, particularly what we believed as a group. Though not an easy year, it was rich in learning experiences.

Leading leaders voluntarily and without financial power is an arduous task and requires substantial skill in that a common goal must be created to ensure everyone moves in the same direction. We were fortunate enough to achieve this goal.

During the same period, Brazil was and still is experiencing leftist stability, where the individual liberties we fervently pursued are put aside, or rather purposely forgotten so we are unable to experience them. The Lula era had apparently been left behind and we were living in the Dilma era, with all the consequences of a government that systematically undermines the free market, sinking the country into an economic and intellectual recession.

The IEE has always been opposed to regimes that fail to respect the basic principles of democracy, free markets and freedom of thought. In this respect, the Institute is vital to the continuity of liberalist ideas capable of changing the country's course and the economic, political and intellectual stagnation we have been experiencing for several years.

Our ideas are often summarized and presented at the Liberty Forum, already in its 28th edition and aimed at broadly debating ideas and training members. People need to listen and debate more without being attacked or disrespected, and the Forum provides this. Our administration organized an exceptional event, prioritizing objective debates and current topics in a world renowned encounter that is unparalleled in Brazil.

We have in our hands an institute that trains leaders who are

capable of changing Brazil; this is the secret to the IEE's continuity – training people. While so many other organizations have failed to endure, the IEE remains strong, preserving the individuality of its members, and it is this focus that must be pursued: strict training criteria and clear objectives.

In short, when I think of the IEE, I remember the phrase that made the biggest impression on me during my training, and makes perfect sense: “The Institute for Entrepreneurial Studies is an excellent place for individual development that will change your life!”

## BRUNO ZAFFARI

2013 - 2014

### MY LIFE AT THE IEE

Writing about the experience of participating in the IEE means revisiting different memories and, in doing so, evaluating the Institute's impact on the lives of those involved in its training process. This allows us to recognize the strength and coherence of the ideas defended by the IEE: everyone has the freedom to pursue their training and take advantage of the opportunities offered. This meritocratic approach means each IEE member takes away the result of their own dedication.

Ever since its creation, the IEE has been destined to change people's lives, and not only those of its members. The idea of bringing young people together in pursuit of a better institutional model for Brazil and better preparation for the challenges ahead, combined with the ability and willingness to multiply these ideas, has contributed significantly to society as a whole. The IEE has given a voice and a forum to people who share the ideals of liberty and want to make a difference.

In my case, having been born into an entrepreneurial family that has always valued work, liberty and the right to property, I had a rough framework of values that were refined through my studies at the Institute. I had already debated with schoolteachers and college professors against totalitarian regimes and government intervention in the market. When I was invited to participate in the IEE in early 2003, however, I had never heard of the Institute or the Liberty Forum and had no idea of the impact it would have on my life.

Already in the very first events I felt I had found a place with people who thought like me, but with a much firmer foundation and an incredible ability to articulate these

ideas. I was only 19 years old and, unable to be a member due to my age, I became a prospect. Mondays at the IEE became part of my schedule and I balanced this with my college classes as best I could. Libertarian training was not the only thing the Institute offered. The leadership hexagon was another mainstay of training and it was also where I met many of my best friends. From the jury simulations to writing articles and organizing the 13<sup>th</sup> edition of the book *Libertarian Thoughts*, with its launch at Livraria Cultura bookstore, I endeavored to take maximum advantage of the opportunities offered. Either directly or indirectly, this took me to places like Tokyo and Omaha, and provided rare opportunities such as private conversations with former Brazilian president Fernando Henrique Cardoso, Nobel prize winner Douglass North and Irish prime minister John Bruton, as well as entrepreneurs like the ever-supportive Jorge Gerdau Johannpeter and the Institute's founder William Ling.

Over the years, studying authors such as Mises, Bastiat and Ferguson increasingly heightened the need for a better institutional framework for Brazil. After all, how could we progress without liberty? Although Brazil does not have a totalitarian regime, we are far from being an open society. The benefits offered by the government distract the public from what we are missing, things that remain unseen. Western civilization prospered by respecting individual liberties, the rule of law, private property and the free market. Societies that chose other paths condemned their population to a life of misery and fear, and millions perished.

The fact that the IEE trains leaders as opposed to merely thinkers means the Institute has played a vital role in multiplying libertarian ideas throughout Brazil. The creation of IEEs and their Forums in Belo Horizonte and São Paulo and the transfer of know-how to Vitória led to the spread of institutes advocating liberty.

Although we are still far from being mainstream in terms of Brazilian schools of thought, the IEE and Liberty Forum have contributed significantly to the debate.

Returning to my career within the Institution, at the invitation of Leonardo Fração I took over as the chief financial officer for the 2009/2010 administration and, for the first time, had the opportunity to experience what went on behind the scenes. I learned a great deal during that period. Having worked in the family business since the age of 14, it was the first time I had experienced a different dynamic. The year was marked by substantial cuts in fixed costs and a remodeling of internal processes. We held a memorable Liberty Forum based on Mises' "Six Lessons", marking the final chapter of my involvement with the Institute.

Because of the people and the training that, particularly in a place like the IEE, I believe never really ends, I remained at the IEE a little longer as an effective member, attending events before becoming an honorary member. Priorities change and, although I missed the experience of being president, I eventually drew away from the Institute's activities.

Everything changed with Michel Gralha's invitation to participate in the 2012/2013 administration. Alongside Michael Sopper, we began to put together a group of effective members and reincorporated honorary members to take over as the new IEE board of directors. The scale of responsibilities is keenly felt as the vice-president, and this marked another year of strengthened friendships and learning opportunities. The Liberty Forum, under the theme "That which is seen and that which is not seen", reached a new level of attendance and repercussion and was a prelude for the challenges of the coming year.

Taking on the role of president of the IEE is the greatest training opportunity the Institute offers,

though not the last. The makeup of the management team is vital and I am grateful to have had skilled and dedicated people like Thomas Cesa, Frederico Hilzendeger, Fernando Ulrich, Eduardo Sampaio, Renata Frare and Rodrigo Silveira by my side.

The year 2013 was marked by the millions of people who took to the streets to protest against the Brazilian government's response to the population's concerns. We also knew that 2014 would see October elections take place, not to mention the high expectations surrounding the World Cup in Brazil which, more than just football, served as a pretext for debates on everything from the management of funds raised by the government, to infrastructure and public safety.

With the IEE still undergoing restructuring, we had the double and eternal challenge of strengthening the institution and expanding the Liberty Forum. As such, we made the strategic decision to concentrate the Institute's efforts exclusively on these two fronts. Everything done for the internal public would carry the mark of the IEE, while the Liberty Forum brand would feature in activities also aimed at the external public and would therefore need to meet the same standards as the event.

This definition guided the creation of the Liberty Forum Seminars, which extended Forum debates to intermediate events, and Liberty Forum Insights, which replaced Leader Magazine and optimized the brand to distribute content produced by members of the Institute.

Given the sociopolitical context in which we live, we understand that the Liberty Forum, without focusing on a specific theme among those on the national agenda, should build bridges between these and the 27<sup>th</sup> edition of the event. This gave rise to the theme "Constructing solutions", which prompted pluralistic debate to counter the institutional models that Brazil might follow. The

Global Solutions Cultural Exhibit contributed to the debate by bringing examples of how the private initiative had solved public issues in different countries. To enhance the Liberal Thoughts book series, an excellent example of the content produced by members, 5,000 copies were printed and distributed free of charge among those attending the event.

At the IEE, we strive to maintain a consistent balance between training corporate leadership and libertarian ideas, securing excellent speakers for Institute events including Prof. John Davis, Prof. José Cordeiro and Gustavo Franco, as well as other illustrious names. The attitude of the members perfectly reflected the wisdom of understanding different lines of thought and, based on the Institute's founding principles, learning from the best ideas of each individual.

The opportunity to be part of the IEE's history, which years from now we will know was only the beginning, is a great honor. Following the logic of the Institute's training, benefits obtained from this opportunity are conducive with the dedication put in, and I am pleased with the results we presented at the end of our administration. With all its organization, the Institute is made of people and, given the potential of those who have passed through and those still here today, I have faith in its future.

We may still be far from an ideal institutional model for Brazil, but through the ideas and attitudes of our leaders we can make a difference.

© Instituto de Estudos Empresariais, 2014

#### Presidente

Frederico Hilzendeger

#### Vice-Presidente

Fernando Ulrich

#### Diretor Financeiro

Daniel Flores

#### Diretor de Eventos

Ricardo P. Heller

#### Diretor de Formação

Rodrigo Tellechea

#### Diretora de Comunicação

Joana Kluwe Damé Sopper

#### Diretor do Fórum da Liberdade

Mauro Zaffari

#### Equipe IEE

Adriana Melo, Cinthia Modesto, Laura Bartelle

#### Editor I Buqui

Rafael Martins Trombetta

#### Texto

Suzana Naiditch

#### Revisão

3GB Consulting - Consultoria em Comunicação Corporativa

#### Tradução

Traduzca

#### Capa

Paim Comunicação

#### Projeto Gráfico e Editoração

Rafael Martins Trombetta, Cristiano Marques

Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial ao

**Instituto de Estudos Empresariais | IEE**

Avenida Carlos Gomes, 403/506 | Auxiliadora

Porto Alegre | RS | 90480-003

[www.iee.com.br](http://www.iee.com.br) | [iee@iee.com.br](mailto:iee@iee.com.br)

DIAMANTE



DIAMANTE



OURO



André Loiferman; Daniel Flores; Daniel Goldsztein; Diogo Schroeder Horn; Joana Sopper; Leandro Gostisa; Paulo Uebel; Pedro Dominguez Chagas;

OURO



Fernando Ulrich; Frederico Hilzendeger; Giancarlo Mandelli; Giovana Stefani; Raul Kroeff; Rodrigo Tellechea

PRATA



Alessandro Gasperin Barreto; André Burger; Antonio Baptista Renner; Bruno Justo; Carolina Fuhrmeister; Diana Werner; Eduardo Tellechea Cairolí; Eduardo Zimmer Sampaio; Fábio Maia Ostermann; Fernando Henrique Pisa; Guilherme Ruviano Fração; Joanna Maldonado Renner; José Pedro Block Teixeira; Luise Correa Rabelo; Priscila Drebes Filimberti; Ramon Bastos Crivellaro; Ricardo de Barros Petersen;

PRATA



Diego Florian Roberti; Eduardo Davoglio de Souza; Eduardo Giez Estima; Flavio Tellechea Cairolí; Gabrielle Lorenzoni Brust; Guilherme Rech Borella; Lauren Block Teixeira; Lucas Cassiano; Luciano Mandelli; Roberto Axelrud; Thomas Cesa; Tiago Tellechea



INSTITUTO DE ESTUDOS  
EMPRESARIAIS